

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANADIR DOS REIS MIRANDA

**PROTO-FEMINISTAS NA INGLATERRA SETECENTISTA: MARY  
WOLLSTONECRAFT, MARY HAYS E MARY ROBINSON. SOCIABILIDADE,  
SUBJETIVIDADE E ESCRITA DE MULHERES.**

CURITIBA

2017

ANADIR DOS REIS MIRANDA

**PROTO-FEMINISTAS NA INGLATERRA SETECENTISTA: MARY  
WOLLSTONECRAFT, MARY HAYS E MARY ROBINSON. SOCIABILIDADE,  
SUBJETIVIDADE E ESCRITA DE MULHERES.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Miranda, Anadir dos Reis

Proto-feministas na Inglaterra setecentista: Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson: sociabilidade, subjetividade e escrita de mulheres / Anadir dos Reis Miranda – Curitiba, 2017.  
253 f.; 29 cm.

Orientadora: Ana Paula Vosne Martins  
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

1. Escritoras inglesas. 2. Mulheres e literatura. 3. Feminismo e literatura. 4. Iluminismo. 5. Radicalismo - Literatura. I. Título.

CDD 824



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA  
Código CAPES: 40001016009P0

### ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TESE PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM HISTÓRIA

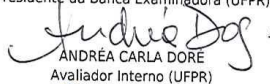
No dia um de Setembro de dois mil e dezessete às 14:00 horas, na sala Prof. Dr. Homero de Barros, Rua: General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 1º andar, Setor de Educação da UFPR, do Setor de CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da doutoranda **ANADIR DOS REIS MIRANDA** para a Defesa Pública de sua Tese intitulada: **"Proto-feministas na Inglaterra setecentista: Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson. Sociabilidade, Subjetividade e Escrita de Mulheres."**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: ANA PAULA VOSNE MARTINS (UFPR), ANA MARIA RUFINO GILLIES (UNICENTRO), ANDRÉA CARLA DORÉ (UFPR), ANNA BEATRIZ DA SILVEIRA PAULA (UFPR), BEATRIZ POLIDORI ZECHLINSK (PUCPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A doutoranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de doutor está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, ANA PAULA VOSNE MARTINS, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

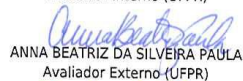
Observações: A BANCA CONSIDERA A TESE DE GRANDE RELEVÂNCIA PARA A HISTÓRIOGRAFIA DO ILUMINISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO.

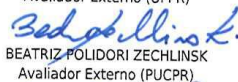
CURITIBA, 01 de Setembro de 2017.

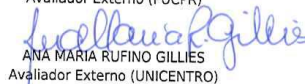
  
ANA PAULA VOSNE MARTINS

Presidenta da Banca Examinadora (UFPR)

  
ANDRÉA CARLA DORÉ  
Avaliador Interno (UFPR)

  
ANNA BEATRIZ DA SILVEIRA PAULA  
Avaliador Externo (UFPR)

  
BEATRIZ POLIDORI ZECHLINSK  
Avaliador Externo (PUCPR)

  
ANA MARIA RUFINO GILLIES  
Avaliador Externo (UNICENTRO)



Para Ubiratã e Hugo, que estiveram comigo nos momentos mais difíceis.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que de diferentes modos contribuíram para a realização desta tese. Dentre profissionais, familiares e amigos, gostaria de agradecer especialmente às pessoas que seguem:

À minha orientadora Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Vosne Martins, pela dedicação e paciência em todo o processo, pelas leituras dos meus textos, pelas sugestões valiosas.

À professora Dr.<sup>a</sup> Gillian Dow, por ter me acolhido na University of Southampton e na Chawton House Library.

Ao professor Dr. Darren Bevin, pela generosidade e pela gentileza com que me auxiliou em minhas pesquisas na Chawton House Library.

À professora Dr.<sup>a</sup> Julie Gammon, por ter me recebido em seu seminário no Southampton Centre for Eighteenth Century Studies.

Às professoras Dr.<sup>a</sup> Andréa Doré e Dr.<sup>a</sup> Beatriz Polidori Zechlinski, pelas preciosas contribuições no momento de qualificação da tese.

Às professoras que compuseram a banca final, que teceram leituras valiosas do meu trabalho a partir de diferentes lugares de interlocução: Andréa Carla Doré (UFPR), Anna Beatriz da Silveira Paula (UFPR), Beatriz Polidori Zechlinsk (PUCPR) e Ana Maria Ruffino Gillies (Unicentro).

À Julie Dawson, pelo enorme carinho com que me recebeu na Inglaterra.

À Maria Cristina Parzowski, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, pela atenção e inúmeros auxílios.

Aos funcionários da University of Southampton e da Chawton House Library, pela gentileza e auxílio.

À Capes e ao CNPq, pelas bolsas recebidas.

À Chawton House Library, pela bolsa de pesquisadora visitante e pela oportunidade de conhecer e viver durante um mês junto a um dos principais acervos e espaços de memória da produção escrita de mulheres na Inglaterra.

Aos meus amigos e amigas, companheiros de estudo, que me acompanharam durante o Doutorado, especialmente Fábio, Carmem, Fernando, Mara e Ozias.

Um agradecimento a parte ao meu esposo Ubiratã, pelo apoio e carinho.

*A coragem e a inventividade de algumas feministas que agiam individualmente, a força subversiva e a significação histórica de sua voz coletiva estavam (e ainda estão) no espetáculo perturbador apresentado pelo paradoxo, pois a identificação e a exposição da incoerência e da ambiguidade – ou seja, das contradições internas – dentro de um ambiente de ortodoxia que com a maior força nega a existência civil dessas mulheres é sem dúvida algo desestabilizador e às vezes mesmo transformador.*

*Joan Scott*

## RESUMO

Esta tese trata da produção letrada das escritoras Mary Wollstonecraft (1759-1797), Mary Hays (1759-1843) e Mary Robinson (1757-1800). Participantes da *República das Letras* no contexto da Ilustração, essas mulheres entraram em contato com um conjunto de reflexões morais, religiosas e filosóficas que lhes abriu possibilidades de aprimoramento e emancipação intelectual, de estabelecer relações de gênero mais igualitárias, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, exaltavam a dependência e inferioridade das mulheres. Essas contradições que não foram percebidas pela maioria dos pensadores iluministas, tornaram-se evidentes para algumas mulheres que participaram dos grupos religiosos de dissidentes racionalistas e/ou que na década de 1790 se integraram aos círculos radicais londrinos, alguns dos principais espaços do debate político e crítico na Inglaterra. Wollstonecraft, Hays e Robinson vivenciaram essas contradições de forma bastante intensa e dedicaram muitas das suas obras a explicitá-las e discuti-las. Com seus tratados e romances incluíram a questão das “injustiças e dos direitos da mulher” no debate reformista que se desenvolveu na Inglaterra no final do século XVIII. Ao tensionar, por meio de seus comportamentos e escritos, muitos dos limites e paradoxos de gênero presentes nos discursos esclarecidos e liberais, estas mulheres de letras contribuíram para a produção de importantes reflexões e mesmo práticas que viriam a ser incorporadas mais tarde ao movimento de mulheres e ao feminismo, tais como o questionamento dos binarismos masculino e feminino, razão e sensibilidade, teoria e ficção, a crítica veemente à noção de inferioridade inata das mulheres e a defesa intransigente da igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Palavras-chave: gênero, proto-feminismo, escritoras inglesas, crítica, Iluminismo, Radicalismo inglês.



## ABSTRACT

This thesis deals with the literary production of women writers: Mary Wollstonecraft (1759-1797), Mary Hays (1759-1843) and Mary Robinson (1757-1800). Participants of the *Republic of Letters* in the context of the Enlightenment, these women came into contact with a set of moral, religious and philosophical reflections that opened them possibilities of improvement and intellectual emancipation, to establish more egalitarian gender relations, at the same time, contradictorily, they exalted the dependence and inferiority of women. These contradictions, which were not perceived by most of the Enlightenment thinkers, became evident to some women who participated in the religious groups of rationalist dissidents and / or who in the 1790s integrated themselves into the radical circles of London, some of the main areas of political and critical debates in England. Wollstonecraft, Hays, and Robinson experienced these contradictions quite intensely and devoted many of their works to discuss and emphasize them. With their treatises and novels they included the issue of "injustices and women's rights" in the reformist debate that developed in England at the end of the eighteenth century. By addressing, through their behaviors and writings, many of the limits and paradoxes of gender present in enlightened and liberal discourses, these women of letters contributed to the production of important reflections and even practices that would later be incorporated into feminism and women's movement; as well to questioning of binarisms of male and female, reason and sensibility, theory and fiction, plus the vehement criticism to the notion of women's innate inferiority, and the uncompromising defense of equal rights between men and women.

Keywords: gender, proto-feminism, English women writers, critics, Enlightenment, English radicalism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1 O RADICALISMO INGLÊS E O DEBATE EM TORNO DOS DIREITOS DA MULHER.....</b>	<b>24</b>
1.1 O movimento por reformas sociais e políticas.....	29
1.2 A reforma das mulheres e pelas mulheres.....	48
1.3 O reformismo proto-feminista de Mary Wollstonecraft.....	54
1.4 Mary Hays e Mary Robinson: uma “legião de Wollstonecrafts”.....	68
<b>2 TRAJETÓRIAS PROTO-FEMINISTAS NA INGLATERRA SETECENTISTA....</b>	<b>84</b>
2.1 O ideal da <i>proper lady</i> : limites, possibilidades e enfrentamentos.....	87
2.2 O ofício das letras.....	100
<b>3 A ESCRITA EPISTOLAR E OS INTERCÂMBIOS LETRADOS.....</b>	<b>134</b>
3.1 Sociabilidades polidas: o papel civilizador das mulheres.....	136
3.2 A cultura da sensibilidade e o cultivo dos vínculos amistosos.....	148
3.3 A tutela intelectual de <i>homens generosos</i> .....	156
3.4 <i>Colisão de mente com mente</i> : o julgamento privado como base para o diálogo.....	168
3.5 Mary Wollstonecraft, Mary Hays e seus laços de amizade.....	189
<b>4 OS ROMANCES RADICAIS DE AUTORIA FEMININA E A POLITIZAÇÃO DO PRIVADO.....</b>	<b>194</b>
4.1 <i>The Wrongs of Woman</i> : politizando o privado.....	206
4.2 <i>The Victim of Prejudice</i> : a opressão social das mulheres.....	213
4.3 <i>The False Friend</i> : as mulheres como vítimas da sensibilidade.....	220
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>228</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>232</b>

**Aviso**

Todas as traduções são livres. Foi mantida nas traduções e em todo o texto da tese a grafia original das publicações.

## INTRODUÇÃO

Ao tratar da constituição histórica do feminismo Ana Paula Vosne Martins esclarece que este movimento social e político não teve uma só origem, formando-se a partir de diferentes lugares e motivações. Segundo ela, mesmo antes que as palavras “feminismo” ou “feminista” passassem a fazer parte do vocabulário político muitas mulheres (e alguns homens) se envolveram com questões públicas e políticas cuja dimensão de gênero era incontornável e a partir desta experiência algumas delas passaram a articular um discurso e uma prática feminista. Ao falar dos caminhos que levaram ao feminismo, Martins aborda o humanismo liberal, a religião, a filantropia, certos movimentos de reforma social e o abolicionismo.<sup>1</sup> Em nosso estudo tratamos de um destes caminhos: o do humanismo liberal.

Nossa investigação buscou compreender a constituição de um tipo de discurso e de prática que chamamos de proto-feminista<sup>2</sup> na Inglaterra da última década do século XVIII, a partir das experiências e da produção letrada de três escritoras inglesas que se inseriram nos debates ilustrados e abraçaram as reivindicações por direitos igualitários e universais, para as quais a questão do gênero se tornou, nitidamente, incontornável. Dessa forma, nosso principal intuito foi compreender como uma configuração histórica e social específica, atrelada a certas configurações subjetivas, produziu uma reflexão proto-feminista na forma do debate sobre “as injustiças e os direitos da mulher”, fundamental na construção do imaginário político feminista dos séculos seguintes.

Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson, as principais proponentoras deste debate, viveram na Inglaterra da segunda metade do século XVIII, numa época agitada pelos efeitos da Primeira Revolução Industrial, pela crise da sociedade patriarcal inglesa e pela Revolução Francesa com suas esperanças de mudança social radical. Também viveram em pleno processo de conformação da nova sociedade burguesa, quando a posição social das

---

<sup>1</sup> MARTINS, Ana Paula Vosne. “Caminhos para o feminismo: das relações entre o movimento pelos direitos das mulheres, o humanismo liberal, a religião e a filantropia no século XIX.” In: KLANOVICZ, L. R. F. e MOREIRA, R. (orgs.) Estudos de Gênero em Perspectiva. Ponta Grossa: ANPUH-PR, 2016. p. 09.

<sup>2</sup> O termo *feminismo* não foi usado na Inglaterra até final do século XIX. Apesar disso, outras designações já vinham sendo utilizadas para se defender a causa das mulheres. Ao longo da *Querelle de femmes*, ou seja, do debate que atravessou a modernidade em torno das capacidades intelectuais das mulheres e do seu direito à educação, destacaram-se as *protetoras* ou *baluartes* das mulheres entre os séculos XIV e XV, depois as *defensoras das ladies* e *female philosophers* nos séculos XVII e XVIII. Nesta pesquisa utilizamos os termos *proto-feminismo* e *proto-feminista* para se referir aos discursos, práticas e sujeitos vinculados ao processo histórico de problematização do lugar das mulheres na sociedade anteriores ao movimento de mulheres e aos vocábulos feminismo e feminista que emergiram nos séculos XIX e XX. Importa ressaltar que estas experiências da modernidade foram incorporadas pelo próprio feminismo, como parte de sua constituição histórica.

mulheres se converteu numa questão ideológica chave, campo de controvérsia em torno do qual confluíram as grandes contradições e paradoxos dos discursos liberal e ilustrado.

Por um lado, o ideário das Luzes, devido ao seu caráter abstrato, abria expectativas sem precedentes a respeito da igualdade entre homens e mulheres e seu necessário correlato social e político em matéria de deveres e direitos. A tradicional exclusão da grande maioria das mulheres da vida pública se tornava muito mais evidente e questionável a partir do desenvolvimento de uma teoria política e de um pensamento filosófico que colocava no centro de sua reflexão o indivíduo, formalmente igual e livre das redes de hierarquia e de dependência do Antigo Regime.

Por outro lado, a separação das esferas pública e privada, também central na conformação ideológica da Ilustração e do primeiro liberalismo, estabeleceu-se desde o princípio sobre linhas de conotação de gênero que vinculavam prioritariamente a identidade social masculina ao espaço público e a identidade feminina ao espaço privado. Dessa forma, a possibilidade aberta pelo racionalismo ilustrado acerca da igualdade entre os “sexos” se manteve limitada pela idealização de um modelo de feminilidade ligada ao privado e relacionado, de forma particular, com o mundo dos sentimentos e da privacidade, um espaço físico e simbólico que deveria se manter separado do público e, inevitavelmente, à margem do uso público da razão. Frente ao ideal público masculino – racional, contido e objetivo – definiu-se o ideal privado feminino – lugar dos impulsos naturais, do emocional, do irracional, do subjetivo e do intuitivo.

Importa assinalar que esta separação entre as esferas pública e privada representava ao mesmo tempo uma realidade e uma mistificação. O cruzamento entre ambas foi consubstancial ao primeiro liberalismo, à margem de suas abordagens teóricas. Mas o que é especificamente relevante para nossa análise é menos a materialidade desta divisão quanto o reforçamento mútuo, nos campos moral e ideológico, de ambas as esferas e das conotações de gênero que a conformaram. A esfera pública poderia funcionar - em termos sociais e econômicos, mas também emocionais e morais - na medida em que se apoiasse em uma esfera privada definida a partir de termos antagônicos quanto ao uso da razão e da competência individual.

Essa esfera íntima, ao menos no campo discursivo, devia ser o mundo do amor, dos sentimentos, dos laços de parentesco, da amizade. Era o lugar do coração, onde o homem civilizado e contido, público e racional, se convertia no *homem sentimental*. A distinção

crucial entre razão e coração, ou entre razão e sensibilidade<sup>3</sup>, tornou-se, assim, a grande linha de tensão deste período. Uma linha que transcendeu a divisão canônica entre racionalismo iluminista e subjetividade romântica, contribuindo para que o último terço do século XVIII se tornasse um período chave do debate e da luta sobre as definições sociais de gênero. E foi em meio a essa “guerra de ideias e de sentimentos”<sup>4</sup> que as três escritoras selecionadas nesta tese transgrediram e tensionaram a dicotomia entre público e privado, razão e sensibilidade, teoria e ficção, feminino e masculino, construindo novos espaços de experiência subjetiva e de interlocução para as mulheres.

Como mulheres oriundas das classes médias, Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson tiveram suas vidas conformadas pela *ideologia da domesticidade* e pelo ideal da *proper lady*, centrais na definição social da mulher como epítome dos valores morais e privados.<sup>5</sup> Assim como muitas outras mulheres de sua condição elas foram afetadas pelas demandas por aprimoramento educacional e transformações no comportamento feminino vinculadas a emergência do novo modelo de família burguesa<sup>6</sup>, que exigia mulheres mais esclarecidas tendo em vista seu papel como companheira afetuosa do homem e como formadora das crianças. De modo a preparar as mulheres para seu novo papel, ampliou-se significativamente o número de “escolas para senhoritas”, nas quais se desenvolviam habilidades como canto e dança, rudimentos de história e geografia, literatura e francês.

---

<sup>3</sup> Como um dos elementos constitutivos da *cultura polida*, referia-se principalmente a crescente presença e deferência às mulheres e aos valores ligados a elas na vida social e a crença de que o intercâmbio entre os “sexos” promovia o refinamento e a polidez dos homens. Em *Equivocal Beings: Politics, Gender, and Sentimentality in the 1790s*, Johnson discute as relações que se estabeleceram no último terço do século XVIII entre política, sentimentalismo e gênero, contexto em que a sensibilidade passou a ser defendida como uma virtude política masculina. Axiomática entre escritores tão diversos como David Hume, Jean Jacques Rousseau, Edmund Burke e Hannah More, a ideia de que a moderna sociedade liberal e comercial exigia um comportamento civilizado e sensível também por parte dos homens tornou-se bastante influente no final do século XVIII. (JOHNSON, Claudia L. *Equivocal Beings: Politics, Gender, and Sentimentality in the 1790s*. Wollstonecraft, Radcliffe, Burney, Austen. Chicago: University of Chicago Press, 1995. p. 13 e 14.)

<sup>4</sup> Ibidem. p. 11.

<sup>5</sup> Segundo Francus, a sociedade inglesa setecentista instituiu a domesticidade como a esfera mais apropriada para a realização dos deveres das mulheres para com Deus, com a sociedade e consigo mesmas. Disseminado por meio de manuais de conduta, tratados educacionais e romances sentimentais, que prescreviam a imagem da mulher particularmente como esposa e mãe, tal discurso ocupou papel central na “revolução cultural burguesa” que caracterizou a sociedade inglesa do século XVIII, impactando principalmente sobre as mulheres de classes média. (FRANCUS, Marilyn. *Monstrous Motherhood. 18th – Century Culture and the Ideology of Domesticity*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2012. p. 01.)

<sup>6</sup> Utilizamos o termo “família burguesa” nos referindo ao modelo de família que se configurou no final da época moderna, vinculada ao individualismo, ao ideal de amor romântico e a divisão das esferas pública e privada, substituindo em grande parte a família tradicional ou patriarcal, que se definia como uma unidade básica legal, religiosa e econômica, governada pelo *paterfamilias*. A unidade familiar incluía não só o grupo “elementar” ou “conjugal”, marido, mulher e filhos, mas também todo um complexo de outros parentes e da criadagem.

Enfim, “graças femininas” que as habilitariam a ingressar no competitivo mercado matrimonial.

No século XVIII o matrimônio se tornara o centro da vida das mulheres, algo intensamente almejado, mas não facilmente conquistado. Vários fatores contribuíram para tal. A decadência da indústria doméstica, devido ao advento do capitalismo industrial, limitara bastante as possibilidades de manutenção econômica das mulheres, além de contribuir em larga escala para a desvalorização das solteiras, que passaram a ser vistas como um “fardo”, e não mais como alguém que contribuía para a manutenção da família. A ideologia da separação das esferas, ao vincular as mulheres essencialmente a espaço privado, interditou-lhes a maior parte dos novos ofícios, rapidamente convencionados como masculinos. Isso gerou um excedente de mão de obra feminina e, por conseguinte, a desvalorização da remuneração das mulheres em relação à dos homens.<sup>7</sup> Pouquíssimos ofícios, quase sempre mal remunerados, eram acessíveis às mulheres, todos vinculados a atividades femininas - criada, dama de companhia, preceptora, governanta. Nesse contexto, o casamento se tornou uma das únicas possibilidades de sobrevivência econômica disponível às mulheres e também a mais adequada socialmente. Consequentemente, o acesso das mulheres ao matrimônio tornou-se bem mais difícil.<sup>8</sup>

A expressão “mercado matrimonial” se aplica bem ao contexto. De acordo com Watt, muitos indícios apontam que no século XVIII o casamento se tornou uma questão bem mais comercial que antes. Era cada vez mais difícil arranjar um marido sem dispor de um dote, não sendo incomum que se publicassem em jornais anúncios de casamento, com oferta ou exigência de determinado dote ou doação. Muitas jovens se uniam a parceiros totalmente inadequados por causa das vantagens econômicas. As dificuldades das mulheres mais pobres encontram sua expressão mais contundente na venda de esposas a preços que variavam de seis *pence* a três *guinéus* e meio. As mulheres também se viram prejudicadas pela crescente

---

<sup>7</sup> Segundo Watt, devido ao grande excedente da mão de obra feminina, o salário médio das mulheres caiu para cerca de dois *shillings* a seis *pences* por semana, cerca de um quarto do que os homens ganhavam em média. (WATT, Ian. *A ascensão do romance: Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 152.)

<sup>8</sup> Importa assinalar que o impacto da industrialização e da ideologia da separação das esferas não repercutiu da mesma forma sobre as mulheres das classes médias e das classes trabalhadoras. No que se refere às últimas, desde bem antes dos processos de industrialização já exerciam trabalhos remunerados, atuando principalmente como criadas, costureiras, lavadeiras e amas de leite. Convencionados como femininos e vinculados a domesticidade, estas formas de ocupação se mantiveram ativas inclusive ao longo do século XIX, quando o processo de industrialização se acentuou e as fábricas passaram a absorver as mulheres pobres. Ou seja, ao longo dos séculos XVIII e XIX elas se mantiveram como uma peça-chave para a manutenção econômica de suas famílias. (STEINBACH, Susie. *Women in England 1760-1914. A Social History*. London: Phoenix, 2005. p. 01.)

tendência dos homens de se casarem mais tardiamente devido a fatores econômicos. Indica-se, ainda, que houve um aumento das relações ilícitas e dos filhos ilegítimos.

Não era esse o quadro que os romances sentimentais, gênero literário em ascensão que se tornou extremamente popular ao longo do século XVIII, apresentava. Ao retratar heroínas virtuosas, que conquistavam o amor e um marido devido sua retidão e decência, vinham de encontro aos anseios da maior parte das leitoras, ao mesmo tempo em que disseminavam um retrato idealizado do enlace matrimonial vinculado ao ideal de amor romântico e de família burguesa. Nesse sentido, os romances contribuíram para intensificar o anseio das mulheres por um modelo de matrimônio no qual o amor teria lugar central. No fim do século, a maior parte das mulheres não almejava nada mais do que a vida conjugal.<sup>9</sup>

Tendo em vista o quanto o mercado matrimonial era disputado e o vínculo do casamento altamente idealizado, não causa estranhamento que um número significativo de mulheres, por motivos variados, incluindo as três escritoras aqui analisadas, não tenha alcançado a posição de mulher casada e feliz. Enquanto Wollstonecraft carecia de um dote para contrair um matrimônio de acordo com as aspirações das mulheres de sua classe, Hays aparentemente carecia de atrativos como beleza e encanto. Já Robinson, conhecida como uma das mulheres mais fascinantes de sua época, acabou atraindo um “libertino” inconsequente num casamento que fracassou precipitadamente. Além disso, principalmente Wollstonecraft e Robinson, desde muito jovens puderam vivenciar e observar a face real de muitos *gentlemen* ou “patriarcas benevolentes”, que pretensamente eram mais hábeis a comandar suas esposas, filhos, filhas e criados, mas que se aproveitavam de sua posição de autoridade e poder para oprimir aqueles e aquelas que viviam sob sua “proteção”.

A dificuldade de Wollstonecraft, Hays e Robinson em se adequar ao ideal da *proper lady* fez com que buscassem formas alternativas para se manterem economicamente. Enquanto Wollstonecraft ensaiou todos os ofícios que as regras de decência lhe permitiam - dama de companhia, preceptora e governanta - Robinson foi menos adequada, tornando-se atriz teatral e vivendo sob a proteção de homens abastados - incluindo o próprio príncipe de Gales. Já Hays passou boa parte de sua vida vivendo sob a proteção e auxílio de sua família. O fato das três terem tido experiências frustradas em relação ao casamento não pode ser

---

<sup>9</sup> Com os romances sentimentais se tornando cada vez mais melodramáticos no final do século XVIII, passaram a ser alvo de extensiva crítica, empreendida tanto pelos conservadores quanto pelos progressistas, que os reprovavam por oferecer às jovens mulheres expectativas não realistas de amor eterno e perfeita felicidade por meio de um casamento apaixonado, confinando-as num mundo de fantasia e tornando-as inaptas para os deveres da vida ordinária. A própria Jane Austen o fez, ao parodiar os romances góticos por meio de seu romance *Northanger Abbey* (1815). (STAFFORD, William. *English feminists and their oponents in the 1790s. Unsex'd and proper females*. Manchester: Manchester University Press, 2002. p. 07.)



explicada como coincidência ou destino, tampouco suas dificuldades em alcançar a sobrevivência econômica fora do casamento. De qualquer modo, parecia que seus “destinos” malfadados em relação ao ideal da dama inglesa seguiriam seu curso, culminando em aceitação, frustração, talvez em inconformismo. Parecia ainda que seus caminhos não se cruzariam. Tampouco que, um dia, viriam a se conscientizar da dimensão social e de gênero de sua condição.

No entanto, na última década do século XVIII Mary Wollstonecraft se converteria na principal proponente do debate sobre as “injustiças e direitos da mulher” na Inglaterra, com a publicação do seu popular e controverso *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), que veio a se tornar um dos clássicos do pensamento feminista. Mary Hays e Mary Robinson se tornaram suas seguidoras, engajadas na crítica às desigualdades de gênero que conformavam a sociedade inglesa. Mas as três não compartilhariam somente o ativismo pelos direitos do seu “sexo”, também se tornaram companheiras de letras e amigas.

O que unificou suas experiências, culminando com o desenvolvimento de uma postura crítica em comum quanto às convenções sociais de gênero? Certamente não foram somente suas dificuldades em relação ao ideal de “anjo doméstico”, situação compartilhada com muitas outras mulheres de sua época. O mesmo não se pode afirmar em relação a sua eminente inserção na cultura letrada como escritoras de ofício, que ocorreria, principalmente, por conta de suas necessidades em se manter economicamente, provocando uma reorientação vital em suas trajetórias.

A sociedade setecentista propiciou a algumas mulheres caminhos de inserção na cultura letrada. Em acordo com a emergência da ideologia da domesticidade, ampliou-se seu acesso a educação formal por meio das “escolas para senhoritas”.<sup>10</sup> Apesar do tipo de formação ofertada nestes espaços de ensino ser bastante superficial se comparada aquela destinada aos homens, propiciava às mulheres um nível de letramento adequado para a leitura de livros religiosos, romances, manuais educacionais e tratados morais. Ao longo do século XVIII, estes gêneros se constituíram como adequados à leitura feminina, vinculados à sua

---

<sup>10</sup> Mary Robinson frequentou uma destas “escolas para senhoritas”, dirigida pela ilustre Hannah More e suas irmãs. Como muitas mulheres de sua época, recebeu uma extensa educação sentimental, pautada na leitura de romances e poesias. Já Mary Wollstonecraft frequentou, no máximo, uma escola elementar. Focados na educação de seu primogênito, seus pais foram muito displicentes com sua formação. Algo bastante comum na época. Dentre as três, Mary Hays foi a que recebeu, de início, uma educação mais esmerada. Como integrante dos meios religiosos dissidentes, beneficiou-se da postura progressista que cultivavam em relação a educação das mulheres.

atuação no âmbito doméstico.<sup>11</sup> Logo as mulheres também se tornaram as principais produtoras deste tipo de literatura. De forma paradoxal, a idealização de um modelo de feminilidade que restringia a atuação das mulheres ao privado possibilitou que se aproximassem de um campo de atuação que era tradicionalmente dominado pelos homens, o da palavra escrita.

Um contexto de derrocada do patronato literário e de comercialização da literatura, de valorização da experiência e da sensibilidade como base da criação literária, propiciou certa abertura para a afirmação de novos sujeitos autores, entre estes as mulheres. Definidas como mais sensíveis e como portadoras de uma moralidade superior, logo passaram a ser consideradas como as mais aptas para discorrer sobre determinados temas, constituindo-se rapidamente como as principais autoras de romances sentimentais e de obras sobre educação. É possível afirmar que a instituição de um espaço de atuação específico para as mulheres repercutiu na criação de nichos de escrita e leitura que começaram a ser convencionados como femininos.<sup>12</sup>

Muitas mulheres, particularmente as oriundas das classes médias, aproveitaram-se desse momento de abertura e se dedicaram ao ofício das letras. Certamente a necessidade de buscar meios de manutenção econômica para além do casamento foi um motivo importante, mas certamente não o único. Mulheres casadas e/ou oriundas das classes abastadas também se dedicaram à prática da escrita, a maioria delas sem visar fins econômicos. Inclusive, apesar do avanço do processo de comercialização da literatura que marcou o século XVIII, o preconceito em relação àqueles que escreviam por dinheiro não era incomum.<sup>13</sup> Por isso o uso de pseudônimos era popular entre escritores de ofício e, ainda mais, entre as escritoras, pois como mulheres também eram julgadas por estarem transgredindo sua esfera de atuação, exclusivamente vinculada às funções de esposa e mãe.

---

<sup>11</sup> Sobre os gêneros literários e práticas de leitura das mulheres na Inglaterra setecentista ver PEARSON, Jacqueline. *Women's Reading in Britain (1750-1835): A Dangerous Recreation*. New York: Cambridge University Press, 2000.

<sup>12</sup> Segundo Stafford, no século XVIII as fronteiras de gênero que estruturam o campo da cultura escrita ainda não haviam sido totalmente fixadas, pois para tal seria necessário os gêneros serem bem definidos e os escritores, especialistas. Este não era o caso naquele contexto. Hume escreveu o que hoje poderíamos classificar como filosofia, política, história e economia, assim como elegantes ensaios. Rousseau escreveu filosofia política, economia, antropologia, educação, música e romance. (STAFFORD, Willian. Op. cit. p. 13.)

<sup>13</sup> Vender a "obra de seu espírito" a um livreiro entrou muito lentamente na ordem dos costumes modernos. Até o século XVIII muitos autores, sendo um dos exemplos mais notáveis Voltaire, recusavam-se a aceitar tal decadência. Era muito mais aceitável o tradicional mecenato. Era comum aos escritores mandarem imprimir no início da obra ou no fim, epístolas e alguns versos em louvor de poderosos protetores. Ou ainda de enviar alguns exemplares ao rico senhor, amigo de letras, acompanhado de lisonjas e cartas dedicatórias. Presente que, esperava-se, este saberia apreciar e recompensar com envio de dinheiro. Esse sistema era então considerado perfeitamente natural, bem mais honroso do que vender o próprio manuscrito a um editor. (FEBVRE, Lucien. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora UNESP; HUCITEC, 1992. p. 242-243.)

Assim como muitas mulheres de sua época, Wollstonecraft, Hays e Robinson iniciaram sua incursão pelas letras publicando gêneros considerados mais adequados à autoria feminina. Antes de sua entrada no mercado literário, Robinson dedicara-se à poesia. Já Hays e Wollstonecraft, desde a adolescência, desenvolveram a escrita epistolar. Ambas cultivaram a prática de trocar cartas com amigos cultos, utilizando a correspondência como um meio de intercâmbio e aprimoramento intelectual. Apesar de cultivarem a prática da produção escrita desde sua juventude, Wollstonecraft e Hays só passaram a escrever com fins econômicos quando realmente necessitaram. Hays se inseriu no mercado literário motivada por amigos de letras e pelo exemplo de Wollstonecraft, que no início da década de 1790 se configurara como uma das primeiras escritoras inglesas a viver de sua pena, assumir tal posição publicamente e ser reconhecida por isso.

Robinson, que tinha conexões nos meios aristocráticos, iniciou sua trajetória como escritora de ofício por meio do tradicional mecenato, publicando livros de poesia como um modo de se manter economicamente, enquanto Wollstonecraft e Hays foram estimuladas pelos exemplos e as conexões que possuíam nos grupos religiosos *não-conformistas*.<sup>14</sup>

No século XVIII, alguns grupos religiosos *não-conformistas*, conhecidos como dissidentes racionalistas por se alinharem ao espírito da Ilustração, desenvolveram discursos e práticas bastante igualitárias a respeito da educação das mulheres e das capacidades intelectuais femininas. Adeptos da filosofia racionalista e empirista inglesa, entendiam que as diferenças entre as pessoas não eram inatas, mas baseadas na educação. Por isso eram mais inclinados que outros grupos sociais a equalizar as capacidades intelectuais de homens e mulheres e, neste sentido, estiveram mais comprometidos com o desenvolvimento moral e espiritual das mulheres e com o cumprimento de seu papel materno e de cuidados. Esta concepção mais igualitária de gênero levou os dissidentes a ampliar as oportunidades educacionais e de produção escrita às mulheres. Nas últimas décadas do século, os dissidentes racionalistas promoveriam uma profusão de escritoras dedicadas à prosa ficcional e a publicação de tratados morais, manuais sobre educação e livros para crianças.

Além da possibilidade de exercer o ofício das letras, a vivência de Wollstonecraft e Hays entre os dissidentes religiosos permitiu que começassem a desenvolver um posicionamento crítico frente à sociedade inglesa e suas mazelas sociais. Entre figuras como Richard Price e Robert Robinson, defensores ardorosos da razão e das liberdades, líderes do

---

<sup>14</sup> Todos os fiéis protestantes não membros da Igreja da Inglaterra. Embora oficialmente reconhecidos e tolerados, eram tratados como uma espécie de cidadãos de segunda categoria, excluídos, inclusive, da vida política.

movimento de contestação ao *stablishment* inglês que se iniciou por volta da década de 1770<sup>15</sup>, as duas escritoras começaram a desenvolver uma visão crítica quanto aos privilégios sociais e uma perspectiva de otimismo em relação à capacidade dos indivíduos transformarem a realidade. Os valores apreendidos entre os dissidentes marcaram suas primeiras obras. São tratados morais (no caso de Hays), romances e manuais sobre educação (no caso de Wollstonecraft) bastante comprometidos com as questões da educação, da liberdade e da tolerância religiosa. Foram obras que já sinalizavam o inconformismo e certo senso crítico em relação às dificuldades que permeavam a vida das mulheres. A convivência com estes grupos também contribuiu para que Wollstonecraft e Hays começassem a acreditar que poderiam, sim, definir seus próprios destinos.

Enquanto se mantiveram no lócus de escrita “feminina”, Wollstonecraft, Hays e Robinson não conseguiram formular uma crítica contundente às convenções de gênero que conformavam suas vidas e as de tantas outras mulheres de sua época. Na realidade, dentre as três, a única que efetivamente transgrediu os limites que se instituía em torno da produção escrita de mulheres foi Mary Wollstonecraft. Ao publicar *A Vindication of the Rights of Woman* e se imiscuir na esfera de debate público e masculino a questionar alguns dos homens de letras mais proeminentes da época, Wollstonecraft escolheu desenvolver e expor suas ideias críticas por meio do tratado filosófico e político.<sup>16</sup> Mas tal ousadia só se tornou possível depois que Wollstonecraft aperfeiçoou o senso crítico que começara a desenvolver entre os dissidentes religiosos e junto a um dos círculos letrados mais ativos quanto à reflexão iluminista inglesa: o círculo radical londrino que se desenvolveu ao redor do editor Joseph Johnson.

Estudiosos e estudiosas da sociedade inglesa setecentista têm demonstrado que não houve um movimento orgânico ou unificado de contestação social na Inglaterra nas últimas décadas do século XVIII. Fomentadas principalmente pelos grupos religiosos dissidentes

---

<sup>15</sup> O movimento por reformas sociais e políticas na Inglaterra se iniciou a partir da década de 1770, em grande parte por influência do processo de independência das colônias inglesas. Alguns grupos sociais envolvidos mais diretamente com as manifestações ilustradas se mostraram favoráveis aos ideários defendidos pela nova Constituição americana, fomentando algumas tentativas de revogação de leis que excluía religiosos dissidentes da vida pública e de campanhas pela abolição do comércio de escravos. Devido às acentuadas discrepâncias que marcavam o sistema político inglês, as demandas por mudanças acabaram se centrando, principalmente, num movimento político pela reforma parlamentar.

<sup>16</sup> Pensamos que este tenha sido um dos fatores que contribuiu para que sua reflexão crítica de gênero fosse a mais contundente e influente da época. Estudiosa da história do pensamento e da escrita feminista, Wallraven considera Wollstonecraft como a primeira escritora a produzir um programa feminista excepcionalmente compreensivo e explícito, e *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) como “a primeira reivindicação pela emancipação das mulheres baseada num sistema ético convincente”. (WALLRAVEN, Miriam. *A Writing Halfway between Theory and Fiction: Mediating Feminism from Seventeenth to the Twentieth century*. Germany: Königshausen & Neumann, 2007. p. 22 e 23.)

desde a década de 1770, as demandas por mudanças sociais e políticas se radicalizaram e se ampliaram sob a influência do exemplo revolucionário francês na década de 1790.<sup>17</sup> Nesse contexto, constituíram-se várias comunidades radicais, incluindo as *Corresponding Societies*, as *Revolutionary Societies* e as *Constitutional Societies*, não havendo, entretanto, um movimento radical coeso. Aparentemente a comunidade mais conhecida em termos literários tenha sido o grupo que se instituiu ao redor de Joseph Johnson e de seu periódico *Analytical Review* (1789-1799), formado por escritores e escritoras radicais como William Godwin, Thomas Holcroft, William Blake, Thomas Paine, Mary Wollstonecraft e Mary Hays. Outros homens e mulheres de letras se vincularam a este círculo de modo indireto, por meio das relações mantidas com algum dos seus membros. Elisabeth Inchbald, por exemplo, era amiga de Godwin e Holcroft, Eliza Fenwick era próxima de Wollstonecraft, e a própria Mary Robinson só se aproximou deste círculo devido sua amizade com Godwin e Wollstonecraft.

A ideia de um movimento radical unificado foi propagada no contexto do fim do século XVIII por grupos políticos reacionários, que concederam a denominação de "jacobinos" aos radicais. Como se sabe, jacobino era o termo utilizado para nomear os revolucionários de extrema esquerda na França e ligados ao Terror. Ao chamar os radicais britânicos de jacobinos (que na realidade tinham mais em comum com os girondinos moderados), buscou-se relacioná-los à França e aos excessos revolucionários.<sup>18</sup>

Wollstonecraft foi quem primeiro se aproximou dos círculos radicais londrinos. Também foi quem participou deste meio mais intensamente. No final da década de 1780, tendo fracassado em seu intento de se manter por meio dos tradicionais ofícios femininos<sup>19</sup>, decidiu tentar viver de sua pena. Nesse intuito, procurou Joseph Johnson, que fora editor de suas primeiras obras. As conexões e os exemplos de mulheres letradas *não-conformistas* certamente guiaram este novo projeto. Cogita-se, inclusive, que o dissidente Richard Price, seu protetor e amigo, foi quem intermediou sua aproximação com Johnson<sup>20</sup>, que acabou lhe

---

<sup>17</sup> O radicalismo de 1790 foi fomentado por diversos fatores, sendo o mais determinante a influência da Revolução Francesa, mas também a Revolução Americana, as teorias sociais erigidas no final do século XVII e primeira metade do século XVIII, a crescente influência do culto à sensibilidade e a difusão dos princípios ilustrados. No final do século, ideais de igualdade, de benevolência, do valor pautado no mérito individual (mais que na propriedade ou em privilégios de nascimento), começaram a parecer atrativos para muitos grupos sociais tradicionalmente aliados dos espaços de poder e saber, tais como as classes médias, as classes trabalhadoras, os grupos religiosos *não-conformistas*, os católicos e as mulheres.

<sup>18</sup> COLIGHTLY, Jennifer. *The Family, Marriage and Radicalism in British Women's Novels of the 1790s. Public Affection and Private Affliction*. UK, Bucknell University Press, 2012. p. 08.

<sup>19</sup> Wollstonecraft nunca se dobrou aos desmandos das senhoras da elite, por isso teve dificuldades em se adaptar às posições de dama de companhia e governanta.

<sup>20</sup> Ainda na década de 1780 Johnson se tornou distribuidor oficial da produção letrada dos dissidentes racionalistas, mantendo permanente contato com os nichos *não-conformistas* e com seus líderes.

oferecendo a oportunidade de escrever para sua editora em tempo integral. Durante os anos em que trabalhou com Johnson (de 1787 a 1797) Wollstonecraft pode ampliar e completar sua educação.

A atuação como editora, tradutora e resenhista, além de proporcionar independência pessoal, propiciou o contato com uma ampla gama de obras que conformava a cultura letrada setecentista. Essa atividade intelectual intensa a converteu numa escritora profissional, segura de si mesma, versátil, com um tom próprio e com uma capacidade dificilmente alcançada por outra pensadora de sua época. Ademais, junto aos radicais londrinos, ainda mais dispostos que os dissidentes religiosos a romper com as tradições e a se dedicar, com exclusividade, às atividades letradas, ela intensificou sua adesão ao racionalismo ilustrado, tornando-se uma tenaz defensora do ideário das Luzes.

Com a eclosão da Revolução Francesa renovaram-se as esperanças dos radicais londrinos com a possibilidade de transformar ao mundo e a si mesmos, tornando suas críticas sociais e políticas mais diretas e ousadas. Foi quando Wollstonecraft decidiu romper com as convenções e se imiscuir no debate público masculino. Quando Edmund Burke escreveu suas famosas *Reflections* (1790) criticando o espírito revolucionário francês, causando indignação entre a maioria dos radicais ingleses, Wollstonecraft foi a primeira a tomar a pena e criticá-lo publicamente, através do tratado *A Vindication of the Rights of Man* (1790).

Ousadia ainda maior foi realizada dois anos depois, quando apontou publicamente, com a publicação de *A Vindication of the Rights of Woman*, aos preconceitos e privilégios que conformavam o próprio ideário ilustrado, e que não eram criticados nem mesmo por aqueles que, pretensamente, agiam impulsionados pelo Espírito da Revolução. Num contexto de crítica a todos os tipos de hierarquia e desigualdade, como se concebia que metade da espécie humana fosse mantida num estado de opressão? Wollstonecraft buscou demonstrar que o princípio universal que fundamentava a reivindicação por direitos iguais não se sustentaria se o poder arbitrário que os homens exerciam sobre as mulheres não fosse questionado com o mesmo empenho com que se fazia em relação ao poder dos reis e das classes privilegiadas.

Com este texto provocativo, Wollstonecraft deu início ao debate sobre as “injustiças e os direitos da mulher” na Inglaterra. A obra teve uma boa acolhida entre os grupos progressistas, mas ecoou particularmente entre algumas mulheres de letras, e de forma mais contundente, sobre Mary Hays e Mary Robinson que, apesar de ainda não conhecerem pessoalmente Wollstonecraft, haviam desenvolvido anseios e inquietações em comum e por conta disso se identificaram com suas ideias.

Assim como Wollstonecraft, Hays se instrumentalizou criticamente junto às comunidades *não-conformistas*, desenvolvendo determinado senso crítico inclusive quanto à questão da mulher. Quando *Vindication* foi lançado, ela trabalhava num tratado em defesa do aprimoramento educacional das mulheres. Mas, se Wollstonecraft ampliara seu senso crítico entre os radicais londrinos e sob a influência da Revolução Francesa, Hays o fez sob a influência de seus clamores pelos direitos da mulher. A leitura de *Vindication* foi muito impactante para ela, levando-a a se tornar uma ardente admiradora de Wollstonecraft. Por iniciativa sua, elas acabaram se aproximando. Wollstonecraft serviu de inspiração e de exemplo para sua trajetória como mulher de letras. Depois de conhecê-la, Hays acentuou sua resolução em se dedicar integralmente ao ofício de escritora e ao debate da questão da mulher.<sup>21</sup> Tanto que, por volta da metade da década de 1790, ela decidiu deixar a proteção de sua família e ir morar sozinha em Londres, de modo a se inserir de forma mais contundente no mercado editorial londrino e na comunidade radical que orbitava em torno de Joseph Johnson. Sob a influência radical e do pensamento de Wollstonecraft, Hays publicou, ao longo da década de 1790, tratados e romances proto-feministas que contribuíram com o debate sobre as “injustiças e dos direitos da mulher”.

Mary Robinson também foi influenciada por *Vindication*. Como atriz teatral e poeta de sucesso, Robinson não se dedicara ao debate a respeito da questão da mulher até a década de 1790, período no qual se aproximou dos círculos e debates radicais londrinos e também entrou em contato com Wollstonecraft e suas ideias. Depois disso, seguiu-se um longo período de dedicação à escrita de romances de viés radical, com críticas ácidas aos costumes e às relações de gênero, alguns com heroínas que se autodenominavam como seguidoras de Wollstonecraft. No final da década, ela chegou a publicar um tratado proto-feminista no qual fazia alusão direta a Wollstonecraft e sua “reivindicação por direitos”.

Além de Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson, outras escritoras inglesas como Hannah More, Mary Anne Radcliffe, Fanny Burney e Anna Barbauld, produziram obras nas quais trataram e discutiram questões ligadas à existência feminina, evocando inclusive o aprimoramento da educação destinada às mulheres e mudanças em relação aos seus costumes. No entanto, somente as três primeiras criticaram extensiva e contundentemente a crença na desigualdade inata entre homens e mulheres.

A vida e obra de Wollstonecraft têm sido incansavelmente estudadas pelas teóricas feministas e pelas pesquisadoras e pesquisadores de gênero devido a sua contribuição para a

---

<sup>21</sup> Sua adesão e admiração em relação a Wollstonecraft e suas ideias são explicitadas na maior parte de suas obras.

constituição do pensamento feminista, ocorrendo ao longo da própria emergência destes campos de estudos. Os enfoques são múltiplos, tratando de sua contribuição e/ou participação nos movimentos iluminista e romântico, no radicalismo inglês, no debate moderno sobre educação, na prática da escrita epistolar, na produção literária setecentista e na história do feminismo. O mesmo não se pode afirmar em relação a Mary Hays e Mary Robinson. Inicialmente elas aparecem em estudos mais gerais sobre a produção literária inglesa de autoria feminina, mas não em estudos sobre o feminismo. Esta lacuna tem sido preenchida por trabalhos recentes, que desde primeira década do século XXI, vêm abordando suas biografias e ideias isoladamente, como temas únicos de estudo.<sup>22</sup> O que não encontramos ao longo da nossa investigação, foram outras pesquisas que elegessem a produção conjunta destas escritoras como objeto de análise, apesar de Mary Hays e Mary Robinson terem sido as únicas mulheres de letras setecentistas que explicitaram publicamente sua adesão as ideias de Wollstonecraft, dando continuidade ao seu clamor pelos direitos da mulher ao longo da década de 1790. A exceção é Miriam Wallraven, que destina um capítulo de seu livro sobre a história da escrita feminista à análise, em conjunto e de forma comparativa, da produção de Wollstonecraft, Hays e Robinson. Ou seja, apesar das três terem contribuído para a emergência do discurso sobre as injustiças e direitos da mulher na Inglaterra setecentista e de haver certa unidade em suas abordagens, não se empreendeu nenhum estudo a respeito de suas relações e influências recíprocas.

A escolha pelo objeto de estudo desta tese se fortaleceu ao longo de um extenso processo de pesquisa voltado para a trajetória e a produção letrada de Mary Wollstonecraft.<sup>23</sup> Partimos da visão de uma mulher ousada e corajosa capaz de tomar e pena e erigir um discurso crítico quanto às desigualdades de gênero num contexto pouco propício para tal - instituída pelo próprio imaginário feminista - e localizamos Wollstonecraft num grupo mais amplo de escritoras setecentistas que se aproveitaram das “brechas” que aquela sociedade oferecia às mulheres no sentido de aproximação da cultura letrada. Dentre estas, algumas percorreram caminhos bastante inventivos para criticar as convenções de gênero e/ou

---

<sup>22</sup> Destacam-se, por exemplo, os estudos extensivos de Gina Luria Walker sobre Mary Hays, e o recente e único estudo biográfico de Mary Robinson, *Perdida: The literary, theatrical, scandalous life of Mary Robinson*, publicado por Paula Byrne em 2005.

<sup>23</sup> Referimo-nos às nossas pesquisas de graduação e de mestrado: MIRANDA, Anadir dos Reis. Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759-1797). Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 2010. Disponível em: [http://www.generos.ufpr.br/files/61ce-dissertacao\\_anadir.pdf](http://www.generos.ufpr.br/files/61ce-dissertacao_anadir.pdf) e MIRANDA, Anadir dos Reis. O papel de Mary Wollstonecraft no Iluminismo. Monografia de Graduação, Curitiba: UFPR, 2005. Disponível em: [http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/03/anadir\\_reis\\_miranda.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/03/anadir_reis_miranda.pdf)



empoderar as mulheres, estabelecendo determinados tipos de discurso e de prática feminista.<sup>24</sup> Wollstonecraft, obviamente, constituiu-se como principal proponente de um discurso “feminista” hoje classificado como igualitarista e liberal, sendo seguida, em parte, por pelo menos duas outras escritoras setecentistas, Mary Hays e Mary Robinson.

Se no início da pesquisa pretendíamos abordar as trajetórias e os escritos de Wollstonecraft, Hays e Robinson de forma igualitária, ao longo da investigação se reafirmou o papel central de Wollstonecraft. E não somente porque ela foi a primeira a propor o debate sobre as injustiças e direitos da mulher naquele contexto e de sua abordagem ter sido a mais direta, contundente e influente na época, mas principalmente por conta da grande influência que exerceu sobre as duas escritoras que deram continuidade aos seus clamores ao longo dos anos 1790. Tendo em vista o papel central de Wollstonecraft no que se refere ao nosso objeto, mas sem deixar de lado o protagonismo de Hays e Robinson e os intercâmbios intelectuais e de amizade que se estabeleceram entre as três, buscou-se, em cada capítulo, tratar da atuação e/ou do pensamento de Wollstonecraft, passando então a abordar sua influência sobre as trajetórias e a produção letrada de Hays e Robinson.

Para compreender a reflexão proto-feminista produzida por estas três escritoras inglesas problematizou-se várias dimensões de sua experiência<sup>25</sup>, iniciando-se pela sua participação no debate a respeito do lugar da mulher na sociedade setecentista. Num contexto em que se buscava renovar a sociedade como um todo, era necessário pensar no lugar ocupado pelas mulheres. Até que ponto seria necessário uma reforma dos costumes femininos? Como as mulheres poderiam auxiliar no processo de renovação social? As respostas a estas questões foram delimitadas, em grande parte, pela tradição cortês que, ao longo da modernidade, alçou as mulheres a um papel de destaque no paradigma do progresso e da civilização, contribuindo para que a atuação das mulheres e dos valores ligados tradicionalmente ao feminino se tornassem centrais para o processo de renovação social.

---

<sup>24</sup> Contexto caracterizado pelos embates em torno das definições sociais de gênero, o século XVIII inglês também produziu diferentes discursos e práticas feministas. Além do feminismo igualitário e liberal, cuja principal representante foi Mary Wollstonecraft, também se constituíram nichos feministas que desafiaram as visões hegemônicas a respeito da inferioridade das mulheres (ainda que acabassem reafirmado a ideia de uma diferença essencial de gênero), representados por autoras como Amelie Opie e Jane West. De certa forma Mary Hays e Mary Robinson transitaram entre estes dois nichos, Hays se aproximando mais da posição de Wollstonecraft. Sobre o conceito de *empoderamento do feminino* como uma prática feminista ver TY, Eleanor. *Empowering the Feminine: The Narratives of Mary Robinson, Jane West, and Amelie Opie, 1796-1812*. Toronto: University of Toronto Press, 1998.

<sup>25</sup> Aqui entendida na acepção de Foucault, ou seja, como a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade. (FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 10.)

Aliando-se esta tradição à emergência de um novo ideal de feminilidade, centrada na atuação das mulheres no espaço privado, surgiu o debate sobre a necessidade de se aprimorar a educação das mulheres e os modos femininos. Essas reivindicações transparecem nos clamores de homens e mulheres de letras, conservadores, moderados e progressistas. Alguns chegaram a defender o protagonismo das mulheres no processo de reforma dos costumes e da sociedade, como a moralista Hannah More, que delineou um projeto reformista centrado na atuação das mulheres e dos valores femininos na sociedade como um todo. As reivindicações de Wollstonecraft, Hays e Robinson também se inserem neste debate, ao mesmo tempo em que refletem os clamores por educação, esclarecimento e autodeterminação do movimento ilustrado (mais associados ao universo público e masculino). Importa destacar o quanto as fronteiras entre público e privado foram flexibilizadas neste primeiro momento de conformação da sociedade liberal e burguesa.

Ao analisar os tratados proto-feministas que Wollstonecraft, Hays e Robinson produziram ao longo da década de 1790, buscamos localizar suas ideias no debate mais amplo sobre o papel das mulheres no movimento de reforma social. Também procuramos demonstrar como determinadas questões - posteriormente incorporadas ao feminismo - já vinham sendo pensadas e defendidas por um conjunto de reflexões morais, religiosas e filosóficas vigentes no século XVIII, as quais alcançaram certa autonomia nos escritos de Wollstonecraft, Hays e Robinson, originando o debate sobre as “injustiças e os direitos da mulher”.<sup>26</sup>

Sabendo que o contexto das Luzes se mostrou especialmente propício para a crítica às desigualdades sociais, incluindo as de gênero, tornou-se importante perguntar por que, na Inglaterra, o anseio crítico “feminista” se desenvolveu somente entre algumas das mulheres de letras ilustradas e de forma mais coerente, unificada e influente, entre Wollstonecraft, Hays e Robinson. O que diferenciou as experiências subjetivas destas três mulheres de letras das de outras mulheres oriundas dos mesmos meios sociais e letrados? É possível conjecturar que elas compartilharam condições de existência que unificaram suas experiências (e suas vozes)? Apesar das afinidades que as levaram a desenvolver uma sensibilidade e um posicionamento crítico a respeito do lugar das mulheres na sociedade setecentista - um anseio comum que,

---

<sup>26</sup> Clamor alavancado em grande parte por Mary Wollstonecraft com a publicação de *A Vindication of the Rights of Woman* em 1792, que teve continuidade com Mary Hays com a publicação de *Letters e Essays, Moral e Miscellaneous* em 1793, ambos produzidos no contexto de efervescência dos valores ilustrados e revolucionários na Inglaterra. Apesar da morte de Wollstonecraft em 1797, Hays deu continuidade ao debate no contexto reacionário do final do século, publicando um segundo tratado, *Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Woman*, em 1798, sendo seguida por Mary Robinson com sua *Letter to the Women of England on the Injustice of Mental Subordination*, publicada em 1799.

inclusive, instigou-as a se aproximar e estabelecer relações de amizade e de troca intelectual - houve fatos em suas trajetórias subjetivas que diversificaram, mesmo que sutilmente, seus enfoques e suas abordagens?

É nesse sentido que se tornou relevante a análise de suas trajetórias de forma inter cruzada, de modo a explicitar algumas das vivências que estas três mulheres de classe média tiveram em comum, mas também apontando particularidades e diferenças nas suas histórias de vida. Ou seja, não entendemos suas trajetórias isoladamente, mas procuramos refletir sobre o quanto estas três pensadoras, particularmente por conta do gênero e da classe, convergiram suas experiências de vida. Como mulheres de classe média, Wollstonecraft, Hays e Robinson compartilhavam uma gama de possibilidades e de caminhos possíveis no que se refere à educação, à inserção social e à sobrevivência econômica. Por isso há pontos de convergência nas suas trajetórias, mas também de afastamento.

Como colocado anteriormente, não há estudos que abordem as trajetórias de Wollstonecraft, Hays e Robinson conjuntamente. Por isso procuramos mapear os pontos de intersecção e de afastamento em suas histórias de vida, tendo como fonte estudos biográficos. Para tanto também recorreremos a alguns escritos biográficos produzidos no século XVIII, como a primeira biografia escrita sobre Wollstonecraft, de autoria de seu próprio marido, Willian Godwin, publicada pouco tempo depois de sua morte e a autobiografia escrita por Mary Robinson já no final de sua vida, que acabou tendo que ser finalizada pela sua filha devido à sua morte.

Entre as visões românticas que transparecem nestes escritos setecentistas e as visões analíticas dos estudos biográficos atuais, buscou-se entrever as mulheres na sua diversidade, nas suas idiossincrasias, anseios, sonhos, conflitos e decepções. Nesse sentido, não quisemos enquadrá-las em um conceito uno e coerente de identidade, ou suas trajetórias em um modelo de racionalidade linear, coesa e estável.<sup>27</sup>

Distanciando-nos deste tipo de abordagem, entendemos suas subjetividades como estruturas dinâmicas e complexas. Segundo Scott, “sujeitos são constituídos discursivamente, mas existem conflitos entre sistemas discursivos, contradições dentro de cada um deles, múltiplos sentidos possíveis para os conceitos que usam”, os quais permitem seu agenciamento.

---

<sup>27</sup> Sobre esse debate ver BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. e LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

Ser um sujeito significa estar sujeito a condições de existência definidas, condições de designação dos agentes e condições de exercício. Essas condições possibilitam escolhas, apesar de não serem ilimitadas. Sujeitos são constituídos discursivamente, a experiência não acontece fora de significados estabelecidos, mas não está confinada a uma ordem fixa de significados.<sup>28</sup>

As proposições de Scott nos foram úteis para entender as experiências subjetivas de Wollstonecraft, Hays e Robinson no contexto inglês setecentista. Como mulheres elas participaram da *República das Letras* ilustrada numa posição discursiva marcada pela ambiguidade e pelo paradoxo. Afinal, apesar das três terem se caracterizado por se imiscuir no mundo das letras e das Luzes, passando a almejar seu quinhão de esclarecimento e autodeterminação, a defesa dos direitos naturais e universais empreendida por filósofos ilustrados e por políticos revolucionários conformava, ou mesma exigia, sua exclusão.

Na lógica liberal e democrática, a fim de que todos os seres humanos fossem concebidos como iguais, abstraiu-se os indivíduos das categorias diferenciadoras atribuídas ao nascimento, família, riqueza, ocupação, propriedade e religião, o que também acarretava seu tratamento como seres incorpóreos, independentes de suas características físicas distintivas de fisionomia, cor de pele e sexo. Foi essa abstração que permitiu estabelecer uma identidade humana fundamental. Se os seres humanos eram fundamentalmente os mesmos, todos poderiam ser vistos como um só indivíduo, então definido como “um ser sensível (...) capaz de raciocínio e dotado de ideias morais”.<sup>29</sup>

Ao se referir a um tipo singular, o conceito abstrato de indivíduo também podia funcionar como padrão de exclusão ao estabelecer como não indivíduos, ou como menos do que indivíduos, aqueles que se diferenciavam da figura ideal de ser humano. Essa lógica serviu para conformar desigualdades raciais e de gênero no discurso igualitário. Além disso, Scott explica que o “universal” implica uma comparação com o específico ou com o particular.<sup>30</sup> A variedade infinita das diferenças entre o Eu e o Outro foi reduzida à questão da diferença sexual: a masculinidade se igualava à individualidade, e a feminilidade à alteridade, numa posição fixa, hierárquica e imóvel (a masculinidade não era vista como o outro da feminilidade). O indivíduo político, portanto, era tido como sendo ao mesmo tempo universal

---

<sup>28</sup> SCOTT, J. “Experiência”. In: SILVA, A. L. da, LAGO, M. C. de Souza, RAMOS, T. R. O., *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. p. 42.

<sup>29</sup> CONDORCET, 1787, vol. 9. p. 14. Apud. SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002. p. 30.

<sup>30</sup> SCOTT, J. “História das mulheres”. In: BURKE, P. (org). *A escrita da história*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991. p. 77.

e masculino; a mulher não era um indivíduo, não só por ser definida como não idêntica ao ser humano universal, mas também porque sua alteridade era essencial para a definição da individualidade universal masculina.

Ao operar na estrutura e significado da lógica ilustrada e liberal, o gênero, aqui constituído como diferença sexual, conformou igualmente práticas e subjetividades. Diferente dos seus amigos e companheiros das Luzes, como mulheres Wollstonecraft, Hays e Robinson tiveram dificuldade para se autorrepresentar enquanto indivíduos ilustrados, para estabelecer uma posição de autoridade a partir do ideal de racionalidade, para se relacionar de forma igualitária com seus interlocutores letrados e para disseminar suas ideias por meio dos mesmos gêneros de escrita.

Frente a estas dificuldades e mesmo obstáculos subjetivos elas foram levadas a explorar modos de sentimento, formas de pensamento e gêneros híbridos de escrita, que seus contemporâneos homens poderiam ignorar, ou no mínimo, não sentir a mesma urgência em considerar. Ou seja, para elas, a questão de gênero se tornou realmente incontornável e no processo de enfrentamento desta questão, tensionaram e borraram fronteiras entre masculino e feminino, público e privado, razão e sentimento, teoria e ficção, acabando por engendrar um discurso e uma prática feminista.

Como *outsiders* na *República das Letras*, Wollstonecraft, Hays e Robinson, tiveram a experiência dos limites e paradoxos entre o discurso iluminista e liberal e o conceito de feminilidade por eles elaborado. Por ocuparem tal posição na sociedade e na cultura, constituíram-se subjetivamente de forma ambígua, em dissonância com os discursos normativos de gênero.<sup>31</sup>

No caso delas, as identidades de gênero estiveram em constante construção, conformando-se às suas experiências. Ao longo das suas trajetórias as dificuldades enfrentadas quanto ao ideal da *proper lady*, o contato efetivo com o referencial discursivo das Luzes por meio de sua inserção nos círculos letrados, seus processos de aprimoramento intelectual, a necessidade de conciliar a identidade de gênero com outras identidades como as de pensadora e escritora<sup>32</sup>, afetavam suas representações<sup>33</sup> e práticas quanto ao que

---

<sup>31</sup> Seu status ambíguo permitiu-lhes uma liberdade imaginativa sem precedentes, mas que veio acompanhada por sentimentos de incompreensão e isolamento. Torna-se compreensível, nesse sentido, porque Wollstonecraft e Hays se autorrepresentaram como “caminhantes solitários” em cartas e escritos, imagem do indivíduo socialmente isolado e incompreendido, delineada por Rousseau.

<sup>32</sup> É importante lembrar que o gênero não atua independentemente de outras clivagens sociais. Categorias de diferenciação e divisão social como classe, raça e religião se inter cruzaram na formação da identidade subjetiva de gênero, possibilitando múltiplas representações e práticas quanto ao que se convencionou em cada época como “ser mulher”, “ser homem”, entre outras identidades de gênero.

idealizavam como feminilidade. Esse processo dinâmico quanto à construção de suas identidades de gênero ficou registrado em seus escritos.

Em cartas da juventude, Wollstonecraft registrou a resistência em relação ao matrimônio, desgostosa com o relacionamento conturbado de seus pais, e Hays registrou seu anseio por conhecimento. Por meio de seus romances, as três autoras delinearão um quadro da condição feminina na sua época, assinalando as dificuldades e injustiças enfrentadas pelas mulheres. As missivas trocadas entre Wollstonecraft e Hays ao longo da década de 1790 atestam sua amizade e troca intelectual, além da influência marcante da primeira sobre a segunda. Seus tratados proto-feministas mostram posicionamentos mais críticos e conscientes frente a uma organização social que relegava às mulheres, basicamente, relações de sujeição.

Torna-se perceptível, ainda, o processo de desvelamento das três escritoras acerca de um modelo de feminilidade hegemônico que, ao se pautar na crença da desigualdade inata entre homens e mulheres, as relegava às margens dos principais espaços de poder e conhecimento da sua sociedade. Processo conflituoso, permeado por frustrações, desesperanças e reveses frente às dificuldades por vezes intransponíveis com as quais se defrontaram ao ocupar a posição anômala de pensadoras ilustradas.

É possível afirmar, dessa forma, que por meio da escrita Wollstonecraft, Hays e Robinson construíram e registraram suas representações sobre o mundo que as cercava, sobre si mesmas e sobre os outros, por isso a análise de sua produção privada e pública dá acesso a parte de suas vidas e às suas ideias. Nesta tese compreendemos que mais do que permitir o acesso aos seus processos de constituição subjetiva, a escrita se constituiu como parte inerente da subjetividade. O questionamento ou conformação em relação às convenções de gênero aconteceu também pela escrita daquelas mulheres.

Dessa forma, dedicamos um capítulo da tese para entender como seus processos subjetivos, fundamentados largamente no enfrentamento de tensões e (de)limitações de gênero, deixaram determinadas marcas na sua escrita, inclusive quanto à percepção das convenções de gênero que estruturavam o próprio campo da cultura letrada. Neste sentido, apoiando-nos na *teoria literária feminista*, buscamos compreender como Wollstonecraft, Hays e Robinson transitaram entre diferentes gêneros literários e discursivos, se encontraram

---

<sup>33</sup> Entende-se por representações as imagens que os sujeitos fazem de si, da sociedade e dos outros, sendo as formas pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo e expressam as concepções que têm da realidade que os cercam. Dessa forma, segundo Silvia Tatiana Maurer Lane, a representação social é um produto simultaneamente social e individual, demonstrando a indissociação entre indivíduo, grupo e sociedade. (LANE, S. T. M. "Uso e abusos do conceito de Representação Social". In: SPINK, M. J. (org). *O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 71.)

resistências e/ou dificuldades para se expressar a partir de algum deles, quais estratégias desenvolveram para produzir um discurso autorizado, com quais audiências buscaram interlocução, se tinham consciência das divisões de gênero que permeavam a produção escrita, entre outras questões.<sup>34</sup>

Como a maior parte das escritoras setecentistas, Wollstonecraft, Hays e Robinson se dedicaram à prosa ficcional. Emergindo como um produto da cultura da sensibilidade, o romance sentimental se tornou um dos gêneros literários mais populares do século XVIII, rapidamente associado à leitura e escrita “femininas”. Por isso foi largamente utilizado na disseminação da ideologia da domesticidade e do ideal da *proper lady*. Devido ao posicionamento crítico de Wollstonecraft, Hays e Robinson em relação a essas ideologias, elas acabaram transgredindo largamente este nicho de produção escrita. Na maior parte dos seus romances, buscaram, por meio da ficção, ilustrar o quadro de opressão e de injustiça que marcava a vida das mulheres de sua época.

No intuito de compreender melhor a relação entre escrita e experiência, optamos por abordar a escrita ficcional destas três escritoras, de modo a ter uma visão mais ampla de sua reflexão proto-feminista e de entender como elas a constituíram e expressaram suas ideias a partir de gêneros literários distintos, neste caso, o tratado e o romance. Dessa forma, buscamos elucidar o que as motivou a se expressar por meio de cada gênero, as diferenças de abordagem entre os dois, a eficácia de suas críticas, as diferentes possibilidades de interlocução e, principalmente, as transgressões em relação às convenções de gênero que estruturavam o campo da cultura escrita no século XVIII.

Dentre os inúmeros romances produzidos por Wollstonecraft, Hays e Robison, selecionamos três para discutir: *The Wrongs of Woman: or, Maria* (1798), de Mary Wollstonecraft, *The Victim of Prejudice* (1799), de Mary Hays, e *The False Friend* (1799), de Mary Robinson. Considerados alguns dos seus romances mais críticos em relação a questão de gênero, foram produzidos no contexto político reacionário do final do século XVIII, sendo que entendemos o recurso à ficção como uma estratégia para dar continuidade ao debate sobre as “injustiças e os direitos da mulher” num momento de pouca abertura para tal.

Como parte de sua ampla e plural produção escrita, Wollstonecraft, Hays e Robinson também escreveram um número significativo de cartas. Considerado no século XVIII um nicho mais íntimo de escrita, as cartas que trocaram com amigos e familiares permitem lançar

---

<sup>34</sup> Trata-se de um campo de pesquisas que focaliza a escrita produzida por mulheres, delineando seus temas e estilos, seus lugares de produção, seu espaço na literatura, enfim, suas especificidades. Para um bom panorama deste campo de estudos ver MOI, Toril. *Teoria Literária Feminista*. Madri: Cátedra, 1988.

luz sobre uma parte importante da experiência destas autoras, central para a compreensão de sua inserção na cultura escrita e de seus processos de aprimoramento.

Excluídas das instituições de ensino formal, Wollstonecraft, Hays e Robinson tiveram que percorrer caminhos sinuosos para se educar. Entre os percursos que trilharam para se aproximar da cultura letrada, o mais efetivo foi se aproximar de homens eruditos. Foi a partir das relações de amizade e de tutela intelectual que estabeleceram com dissidentes religiosos como Richard Price e Robert Robinson, e com radicais como Joseph Johnson e William Godwin, que elas puderam ampliar sua educação, inserir-se nos debates ilustrados e no mercado literário. Eles atuaram como mentores, conselheiros, editores, guias, defensores e agentes, propiciando a elas os principais meios para sua inserção na *República das Letras Ilustrada*.

O estabelecimento destas amizades mistas, destes intercâmbios intelectuais entre homens e mulheres, tornou-se possível num contexto em que ideais de conversação franca, polidez e uma nova cultura da sensibilidade contribuíram para que as sociabilidades e as relações de amor e amizade se tornassem mais intensas e igualitárias, flexibilizando barreiras de classe e gênero.

A maior parte destes intercâmbios se realizou por meio de correspondências. Como gênero de escrita, a correspondência é um registro importante das mudanças históricas nas concepções e nas experiências da amizade e das sociabilidades. No século das Luzes e do estímulo à sensibilidade e às sociabilidades francas e prazerosas, as cartas representavam a continuidade e um registro material da palavra falada, dos encontros semanais entre homens e mulheres unidos pelo vínculo amistoso.

Marcado por um estilo de escrita mais confessional, que permitia o acesso à intimidade e aos recessos da alma, o gênero epistolar integrava as amizades autênticas e sensíveis que se desenvolveram entre mulheres e homens de letras que integravam os círculos dissidentes e radicais. A análise das cartas trocadas entre eles permitiu que mapeássemos as redes de interdependência, os vínculos amistosos, as relações de amor e de troca intelectual que entabularam entre si.

Mereceu especial atenção a relação de tutela intelectual e de amizade que se estabeleceu entre Mary Wollstonecraft e Mary Hays, e que ficou em parte registrada nas cartas que trocaram ao longo da década de 1790. Sendo a amizade entre as mulheres um tema tão pouco estudado, observar como a relação entre ambas se pautou na troca de saberes, alegrias e angústias, atesta que as mulheres, assim como os homens, também são capazes de viver e experimentar o sentimento elevado da amizade.



Dividimos esta tese em quatro capítulos. Em cada um deles enfocamos determinada dimensão da experiência destas escritoras. No primeiro capítulo mostramos a contribuição de Wollstonecraft, Hays e Robinson para o debate reformista que se desenvolveu na década de 1790 na Inglaterra. A partir da análise dos tratados que produziram neste período, procuramos mostrar como elas introduziram a questão das “injustiças e dos direitos da mulher” naquele contexto social e de debates de ideias.

No segundo capítulo tratamos de suas trajetórias de forma inter cruzada, buscando compreender por que a crítica ao lugar social da mulher se tornou tão central para elas. De modo a compreender melhor sua inserção na cultura escrita, enfocamos no terceiro capítulo um microcosmo de suas trajetórias letradas: as relações de intercâmbio intelectual e de amizade que estabeleceram entre si e também com outros homens de letras da época. A aproximação de homens eruditos, por meio das sociabilidades e das relações de amizades, representou um dos principais caminhos a partir dos quais as mulheres participaram da produção do conhecimento e também dos espaços de saber.

No quarto capítulo abordamos a produção ficcional das três escritoras. Analisamos seus romances à luz de seus tratados, buscando perceber as intertextualidades: as continuidades e rupturas de suas ideias, as possibilidades e diferenças entre expor seus argumentos proto-feministas por meio de gêneros e estilos discursivos distintos, as relações de interlocução, entre outras questões. Nosso foco, no entanto, foi sobre a prática da escrita como um campo de embates pelos significados e experiências de gênero e de criação.

Essa apresentação dos temas e problemáticas que conformam a nossa tese reforça o papel central do gênero para nossa análise. Mas o gênero não é só uma questão chave nas trajetórias e escritos de Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson, ele foi central para a cultura inglesa setecentista como um todo. Apesar do extensivo e rico debate que tem sido produzido nas últimas décadas em torno desta categoria, a definição clássica de Joan Scott ainda nos parece a que melhor se aplica ao nosso estudo. Como “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e um primeiro modo de dar significado as relações de poder”<sup>35</sup>, o gênero estrutura inúmeras dimensões da realidade. No que se refere à Inglaterra do século XVIII, o gênero atravessava e estruturava espaços, discursos, práticas e sujeitos, fundamentando e delimitando as formas de sociabilidade, os campos de produção cultural, o sentido de todos os conceitos chave para a

---

<sup>35</sup> SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez. 1990. p. 14.

época, como indivíduo, razão, polidez, sensibilidade e racionalidade, a identidade nacional, o discurso reformista, os gêneros literários, e a lista poderia seguir bastante longa. Mas, o que importa destacar é que ao dedicarem boa parte de sua produção letrada a discutir e problematizar as questões de gênero que conformavam sua sociedade e seu tempo, Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson miraram uma das questões mais importantes e centrais daquela época. Uma pena que seus contemporâneos não estivessem preparados para reconhecê-lo.

## 1 O RADICALISMO INGLÊS E O DEBATE EM TORNO DOS DIREITOS DA MULHER

Ao delinear temas, sujeitos e espaços do movimento ilustrado setecentista, a historiografia acabou por fixar as fronteiras a seu respeito. Representações hegemônicas e hierarquizações sobre o Iluminismo foram solidamente estabelecidas. Algumas experiências, particularmente a francesa, foram consideradas mais autênticas, vinculadas a interpretação do Iluminismo como um movimento burguês, anticlerical, racionalista e secular. A partir deste filtro de análise se produziu, durante muito tempo, uma narrativa francesa dos eventos, centrada nos feitos e nas ideias de um pequeno grupo de filósofos e escritores.

Mais recentemente a compreensão do Iluminismo tem sido ampliada, trazendo a tona sua pluralidade e complexidade. Os historiadores e historiadoras da cultura, por exemplo, estenderam a análise para as sensibilidades, a cultura escrita e as sociabilidades ilustradas. Esta crítica, no entanto, ainda apresenta dificuldades para abarcar outras experiências iluministas, como a inglesa, por exemplo.

De acordo com Roy Porter, destacado historiador do Iluminismo inglês, a negligência em torno da contribuição dos ingleses para a reflexão ilustrada não é nova. Na obra clássica e magistral, *A Filosofia do Iluminismo* (1932), de Ernest Cassirer, pouco se mencionou os nomes de Bentham, Priestley, Price, Paine, Godwin ou Wollstonecraft. Aparentemente Cassirer não considerava que entre os ingleses houvesse algum pensador ou pensadora de real profundidade ou originalidade.<sup>36</sup> Sua obra, de grande erudição, influenciou os estudos posteriores sobre a Ilustração. Ao longo da segunda metade do século XX, historiadores e historiadoras que se debruçaram sobre o século XVIII inglês não discutiram o Iluminismo, e aqueles que estudaram o *Século das Luzes* desprezaram a Inglaterra.<sup>37</sup>

Resgatar o que os modernos pensavam acerca da contribuição inglesa para o *processo de esclarecimento da humanidade* parece ser um bom ponto de partida para refletir sobre o estabelecimento do cânone historiográfico. Muitas figuras ilustres do Setecentos admiravam a Inglaterra, considerando-a um exemplo para outras nações. Em suas *Cartas Filosóficas* (1734), Voltaire teceu elogios consideráveis às liberdades inglesas. Saudou o

---

<sup>36</sup> PORTER, Roy. *Enlightenment: Britain and the creation of the Modern World*. London: Penguin Books, 2000. p. 4.

<sup>37</sup> Há exceções para esta “cegueira acadêmica”. Porter cita ao menos dois estudos que abordaram o *English Enlightenment* com pioneirismo e erudição: J. G. A Pocock e Margaret Jacob. Lamenta, no entanto, que não haja pesquisas sobre o tema comparáveis àquelas produzidas sobre as revoluções industrial e científica. (Ibidem. p. 06.)

sistema político e a constituição inglesa, que coíbiam o despotismo monárquico. Também a pluralidade e a tolerância religiosa conhecidas na Inglaterra: “O país das seitas fica aqui. Um inglês, como homem livre, vai para o céu pelo caminho que lhe apraz”.<sup>38</sup> Não faltaram congratulações à prosperidade do comércio inglês, o qual se mostrara essencial para a “grandeza do Estado”.<sup>39</sup> Extremamente astuto, Voltaire partia do exemplo inglês para empreender uma dura crítica a sua própria pátria, uma nação cindida por distinções e privilégios de nascimento e pelas querelas religiosas.

Diderot, outro expoente do iluminismo francês, não foi menos entusiasta em relação aos feitos dos ingleses. Ao refletir sobre as duas nações europeias nas quais a filosofia era cultivada, ele comparou os filósofos ingleses, que eram cobertos de honrarias, respeitados e sepultados junto aos reis, com os filósofos franceses, que eram incansavelmente perseguidos.<sup>40</sup> Diderot também enalteceu a ficção inglesa, que conseguira captar o coração do restante do continente.<sup>41</sup>

Além da literatura, do comércio e da política, os filósofos do outro lado do Canal da Mancha aclamavam o utilitarismo, a benevolência e o empirismo ingleses.<sup>42</sup> Da mesma forma, visitantes estrangeiros consideravam a Inglaterra única em relação ao restante da Europa.<sup>43</sup> Admiravam o que denominavam de espírito científico e pragmático inglês, o ideal moderno de viver bem aqui e agora, o enfoque na ação, no prazer, no *savoir vivre*.

Os próprios ingleses costumam cultivar certo senso de superioridade ao se comparar com povos de outras nações.<sup>44</sup> Era recorrente entre homens e mulheres da Inglaterra setecentista a pressuposição de que a Europa vivia mergulhada em escassez, superstição e tirania. A admiração continental e o orgulho e preconceito dos britânicos partiam de uma mesma convicção, a de que a Inglaterra setecentista seria o berço da modernidade, um centro de poder, de dinamismo e de conhecimento.<sup>45</sup>

---

<sup>38</sup> VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Cartas Filosóficas*. Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2001. p. 47, 55, 62, 67, 83. Voltaire viveu na Inglaterra entre anos de 1726 e 1728, exilado da França por ter confrontado um nobre francês influente. Na obra *Cartas Filosóficas*, conhecida também como *Cartas Inglesas*, o filósofo registrou a admiração que a progressista Inglaterra lhe despertou. (BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 55, 67-73.)

<sup>39</sup> Ibidem. p. 13.

<sup>40</sup> PORTER, Roy. *Enlightenment...* Op. cit. p. 7.

<sup>41</sup> DIDEROT, Denis. *Obras II. Estética, política, contos*. São Paulo: Editora Perspectivas, 2000. p. 19.

<sup>42</sup> PORTER, Roy. *Enlightenment...* Op. cit. p. 8.

<sup>43</sup> Ibidem. p. 14-15.

<sup>44</sup> PORTER, Roy. *England in the Eighteenth Century*. Harvard University Press: 1998. p. 11.

<sup>45</sup> HILTON, Boyd. *A mad, bad, & dangerous people? England 1783-1846*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 02.

Acreditava-se na época que esse cenário, atestado por estrangeiros e pelos próprios ingleses, fora alavancado com a “gloriosa” Revolução de 1688, a qual permitiu a derrocada do absolutismo e a instauração de uma Monarquia Constitucional Parlamentar. Esta também outorgara a *Declaração de Direitos*, que assegurava ao Parlamento o direito de aprovar ou rejeitar impostos, além da garantia de direitos individuais e da propriedade privada.

Frente à visão da Inglaterra como o berço da modernidade, da liberdade e da tolerância, e a arraigada crença dos ingleses na Constituição e nas liberdades britânicas, é impossível não se perguntar se a crítica ilustrada à ordem estabelecida também encontrou solo fértil na Inglaterra. Nesse sentido, seria justificada a exclusão da experiência inglesa pela historiografia?

Para Roy Porter, a supressão da Inglaterra não se justifica. Para ele, essa lacuna se deve a certo esnobismo acadêmico, que considerou a ilustração inglesa, com seu caráter mais pragmático, avessa aos debates filosóficos, portanto, superficial. A mesma interpretação equivocada se deu em relação aos pensadores e escritores ingleses. Durante muito tempo não se encarou com seriedade pensadores como Thomas Paine, que buscaram popularizar o debate de ideias e dialogar com o inglês comum, trazendo a filosofia do “céu” para a “terra”.<sup>46</sup>

Porter também entende que a suposição, por muito tempo vigente, de se pensar o Iluminismo como um movimento fundamentado na tríade “ateísmo, republicanism e materialismo” - como preparação para a revolução democrática - inibiu a inclusão da experiência inglesa. Na Inglaterra a crítica ilustrada não foi seguida por uma revolução. Não houve lá qualquer coisa parecida com as Revoluções Americana ou Francesa. Como se não fosse o bastante, os adeptos deste modelo de análise tiveram que lidar com o forte componente religioso, de viés *não-conformista*, presente na reflexão iluminista inglesa. Estas dissonâncias sustentaram a crença na impossibilidade de haver se desenvolvido na Inglaterra qualquer fenômeno passível de ser identificado como Iluminismo.<sup>47</sup>

Em paralelo a este apagamento, assistiu-se a eleição da França como o centro irradiador das Luzes. Estas interpretações negligenciaram os intercâmbios filosóficos e as relações de amizade que se estabeleceram entre ingleses, franceses e outras experiências

---

<sup>46</sup> PORTER, Roy. *Enlightenment...* Op. cit. p. 11.

<sup>47</sup> Importante destacar que o discurso iluminista produzido pelos filósofos franceses, apesar de extremamente crítico ao *Antigo Regime*, nunca pretendeu colocar o mundo de ponta cabeça, tendo na realidade um caráter mais reformador. Além disso, nenhum dos iluministas franceses, ou mesmo qualquer um dos seus colegas italianos, alemães ou holandeses, foram devotados democratas, materialistas ou ateístas. Não houve, portanto, uma uniformidade ideológica entre os ilustrados.

ilustradas europeias e americanas.<sup>48</sup> No tocante à influência inglesa, os próprios iluministas franceses enalteciam o espírito filosófico e científico de seus vizinhos e reconheciam a posição da Inglaterra como o “berço da modernidade”. Ademais, os nomes de Francis Bacon, Isaac Newton e John Locke, sob cuja égide as ciências e a nova filosofia floresceram na Inglaterra, eram incansavelmente citados e celebrados por iluministas de todo o continente europeu.<sup>49</sup>

Apesar da História Cultural não ter demonstrado muitos avanços no sentido de abarcar as múltiplas experiências da ilustração, não há como negar suas contribuições para a ampliação da concepção de Iluminismo, que continua a ser entendido como a fermentação de novas ideias, mas também de uma nova linguagem, de uma nova sensibilidade, estimuladas principalmente, por meio de um amplo intercâmbio de escritos e leituras, que englobavam panfletos, romances, correspondências, revistas, cartas e até pornografia. Uma *República das Letras* formada por uma ampla gama de protagonistas: homens e mulheres, de nacionalidades, status, ofícios e interesses variados, que se relacionavam por meio de múltiplos espaços de sociabilidade, como salões, tabernas, lojas maçônicas, cafés, clubes de amigos, entre outros ambientes de cultivo da amizade, do companheirismo e dos sentimentos elevados.

Estudar o pensamento ilustrado inglês significa, dessa forma, debruçar-se sobre os escritos de homens e mulheres como David Hartley, Joseph Priestley, Thomas Paine, Jeremy Bentham, William Godwin, Mary Wollstonecraft e Mary Hays. Na Inglaterra, estas pessoas e seus interlocutores foram os principais contestadores da ordem estabelecida ao assumirem o projeto de pensar a realidade e o indivíduo a partir da nova filosofia de Bacon, Locke, Newton e Hume. Tais pensadores e pensadoras integraram um movimento mais amplo em sintonia com as transformações na estrutura social inglesa, tais como a derrocada do absolutismo, o

---

<sup>48</sup> Sobre os intercâmbios letrados entabulados entre as mulheres europeias no contexto da Ilustração ver DOW, Gillian. *Women Readers in Europe: Readers, Writers, Salonnières, 1750-1900*, *Women's Writing*, 18:1, p.p. 1-14.

<sup>49</sup> As ciências floresceram muito cedo na Inglaterra, sob a égide de homens célebres como Francis Bacon, Isaac Newton e John Locke. Bacon foi o precursor da “ciência moderna” na Inglaterra, mas seu principal feito foi sintetizar, sistematizar e popularizar um corpo de conhecimentos práticos que já fazia parte do credo público dos cientistas ingleses desde a segunda metade do século XVI. Foram particularmente entre indivíduos dos “setores médios”, cujo modo de vida urbano, pragmático e utilitário estava em harmonia com as novas tendências de pensamento, que a primitiva história da ciência na Inglaterra deslançou. Newton e Locke também ocuparam papéis importantes nesse movimento. Enquanto um demonstrava a inteligibilidade do Universo, o outro mostrava como a experiência era fonte de conhecimento e verdade. Não devemos, no entanto, superestimar o espírito científico das pessoas dos séculos XVI e XVII. Segundo Hill, nada estava claro e bem definido. A química paracelsista, com sua ênfase na experimentação, estava ainda muita presa à alquimia. Alguns magos e astrólogos aceitavam o sistema heliocêntrico. O eminente matemático John Dee era astrólogo. Eminentemente membros da *Royal Society* acreditavam em feiticeiras. E o ilustre Newton atribuía mais importância às suas pesquisas sobre o apocalipse do que aos logaritmos ou a lei da gravitação. (HILL, Christopher. *As origens intelectuais da Revolução Inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 15.)

crescimento populacional, a urbanização, a aceleração da produção com o recurso à técnica no sistema de fábricas. No caso da Inglaterra, a crença numa fé mais racional e na ciência fundamentaram a criação de vasto capital intelectual, capaz de dar nova inteligibilidade ao entendimento do indivíduo, da natureza e da sociedade. Neste bojo, várias das tradições e prescrições inglesas que haviam subsistido à “gloriosa” revolução, enfim, o *establishment* inglês, foram alvo da crítica ilustrada, colocando a Inglaterra na rota da reforma utilitarista, da busca pela felicidade e dos direitos do homem e da mulher.

Neste processo, a crença na providência foi desafiada pelo naturalismo, os costumes foram estremecidos em meio ao anseio pela mudança e pelo progresso. Dos dilemas morais às subjetividades, passando pelo gosto artístico aos hábitos de leitura, a deferência pela tradição foi encarada como obstáculo ao processo de modernização. É possível entender o Iluminismo inglês, dessa forma, como uma revolução epistemológica, mas também como a expressão de novos valores morais e intelectuais, novos cânones de gosto, estilos de sociabilidade e visões da natureza humana, os quais foram incorporados de forma prática por meio de renovações urbanas, do estabelecimento de hospitais, escolas, fábricas e prisões, a aceleração das comunicações, a difusão dos jornais, de novas mercadorias e estabelecimentos comerciais.<sup>50</sup>

Importante salientar ainda que, apesar do aparente quadro de avanço e modernidade, muitos ingleses e inglesas do século XVIII não estavam tão satisfeitos assim com a progressista Inglaterra. Segundo Porter, apesar de todas as transformações históricas que colocaram o Estado inglês na rota do parlamentarismo, do avanço econômico, da tolerância religiosa e do progresso científico<sup>51</sup>, a Inglaterra do século XVIII ainda era atravessada por privilégios e desigualdades sociais, políticas, religiosas e de gênero.<sup>52</sup> Esse quadro marcado por profundas tensões entre a modernização e a tradição propiciou as condições para a elaboração da crítica ao sistema estabelecido e para a emergência de um movimento que almejava reformas sociais e políticas.

---

<sup>50</sup> Todos esses desenvolvimentos repadronizaram o teor da vida, com repercussões inevitáveis para as perspectivas sociais e agendas de realizações pessoais.

<sup>51</sup> Para Christopher Hill o período de 1603 a 1714 (intitulado por ele como *O século das revoluções*) foi talvez o período mais decisivo da história da Inglaterra. Durante este período a sociedade e o Estado começaram a tomar forma e a posição da Inglaterra perante o mundo se modificou. (HILL, Christopher. *O século das revoluções. 1603-1714*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 05.)

<sup>52</sup> PORTER, Roy. *England in the Eighteenth...* Op. cit. p. 14.

## 1.1 O movimento por reformas sociais e políticas

Nós, ingleses, temos muito orgulho de nossa Constituição, sir.  
Ela nos foi conferida pela Providência. Nenhum outro país foi tão favorecido como o nosso...  
Mr. Podsnap, personagem de *Our Mutual Priord*, de Dickens

O que é a Revolução Francesa para nós? Respondemos ... É tudo. - Tudo para nós homens: Tudo para nós como ingleses ... a Revolução Francesa nos diz respeito imediatamente.  
Thomas Paine

Em 4 de novembro de 1789 o pastor dissidente Richard Price (1723-91) proferiu, na celebração anual da Revolução de 1688, um sermão intitulado *Discourse on the Love of Our Country*. Com uma linguagem milenarista, típica dos dissidentes religiosos, Price defendeu a tese de que a *Revolução Gloriosa* era um projeto inacabado, cuja herança e espírito haviam sido neutralizados e sequestrados pela permanência dos poderes hereditários do sistema político da “Velha Corrupção” e pela intolerância da Igreja da Inglaterra. O discurso de Price, um dos líderes mais proeminentes das comunidades religiosas *não-conformistas*, ilustra o posicionamento crítico que vinha se delineando nestes meios quanto a crença de uma Inglaterra progressista e liberal, instaurada a partir da Revolução Gloriosa.

É inegável que a celebrada *Revolução sem Sangue* instituía limites ao exercício do poder monárquico e a garantia da preservação de certas liberdades. Não foi sem motivo que pessoas de dentro e fora da Inglaterra ovacionaram a tolerância religiosa, o parlamentarismo e a constituição dos britânicos. O lado opressivo desta revolução, no entanto, não foi tratado com a mesma relevância. Não até a Revolução Francesa abalar as crenças de parte dos cidadãos ingleses, desvelando o quanto a Revolução Inglesa, mais do que estabelecer uma ordem liberal e progressista, contribuíra para preservar boa parte do *establishment*.

De acordo com Modesto Florenzano, a Restauração e a Revolução Gloriosa destituíram o absolutismo de suas bases, mantendo uma monarquia de poderes limitados. Os novos soberanos continuaram a se autodenominar reis pela graça de Deus, por direito hereditário divino, mas tratava-se de uma retórica da tradição, pois sabiam que na realidade eram reis pela vontade do Parlamento. Neste repousava a soberania política, não de todos os ingleses, pois era um parlamento oligárquico, que representava os interesses dos homens proprietários. Embora o Anglicanismo tenha sido restaurado como Igreja oficial (em grande parte devido ao temor causado pelos discursos radicais dos *Levellers*, *Hanters* e *Diggers* no século XVII), fora privado pelo Parlamento do seu antigo poder e teve que renunciar à



pretensão de ser a única Igreja da Inglaterra. Ainda assim a Igreja Anglicana manteve privilégios, pois somente os membros do seu clero tinham acesso ao poder local e central e também às universidades. Os *não-conformistas*, isto é, todos os fiéis protestantes não membros da Igreja da Inglaterra, embora oficialmente reconhecidos e tolerados, tornaram-se uma espécie de cidadãos de segunda categoria, excluídos da vida política.<sup>53</sup>

Segundo Thompson, a revolução de 1688 instituiu um arranjo precisamente afinado com o equilíbrio das forças sociais vigentes naquele momento, tão delicadamente elaborado e, mesmo assim, nas suas ambiguidades, tão flexível, que iria garantir não apenas uma centena de anos de relativa estabilidade social.<sup>54</sup> Os principais beneficiários deste “entendimento” – a Coroa, os homens de propriedade<sup>55</sup> e a Igreja Anglicana - passaram a contar com um sufrágio limitado e manipulado por medidas restritivas como os *Test* e os *Corporation Acts*<sup>56</sup>, para limitar a ação de outros grupos sociais.

Neste sentido, ao longo do século XVIII, embora o status legal do povo inglês fosse de liberdade e igualdade, na realidade havia limitações sociais e políticas incisivas. Embora o *inglês comum* fosse considerado livre e igual perante a lei, não era livre para escolher sua ocupação ou a de seus filhos, não era livre para se estabelecer onde desejasse. Os dois grandes *Statutes* elisabetanos e o *Act of Settlement*, juntos, compunham um quadro de liberdade para o povo comum, mas, ao mesmo tempo, estabeleciam sua incapacidade. Quanto à vida política, era extremamente fechada e restritiva. O sistema eleitoral, por exemplo, era um monopólio fechado, no qual ninguém podia participar por seus próprios esforços, pois a admissão dependia da vontade dos membros do grupo (ou seja, da aristocracia), aberto somente àqueles que podiam oferecer evidência de posses.<sup>57</sup>

Num contexto em que a sociedade inglesa se tornava cada vez mais plural, numerosa e diversificada, a vida política tornava-se mais fechada e restritiva. Não só o eleitorado não acompanhava o aumento da população (entre 1754 e 1831 o eleitorado inglês cresceu apenas

---

<sup>53</sup>FLORENZANO, Modesto. *As revoluções burguesas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 113 e 114.

<sup>54</sup>THOMPSON, E. P. *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Textos Didáticos/ Unicamp - Circulação Interna, s./d.; p. 46.

<sup>55</sup> Compunham a classe de proprietários os *pares*, a alta nobreza ou aristocracia, e a *gentry*, que formava uma nobreza de status mais do que de sangue. Seus membros, os *gentlemen*, eram proprietários de terras, mas muitos tinham suas origens e suas fortunas ligadas a outros setores que não a terra. (MODESTO, Florenzano. *As revoluções... op. cit.* p. 71.)

<sup>56</sup> Leis do Parlamento vigentes desde o reinado de Carlos II. Determinavam que todos aqueles que ocupassem um cargo público ou municipal na Grã-Bretanha teriam que, obrigatoriamente, fazer o juramento de supremacia e lealdade aos sacramentos anglicanos. (GREGORY, J and STEVENSON, J. *Britain in Eighteenth Century: 1688-1820*. London: Routledge, 2007. p. 398.)

<sup>57</sup> FLORENZANO, Modesto. O impacto da Revolução Francesa na Inglaterra na década de 1790: história política e historiografia. *Pós-História*, v. 11, p.p. 23-60, 2003. p. 35.

vinte por cento, enquanto a população aumentou mais de cem por cento), como também as eleições parlamentares, que até o começo do século XVIII eram trienais, passaram a ocorrer a cada sete anos. O sistema eleitoral e de representação parlamentar poderia ser classificado como bizarro. Grandes cidades, como Manchester, Birmingham e Leeds não tinham representação na Câmara dos Comuns, enquanto lugares como Old Sarum, onde viviam somente sete eleitores, elegiam dois deputados.<sup>58</sup> Os privilégios e desigualdades que conformavam a Inglaterra setecentista levaram determinados grupos sociais, que se sentiam alijados em relação aos direitos e liberdades inglesas, a reivindicar reformas sociais e políticas.

O movimento por reformas na Inglaterra se iniciou a partir da década de 1770, em grande parte por influência do processo de independência das colônias inglesas. Alguns grupos sociais envolvidos mais diretamente com as ideias ilustradas na Inglaterra, mostraram-se favoráveis aos ideários defendidos pela nova Constituição americana, fomentando algumas tentativas de revogação de leis que excluía religiosos dissidentes da vida pública e de campanhas pela abolição da escravidão. Entretanto, devido às acentuadas discrepâncias que marcavam o sistema político inglês, as demandas por mudanças acabaram se centrando, principalmente, num movimento pela reforma parlamentar.<sup>59</sup>

Os religiosos dissidentes, suprimidos legalmente dos direitos civis, do acesso aos cargos públicos<sup>60</sup> e das universidades, constituíram um dos focos mais homogêneos e ativos em torno de um movimento de crítica ao *establishment* inglês no século XVIII. De acordo com Thompson:

Tendo tolerância para com sua liberdade de consciência, mas ainda impedidos de participar da vida pública, devido às Leis de Critério e Corporações, os dissidentes continuaram, ao logo do século (XVIII), a trabalhar pelas liberdades civis e religiosas.<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup> Ibidem. p. 26.

<sup>59</sup> As discrepâncias no sistema político eram tantas que mesmo *tories*, *whigs* e *anglicanos* acabaram por participar das reivindicações por uma reforma parlamentar. O reformismo *whig* atuava no interior do próprio Parlamento, sendo seu líder mais conhecido o deputado Charles James Fox. Era favorável a reformas econômicas para tolher o poder e a influência da corte sobre a Câmara dos Comuns, do que propriamente a reformas para modificar o sistema de representação e de sufrágio. Entre os *tories*, podemos destacar o reverendo anglicano e líder reformista Christopher Wyvill, que mobilizou e organizou em uma associação, a partir de Yorkshire, na década de 1770, várias centenas de fidalgos rurais que buscaram coibir o poder crescente da Corte por meio do aumento da bancada dos deputados eleitos pelos condados, considerados os únicos verdadeiramente capazes de independência e espírito cívico. (Ibidem. p. 30)

<sup>60</sup> Incluindo postos militares e parlamentares.

<sup>61</sup> THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Volume 01. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 26.

Os dissidentes desempenharam um papel chave nas várias iniciativas de reforma que a partir da década de 1770 procuraram remodelar principalmente o Parlamento, mas também os tribunais e o sistema legal, as prisões e os hospitais, a administração governamental e as universidades. Este movimento contestador, no entanto, não incluiu toda a comunidade religiosa dissidente, tendo sido fomentado particularmente por aqueles grupos *não-conformistas* mais articulados com a *Filosofia das Luzes*.

No século XVIII a configuração religiosa dissidente era bastante diversificada. De acordo com estimativas levantadas a partir de um censo religioso de 1715, os protestantes dissidentes não ultrapassavam de 6% da população da Inglaterra e do país de Gales, algo em torno de 338.210 pessoas, das quais pouco mais da metade era formada pelos presbiterianos e a outra metade pelas diversas denominações religiosas: quakers, batistas particulares, batistas gerais, independentes e congregacionalistas.<sup>62</sup>

A perspectiva religiosa dos presbiterianos era a que mais se aproximava da *Filosofia das Luzes*, particularmente em um dos seus desdobramentos, o Unitarismo. No século XVIII, os unitários podiam ser considerados como os autênticos *dissidentes racionalistas*<sup>63</sup>, pois, além de defender o livre uso da razão na prática religiosa, também negavam a doutrina do pecado original como a chave para a compreensão da verdadeira natureza do homem, concordando que o caminho para tal (assim como para o entendimento da realidade) passava pela razão, pela experiência e pela experimentação. Tal compreensão os distanciava das perspectivas religiosas dos “protestantes evangélicos” (os batistas gerais e particulares e os metodistas, surgidas na segunda metade do século XVIII), e de suas crenças na “corrupção total e inata ao gênero humano” e, por consequência, na “reprovação” e na “expição”.<sup>64</sup>

Esta teologia revolucionária fez-se ainda mais impactante entre os religiosos *não-conformistas* vinculados às liberais academias dissidentes. Impossibilitados de ingressar no sistema de ensino fundamental e universitário inglês (Universidades de Cambridge e Oxford), controlado legalmente pelos anglicanos desde a Restauração Stuart no século XVII, não restou alternativa aos protestantes além do estabelecimento de *Academias de Ensino* com o

---

<sup>62</sup> SOARES, L. C. Ciência, religião e ilustração: as academias de ensino dissidentes racionalistas ingleses no século XVIII. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, 2001. p. 177.

<sup>63</sup> O termo “Rational Dissenter” era usado frequentemente durante 1770 para se referir aqueles dissidentes da Igreja da Inglaterra que acreditavam na responsabilidade dos cristãos de interpretar as escrituras de acordo com sua própria razão. Este “direito ao julgamento privado” produzia interpretações heterodoxas do cristianismo. Os dissidentes racionalistas distinguiram a si mesmos de outros dissidentes ortodoxos.

<sup>64</sup> A prática da livre interpretação da bíblia também levou estes religiosos dissidentes a questionar e rejeitar determinados fundamentos da fé cristã, incluindo a Trindade.

objetivo de preparar os jovens para ingressar no ministério religioso, nos diversos cursos universitários e nas atividades vinculadas ao comércio, finanças e indústrias.

Entre estas instituições de ensino destacaram-se aquelas criadas pelos Presbiterianos e Unitários, que estimularam o ensino das Ciências Naturais, ainda sob a antiga denominação de “Filosofia Natural”. As Academias Dissidentes também se constituíram em importantes espaços de combate à intolerância e às exclusões impostas pelo anglicanismo e na defesa das liberdades civil e religiosa, no melhor estilo dos ideais da ilustração setecentista. Entre estas instituições de ensino sobressaíram-se a *Warrington Academy* (1757-83), a *Manchester Academy* (1786-1803) e a *Hackney Academy* ou *New College* (1786-1794), que se tornaram referências importantes para um novo tipo de ensino, voltado para as Ciências Naturais e Experimentais, e para sua aplicação prática às necessidades da população de um país que assistia aos primeiros passos da grande transformação técnico-produtiva, que se constituiu a Revolução Industrial.

As academias dirigidas por tutores presbiterianos e unitários procuraram romper com a tradição clássica escolástica, que enfatizava o ensino de Teologia, Metafísica e Ética, que caracterizava o ensino em Oxford e Cambridge. Já no início do século XVIII, os protestantes dissidentes e os anglicanos liberais direcionaram pesadas críticas contra o que eles caracterizavam como um currículo arcaico. Segundo Soares, historiadores e pesquisadores educacionais concordam que, durante o século XVIII e boa parte do XIX, as duas grandes universidades inglesas estavam num estado de repouso, indiferentes a emergência de tempos mais modernos e científicos.<sup>65</sup>

A proposta de educação avançada que se desenvolveu nas academias dissidentes enfocava, principalmente, a formação de ministros religiosos (*Divines*). Em geral, a duração dos estudos para aqueles que queriam se dedicar à vida religiosa (*Divinity Studies*) era de cinco anos. A concepção de ensino era inovadora, com uma perspectiva teológica e religiosa racionalista e mais liberal. A filosofia educacional da *Warrington Academy* (Academia de Warrington) exposta no texto de um dos seus tutores, Dr. John Taylor, *Scheme of Scripture Divinity* (Esquema da Teologia das Escrituras), exemplifica como os princípios da liberdade religiosa, da liberdade de pensamento, da valorização da razão e da igualdade de direitos eram plenamente afirmados:

mantereis vossas mentes sempre abertas à evidência; que vós vos esforçareis para banir de vossos sentimentos todo o preconceito, prepotência, e

---

<sup>65</sup> SOARES, L. C. Op. cit. p. 184.

partidarismo; que vós estudareis para viver em paz e amor com vossos semelhantes cristãos; e que vós sustentareis firmemente para vós mesmos, e livremente permitireis para outros, os direitos inalienáveis de opinião e consciência.<sup>66</sup>

Embora estas academias objetivassem, principalmente, a formação dos ministros *não-conformistas*, também possuíam um “curso especial”, com duração de três anos, voltada para a educação dos jovens interessados no “mundo dos negócios”. As academias dissidentes não aceitavam somente estudantes *não-conformistas*. Eram abertas ao público em geral, chegando a receber, inclusive, jovens oriundos de famílias anglicanas entediadas com o conservadorismo do sistema educacional oficial.

Este curso de educação liberal se desenvolveu amplamente na *Manchester Academy* (Academia de Manchester), devido ao seu vínculo com a já maior cidade industrial da Inglaterra. Ao procurar ampliar o horizonte cultural dos estudantes que futuramente atuariam na indústria, no comércio e nas finanças em geral, a *Manchester Academy* enfatizou as aulas de Comércio, Filosofia Natural e Ciências, sem, no entanto, relegar a formação moral e religiosa dos estudantes a um segundo plano.

As academias protestantes também eram procuradas pelos jovens que almejavam ingressar nas “profissões eruditas” (os cursos universitários de Medicina, Direito, Filosofia, Letras e Literatura). Interditados em Oxford e Cambridge, muitos dissidentes religiosos enviavam seus filhos para estudar em outros países, com instituições educacionais simpáticas a suas necessidades. As universidades calvinistas da Holanda e da Alemanha eram bastante procuradas, mas eram ainda mais populares as da Escócia presbiteriana - Edimburgo, Glasgow ou Aberdeen – em virtude da proximidade geográfica, língua em comum e afinidades religiosas. Em meados do século XVIII, esta atração se tornou ainda maior por conta dos renomados professores de Glasgow e Edimburgo, que distinguiam o movimento escocês ilustrado como um dos mais criativos e respeitados da Europa das Luzes. *Glasgow College*, por exemplo, destacou-se no campo da *Filosofia Moral*, tendo ocupado esta cadeira quatro dos maiores representantes da Ilustração escocesa: Francis Hutcheson, Adam Smith, Thomas Reid e Dugald Stewart. Segundo Watts, embora os defensores do sistema universitário inglês escarnecessem as universidades escocesas como demasiadamente filosóficas e utilitárias, impróprias para a formação dos *gentlemen*, seus currículos estavam em acordo com as necessidades das novas classes, vinculadas aos negócios. Dentre os

---

<sup>66</sup> Apud. L. C. Soares. *Ibidem*, p. 192.

estudantes ingleses destas instituições educacionais se formaram industriais inovadores, cientistas experimentais e reformadores educacionais.<sup>67</sup>

Alguns dos principais líderes do movimento pelas reformas que se estabeleceu a partir da década de 1770 eram oriundos das academias protestantes. A atuação de Joseph Priestley (1773-1804), um dos tutores mais brilhantes da *Warrington Academy* na luta contra o *Test e Corporation Acts*, tornou-se notória. Ele enfatizou a necessidade da liberdade civil, isto é, o direito de todos à educação, à liberdade de consciência e de religião. Juntamente ao também ilustre pensador dissidente Richard Price, estes *amigos da liberdade* defenderam os *direitos naturais do homem*, opondo-se aos poderes aristocráticos e hereditários.

As demandas por mudanças sociais apresentadas pelos dissidentes racionalistas também abrigavam o anseio por adequar a sociedade inglesa às dinâmicas sociais em curso do século XVIII. Os unitários, por exemplo, eram oriundos majoritariamente das classes médias inglesas. Constituíam-se do pequeno grupo de mercadores, industriais abastados e da inteligência ligado aos centros comerciais e têxteis das regiões sudoeste e norte da Inglaterra, Londres e Midlands. Naquele contexto de emergência social eles poderiam ser considerados como a vanguarda de uma nova classe. Unitários como Joseph Priestley e John Aikin<sup>68</sup>, por exemplo, estavam entre os primeiros a integrar a *middle sort* (classe média inglesa), ou como então se autodenominavam, “a mais virtuosa, esclarecida e independente parte da comunidade”. Em um período de dinamismo, eles se constituíam, principalmente, de empreendedores de todos os tipos, orgulhosos de sua ética tolerante, de sua religião racional, de sua excelente educação e tradição liberal. A comunidade de unitários *não-conformistas* se mostrou bastante atraente para os liberais, intelectuais e pessoas de espírito independente que se opunham à Igreja oficial, ao poder aristocrático, à nobreza e à velha classe média.<sup>69</sup>

Um dos principais círculos letrados que se constituiu a partir da influência e conexões com os *protestantes racionalistas* foi a comunidade radical londrina que se instituiu em torno do editor Joseph Johnson e de seu periódico *Analytical Review*. Johnson era um dissidente radical conhecido pelas críticas que fazia ao sistema estabelecido. Considerava de extrema importância o critério racionalista de fortalecer a edição como um eficaz método de

---

<sup>67</sup> WATTS, Ruth. *Gender, Power and Unitarians in England, 1780-1860*. London and New York, Longman, 1998. p. 62-63.

<sup>68</sup> John Aikin (1747-1822), escritor e médico britânico, recebeu sua educação elementar na *Warrington Academy* e estudou medicina na Universidade de Edimburgo. Atuou como tutor em *Warrington* entre 1758-1780, destacando-se como um eminente professor dos clássicos. Quando Richard Phillips fundou *The Monthly Magazine* em 1796, Aikin foi seu primeiro editor. Era irmão da escritora, poeta, ensaísta e crítica literária Anna Laetitia Barbauld.

<sup>69</sup> WATTS, Ruth. Op. cit. p. 5.

e elevar o nível moral e intelectual da sociedade, utilizando largamente sua editora nesse intuito. Ainda na década de 1780 se tornou distribuidor oficial da literatura dos unitários e se manteve em permanente contato com as academias dissidentes. Como resultado sua casa editorial se transformou em uma plataforma de lançamento da produção intelectual das academias, estando envolvido com as ideias radicais desde seus primórdios.

*St. Paul's Church-Yard*, a casa editorial de Johnson, constituiu-se como um ponto de encontro e difusão da intelectualidade radical e dissidente londrina. Orbitavam em torno de Johnson e de sua editora uma ampla e diversificada gama de homens e mulheres de letras, como William Godwin, Thomas Holcroft, William Blake, Mary Hays, Thomas Paine, Mary Wollstonecraft, entre outros relacionados a projetos e simpatias reformistas. Outros escritores e escritoras se ligavam indiretamente ao círculo de Johnson por conta das relações que mantinham com seus membros. A romancista Elizabeth Inchbald, por exemplo, era muito próxima de Holcroft e Godwin, já a escritora e atriz, Mary Robinson, era amiga de Godwin e de Mary Wollstonecraft.

Composto principalmente por uma geração mais jovem de letrados, o círculo de Johnson em Londres era mais predisposto ao ócio intelectual e à ruptura com as tradições do que os *dissidentes racionalistas* que encabeçaram o movimento por reformas nas décadas de 1770 e 1780. Leitores assíduos dos filósofos franceses defendiam, em sua maioria, a perfectibilidade da espécie humana como complemento filosófico da reforma política. Acreditavam ainda que os progressos na educação e a reestruturação formal da sociedade levariam a uma “Era Dourada”.<sup>70</sup>

Simpatizantes do movimento a favor da reforma constitucional, também buscaram promover sua agenda, empreendendo duras críticas às desigualdades sociais e políticas na Inglaterra. Entretanto, apesar de suas visões bastante progressistas, num primeiro momento estes radicais londrinos não conseguiram empreender um questionamento contundente ao sistema estabelecido. Como qualquer outro inglês do Setecentos, também eles se encontravam seduzidos pela deferência ao constitucionalismo inglês.

A admiração que a Inglaterra gozava no *Século das Luzes* coibia uma crítica mais aguda ao seu sistema político, mesmo a partir dos grupos mais progressistas. Era tão forte e avassaladora a veneração à Constituição e a identificação, na mente dos ingleses, entre liberdade e constituição, que a retórica da liberdade, o discurso do constitucionalismo, aprisionava, como uma armadilha invisível, todos os protagonistas do debate político e

---

<sup>70</sup> TOMALIN, Claire. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona, Montesinos, 1993. p. 101.

ilustrado inglês. Segundo Thompson o constitucionalismo era a “ilusão da época”. Era a “liberdade e não o poderio ou a honra nacional a palavra-chave do nobre, do demagogo e também do radical”.<sup>71</sup>

Reformadores e conservadores, adversários e partidários do *status quo*, costumavam recorrer à Constituição britânica e ao passado ou à tradição (os supostos precedentes saxônicos) para defenderem seus interesses e posições. Mas, assim procedendo, cada um dos lados também legitimava, dava fundamento histórico e moral, tanto aos privilégios e desigualdades político - sociais existentes - sufrágio restrito, direito de primogenitura, aristocracia, Igreja Oficial e monarquia - quanto às liberdades e igualdades político-sociais reclamadas - sufrágio universal masculino, igualdade de representação, igualdade religiosa, direito à cidadania, à terra, à assistência. A tensão produzida entre as discrepâncias existentes no sistema político inglês e a veneração à Constituição produziu um reformismo limitado. Mesmo os dissidentes racionalistas e os radicais que postulavam os direitos naturais do homem, mantiveram-se tímidos e evasivos ao criticar a constituição, a monarquia e a aristocracia.<sup>72</sup> Foi necessário um acontecimento sem precedentes, desestabilizador da ordem, para que estes homens e mulheres de letras rompessem com a retórica do constitucionalismo e da defesa das tradições inglesas.

A Revolução Francesa iniciou com os surpreendentes eventos de 1789, os quais foram seguidos por um intenso e profundo processo de mudança que durou mais de uma década. Os experimentos sociais e políticos levados a cabo pelos revolucionários abalaram a França profundamente, influenciando também outras nações do continente, entre elas a Inglaterra. Um dos acontecimentos mais impactantes foi a guerra que eclodiu - no processo de embate entre os clamores revolucionários e a manutenção do Antigo Regime - entre a França e alguns Estados Europeus, entre eles a Inglaterra (que entrou na primeira guerra de Aliança contra a França em 1793).<sup>73</sup>

Ao longo da década de 1790 a revolução e a guerra acabaram se tornando os assuntos mais discutidos pela política e imprensa inglesas. O debate em torno da Revolução marcou profundamente a política, a religião e a cultura britânicas. Para a maioria dos ingleses foi uma época de crise, com a guerra gerando tensões sociais e econômicas sem precedentes e

---

<sup>71</sup> THOMPSON, E. P. *A Formação da classe...* Op. cit. p. 86.

<sup>72</sup> FLORENZANO, Modesto. *O impacto da Revolução...* op. cit. p. 34.

<sup>73</sup> Para os revolucionários, a guerra simbolizava uma maneira de difundir a liberdade, de contribuir para a emancipação de todos os povos que gemiam sob a opressão e a tirania. Para os nobres e os governantes de outros países, contribuir para a restauração do poder de Luís XVI e da aristocracia francesa impunha-se como uma necessidade, uma forma de coibir a difusão das ideias perturbadoras da ordem vindas da França. (HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789- 1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p. 83.)



com a Inglaterra empreendendo esforços militares, navais e financeiros consideráveis para conter as ambições revolucionárias.

Para os dissidentes racionalistas e radicais ingleses, a Revolução Francesa representou o início de uma nova era, mais livre, libertária e racional. Era a possibilidade de um novo mundo que se descortinava, uma utopia que se fazia presente. Ela contribuiu para renovar as esperanças quanto a possibilidade de transformar o mundo e a si mesmos. Foi um período de intensa produção e criatividade. As principais referências do radicalismo inglês foram produzidas neste contexto, escritos permeados com críticas ácidas aos costumes, às tradições e às relações de poder vigentes. Para os escritores e escritoras radicais a Revolução permitiu direcionar o olhar que sempre estivera voltado para o passado, para o horizonte amplo do futuro. E foi sob esse espírito, de renovações até então impensadas, que as distâncias entre os defensores e os críticos do *status quo* se aprofundaram, polarizando-se entre “amigos” e “inimigos” da causa revolucionária.<sup>74</sup>

O ministro *não-conformista* Richard Price foi um dos primeiros ingleses a se manifestar favoravelmente à Revolução Francesa. Na década de 1770 Price já se posicionara a favor dos rebeldes norte-americanos e embora afirmasse que seu interesse primordial era a teologia e o ministério de sua congregação, desde então se devotara a fomentar a reforma parlamentar. Publicou muitos escritos a respeito, suscitando o entusiasmo de muitos jovens reformadores, e manteve correspondência com alguns dos mais destacados cientistas e filósofos ilustrados de seu tempo, personagens como Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, Marques de Condorcet e Joseph Priesley.<sup>75</sup>

Ao discursar no aniversário da Revolução de 1688, instigando os ingleses a reavivar seu espírito “revolucionário”, Price se inspirava (ao mesmo tempo em que ovacionava) a recente experiência revolucionária francesa. Como já dito, para ele e outros iluministas ingleses, a revolução representava o anúncio de uma nova era, um novo começo para a humanidade. Momento propício para que o “o inglês nascido livre” recuperasse o impulso radical de 1688 e lutasse pelo império da lei, da razão e da plena liberdade religiosa, civil e política.<sup>76</sup>

Seu sermão repercutiu entre os conservadores ingleses que, até então, estavam surpresos e um pouco abalados com a Revolução Francesa mais do que receosos com as possíveis consequências para a Inglaterra. A principal resposta a Price veio de um *whig* de

<sup>74</sup> DICKINSON, H. T. “The political context”. In: CLEMIT, Pamela. *The Cambridge Companion to British Literature of the French Revolution in the 1790s*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 1.

<sup>75</sup> TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 49-50.

<sup>76</sup> VINCENT, Bernard. *Thomas Paine: o revolucionário da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 154.

ideias conservadoras, Edmund Burke (1729-97). Em seu famoso discurso *Reflections on the Revolution in France*, publicado em 1790, Burke tomou uma posição diametralmente oposta a Price, defendendo arduamente a Revolução de 1688, os direitos herdados e as tradições inglesas.

Ao escrever *Reflections*, a principal preocupação de Burke era quanto ao uso que Richard Price e outros dissidentes e radicais ingleses faziam do discurso e da experiência revolucionária a fim de justificar e promover profundas reformas na Inglaterra, as quais poderiam levar à desestruturação da ordem social. Por isso ele devotou boa parte de seu tratado para discutir a ameaça representada pelos radicais ingleses, os quais, ele temia, tinham se deixado seduzir pelos perigosos princípios revolucionários radicais. Considerava-os indivíduos egoístas, ignorantes, determinados a usurpar o poder de seus superiores, que não entendiam a necessidade de um firme governo para restringir as paixões humanas e prevenir a tirania da turba ignorante sobre a minoria esclarecida.<sup>77</sup>

Importante compreender que, embora se apresentasse como um defensor das tradições e dos costumes, Burke não estava defendendo os velhos privilégios aristocráticos e feudais, mas a configuração social que se instaurara com a *Revolução Gloriosa* no século XVII. Ou seja, Burke rapidamente entendeu que o exemplo francês não representava uma ameaça somente à Coroa, à Igreja da Inglaterra ou à aristocracia, mas a todos os homens com propriedades e a propriedade era um dos conceitos fundamentais do pensamento político liberal.

Frente a esta ameaça, Burke elaborou um complexo e florido discurso, defendendo a hierarquia social como “naturalmente e divinamente disposta”, contrapondo à “metafísica” teoria dos direitos do homem uma defesa convenientemente nostálgica, sentimental e idealizada da sociedade paternalista, da “velha” aristocracia, e das “velhas” liberdades inglesas. Uma defesa que se apresentava como conservadora e apaixonada frente ao “frio” império da razão e da perigosa utopia da perfectibilidade humana sem limites. Para Burke, o destino da humanidade seria regido pelas paixões e pelos costumes, não pela razão. Alterar isso representaria alterar todo “um sentido de mundo” que transcendia o problema francês.

*Reflections* tornou-se um sucesso imediato, particularmente entre os segmentos sociais mais conservadores. Para William Windham, colega parlamentar de Burke, *Reflections* parecia um trabalho capaz de derrubar a Assembleia Nacional, transformando a opinião corrente por toda a Europa. A romancista Fanny Burney descreveu tal obra como a mais

---

<sup>77</sup> DICKINSON, H. T. Op. cit. p. 2.

nobre, mais profunda, mais animada, e exaltada obra que já lera.<sup>78</sup> Mesmo o rei Jorge III, cuja política Burke havia criticado abertamente, felicitou-lhe dizendo que se sentia agradecido por ter defendido a causa dos cavalheiros.<sup>79</sup>

O texto de Burke também causou uma forte reação entre os radicais ingleses. Nos meses subsequentes à publicação de *Reflections*, várias refutações redigidas às pressas acenderam fogueiras contrárias às “divagações inadvertidas e infelizes do senhor Burke”. Foram publicadas réplicas assinadas por Joseph Priestley, Willian Belsham e Thomas Christie. Um dos panfletos teve repercussão particular e mais durável: *A Vindication of the Rights of Man* (1790), de Mary Wollstonecraft.

Mary Wollstonecraft fazia parte do círculo de amizades de Richard Price, tendo sido tutelada intelectualmente por ele no início da década de 1780. Ela era uma participante ativa da comunidade radical londrina que orbitava em torno de Joseph Johnson.<sup>80</sup> Defensora ardorosa dos princípios ilustrados e revolucionários, Wollstonecraft escreveu sua réplica menos de um mês depois da publicação de *Reflections*. Publicado anonimamente em 1790, *Vindication of the Rights of Men* foi a primeira resposta ao texto de Burke, reeditado quase de imediato, então com o nome de sua autora em 1791. Wollstonecraft centrou seu argumento em desvelar a pretensa naturalidade das tradições para as quais Burke apelava e em criticar suas estratégias retóricas.

Para Wollstonecraft, as tradições e os sentimentos eram arbitrários, fixados pelo costume:

Poderia Mr. Burke preocupar-se de nos informar quão longe estamos a retroceder para descobrir os direitos dos homens, já que a luz da razão é como um guia tão falacioso que ninguém, senão tolos, confiam em sua fria investigação? (...) ao passo que você se auto intitula um amigo da liberdade, não seria assim mais consistente declarar-se como defensor da propriedade? Garantia da propriedade! Observe, em poucas palavras, a definição de liberdade Inglesa. Por esse princípio egoísta qualquer outro mais nobre é sacrificado.

<sup>78</sup> WINDHAM 1784 e *Diary and Letters of Madame D'Arblay 1778-184*. Apud. DUFF, David. “Burke e Paine: contrasts”. In: CLEMIT, Pamela. *The Cambridge Companion to British Literature of the French Revolution in the 1790s*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 49.

<sup>79</sup> BURDIEL, Isabel. Op. cit. p. 47.

<sup>80</sup> Ao revisar o sermão de Price para a edição de dezembro da *Analytical Review*, Wollstonecraft registrou sua admiração pelo texto do amigo e antigo tutor. Referiu-se aos seus “elevados sentimentos de ardente virtude”, e às “suas expressões de patriotismo racional e verdade”. (WOLLSTONECRAFT, M. “Contributions to the Analytical Review (1788-1796)”. In: Janet Todd and Marilyn Butler (org.). *The Works of Mary Wollstonecraft*. Vol. 7 USA: New York University Press, 1989. vol. VII, p. 185.)

[Will Mr. Burke be at the trouble to inform us, how far we are to go back to discover the rights of the men, since the light of reason is such a fallacious guide that none but fools trust to its cold investigation?(...) when you call yourself a friend of liberty, whether it would not be more consistent to style yourself the champion of property? Security of property! Behold, in a few words, the definition of English liberty. And to this selfish principle every nobler one is sacrificed.]<sup>81</sup>

Vinculada aos ideais da classe média em sua versão mais radical, Wollstonecraft era uma genuína defensora dos valores do esforço individual em detrimento às hierarquias e privilégios tradicionais. Por conta disso, ela entendia que a tradição defendida por Burke não era outra coisa, que a defesa, sentimentalizada, de uma ordem social arbitrária, que se instaurara com a *Revolução Gloriosa*, e que se estruturara em torno das noções de propriedade, status e privilégios herdados.

Wollstonecraft também problematizou a questão do estilo florido e sentimental de Burke. Diferente de outros críticos de *Reflections*, ela não achava que Burke não utilizara tal estilo de narrativa para distrair a atenção dos leitores frente suas deficiências de argumentação. Para a escritora ilustrada, era algo muito mais importante que ligava forma e conteúdo e que revelava, no âmbito linguístico e narrativo, o núcleo central do objetivo de Burke: a defesa da tradição apresentada como uma batalha entre *razão e emoção*.

Conhecedora do famoso tratado estético *Sobre o Belo e o Sublime* de autoria de Burke, no qual ele identificava o belo com a mulher e o sublime com o homem, Wollstonecraft inverteu os papéis e acusou Burke de posicionar-se frente à Revolução Francesa como uma “bela mulher” de “infantil” sensibilidade. A seu ver, frente ao sublime poder da razão, do qual ela se considerava uma representante, Burke não fazia mais que se esconder atrás do trivial e afeminado sentimentalismo. Posicionando-se como uma defensora da razão, Wollstonecraft buscou desestruturar a argumentação de Burke ao apontar as operações mais sutis e complexas de sua retórica, de seu uso e abuso de recursos sentimentais para convencer o leitor.<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Man in a Letter to the Right to the Honorable Edmund Burke; occasioned by his Reflections on the Revolution in France*. London: Printed for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard, 1791. p. 13, 20 e 24.

<sup>82</sup> Pode-se dizer que Wollstonecraft reconheceu no nível ideológico, mas também estilístico, a tensão de gênero que perpassava a reflexão iluminista. Ao escrever *Vindication of the Rights of Men* ela já se constituía como uma defensora do racionalismo iluminista. Entretanto, por ser mulher, se debatia entre o ideal de racionalidade que caracterizava a concepção de indivíduo moderno e o sentimentalismo, então concebido como intrínseco ao feminino. A consciência dessa tensão foi fundamental para sua problematização do lugar das mulheres na sociedade setecentista, em particular, na experiência da ilustração, um tema que inclusive

Em março de 1791 surgiu na cena política inglesa outra réplica ao texto de Burke, um dos escritos mais populares da década de 1790. Escrito por Thomas Paine, defensor dos princípios revolucionários americanos e franceses, *The Rights of Man* conseguiu romper com a retórica das tradições inglesas, tornando-se o texto-chave do radicalismo britânico e o texto fundador do movimento operário inglês.<sup>83</sup>

Segundo Florenzano, *The Rights of Man* exerceu papel chave no rompimento do imobilismo em que se encontrava o movimento radical e reformista na Inglaterra.<sup>84</sup> Se o papel da Revolução Francesa fora estabelecer “um precedente mais amplo: uma nova constituição redigida à luz da razão e derivada de primeiros princípios, que lançava às sombras as formas velhas, inadequadas e proibitivas, da tradição, lei e estatuto”<sup>85</sup> o de Paine fora trazer o povo para o jogo político.

Isso foi possível porque Paine rompeu com o argumento constitucional: “Estou lutando pelos direitos dos vivos e contra o fato de serem alienados, controlados e constrangidos pela pretensa autoridade dos mortos que ficou por escrito”.<sup>86</sup> Enquanto Burke defendia a autoridade das tradições, Paine sustentava que cada geração sucessiva tinha competência para definir novamente seus direitos e forma de governo, numa evidente e ousada ruptura com a tradição.

Como a maior parte dos pensadores da ilustração, Paine era herdeiro da tradição contratualista de Locke e de Rousseau, que pautaram suas teorias sobre o Estado numa narrativa sobre um passado anterior à sociedade, e Estado Natural. Diferente deles, no entanto, este inglês da segunda metade do século XVIII teve a vantagem de poder observar e participar de modelos operativos. Paine acreditava estar testemunhando, particularmente nos primeiros anos da Revolução Francesa, o nascimento daquele famoso contrato social de que os filósofos liberais tinham falado e ao exercício direto da soberania e dos direitos cívicos.

Participante ativo das Revoluções Americana e Francesa, na primeira como diplomata, na segunda como deputado e membro da Convenção, Paine estabeleceu aproximações e relações de amizade com George Washington, Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, Danton, Brissot e Condorcet. Junto aos líderes da Revolução Americana e nos círculos revolucionários em Paris, Paine participou da produção de uma nova retórica e de

---

entre os reformadores mais radicais era tão intocável, tão atinente aos sentimentos, quanto a suposta tradição política de Burke.

<sup>83</sup> THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe...* Op. cit. p. 98.

<sup>84</sup> FLORENZANO, Modesto. *O impacto da Revolução...* Op. cit. p. 34.

<sup>85</sup> THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe...* Op. cit. p. 96.

<sup>86</sup> PAINE, Thomas. *Os direitos do homem*. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 35.

uma nova prática no que se refere à crítica e ao reformismo político, retórica esta que ele trouxe à Inglaterra de forma ruidosa com seu texto incendiário, *The Rights of Man*.

“Eu queria saber”, escreveu ele no prefácio da segunda parte de *The Rights of Man*, “o modo com que um livro, escrito num estilo de reflexão e expressão diferente do que era costumeiro na Inglaterra, seria recebido”.<sup>87</sup> Diferente de Burke e dos outros escritores conservadores e progressistas envolvidos no debate político inglês que faziam do passado a fonte de tudo, Paine privilegiou o presente como tempo forte da história. Segundo Philp, o primeiro só pensava na Inglaterra e em suas tradições, enquanto Paine só tinha olhos para a França e para a América.<sup>88</sup> Essa diferença foi fundamental para Paine desarticular a argumentação de Burke e para renovar o debate político inglês.

Paine não poupou nenhum dos privilégios e hierarquias tradicionais que vigoravam na Inglaterra setecentista, do princípio hereditário à venerada Constituição. Defendeu de forma ardorosa que os ingleses pautados no princípio de que todos os homens nascem iguais, possuidores dos direitos inalienáveis de liberdade, propriedade e busca pela felicidade - tinham o direito de rejeitar a tirania do passado e inaugurar uma nova ordem social, uma nova sociedade civil na qual a preservação dos direitos naturais se fundamentaria na soberania popular e, conseqüentemente, no sufrágio universal masculino:

O direito de votar em representantes é o direito fundamental por meio do qual outros direitos são protegidos. Retirar este direito é reduzir o homem à escravidão. Pois escravidão consiste em estar sujeito à vontade de outros, e aquele que não tem direito ao voto para eleger representantes, assim, nessa situação, está.

[The right of voting for representatives is the primary right by others rights are protected. To take away this right is to reduce a man to slavery, for slavery consists in being subject to the will of another, and he that has not a vote in the election of representatives, is in this case.]<sup>89</sup>

Essa nova retórica de igualitarismo radical se alastrou em solo inglês, afetando profundamente as reações e práticas do “inglês livre de nascimento”.

Assim como o panfleto de Burke, que também se tornou bastante popular na época, o de Paine era vendido a um preço acessível (três *shillings*). Estima-se que tenham sido vendidas duzentos e cinquenta mil cópias de *The Rights of Man* em 1793 e que até o final da

<sup>87</sup> PAINE, Thomas. Op. cit. p. 129.

<sup>88</sup> PHILP, Mark. “Paine, Rights of Man”. In: CLEMIT, Pamela. *The Cambridge Companion to British Literature of the French Revolution in the 1790s*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 34.

<sup>89</sup> PAINE, 1792. Apud. PHILP, Mark. Op. cit. p. 35. Paine, de fato, não reivindicou o sufrágio universal masculino em nenhuma parte de *Os Direitos do Homem*. Ele o fez somente em *Letter Addressed to the Adressers* (1792).

década o número de vendas tenha dobrado. Estes números demonstram que o texto de Paine foi um sucesso de vendas naqueles anos. Joel Barlow, panfletista e poeta radical, chegou a afirmar que dificilmente se acharia um leitor que não tivesse lido *The Rights*. Despertado para a consciência política pela leitura do texto de Paine, como outras centenas de milhares de trabalhadores, um alfaiate anunciou numa taverna em Londres que Paine seria o segundo Jesus Cristo, o único capaz de salvar o país e o mundo inteiro.<sup>90</sup>

*The Rights of Man* foi um dos principais responsáveis por trazer o “povo comum” para o debate e para a agitação democrática que marcou a Inglaterra na década de 1790. Sob a influência da abordagem revolucionária de Thomas Paine, as agitações e associações populares começaram a irromper na cena inglesa.

Várias organizações em apoio à reforma política, incluindo a *Revolution Society* e a *Society for Constitutional Information*, tinham se estabelecido na Inglaterra bem antes da Revolução Francesa, mas elas acabaram entrando em declínio no final da década de 1780. Foram reavivadas no contexto de euforia política causado pela Revolução Francesa, juntando-se às organizações mais radicais e mais populares que o “libelo insidioso” de Paine acabara invocando.

A mais importante destas novas sociedades foi a *London Corresponding Society* (LCS), fundada em 25 de janeiro de 1792 por um pequeno grupo de artesãos liderados pelo sapateiro Thomas Hardy. O grupo estabeleceu encontros semanais numa taberna londrina para debater questões políticas e logo começou a cobrar a assinatura semanal de um *penny*. Esta associação de artesãos esboçou um programa político dedicado à reforma radical do sistema eleitoral. Diversas filiais foram estabelecidas em Londres, que enviavam um representante para um comitê geral que se reunia toda quinta-feira à noite. Este comitê geral elegia por sua vez um pequeno comitê executivo que coordenava os objetivos e as políticas do grupo como um todo. A *London Corresponding Society* enviou várias petições, instigando a causa da reforma parlamentar e estabelecendo correspondência com reformadores na França e na Inglaterra.<sup>91</sup>

É difícil precisar o número de participantes desta associação popular. A LCS alegava ter um total de cinco mil membros, mas a presença dos associados nas reuniões flutuava consideravelmente. O número de membros ativos provavelmente girava em torno de três mil.

---

<sup>90</sup> Segundo Duff, o efeito provocado por *Reflexões e Direitos do Homem* em seus leitores pode ser descrito como messiânico. A leitura de cada um deles equivalia, para muitos, a uma experiência de conversão. (DUFF, David. Op. cit. p. 49.)

<sup>91</sup> DICKINSON, H. T. Op. cit. p. 6.

A maior parte se constituía de pequenos artífices e artesãos, com pouca educação formal. Também integravam a LCS livreiros, impressores e comerciantes.<sup>92</sup>

Associações similares irromperam em muitas cidades inglesas, incluindo Norwich, Newcastle, Leeds e Manchester. Thompson nos oferece alguns indícios da popularidade de Thomas Paine em algumas destas províncias:

Em *Newcastle*, dizia-se que “cada couteleiro” tinha um exemplar. Em *Sheffield*, dizia-se (Staffs.), que as publicações de Paine estavam “em quase em todas as mãos”, principalmente nas dos oficiais oleiros: “mais que Dois Terços dessa populosa Região estão prontos para uma Revolta, principalmente a classe mais baixa dos Habitantes”. O livro de Paine se encontrava nas minas de estanho de *Cornish*, nas Terras Altas da Escócia e, pouco depois, em muitíssimos lugares da Irlanda.<sup>93</sup>

Entre as dezenas de sociedades populares que se estabeleceram nas províncias naqueles anos, a mais ativa foi a *Sheffield Society for Constitutional Information*, que iniciara suas atividades no final de 1791. O total de participantes parece ter chegado a dois mil e quinhentos em junho de 1792, embora os membros ativos girassem em torno de seiscentos. Muitos eram ligados à indústria do aço. Seus membros eram tão organizados quanto os da *London Corresponding Society*. Distribuía escritos políticos nas cercanias de Sheffield e mantinham contato com outras comunidades radicais. Chegaram a conseguir quatro mil assinaturas na sua petição para a reforma do parlamento no verão de 1793 e atraíram mais de cinco mil pessoas para um protesto em 1794.<sup>94</sup>

O panfleto de Tom Paine conseguira insuflar o espírito revolucionário de mineiros, portuários, couteleiros, levando trabalhadores de aldeias e cidades de todo o país a reivindicar direitos gerais.<sup>95</sup> Essa audácia da gente comum, que ousou questionar o seu lugar na ordem social, logo demonstrou os limites das liberdades inglesas. Para Thompson, foi isso, e não simplesmente o Terror francês, que lançou o pânico entre as classes proprietárias e incitou a repressão do movimento radical inglês.<sup>96</sup>

---

<sup>92</sup> Ibidem. p. 6.

<sup>93</sup> THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe...* Op. cit. p. 117-118.

<sup>94</sup> DICKINSON, H. T. Op. cit. p. 07.

<sup>95</sup> Edmund Burke também teve um papel importante em “insuflar” o povo comum à agitação política. Ao alardear sobre a inaptidão do povo no que se refere ao exercício da cidadania plena, tendo em mente a natureza ignorante do “populacho”, da “multidão porca”, Burke enfureceu o “inglês livre de nascimento”, suscitando réplicas inflamadas. Com uma enfadonha inventividade, os panfletistas populares produziram variações satíricas sobre o tema de Burke: “A lavagem do Leitão”, “A Carne de Porco” e “Política para o Povo: uma mixórdia para os porcos” eram títulos de panfletos e periódicos que circularam no contexto. (Ibidem. p. 98.)

<sup>96</sup> THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe...* Op. cit. p. 117.



De início houve uma disposição geral entre as classes médias e superiores em aclamar os primeiros acontecimentos da Revolução. Mesmo os mais conservadores afirmavam que a França estava se alinhando, ainda que tardiamente, às noções inglesas de “constituição mista”. Num primeiro momento, o próprio Burke chegou a surpreender muitos reformadores moderados (entre os quais outrora estavam Pitt e o próprio Burke), e até tradicionalistas, com o ímpeto de seus argumentos.

Entretanto, depois de Paine ter alastrado seus “conselhos perniciosos e inoportunos” entre a gente comum, levando as “classes baixas do Povo a atos de violência e injustiça”<sup>97</sup>, reformadores fidalgos e liberais nobres se posicionaram de forma veementemente contrária aos “jacobinos ingleses” e “painistas”. É possível afirmar que a amplitude da crítica política e social contida em *The Rights of Man*, e a natureza difusora de seu apelo e efeito, tendo como pano de fundo a Revolução Francesa, acentuou o antagonismo e as diferenças entre os reformadores ingleses, radicalizando seus discursos e suas práticas.

O movimento contrarrevolucionário, ou anti-jacobino, configurou-se basicamente em três frentes: a partir das ações do governo inglês para conter a agitação revolucionária, da organização de clubes e sociedades de apoio à Igreja e ao Rei, e da disseminação de publicações anti-jacobinas.

As primeiras *loyalist associations*, em apoio à Igreja e ao Estado inglês, surgiram no final da década de 1780, numa ofensiva conservadora aos esforços empreendidos pelos reformadores *não-conformistas* para revogar os *Test and Corporation Acts*. Conforme o movimento por reformas se radicalizava, particularmente depois de Paine e da eclosão das associações e agitações populares, o número de associações contrarrevolucionárias se multiplicou. Também o tom e as ações foram se tornando cada vez mais hostis.

No final de 1792 um anúncio público apareceu no jornal pró-governo *Star*, incitando a criação de uma *Association for the Preservation of Liberty and Property against Republicans and Levellers* (APLP). A primeira APLP iniciou suas atividades em novembro de 1792, em uma taverna em Londres. Dentro de poucos meses associações similares, em apoio à Igreja e ao Rei, estabeleceram-se por todo o país, formando um amplo movimento político. Organizaram-se centenas delas, talvez chegando próximo de duas mil associações.

---

<sup>97</sup> Palavras de Christopher Wyvill, um reformador fidalgo de Yorkshire que em 1791 publicara *Uma Defesa de Dr. Price*, contra Burke. Já neste escrito criticou “os efeitos perniciosos” da obra de Paine. Depois da publicação da *Segunda parte dos Direitos do Homem*, seu tom endureceu. Em sua correspondência nacional com reformadores moderados, ele exerceu sua influência para pressioná-los a provocar uma contra-agitação que minimizasse a popularidade das ideias de Paine. (THOMPSON, E. P. *A Formação da classe...* Op. cit. p. 120.)

Os membros ativos restringiam-se a homens de propriedade locais, clérigos anglicanos e magistrados, embora estes contassem com o apoio de muitos populares.<sup>98</sup>

O objetivo da APLP era encontrar caminhos para travar a distribuição de publicações radicais, enquanto disseminavam, a preços acessíveis, suas próprias publicações, em busca de convencer os ingleses comuns a não se deixarem seduzir pelas pautas radicais e reconhecer os benefícios que a ordem social e política lhes proporcionava. De modo geral, as *loyalist associations* produziram e disseminaram seus próprios tratados políticos. Também distribuíram centenas de publicações produzidas por escritores de viés conservador, tais como John Bowles, Willian Jones, Willian Paley e Hannah More.<sup>99</sup>

Finalmente, a partir de 1793, com a declaração de guerra da França à Inglaterra, uma intensa onda de repressão por parte do governo inglês se instaurou. Intitulada por vezes como “O Reino de Terror de Pitt”, abarcou julgamentos por traição (incluindo dos líderes radicais Thomas Holcroft e Thomas Hardy), a suspensão de *habeas corpus* em 1794, além da aprovação dos notórios *Two Acts*<sup>100</sup>, em 1795, que intensificou a perseguição aos escritores radicais e ativistas do período.

Esse panorama de perseguição interna, aliado à radicalização da Revolução Francesa (particularmente com o início do período do Terror), levou ao arrefecimento do movimento radical inglês. Na segunda metade da década de 1790 as publicações de cunho contestatório começaram a decrescer e muitos radicais passaram a moderar o seu tom. Segundo Thompson, “essas experiências geraram (...) profundo desencantamento, numa geração intelectual que identificara suas crenças com a causa da França de um modo demasiado ardente e utópico”.<sup>101</sup>

A estratégia da administração de Pitt para desmobilizar o movimento contestatório em curso foi bem sucedida porque enfocou em dois dos principais núcleos deste movimento: a disseminação de escritos e as experiências de sociabilidade, os dois principais meios a partir

<sup>98</sup> DICKINSON, H. T. Op. cit. p. 08.

<sup>99</sup> Algumas associações recorreram à violência aberta contra os radicais. Advertiram proprietários de *pubs* e estalagens sobre o risco de perderem suas licenças se eles permitissem reuniões de radicais em suas dependências. Também encorajaram homens de posses a não oferecer trabalho ou arrendar terras àqueles que pudessem ser considerados radicais insurgentes. Em muitas áreas, os *loyalists* atuaram como “olhos e ouvidos” do governo inglês, reportando comportamento político sedicioso à Coroa ou aos magistrados locais. Com a expansão da guerra no continente e com a possibilidade da invasão francesa, as *loyalist associations* se tornaram uma importante fonte de recrutamento voluntário. Os grupos de voluntários eram comandados por homens de propriedade, fiéis à Constituição existente. Tal estruturação das forças reacionárias contribuiu para a organização de paradas, celebrações e discursos patrióticos que serviram para intimidar os reformadores radicais e promover uma reação patriótica entre a população. (Ibidem, p. 9 e 10)

<sup>100</sup> O *Two Acts* era composto pelo *Seditious Meetings Act*, aprovado pelo Parlamento britânico em novembro de 1795, cujo intuito era restringir a quinze pessoas o número de participantes em encontros públicos. Também permitia ações contra indivíduos por escritos “sediciosos, pérfidos e insultuosos”.

<sup>101</sup> Thompson, E. P. *A Formação da Classe...* Op. cit. p. 125.

dos quais as inglesas e os ingleses ilustrados debatiam suas ideias e se esclareciam, buscando aperfeiçoar ao mundo e a si mesmos.

## 1.2 A reforma das mulheres e pelas mulheres

O radicalismo inglês evoca os nomes de algumas escritoras setecentistas que contribuíram para o debate em torno das reformas sociais e políticas. Mary Wollstonecraft e Hannah More, participantes ilustres, defensoras ardorosas, respectivamente, da Revolução e do *establishment inglês*, são constantemente lembradas. Mas, houve muitas outras, menos célebres, que também integraram a *República das Letras* inglesa. Sua participação se deu a partir de gêneros literários bem distintos, endereçados a um público mais restrito, comumente feminino. Autoras como Mary Hays, Mary Robinson, Elisabeth Inchbald e Anna Barbauld foram generosas na produção de tratados morais, ensaios educacionais e romances. Pouquíssimas delas, talvez com a notável exceção de Wollstonecraft, escreveram tratados políticos ou travaram embates com proeminentes pensadores das Luzes. Apesar destas escritoras, hoje quase anônimas, não receberem o mesmo destaque que a ousada Wollstonecraft ou a popular More<sup>102</sup>, elas integraram aquele movimento cultural e intelectual de forma ativa.

Na realidade, a participação das mulheres na Ilustração como um todo foi bastante significativa, tanto que é plausível afirmar ser impossível compreender tal fenômeno histórico na sua complexidade sem analisar o papel das mulheres - e dos valores ligados a elas - na constituição dos discursos e das práticas reformistas, no delineamento do ideal de subjetividade, no culto à sensibilidade e das sociabilidades polidas, na emergência de gêneros literários e na ampliação da esfera pública, entre tantas outras questões que conformaram a era das *Luzes*. Ou seja, apesar de terem sido relegadas às margens nas abordagens mais convencionais sobre o radicalismo inglês, as mulheres ocuparam posição central naquele contexto histórico.

No que tange ao radicalismo, em específico, a principal contribuição delas se deu em relação ao movimento por reformas. As inglesas da aristocracia tiveram oportunidade de participar do mundo político de maneira mais efetiva que as mulheres de outras classes

---

<sup>102</sup> Ainda que a citação de seus nomes não se compare às análises aprofundadas das obras de seus companheiros ilustrados.

sociais. Era comum que apoiassem e fizessem campanhas a favor de candidatos para o parlamento. Muitas delas tiveram um papel decisivo na eleição de proponentes favoráveis a agenda reformista. A duquesa de Devonshire (1757-1806), por exemplo, foi uma patrocinadora hábil e política eficiente. Com seu talento para as relações sociais, seu impressionante poder de persuasão e personalidade única, atuou ativamente para a disseminação da propaganda *whig*, contribuindo para vitórias políticas liberais decisivas.<sup>103</sup> Já as mulheres oriundas das classes trabalhadoras e médias, só começaram a participar dos debates políticos de forma mais ativa quando os homens de suas classes obtiveram direito ao voto nos *Reform Acts* em 1832, 1837 e 1884. Mas, mesmo antes disso, elas colaboraram com os processos políticos de modo indireto. A disseminação de escritos vinculados às questões reformistas, por exemplo, não foi incomum entre as mulheres letradas de classe média.

Como já visto, o Iluminismo inglês pode ser entendido como a fermentação de novas ideias, mas também de uma nova linguagem e de uma nova sensibilidade, estimuladas principalmente, por meio de um amplo intercâmbio de escritos e leituras. Uma *República das Letras*, formada por uma ampla gama de protagonistas. As mulheres contribuíram escrevendo e publicando panfletos religiosos, tratados educacionais, literatura para crianças, resenhas críticas e, principalmente, romances. Eram textos que veiculavam novas ideias sobre família, educação, casamento, relações de gênero, entre outras questões que conformaram a agenda ilustrada inglesa. Algumas destas mulheres letradas fizeram uso de seus escritos para interceder de forma consciente e direta no debate por reformas sociais e políticas.

A principal contribuição destas autoras para o debate reformista foi o enfoque que deram sobre o lugar e o papel das mulheres neste processo. No século XVIII, as restrições sociais impostas às mulheres eram ainda mais críticas que as exclusões enfrentadas pelos dissidentes religiosos. Impedidas de exercer a maior parte dos ofícios, as mulheres, quase em sua totalidade, dependiam do matrimônio para garantir sua sobrevivência social e econômica. Paradoxalmente, o casamento representava sua morte legal. Uma mulher casada não possuía existência jurídica, não podia ter propriedades em seu nome, participar de contratos legais ou reclamar direitos sobre seus filhos e filhas em caso de divórcio. Ou seja, a posição das mulheres inglesas era de subordinação aos pais e maridos.<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> CAPDEVILLE, Valérie. Gender at Stake: The role of Eighteenth-Century London Clubs in shaping a new model of English masculinity. *Culture, Society & Masculinities*, Volume 4 Issue 1, 2012, pp. 13-22. p. 18.

<sup>104</sup> MIRANDA, Anadir dos Reis. *Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759-1797)*. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. p. 64.

Ademais, apesar do *Século das Luzes* ter na educação um dos principais meios para o aperfeiçoamento da sociedade como um todo, o ensino destinado às mulheres estava, e manteve-se por muito tempo, aquém do ideal de educação emancipatória idealizado pelos iluministas. Na Inglaterra setecentista as mulheres recebiam uma educação diferente da dos homens. As filhas da aristocracia eram educadas em casa, geralmente por alguma parenta ou preceptora, sendo raramente enviadas às instituições de ensino formal. As meninas de classe média comumente frequentavam escolas privadas, endereçadas especificamente ao público feminino.<sup>105</sup> Independente dos espaços nos quais eram educadas, se público ou privado, o tipo de educação que recebiam era o mesmo. Basicamente almejava-se que as jovens desenvolvessem habilidades como canto, dança, rudimentos de história, geografia e literatura, além de um pouco de francês.<sup>106</sup> Eram as “graças femininas” que as auxiliariam a alcançar sucesso no competitivo mercado matrimonial.

A exclusão social das mulheres e sua deficiência educacional rapidamente se tornaram questões chave para um movimento reformista que entendia que a reestruturação social passava pela regeneração moral de todos os indivíduos. Não demorou muito para que diversas vozes, particularmente de mulheres letradas, propusessem o debate em torno da necessidade de se repensar o lugar social das mulheres, de modo a fazê-las contribuir, em vez de frear, o progresso da humanidade. De uma revisão crítica quanto a sua natureza e seu papel social, chegou-se, em muitos casos, a torná-las o centro do processo de regeneração da sociedade.

As demandas por mudanças na condição social e na educação femininas foram facilitadas e condicionadas por uma “revolução cultural interagindo com as revoluções política, econômica e comercial em curso”.<sup>107</sup> Por *revolução cultural* Gary Kelly entende o processo de valorização e a disseminação dos valores das classes médias na sociedade inglesa setecentista, que contriuiu decisivamente para a formulação de uma nova ideologia no que se refere ao gênero: a *ideologia da domesticidade*.

No processo de afirmação dos valores ligados às classes médias, estabeleceu-se uma geografia social e espacial de gênero. O funcionamento da nova sociedade se pautava num ideal de reciprocidade. Enquanto os homens atuar no espaço público, as mulheres reinariam no espaço privado.

---

<sup>105</sup> PORTER, Roy. *England in the Eighteenth...* Op. cit. p. 28.

<sup>106</sup> GODINEAU, Dominique. “A mulher”. In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 323.

<sup>107</sup> KELLY, Gary. *Women, writing and revolution, 1790-1827*. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 4.

A esfera pública propiciou espaços para o exercício do poder, do intelecto masculino e da mobilidade de classe. Em paralelo, a esfera privada era o espaço da intimidade, um refúgio e um domínio da mulher, um lugar de pausa e regeneração para as pressões enfrentadas pelos homens no espaço público. A relação entre as tais esferas era de continuidade, de reciprocidade. As mulheres serviram como guardiãs e difusoras dos valores morais, influenciando os outros membros da família, especialmente as crianças. Ao prepará-las para se inserir no mundo, as mulheres, atuando no privado, contribuiriam para o processo de moralização da sociedade.<sup>108</sup>

Paulatinamente, domesticidade e feminilidade passaram a ser percebidas como sinônimos. Boa parte da literatura da época prescrevia a domesticidade feminina, representando as mulheres basicamente como esposas e mães, na sua atuação no privado: carinhosas com seus filhos, deferentes para com seus maridos, religiosas, econômicas, modestas, castas, caridosas e sensíveis para com as necessidades dos outros. Erigia-se assim um modelo de feminilidade que definia o privado pelo feminino e o feminino pelo privado.

A ascensão dos princípios puritanos e evangélicos entre os séculos XVII e XVIII desempenhou um papel fundamental na instituição desta ideologia da domesticidade. Segundo Poovey:

Entre os muitos fatores que ajudaram a delimitar a situação das mulheres por este caminho, dois em particular exigem nossa atenção. O primeiro é a ascensão do puritanismo e dos princípios evangélicos durante estes séculos; o segundo é a ascensão e proeminência das classes médias. Cada um destes elementos foi importante por causa dos complexos caminhos que tendiam formular a natureza feminina de uma maneira que pudesse acomodar a energia feminina.

[Among the many factors that helped to delimit women`s situation in this way, two in particular solicit our attention. The first is the ascendance of Puritan and then Evangelical principles during these centuries; the second is the rise to prominence of the middle classes. Each of these developments is important because of the complex way it tended to formulate female nature in a way that would accommodate female energy.]<sup>109</sup>

A contribuição puritana para a definição da mulher como “anjo do lar” foi ambígua e complexa. Por um lado os ministros puritanos promoveram seu projeto de reforma espiritual e social enfatizando o papel da família como unidade de disciplina religiosa e social.

<sup>108</sup> FRANCUS, Marilyn. *Monstrous Motherhood. 18 th – Century Culture and the Ideology of Domesticity*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2012. p. 03.

<sup>109</sup> POOVEY, Mary. *The Proper Lady and the Woman Writer. Ideology as Style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley and Jane Austen*. Chicago: Chicago University Press, 1984. p. 10

Acentuando os benefícios da vida familiar e o sacerdócio de todos os crentes, os puritanos reforçaram a importância social das mulheres e introduziram a possibilidade da igualdade religiosa entre os gêneros. Por outro lado, a rígida ênfase puritana na família patriarcal retificada pelas Escrituras, levou-os, na prática, a restringir as atividades das mulheres aos seus deveres domésticos.

A idealização de uma natureza e de uma prática femininas centrada na domesticidade e também a possibilidade de expandir a influência feminina para além do privado, foi facilitada pela rápida disseminação do evangelismo a partir da década de 1740. Este movimento religioso não somente generalizou as virtudes puritanas associadas ao privado e, conseqüentemente, ao feminino, como também propiciou às mulheres oportunidades práticas para exercerem sua influência no espaço público. Ao englobar num mesmo movimento a reforma espiritual e o aperfeiçoamento social, este movimento religioso instituiu práticas - a disseminação de panfletos religiosos, o ensino da moral e da decência nas escolas dominicais, o ministério da “palavra” para os desafortunados – que não se adequavam ao individualismo masculino. As mulheres pareciam ser as mais aptas para tal tarefa devido a sua “piedade natural”.

No final do século XVIII a ideia de que a mulher tinha maior autoridade na vida moral tornou-se uma máxima entre vários grupos religiosos. Entendia-se que as mulheres eram, intrinsecamente, mais religiosas do que os homens. Suas “predisposições emocionais” (sensibilidade, condolência, capacidade de doação) lhes possibilitariam uma relação mais próxima e intuitiva com o *Divino*. Ou seja, enquanto nos homens a religião era geralmente vista como produto da razão, nas mulheres ela era basicamente definida como um efeito da natureza.<sup>110</sup>

Tais visões a respeito da religiosidade feminina se amparavam na relação imediata que a cultura setecentista instituiu entre natureza e feminilidade. Por volta do final do século XVIII, assim como feminilidade e domesticidade, também “fêmea” e “feminino” passaram a ser compreendidos como sinônimos. A partir da relação das mulheres com o privado - lócus dos impulsos naturais, do emocional, do subjetivo e do intuitivo - delineou-se um feminino genérico e imutável, que idealizou as mulheres como “fêmeas primitivas”, como seres que ainda não transcenderam o estágio de natureza, que ainda não entraram no reino da cultura.<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> TAYLOR, Barbara. “The religious foundations of Mary Wollstonecraft’s feminism”. In: JOHNSON, Claudia. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. London: Cambridge University Press, 2002. p. 104.

<sup>111</sup> MIRANDA, Anadir dos Reis. Op. cit. p. 69.

Escapar deste discurso naturalizado se mostrou bastante difícil, tanto que a maior parte das mulheres inglesas, em especial as das classes médias, internalizou a *ideologia da domesticidade*. Ademais, para muitas mostrou-se ser encantador seu novo papel, sua elevada e espiritualmente significativa posição na família e na sociedade.

As escritoras inglesas setecentistas foram profundamente influenciadas por este novo código de gênero, ocupando um importante papel na sua disseminação. Desde radicais como Catherine Macaulay, Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson, a moderadas como Clara Reeve, Maria Edgeworth, Anna Laetitia Barbauld, até religiosas conservadoras como Sarah Trimmer, Hannah More e Jane West, todas vigorosamente atacaram as deficiências da educação feminina, buscando enaltecer a posição e a influência social das mulheres. Por meio de diferentes e inventivos caminhos, transformaram as ditas qualidades femininas como delicadeza, suavidade, moralidade e sensibilidade em peças chave para o processo de aperfeiçoamento moral e social. Ou seja, todas estas autoras atuaram no sentido de empoderar as mulheres. Algumas o fizeram sem confrontar diretamente o lugar das mulheres naquela sociedade, chegando inclusive a reforçar certas limitações sociais de gênero. Outras resistiram de forma mais veemente às concepções acerca da passividade e fragilidade femininas, alinhando-se ao ideal de indivíduo universal apregoadado pela Ilustração. É possível afirmar, assim, que no final do século XVIII, em meio à emergência da *ideologia da domesticidade* e do debate iluminista e revolucionário acerca do progresso social, surgiram nichos proto-feministas com argumentos e posicionamentos que seguem influentes até hoje, servindo de base para classificações feministas contemporâneas.<sup>112</sup>

Importante ressaltar que, apesar do termo *feminismo* não ter sido usado na Inglaterra até 1894, outras designações já vinham sendo utilizadas para se defender a causa das mulheres. Ao longo da *Querelle de femmes*, ou seja, do debate que atravessou a modernidade em torno das capacidades intelectuais das mulheres e do seu direito à educação, houve *protetoras* ou *baluartes* das mulheres entre os séculos XIV e XV, depois as *defensoras das ladies* e *female philosophers* nos séculos XVII e XVIII. Apesar da variedade de termos e diferenças

---

<sup>112</sup> A maior parte dos romances, tratados e manuais que abordaram a questão da mulher foi produzida nas décadas de 1780 e 1790, contexto em que o movimento de reformas ganhou corpo e que a ideologia da domesticidade já se tornara significativamente influente na sociedade inglesa. Estudiosos como Nancy Armstrong, Leonore Davidoff e Catherine Hall, Mary Poovey e Tony Bowers, concordam que o discurso da domesticidade se tornou culturalmente dominante durante o século XVIII, ocupando um lugar central na cultura e sociedade inglesa setecentista. Discordam, entretanto, quanto ao período em que este processo se consolidou. Armstrong entende que o discurso da domesticidade começou a se afirmar por volta de 1740, com a publicação do romance *Pamela*, de Richardson. Bowers o localiza junto à emergência dos discursos sociais e políticos da Restauração. Poovey, Davidoff e Hall defendem que o discurso da domesticidade se afirmou entre as décadas de 1780 e 1790. (FRANCUS, Marilyn. Op. cit. p. 01.)



históricas, é perceptível a emergência de uma *consciência feminista*, aqui entendida como a conscientização histórica de que as mulheres pertencem a um grupo subordinado, de que como grupo elas eram alvo de injustiças sociais, de que sua condição de subordinação não era natural, mas socialmente determinada, de que elas poderiam se unir para reparar estas injustiças, e também que poderiam e deveriam produzir uma visão alternativa de sociedade, na qual homens e mulheres usufruiriam igualmente de autonomia e autodeterminação.

### 1.3 O reformismo proto-feminista de Mary Wollstonecraft

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres.  
Onde está, então, a diferença sexual, quando a educação foi a mesma?  
Mary Wollstonecraft

Mary Wollstonecraft foi uma das pensadoras mais influentes da década de 1790. Não bastasse sua audácia em discutir os direitos do homem, ela se atreveu a questionar um dos preconceitos mais arraigados da sociedade inglesa setecentista, uma crença que parecia inviolável até para seus companheiros radicais: o poder (arbitrário) dos homens sobre as mulheres.

Como outras mulheres de letras da época, Wollstonecraft se engajou no debate sobre a natureza da mulher e a utilidade e o benefício das qualidades femininas na emergente sociedade liberal e comercial. No decorrer da década de 1780 ela publicou manuais educacionais, literatura infantil e romances sentimentais, empoderando as mulheres ao enaltecer noções vinculadas à ideologia da domesticidade - como sensibilidade, piedade, moralidade e virtude. Desde esta época ela manejou estes conceitos de forma combativa, inter-relacionando-os com valores racionalistas e individualistas de viés dissidente religioso. Ainda assim, seus posicionamentos mantiveram-se próximos aos formulados por outras escritoras da época. Nada nestes primeiros escritos indicava o quanto seus posicionamentos radicais sobre o gênero se acentuariam na década seguinte, alçando-a a posição de principal promotora dos direitos da mulher no final do século XVIII.

Wollstonecraft não teria tido tal relevância para o debate sobre a questão da mulher sem a publicação de *A Vindication of the Rights of Woman* (1792). Tal obra ocupa uma posição importante na história do pensamento feminista, estabelecendo-se como a primeira a

sustentar o argumento pela emancipação das mulheres num sistema de pensamento ético e político. Além de alcançar posição de destaque no cânone feminista posteriormente, esta obra provocou reações calorosas na sua época, tanto entre aquelas/es que aderiram a suas ideias, quanto entre aquelas/es que as rejeitaram.

Compreender as motivações de Wollstonecraft ao produzir *Vindication*, trazendo para o debate público a questão dos direitos da mulher, implica entender sua adesão aos ideários iluministas, além do contexto potencialmente renovador em que o livro foi produzido. Como integrante dos meios dissidentes e radicais londrinos, Wollstonecraft participou ativamente dos debates ilustrados ao longo das décadas de 1780 e 1790. De modo geral, o Iluminismo oferecia novos horizontes de expectativa no que se refere às relações de gênero. A questão da igualdade entre os homens e mulheres e seu necessário correlato social e político em matéria de deveres e direitos, por exemplo, emergiu em acordo com o caráter universal e abstrato do ideário iluminista. Ao mesmo tempo, a tradicional exclusão social das mulheres e sua subjugação de gênero, tornaram-se mais evidentes e questionáveis a partir do desenvolvimento de uma teoria política e de uma filosofia que colocava no centro de sua reflexão o indivíduo, formalmente igual e livre das redes de hierarquia e dependência do Antigo Regime. Em complementação, a valorização da educação pelo Iluminismo permitiu a emergência de novas formas de distinção social, que entraram em conflito com as hierarquias tradicionais e os privilégios de nascimento, incluindo os que tinham como base o gênero.

Wollstonecraft aderiu a estes ideários de forma irrestrita, e ainda mais intensamente na década de 1790. De modo geral, a perspectiva de se ressignificar as relações entre homens e mulheres se intensificou em meio ao espírito de ousadia e insubmissão que caracterizou a Inglaterra nos primeiros anos desta década. Como já visto, neste período, a influência da Revolução Francesa sobre os ingleses foi marcada pelo entusiasmo frente à promessa de profundas transformações sociais, o que acarretou na radicalização dos posicionamentos reformistas e na ampliação da reivindicação por direitos. Enquanto Thomas Paine incluiu os ingleses comuns em seus clamores por sufrágio universal (masculino), Wollstonecraft estendeu às mulheres o anseio ilustrado por independência e autodeterminação.

O objetivo de Wollstonecraft ao publicar *Vindication* foi introduzir no contexto dos debates sobre a Revolução Francesa<sup>113</sup> e sobre as reformas na Inglaterra a discussão a respeito dos direitos da mulher, enfocando a questão da educação feminina. Apesar de apresentar

---

<sup>113</sup> Wollstonecraft destinou sua obra a Charles Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838); ex-bispo de Autun e político ativo durante a Revolução Francesa cujo *Rapport sur L'Instruction Publique* (1791) foi apresentado e discutido na Assembleia Constituinte.

*Vindication* como “um tratado sobre os direitos e os costumes das mulheres”<sup>114</sup>, seu intuito nunca foi escrever uma petição de direitos jurídico-políticos, mas introduzir o que ela chamava de “o destino da mulher” a partir de uma perspectiva bem mais ampla que a exclusivamente política. Seu tema fundamental não era a extensão dos direitos liberais às mulheres, mas sim a educação feminina em seu sentido mais amplo de socialização.<sup>115</sup>

Na Inglaterra do século XVIII o tema da educação vinha sendo privilegiado como um instrumento de reforma social, tomando parte do grande debate cultural em torno do qual se conformava a consciência das classes médias. Foi no interior deste debate onde se explicitaram e se debateram com maior clareza e intensidade as diversas concepções a respeito do papel das mulheres na nova sociedade liberal e ilustrada. Neste sentido, no final do século XVIII o debate já não girava em torno, como fora no início do século, se as mulheres deveriam ou não ser educadas, mas sim até que ponto, como e em que medida sua educação deveria diferir ou se igualar à educação masculina.

Mesmos nos âmbitos mais conservadores, ativistas celebradas como a evangélica Hannah More, encabeçaram uma autêntica campanha de moralização e educação das mulheres de classe média. Frente às “luxuriosas” mulheres da aristocracia, as seitas evangélicas propuseram um novo ideal de mulher, centrado nas funções de esposa e mãe. O tipo de educação feminina foi definido em relação a estas funções, sendo seu propósito converter as mulheres em agentes moralizadores da sociedade por meio da sua influência privada sobre os homens.

Mesmo posicionada no pólo político oposto, Wollstonecraft compartilhava determinadas convicções com More. Ela também endereçou sua obra às mulheres de classe média<sup>116</sup>, enfocando a necessidade de se aprimorar a educação feminina de modo a tornar as mulheres melhores esposas e mães.

---

<sup>114</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Tradução Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 25.

<sup>115</sup> O tema da educação, especialmente da educação feminina, atravessa vários dos escritos de Wollstonecraft, mantendo-se dominante em sua produção até o final de sua carreira. O título de seu primeiro livro, *Thoughts on the Education of Daughters* (1787) fala por ele mesmo; sua obra mais importante, *Vindication of the Rights of Woman* (1792), começa com uma declaração exigindo igual educação para as mulheres e inclui uma proposta ambiciosa de um sistema de educação nacional. Ambas suas novelas, *Mary, a Fiction* (1788) e a inacabada *Maria, or The Wrongs of Woman* (1798), centralizam sua discussão no processo de autoeducação de suas heroínas enquanto tentam exercer um papel pedagógico em relação a suas leitoras. Sua insistência em discutir tal temática se torna compreensível quando lembramos que no século XVIII a educação é a principal arena na qual pedagogos, filósofos e moralistas debatem sobre a emancipação das mulheres. (RICHARDSON, Alan. “Mary Wollstonecraft on education”. In: JOHNSON, Claudia L. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. London: Cambridge University Press, 2002. p. 24.)

<sup>116</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação...* Op. cit. p. 27.

Se os homens generosamente rompessem nossos grilhões e se contentassem com a camaradagem racional, não com a obediência servil, eles encontrariam em nós filhas mais obsequiosas, irmãs mais afetuosas, esposas mais fiéis e mães mais razoáveis – em uma palavra, cidadãs melhores.<sup>117</sup>

Da mesma forma, estava profundamente interessada em elevar o “caráter moral” das mulheres e em convertê-las “em membros mais respeitáveis da sociedade”.<sup>118</sup>

No que se refere ao cerne de sua argumentação, no entanto, afastava-se radicalmente de More. A última entendia que ninguém necessitava mais de subordinação para manter sua boa conduta do que as mulheres.<sup>119</sup> Wollstonecraft ansiava que “desenvolvessem suas próprias faculdades e adquirissem a dignidade da virtude consciente”.<sup>120</sup>

Espero que meu próprio sexo me desculpe caso eu trate as mulheres como criaturas racionais, em vez de adular suas graças fascinantes e considerá-las como se estivessem em um estado de perpétua infância, incapazes de ficar sozinhas. Sinceramente, desejo mostrar em que consistem a verdadeira dignidade e felicidade humanas. Desejo persuadir as mulheres a se esforçarem para adquirir força tanto da mente quanto do corpo(...)<sup>121</sup>

Para Wollstonecraft não existiam distinções naturais entre as capacidades e funções de homens e mulheres, nem, portanto, critérios legítimos que justificassem sua subordinação aos homens. Nesse sentido, seu entendimento sobre o conceito de “boa conduta” – que na época era sinônimo de recato e submissão – traduzia-se de forma bastante diferente, como o desenvolvimento por parte das mulheres de seu entendimento e virtude.

Por este caminho, Wollstonecraft conseguiu transcender, em numerosos aspectos, ainda que não em todos, a identificação exclusiva das mulheres com suas funções de esposa e mãe. Ao fazê-lo, foi capaz de desenvolver uma crítica radical ao conceito de boa conduta, que consistia o núcleo do debate a respeito da definição social das mulheres.

Wollstonecraft inicia sua argumentação questionando uma série de “distinções inaturais” que, a seu ver, “corrompiam o gênero humano em seu conjunto”.<sup>122</sup> As desigualdades e hierarquias de gênero, o cerne de sua crítica, eram apontadas por ela como tão arbitrárias quanto os privilégios tradicionais e as hierarquias de nascimento. Nesse sentido, e

---

<sup>117</sup> Ibidem. p. 193.

<sup>118</sup> Ibidem. p. 29.

<sup>119</sup> Burdiel, Isabel. “Introducción” in: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicación de los Derechos de la Mujer*. Madrid: Ediciones Catedra: 2000, p. 56.

<sup>120</sup> Ibidem. p. 47.

<sup>121</sup> Ibidem. p. 27.

<sup>122</sup> Ibidem. p. 45.

em acordo com o espírito da ilustração, propôs-se a examiná-las a partir do exame crítico e racional: “No estado atual da sociedade, parece necessário remontar aos princípios básicos em busca de verdades mais simples e disputar cada palmo de espaço com o preconceito existente”. Em outro trecho, explica que formulou “argumentos” que “parecem conclusivos para demonstrar que a noção prevalecente a respeito do caráter sexual subverteu a moralidade”. Seguindo esta linha de raciocínio, aponta a incoerência em se excluir as mulheres da reivindicação por direitos: “No momento em que os homens lutam por sua liberdade e pelo direito de julgar por si mesmos sua própria felicidade, não é inconsistente e injusto subjugar as mulheres”? Afinal, “se os direitos abstratos do homem sustentarão o debate”, “os da mulher, por analogia,” deveriam ser “submetidos à mesma análise”. Mas isso ainda não acontecia porque os “tiranos” de toda espécie, “do fraco rei ao fraco pai de família”, estavam “todos ávidos por esmagar a razão”.<sup>123</sup>

Wollstonecraft não buscava simplesmente analogias, mas assinalava a sistemática inter-relação entre diversas hierarquias arbitrárias a partir de uma teoria política que não reconhecia a possibilidade de âmbitos separados ou alheios ao escrutínio da razão e ao exercício público da virtude. De um prisma que combinava elementos da tradição puritana, do racionalismo ilustrado e de um *humanismo cívico*, Wollstonecraft negou que a virtude e a razão pudessem ser diferentes para diferentes categorias de pessoas. A concepção de indivíduo virtuoso e racional requeria que *todos* tivessem a possibilidade de ser fortes e independentes. A desigualdade baseada em privilégios alheios ao talento e ao esforço individual levava inevitavelmente à corrupção mútua das partes implicadas. A humanidade só poderia alcançar o grau de perfeição que prometia o ideário ilustrado se suas verdades fossem autenticamente universais. A virtude e a razão não tinham, para Wollstonecraft, nem gênero, nem classe, e se as outorgava “artificialmente” convertiam a vontade universalista do projeto ético iluminista em uma “moralidade parcial”.<sup>124</sup>

Partindo desta premissa, Wollstonecraft argumentava que na defesa do mérito individual frente aos privilégios herdados, era crucial que a distinção entre a verdadeira virtude e sua aparência afetasse também as mulheres, para que elas pudessem favorecer, em vez de frear, o progresso da humanidade. Por isso, assinalava que era “hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo”.<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> Ibidem. p. 19 e 31.

<sup>124</sup> BURDIEL, Isabel. Op. cit. p. 58.

<sup>125</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. Op. cit. p. 69.

O problema da educação, do conhecimento, adquiria assim sua conotação mais radical: implicava uma drástica revisão das convenções sociais, de maneira que as virtudes que o pensamento iluminista atribuía às mulheres pudessem ser submetidas à análise, definidas e praticadas, de acordo com sua verdadeira natureza e a margem da “aparência das coisas”. Tratava-se nesse sentido, de questionar a “naturalidade” da definição social das mulheres e, a partir desse ponto de vista, desenvolver toda uma argumentação que vinha de encontro ao verdadeiro objeto de reflexão da obra: o caráter artificial, social e culturalmente construído, das diferenças de valor e função entre os gêneros.

A reflexão de Wollstonecraft uniu teorias sobre educação da tradição dissidente, o ideário radical e iluminista, e também - a partir de uma complexa e combativa leitura - a preocupação rousseauiana pela integridade pessoal diante das convenções sociais.<sup>126</sup> Desse complexo e plural amálgama ideológico surgiu um tipo de radicalismo que podia denominar-se romântico, do qual participaram tanto Mary Wollstonecraft como Willian Godwin e inclusive, em termos estético-políticos, poetas como Willian Blake, William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge. A contribuição de Wollstonecraft para esse cenário foi sua leitura resistente e combativa de mulher, especialmente significativa no que se refere ao pensamento de Rousseau, mas que também alcançou o liberalismo e a ideologia da separação das esferas como conformadora das identidades de gênero.<sup>127</sup>

Ao fundamentar seus argumentos não num interesse parcial, mas na razão, Wollstonecraft foi capaz de lançar um desafio muito mais direto e eficaz às convenções de sua época do que havia conseguido anteriormente, tanto em suas obras sobre educação quanto em sua resposta a Edmund Burke. Este tipo de argumentação lhe permitiu identificar os limites e paradoxos que marcaram a definição social das mulheres na sociedade inglesa ilustrada, confrontando as principais autoridades no assunto: Jean Jacques Rousseau, James Fordyce<sup>128</sup> e Dr. Gregory.<sup>129</sup> Estes produziram alguns dos manuais de conduta feminina mais populares

---

<sup>126</sup> As concepções educacionais de Wollstonecraft também receberam enorme influência do empirismo lockeano. Ao frisar a importância da experiência na formação do indivíduo, este propiciou que se refletisse acerca da identidade feminina a partir de outras bases, além dos discursos inatistas. (COHEN, Michèle. COHEN, Mihéle. “To think, to compare, to combine, to methodise: Girls’ Education in Enlightenment Britain”. In: SARAH, KNOTT and TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan. 2005. p. 225.)

<sup>127</sup> MIRANDA, Anadir dos Reis. Op. cit. p. 116.

<sup>128</sup> James Fordyce (1720-1796) foi um clérigo presbiteriano escocês, poeta e autor de *Sermons to Young Women* (1765).

<sup>129</sup> Dr. John Gregory (1724-1773) escreveu, em 1761, um dos livros mais populares da época sobre a conduta das mulheres, *A Father’s Legacy to His Daughters*. Sobre sua influência na cultura setecentista ver MORAN, Mary Catherine. “Between the Savage and the Civil: Dr John Gregory’s Natural History of Femininity”. SARAH, KNOTT and TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

da época, contribuindo para disseminar o ideal da dama inglesa frívola, recatada e dependente.<sup>130</sup>

Acusem-me de arrogância; ainda assim, declaro acreditar firmemente que todos os escritores que têm tratado do tema da educação e maneiras femininas, desde Rousseau até o Dr. Gregory, têm contribuído para tornar as mulheres seres artificiais e de caráter mais fraco do que elas realmente são; e, conseqüentemente, membros mais inúteis da sociedade.<sup>131</sup>

No seu debate apaixonado com as *autoridades* Wollstonecraft avançou em argumentos decisivos. Além de censurar e deslegitimar as proposições de Fordyce, Dr. Gregory e, principalmente, de Rousseau - censurando-lhes por excesso de sensibilidade, por escrever obras “frívolas”, disseminado suas ideias sem qualquer compromisso com a observação ou a reflexão<sup>132</sup> - ela conseguiu demonstrar que as respostas individuais das mulheres eram, sobretudo, respostas a situações sociais. O que as convertia em “seres inferiores”, era sua situação, e não sua natureza. Por outro lado, ao debater as atitudes e expectativas que perpetuavam a debilidade feminina – institucionalizadas por uma série de textos, de práticas e valores sociais que utilizavam uma linguagem insidiosamente naturalizada – alijavam as mulheres de sua verdadeira natureza e de seus verdadeiros interesses. O resultado era uma auto-representação artificial que as impedia de distinguir, tanto em si mesmas como na sociedade mais ampla, a aparência da virtude, da verdadeira virtude.

Como muitos outros iluministas ingleses, Wollstonecraft aderira à crítica rousseuniana aos costumes aristocráticos, que prezavam acima de tudo as honrarias e a reputação. Estas convenções foram apontadas como alienantes, próprias de indivíduos reduzidos a não ser mais que uma máscara. Nessa lógica, o que contava eram as aparências e posições, e não a essência ou o aperfeiçoamento dos indivíduos. A admiração de Wollstonecraft se transformava em indignação, obviamente, quando se tratava da abordagem rousseuniana quanto ao “caráter e destino das mulheres”. A seu ver, no que se referia a este assunto, Rousseau se mostrara incapaz de distinguir entre realidade e representação, entre ser e parecer.

---

<sup>130</sup> Os manuais de conduta e os romances sentimentais foram os principais veículos para disseminar e legitimar o ideal da *proper lady* (dama inglesa adequada). Sobre esta discussão ver JONES, Vivien. “Mary Wollstonecraft and the literature of advice and instruction”. In: JOHNSON, Claudia L. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. London: Cambridge University Press, 2002.

<sup>131</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação...* Op. cit. p. 42.

<sup>132</sup> *Ibidem*. p. 25 e 121.

As opiniões enganosamente sustentadas em algumas publicações modernas a respeito do caráter e da educação femininos, que são refletidas na maior parte das observações feitas de forma superficial sobre o sexo, continuarão a ser examinadas. Começarei com Rousseau e darei um esboço do caráter da mulher nas palavras dele, intercalando comentários e reflexões.<sup>133</sup>

No quinto capítulo de seu livro *Emílio; ou, da Educação*, um dos romances pedagógicos mais lidos no século XVIII, Rousseau delineou suas concepções acerca da natureza, educação e lugar social das mulheres. Ele afirmava que elas eram naturalmente inferiores aos homens, tanto física quanto intelectualmente. Necessitavam, por isso, ser guiadas e protegidas pelo sexo oposto, mais forte e capaz em todos os sentidos. Por necessitar muito mais dos homens que eles delas, as mulheres, instintivamente, procuravam agradar e atrair os homens. Por acreditar que as inclinações naturais são boas e corretas, Rousseau recomendava que tais características fossem desenvolvidas e cultivadas. Wollstonecraft contestava as ideias de Rousseau e de outros defensores de um modelo de educação especificamente feminino, afirmando que este pretendiam

privar-nos de almas e insinuar que somos seres concebidos apenas para a graça doce e atraente e a obediência dócil e cega destinada a satisfazer os sentidos do homem(...) Como nos insultam grosseiramente aqueles que assim nos aconselham a nos tornarmos dóceis animais domésticos! Por exemplo, a cativante doçura, tão calorosa e frequentemente recomendada, que domina mediante a obediência. Que expressões infantis, e quão insignificante é o ser – pode ser imortal? - que concorda em reinar mediante métodos tão sinistros!<sup>134</sup>

Para Wollstonecraft, não era natural nas mulheres dedicar toda sua existência a agradar e atrair os homens. Ao seu juízo, isso se devia à situação social das mulheres. Na Inglaterra do século XVIII as mulheres eram consideradas, desde a infância, como seres frágeis e dependentes, levadas a acreditar que não podiam sobreviver sem a proteção e a supervisão dos homens. Quando pequenas, cabia ao pai ou, na falta deste, a algum outro parente do sexo masculino guiá-las e mantê-las. Quando chegavam à vida adulta eram levadas a buscar a proteção masculina por meio do matrimônio. Às mulheres “sempre se ensina a buscar um homem que as mantenha”<sup>135</sup>, afirmava a pensadora inglesa.

---

<sup>133</sup> Ibidem. p. 107.

<sup>134</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação...* Op. cit. p. 39-40.

<sup>135</sup> Ibidem. p. 100.



Essa situação as levava a se preocupar somente com sua conduta e aparência externa, moldando sua existência aos desejos masculinos. Por isso, ao invés de exercerem seu próprio entendimento, desenvolviam virtudes artificiais, reforçadas pelo tipo de educação limitada que recebiam, como fora idealizado por Rousseau em *Emílio*, e apontado de forma crítica por Wollstonecraft em *Vindication*: “Esta é certamente a educação do corpo(...) Para torná-lo fraco, o que alguns podem chamar de belo, o entendimento é negligenciado, as meninas são forçadas a se sentar imóveis, a brincar com bonecas e a ouvir conversas tolas”. Das mulheres assim educadas só poderia se esperar “virtudes negativas”, como “paciência, docilidade, bom humor e flexibilidade”.<sup>136</sup>

Educadas para se preocuparem somente com o julgamento dos homens, davam maior importância à opinião deles, à conduta social, que àquela realmente importante para Wollstonecraft, a conduta moral. A mulher, dizia ela, tem “confundido virtude com reputação”.

É o olho do homem que elas aprenderam a temer (...) e é reputação, e não a castidade, com todos os seus belos acompanhamentos, que empregam para se manter livre de mácula, não como uma virtude, mas sim para preservar sua posição no mundo.<sup>137</sup>

Importante ressaltar que a concepção de indivíduo virtuoso veiculada pelos religiosos dissidentes, a qual Wollstonecraft aderiu de forma universalista, também ocupou papel fundamental na sua revisão do conceito hegemônico de boa conduta feminina. Diferente do que as interpretações sobre a história do feminismo têm tradicionalmente demonstrado, ideologias religiosas serviram de base, tanto quanto discursos seculares, para a emergência de nichos proto-feministas no século XVIII.<sup>138</sup>

Imbuída pelo credo dissidente racionalista, Wollstonecraft entendia que o aperfeiçoamento das mulheres representava o desenvolvimento, não daqueles talentos

---

<sup>136</sup> Ibidem. p. 84 e 111.

<sup>137</sup> Ibidem. p. 172.

<sup>138</sup> De acordo com Taylor, os historiadores geralmente localizam as origens do moderno feminismo ocidental em transformações seculares: a emergência dos ideários políticos liberais, o programa de reforma intelectual inaugurado pelo iluminismo, as expressivas oportunidades abertas às mulheres pela expansão da literatura impressa ao longo do século XVIII. Estes são, sem dúvida, fatores importantes. Entretanto, muitos nichos proto-feministas, como o que surgiu entre algumas pensadoras dissidentes inglesas, fundamentam-se numa ideologia religiosa que trouxe implicações bastante positivas para o status (público e privado) das mulheres. Taylor também afirma que os estudiosos do pensamento de Wollstonecraft localizam *Vindication of the Rights of Woman* na tradição do humanismo iluminista, o qual assumiu um relacionamento de indiferença, para não dizer de hostilidade, em relação à religião. (TAYLOR, Bárbara. “The religious foundations of Mary Wollstonecraft’s feminism”. In: JOHNSON, Claudia L. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Londres: Cambridge University Press, 2002. p. 99 e 103.)

artificiais que as preparavam para “se manter no mundo”, mas sim daquelas qualidades importantes para a sua salvação eterna. Os religiosos *não-conformistas* acreditavam que a existência seria um período de ensaio, um estágio preparatório, no qual as almas dos virtuosos se preparariam para a vida eterna. Por isso a crítica à educação feminina vigente, apontada por Wollstonecraft como extremamente mundana e superficial.

Apesar desse tipo de educação, que visava cultivar nas mulheres qualidades próprias para atrair e “prender” os homens ser largamente defendido num contexto em que o matrimônio representava (real e simbolicamente) uma das únicas possibilidades de sobrevivência acessíveis às mulheres, Wollstonecraft se colocava como crítica deste modelo. Ela afirmava que a preparação da alma era ainda mais importante, sendo imprescindível às mulheres, assim como aos homens, para desenvolverem a virtude consciente mediante o controle das paixões e o uso da razão.

(...) para que a virtude mereça esse nome, deve fundamentar-se no conhecimento, esforçemo-nos por fortalecer nossas mentes por meio da reflexão, até que nossa cabeça seja um equilíbrio para o nosso coração; não limitemos todos nossos pensamentos às insignificantes ocorrências diárias nem nosso conhecimento à convivência com o coração de nossos amantes ou maridos, subordinemos à prática de qualquer obrigação à mais importante delas, que consiste em aperfeiçoar nossa mente e preparar nossas afeições para um estado mais elevado!<sup>139</sup>

Por isso ela reivindicava as mulheres a mesma educação destinada aos homens, a qual priorizava o desenvolvimento da independência mental.<sup>140</sup>

a educação mais perfeita é, em minha opinião, um exercício do entendimento, calculado o melhor possível para fortalecer o corpo e formar o coração. Ou, em outras palavras, para possibilitar ao indivíduo alcançar tais hábitos de virtude que o tornarão independente. De fato, é uma farsa chamar virtuoso um ser cujas virtudes não resultam do exercício de sua própria razão. Esta era a opinião de Rousseau com respeito aos homens; eu as estendo às mulheres e afirmo com toda confiança que elas foram tiradas de sua esfera pelo falso refinamento, e não pelo esforço de adquirir qualidades masculinas.<sup>141</sup>

<sup>139</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação...* Op. cit. p. 122.

<sup>140</sup> Não podemos deixar de frisar que o ideal iluminista de autonomia da razão e da saída da menoridade, conforme Kant, também influenciaram a concepção de independência mental de Wollstonecraft.

<sup>141</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação...* Op. cit. p. 42.

Wollstonecraft compartilhava da crença dissidente de que o julgamento racional privado era a fundamentação da verdadeira religião.<sup>142</sup> Nesse sentido, ela não concebia a existência de mediadores na relação entre Deus e os seres humanos, criticando o tipo de educação que levava as mulheres a viverem sob o jugo masculino, que não primava pelo desenvolvimento de suas próprias faculdades. Para a autora, a mulher que não aprendesse a fazer uso de sua própria razão jamais seria “independente”, jamais se colocaria “acima da opinião comum” nem sentiria “a dignidade de uma vontade racional, que se inclina *apenas* diante de Deus.”<sup>143</sup> Para Wollstonecraft, era hora de colocar um fim no jugo das mulheres. Afinal, conforme ela cuidadosamente demonstrara em *Vindication*, não havia motivos que justificassem sua submissão aos homens. De forma muito arguta, ela indaga: Como “pode ela acreditar que foi criada somente para submeter-se ao homem, seu igual?”<sup>144</sup>

Com esse tipo de argumentação Wollstonecraft conseguiu empreender uma crítica contundente ao poder arbitrário dos homens sobre as mulheres, lançando um desafio direto e eficaz às convenções de sua época. Inseriu ainda a questão da mulher no centro do debate sobre direitos, dando início a um movimento que almejava efetuar uma “revolução nos modos femininos”. A real dimensão de sua reivindicação, no entanto, só viria à tona depois de sua morte, com a publicação da controversa biografia *Memoirs of the Author of a Vindication of the Rights of Woman* (1798).

A sociedade inglesa letrada recebeu *Vindication of the Rights of Woman* de forma bastante favorável. Como já visto, ao longo da segunda metade do século XVIII, intensificaram-se demandas por melhorias na educação feminina e no status da mulher na família. No início da década de 1790, quando *Vindication* foi publicado, eram raras as contestações a esse respeito. Apesar das reivindicações política e por direitos civis não serem à época consideradas essenciais - alguns, inclusive, as consideravam absurdas - os círculos intelectuais mais progressistas vinham reagindo positivamente às demandas por igualdade

---

<sup>142</sup> TAYLOR, Barbara. *The religious...* Op. cit. p 108.

<sup>143</sup> Grifo nosso. (WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação...* Op. cit. p. 58.)

<sup>144</sup> Ibidem. p. 95. O debate proposto por Wollstonecraft a respeito da autonomia feminina também abordou a questão da independência econômica. Ela era favorável a uma educação que preparasse as mulheres para um ofício ou uma carreira. A seu ver isso as livraria de inúmeros contratemplos, reflexos da situação de extrema dependência em que se encontravam. Entre estes ela assinala a difícil situação das mulheres que não conseguiam contrair matrimônio e que dependiam da benevolência de parentes e a condição preocupante das viúvas que se viam incapacitadas em manter suas famílias depois da morte de seus cônjuges. Para Wollstonecraft, uma educação que preparasse as mulheres inclusive para serem independentes economicamente, livraria as mulheres solteiras do “*amargo pão da dependência*”, possibilitando às mães e viúvas organizar suas vidas e levar seus assuntos de maneira mais racional. Além disso, não necessitando mais se casar para sobreviver, não o fariam por interesse, tampouco achariam que o principal objetivo de sua existência era conseguir um marido para mantê-las.

intelectual, aprimoramento educacional e reformas nos costumes femininos. Entusiasmados pelos direitos do homem, os iluministas ingleses não viram com espanto a reivindicação dos direitos da mulher.

Janes aponta que a recepção positiva de *Vindication* também se deve à forma como os periódicos setecentistas o classificaram. Vários periódicos de inclinação radical, vinculados às mesmas premissas filosóficas defendidas por Wollstonecraft, simpáticos em relação aos eventos em França, publicaram resenhas favoráveis à obra. Ignoraram, no entanto, suas implicações proto-feministas - que desestabilizariam as relações de gênero - enfocando seus aspectos educacionais. A resposta da *Analytical Review* foi característica. Não classificou *Vindication* como uma obra política, mas de economia política, definindo-a como um elaborado tratado de educação feminina. Por conta das resenhas moderadas, *Vindication* foi praticamente ignorado pelos periódicos conservadores. Nos próximos anos, no entanto, com o retraimento da simpatia revolucionária na Inglaterra, esta situação viria a se transformar radicalmente.<sup>145</sup>

Diversos fatores contribuíram para a emergência do movimento contrarrevolucionário inglês na década de 1790. O início do Período do Terror em 1792 (que evidenciou o potencial de violência e descontrole da revolução), aliado a entrada da Inglaterra na primeira guerra de Aliança contra a França em 1793 (que levou a intensificação dos sentimentos patrióticos), tornaram mais difíceis a defesa de pautas revolucionárias. Em paralelo, a radicalização do movimento reformista na Inglaterra (e o temor das insurreições sociais) contribuiu para o aumento da repressão por parte do governo inglês e para a eclosão de associações anti-jacobinas, intensificando-se a perseguição aos escritores radicais e ativistas do período. Nos anos seguintes, em consequência desta mudança no clima político, emergiram diversas publicações de cunho contrarrevolucionário, englobando romances, poemas e resenhas críticas. Criado em 1797, o periódico *The Anti-Jacobin* foi, possivelmente, o principal difusor da literatura e dos valores anti-jacobinos.

Foi sob esta conjuntura que William Godwin publicou *Posthumous Works of the Author of Vindication of the Rights of Woman* (1798). Trata-se de uma compilação de trabalhos e cartas de Wollstonecraft, incluindo dois textos inéditos: o romance *Wrongs of Woman: or, Maria*, escrito que Wollstonecraft deixara inacabado devido a sua morte em 1797, e uma biografia muito franca sobre suas experiências amorosas, de autoria do próprio

---

<sup>145</sup> JANES, R. M. On the Reception of Mary Wollstonecraft's: A Vindication of the Rights of Woman. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 39, No. 2 (Apr. – Jun., 1978), pp. 293-302. p. 295.

Godwin.<sup>146</sup> O conteúdo destes textos, aliado ao clima opressivo que se instalara na Inglaterra, fizeram com que tal publicação fosse recebida de forma bastante desfavorável nos meios conservadores. Enquanto *Wrongs* retomava as críticas e reivindicações de *Vindication* por meio de uma abordagem mais crítica e totalmente secular, *Memoirs* trazia à tona seu *affair* mal sucedido com Henry Fuseli, sua relação fora do casamento com Gilbert Imlay, da qual nascera sua filha Fanny, as tentativas de suicídio devido ao abandono de Imlay e seu romance e casamento tardio com Godwin. As revelações de sua vida privada trazidas a público por *Memoirs*, em particular, alimentaram as resenhas contrarrevolucionárias, que as utilizaram para desacreditar Wollstonecraft e suas ideias e para demonstrar que os princípios liberais poderiam conduzir à imoralidade e à descrença religiosa.

Ela viveu em estado de prostituição com dois outros homens, o último dos quais se tornou seu marido, e publicou esta história de seus amores, ou pelo menos a quantidade deles que ela estava apta a confiar-lhe; pois muitos ainda permanecem desconhecidos, que, se fielmente relacionados, fariam um livro, em comparação ao qual *Aventuras de Moll Flanders* seria um modelo de pureza.

[She lived in a state of prostitution with two other men, the last of whom became her husband, and published this history of her amours, or at least of as much of them as she thought fit to entrust him; for many still remain untold which, if faithfully related, would make a book, in comparison with which the Adventures of Moll Flanders would be a model of purity.]<sup>147</sup>

Rubor cobriria as faces da maioria dos maridos se fossem obrigados a relatar as histórias de suas esposas, as quais o Sr. Godwin proclamou voluntariamente ao mundo. A excentricidade extrema dos sentimentos do Sr. G. irá responsabilizá-lo pela sua conduta. A virtude e o vício são pesados por ele em sua própria balança. Ele não olha para o casamento com respeito, nem para o suicídio com horror.

[Blushes would suffuse the cheeks of most husbands, if they were forced to relate those anecdotes of their wives which Mr. Godwin voluntarily proclaims to the world. The extreme excentricity of Mr. G.'s sentiments will

---

<sup>146</sup> A franqueza de Godwin em relação à exposição dos detalhes polêmicos da vida de Wollstonecraft se relacionam ao ideal de *candour* (sinceridade) vigente nos meios religiosos dissidentes que ele integrava. *Memoirs* integra, ainda, a produção mais ampla de Godwin a respeito de sua reflexão educacional. Em meio a uma miríade de textos de viés filosófico, histórico, literário e ficcional, a “história individual” tinha para ele um papel formador sobre os leitores. Em *Memoirs* ele afirma: “It has always appeared to me, that to give to the public some account de life of a person of eminent merit deceased, is a duty incumbent on survivors”. Godwin defendia a sinceridade total ao narrar a vida de um indivíduo, considerando as preocupações privadas e públicas inseparáveis. Ao escolher a vida de Wollstonecraft como tema, ele quiz defender sua trajetória corajosa como representante da nova ordem social, contrária a imposição e hipocrisia social. (GODWIN, William. *Memoirs of the Author of a Vindication of the Rights of Woman*. The Second Edition Corrected. London: Printed for J. Johnson, NO. 72., St. Paul’s Church-Yard. 1798. p. 01.; PÉREZ, Eva M. The Trials of Sincerity: William Godwin’s Political Justice v. Memoirs of Mary Wollstonecraft. *Connotations* Vol. 13. (2003/2004) p. 2017.)

<sup>147</sup> *Anti-Jacobin Review* (January 1800), p. 93.

account for this conduct. Virtue and vice are weighed by him in a balance of his own. He neither looks to marriage with respect, nor to suicide with horror.]<sup>148</sup>

Os sentimentos e a conduta moral da Sra. Wollstonecraft, resultantes de seus princípios e teorias, exemplificam e ilustram a MORALIDADE JACOBINA. O biógrafo mostra-nos, nos sentimentos *religiosos* da Sra. Wollstonecraft, uma causa de conduta tão oposta às regras estabelecidas de virtude feminina. “Ela recebeu poucos irmãos de religião na sua juventude, e sua religião era quase inteiramente de sua própria criação. - Ela não conseguia se lembrar do tempo em que teria acreditado em doutrina de punições futuras”.

[The moral sentiments and moral conduct of Mrs. Wollstonecraft, resulting from their principles and theories, exemplify and illustrate JACOBIN MORALITY. The biographer affords us in the *religious* sentiments of Mrs. Wollstonecraft, one cause of a conduct so opposite to established rules of female virtue. “She had received few fellows of religion in her youth, and her religion was almost entirely of her own creation. – She could not recollect the time when she had believed the doctrine of future punishments.”]<sup>149</sup>

Essa recepção hostil contribuiu para explicitar as implicações revolucionárias e proto-feministas de *Vindication*, ao mesmo tempo em que estabelecia Wollstonecraft como um dos principais alvos da crítica reacionária inglesa.

As respostas furiosas a *Memoirs of the Author of A Vindication of the Rights of Woman* em janeiro de 1798, combinadas com crescente pressão social sobre os reformistas, repercutiram duramente sobre as outras escritoras radicais. Neste contexto, um número significativo de publicações que tinham como alvo o jacobinismo inglês miraram nelas e em seus escritos. Sob este clima desfavorável, muitas escritoras relutaram em assinar seus textos com ideias em defesa das mulheres, publicando-os anonimamente ou sob o uso de pseudônimos. A produção de caráter mais radical produzida no final do século continuou a incluir a discussão sobre os direitos e as injustiças da mulher, mas de forma bem mais moderada.

Foi sob esta conjuntura adversa que Mary Hays e Mary Robinson, amigas e seguidoras de Wollstonecraft, publicaram, respectivamente, *Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Woman* (1798) e *Letter to the Women of England on the Injustice of Mental Subordination* (1799), dando continuidade à crítica proto-feminista que ela iniciara.

<sup>148</sup> *Montly Review*, 28 (1798), p. 321-4. Apud. STAFFORD, William. Op. cit. p. 15.

<sup>149</sup> *Anti-Jacobin Review* (January to April 1799), p. 98.

#### 1.4 Mary Hays e Mary Robinson: uma “legião de Wollstonecrafts”

Diversas escritoras inglesas setecentistas responderam, positiva ou negativamente, à vida e aos trabalhos de Mary Wollstonecraft. Ao analisar a influência de *A Vindication of the Rights of Woman* sobre as autoras daquela época, Mellor cita Mary Hays, Mary Robinson, Hannah More, Maria Edgeworth, Anna Laetitia Barbauld e, inclusive, a própria Jane Austen. Wollstonecraft também é apontada como uma referência importante nas produções de Amelia Opie e Jane West.<sup>150</sup> Esses dados corroboram com a tese de que ela foi a mulher de letras mais célebre e influente da década de 1790. Num dos textos mais representativos da crítica anti-jacobina as escritoras radicais - o poema *The Unsex's Females* (1798), do reverendo anglicano Richard Polwhele - Mary Robinson, Charlotte Smith, Helen Maria Williams e Mary Hays são apontadas como parte do bando de seguidoras de Wollstonecraft, que assim como ela, ousaram desrespeitar o lugar do seu sexo. Apesar da crítica de Polwhele não focar o envolvimento destas escritoras com o debate impulsionado por Wollstonecraft quanto aos direitos e as injustiças da mulher, pelo menos duas delas podem ser apontadas como suas discípulas diretas, tendo aderido às suas ideias de forma pública e irrestrita.

Mary Hays foi a principal seguidora de Mary Wollstonecraft. Ela pode ser definida como uma daquelas “mulheres de classe média que se encontram em estado mais natural”<sup>151</sup> para quem Wollstonecraft endereçou *Vindication*, esperando que aderissem ao seu rogo por “uma revolução nos modos femininos”. Tal clamor ecoou fortemente em Hays que, oriunda dos meios religiosos dissidentes, aderira ao credo iluminista de forma tão irrestrita quanto Wollstonecraft. Beneficiada pelas oportunidades educacionais que estes grupos religiosos propiciaram às mulheres, Hays desenvolvera desde muito cedo ideias muito firmes a respeito das capacidades intelectuais femininas e das limitações sociais que cerceavam a vida das mulheres. Quando leu *A Vindication of the Rights of Woman*, em 1792, imediatamente quis conhecer a pensadora corajosa que ousara reivindicar em favor dos direitos da mulher. Escreveu-lhe uma carta, parabenizando-a pelo seu feito, solicitando um encontro. Wollstonecraft respondeu positivamente.

Quando se encontraram Hays imediatamente reconheceu nela a pessoa ideal para ajudá-la a aprofundar suas próprias reflexões sobre o tema da condição feminina. Na época ela estava trabalhando no texto *Letters and Essays, Moral and Micellaneous* que, depois de

<sup>150</sup> Ver TY, Eleanor R. *Empowering the feminine: the narratives of Mary Robinson, Jane West and Amelia Opie, 1796-1812*. Toronto : University of Toronto Press, 1998.

<sup>151</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação...* Op. cit. p. 27.

lido e revisado por Wollstonecraft, foi publicado em 1793.<sup>152</sup> *Letters and Essays* representa o primeiro esforço de Hays em discutir a questão da mulher (anteriormente ela publicara poemas e panfletos religiosos). Alinhando-se a outras escritoras e moralistas da época, ela procurou apontar caminhos para tornar as mulheres pessoas úteis à sociedade, reivindicando uma “reforma nos costumes”. Sua admiração por Wollstonecraft é explicitada já no prefácio da obra.

Não posso mencionar a admirável defensora dos direitos (direitos fundamentados na natureza, razão e justiça, embora tão degradados e mergulhados na frivolidade e no refinamento voluptuoso), sem deter-me em fazer um tributo de respeito público em nome do meu sexo(...) à virtude e aos talentos de uma escritora que, com igual coragem e habilidade, tem buscado resgatar a mente feminina de preconceitos(...)

[I cannot mention the admirable advocate for the rights (rights founded in nature, reason, and justice, though so long degraded and sunk in frivolity and voluptuous refinement), without pausing to pay a tribute of public respect in the name of my sex(...) to the virtue and talents of a writer, who with equal courage and ability hath endeavoured to rescue the female mind from prejudices(...)]<sup>153</sup>

Hays continua a citar Wollstonecraft em outros trechos da obra, explicitando sua adesão aos argumentos de sua inspiradora no que se refere à condição feminina:

É tempo para a mulher degradada reivindicar seu direito à razão, nesta difusão geral da luz e do conhecimento. A frivolidade e a voluptuosidade na qual elas têm sido educadas até agora, têm tido grande participação na corrupção geral dos costumes; esta frivolidade, a reivindicadora sensível de nossos direitos atribui, justamente, à total dependência em que somos educadas. As jovens mulheres sem fortuna, se não tiverem chance de se casar(...) dificilmente possuem outro recurso além da servidão, ou prostituição.

[It is time for degraded woman to assert her right to reason, in this general diffusion of light and knowledge. The frivolity and voluptuousness, in which they have hitherto been educated, have had a large share in the general corruption of manners, this frivolity the sensible vindicator of our rights justly attributes to the entire dependence in which we are trained. Young women without fortunes, if they do not chance to marry(...) have scarce any other resources than a servitude, or prostitution.]<sup>154</sup>

Eu não consigo evitar, em todas as ocasiões, de unir meus visíveis esforços àqueles da admirável defensora dos direitos femininos, tentando estimular e

<sup>152</sup> A obra é organizada como uma coletânea de cartas, contos e ensaios. Ao todo são vinte e dois textos.

<sup>153</sup> HAYS, Mary. *Letters e Essays, Moral e Miscelaneous*. London: Printed for K. Knott, No. 47. Lombard Street, 1793. (Preface)

<sup>154</sup> *Ibidem*. p. 84.



despertar meu sexo do estado de degradação mental e de escravidão, em que eles têm mantido há tanto tempo. Como os monarcas, somos lisonjeadas para a imbecilidade, por aqueles que desejam se aproveitar de nossa fraqueza.

[I cannot help, on every occasion, joining my seeble efforts of the admirable assertor of female rights, in endeavouring to stimulate, and rouse my sex from the state of mental degradation, and bondage, in which they have so long held. Like monarchs, we have been flattered into imbecility, by those who wish to take advantage of our weakness.]<sup>155</sup>

Assim como sua mentora, Hays se refere a um “sistema de maneiras” que enclausura as mulheres num estado artificial de vício e obscurantismo:

De toda escravidão, a escravidão mental é seguramente a mais fatal; o despotismo absurdo que até agora(...) escravizou a mente feminina; o sistema de maneiras enervante e degradante por meio do qual a compreensão das mulheres têm sido acorrentada à frivolidades e à bagatelas, tem aumentado a onda geral de efeminação e corrupção.

[Of all bondage, mental bondage is surely the most fatal; the absurd despostism which has hitherto(...) enslaved the female mind, the enervating and degrading system of manners by which the understanding of women have been chained down to frivolity and trifles, have increased the general tide of effeminacy and corruption.]<sup>156</sup>

*Letters and Essays* também apresenta muito elementos da formação dissidente de Hays, que foram aplicados ao contexto da crítica de gênero proposta por Wollstonecraft: a fé e o ceticismo racional, a tolerância universal, o materialismo, a literatura da sensibilidade e, particularmente, as concepções educacionais.

Como visto, a educação era a principal arena a partir da qual pedagogos, filósofos e moralistas debateram a emancipação das mulheres. Por isso ela ocupou papel central na argumentação de Wollstonecraft em *Vindication*, e por isso ela também é abordada de forma cuidadosa por Hays em *Letters and Essays*.

A questão da educação é central na promoção dos valores e mudanças sociais almejadas pelos dissidentes racionalistas, tanto que eles desenvolveram sua própria filosofia educacional, mais claramente estabelecida e disseminada pelo unitário Joseph Priestley. Ele foi bastante influenciado pela filosofia racionalista e empirista inglesa, particularmente pelas suas preocupações a respeito do funcionamento da mente. Priestley absorveu, em especial, a *psicologia associativista* de David Hartley (1705-1757), que postulava que as ideias complexas (as quais englobavam os preconceitos humanos, os costumes, os sentimentos) se

---

<sup>155</sup> Ibidem. p. 92.

<sup>156</sup> Ibidem. p. 19.

originavam de ideias mais simples, as quais por seu turno provinham das sensações causadas por impressões de objetos externos sobre os sentidos. Estas teorias traziam implicações educacionais. As ideias complexas poderiam, por associação, ser analisadas em suas partes, desde seus componentes mais simples. Isso possibilitaria interferir e buscar aprimorar os processos de formação subjetiva. Nesse sentido, o indivíduo passava a ser pensado como resultado da experiência, da reflexão e, principalmente, da extensiva educação intelectual, e não mais determinado por causas inatas ou pela intervenção divina. Hays se apropriou amplamente destas teorias, que traziam pressuposições bastante igualitárias.<sup>157</sup>

Seguidores de Locke, Hartley e Priestley, como Hays, compreendiam que no interior do plano providencial de Deus, os homens faziam a si mesmos: o eu ou a personalidade, neste sentido, não era um dado, mas um potencial, algo que poderia ser desenvolvido a partir de diversos caminhos.<sup>158</sup> Para os religiosos dissidentes, no entanto, o objetivo principal deste “fazer-se” deveria ser a preparação para o estágio mais elevado da existência humana: a vida eterna. Hays estendeu esta lógica para as mulheres, defendendo um modelo de educação emancipatório também para elas.

Em *Letters and Essay* Hays combinou as ideias de Locke e Hartley com a ética pedagógica de Rousseau, para convencer as mulheres de sua responsabilidade em educar a si mesmas e suas filhas.<sup>159</sup> Ela assinalava que uma mãe precisava estar atenta porque formava uma futura educadora, modelando-a para o exercício e o ensino da virtude. Hays chamava atenção explicitamente para o fato que, no que se refere ao desenvolvimento da virtude como preparação para a vida eterna, a mente não tinha gênero: “relembre que você nasceu para a imortalidade”, ela aconselhava, “não meramente para o conforto do homem, mas para aquelas esferas onde o matrimônio nem existirá”.<sup>160</sup>

Quanto ao tipo de educação adequado às mulheres, Hays foi bastante específica. Segundo Walker, ela se inspirou em *Letters on Education* (1790), de Catharine Macaulay, e *Vindication of the Rights of Woman*, de Wollstonecraft, para abrir novos caminhos no que se refere aos manuais de conduta femininos. Às concepções educacionais igualitárias destas duas

---

<sup>157</sup> WATTS, Ruth. Op. cit. 36. Nesse contexto, o profundo comprometimento dos dissidentes racionalistas com o desenvolvimento moral e intelectual dos indivíduos passava a ser valorizado como um fator de diferenciação social.

<sup>158</sup> WALKER, Gina Luria. *The idea of being free (1759-1843): The Growth of a Woman's Mind. Great Britain:* Ashgate, 2006. p. 69.

<sup>159</sup> WALKER, Gina Luria. *The idea of being free: A Mary Hays Reader.* Canada: Broadview, 2006. p. 158.

<sup>160</sup> HAYS, Mary. *Letters...* Op. cit. p. 93. [Remember, you are born for immortality (not merely for the solace of man), but for those regions where there will be neither marrying]

escritoras, ela agregou sua experiência junto às academias dissidentes, organizando um programa instrucional para mulheres adaptado do “currículo masculino” do *New College*.<sup>161</sup>

Diferente de Wollstonecraft, Hays recomendava a leitura de romances às jovens, assinalando que o entusiasmo provocado por este tipo de literatura poderia fomentar o contato com novos gêneros, mais propícios ao fortalecimento da mente. Numa das cartas de *Letters and Essays*, ela aconselha uma mãe a encorajar sua filha a passar, da leitura de ficção, para a leitura dos ensaios, que tanto entretinham como instruíam.

Não suponha que eu pretendo recomendar a leitura indiscriminada de romances e novelas sentimentais; pelo contrário, penso como você, de que a maior parte das obras desse tipo é frívola, senão perniciosa; embora existam, sem dúvida, muitas exceções. Mas o amor pelo maravilhoso, ou pelo extraordinário, e às coincidências inesperadas, é natural para as mentes jovens, que têm algum grau de energia e imaginação. Eu poderia fazê-las gostar somente de livros, e não deveria ter dúvidas em conduzir seu gosto, desde a busca da mera diversão até o sólido aperfeiçoamento. Mas, despertar o desejo de informação, e o processo de perseguir "os labirintos de algum conto maravilhoso", até o mais alto grau de conhecimento interessante e útil, é fácil e natural.

[Nor suppose that I mean to recommend the indiscriminate perusal of romances and novels; on the contrary, I think with you, that the generality of works of this kind are frivolous, if not pernicious; though there are undoubtedly, many exceptions. But the love of the marvellous, or of extraordinary, and unexpected coincidences, is natural to young minds, that have any degree of energy and fancy. I would only wish them to be fond of books, and I should have no doubt of being able to lead their taste, from the pursuit of mere amusement to solid improvement. Awaken but the desire of information, and the gradation from pursuing "the mazes of some wondrous tale," up to the highest degree of interesting and useful knowledge, is easy and natural.]<sup>162</sup>

Depois, deveriam passar à leitura de biografias e da história, e destas para o estudo de textos filosóficos, políticos, morais e religiosos. Este programa didático de leituras era proposto por Priestley aos estudantes homens, tendo sido adaptado por Hays também para as jovens. Seu principal enfoque foi sobre histórias individuais, que corroborariam para demonstrar a complexidade do caráter humano, o imperativo da escolha moral e a eficiência da razão. Ao selecionar títulos do programa de estudos de Priestley e recomendá-los às leitoras, ela sugeriu textos antigos e modernos, julgando que as mulheres deveriam ter

<sup>161</sup> WALKER, Gina Luria. *The idea of being free (1759-1843)*... Op. cit. p. 66.

<sup>162</sup> HAYS, Mary. *Letters*... Op. cit. p. 90.

informações que aprimorassem suas mentes e “liberassem” sua compreensão a respeito “do destino das nações, e da ascensão e queda dos impérios”.<sup>163</sup>

Seguindo o exemplo dos tutores dissidentes, Hays buscou esclarecer e tornar acessíveis às mulheres densos conceitos políticos e filosóficos. Para Walker, *Letters and Essays* pode ser considerado como uma “cartilha” da filosofia dissidente racionalista para mulheres, que revela o crescimento intelectual de Hays e sua concomitante ansiedade em relação a sua posição como pensadora *não-conformista*.<sup>164</sup> Também demonstra como ela ressignificou os saberes religiosos dissidentes ao utilizá-los para questionar limitações sociais de gênero relacionadas à liberdade, autonomia e intelectualidade das mulheres.

A recepção de *Letters and Essays* nos periódicos setecentistas foi, em geral, positiva. *The New Annual Register*, publicação de viés progressista, considerou o texto correto e elegante. O moderado *Critical Review* a reconheceu como uma defensora da “Escola Liberal de Priestley”, aclamando sua compreensão de filosofia e teologia. No entanto, não endossou suas críticas de gênero. O periódico *The Analytical Review*, no qual Wollstonecraft atuava como editora e resenhista, publicou uma discussão encorajadora a respeito da publicação de Hays, que foi identificada como uma obra centrada na questão da mulher. Hays foi aclamada por avançar com sucesso no debate a respeito dos direitos das mulheres, iniciado por uma “filósofa iluminada”. Na obra, a própria Hays enaltece sua mentora, afirmando que “os direitos da mulher, e o nome de Wollstonecraft, passarão para a posteridade com reverência”.<sup>165</sup>

Como já visto, contrariamente ao que Hays esperava, nos anos seguintes o nome de Wollstonecraft seria difamado profunda e incansavelmente. Também o ideal ilustrado de uma mente sem sexo ou gênero - promovido e praticado por ambas - foi alvo de críticas injuriosas por parte da opinião pública inglesa. Na junção entre os direitos naturais da mulher, o direito dissidente ao julgamento racional privado e uma filosofia educacional que permitia a defesa de uma educação rigorosa para as mulheres, Hays delineou o ideal de uma existência livre para as mulheres. Mas, na virada do século, continuar a defender esta utopia de gênero demandou muita inventividade e coragem por parte das escritoras setecentistas.

De acordo com Ty, para evitar serem rotuladas e satirizadas como “seguidoras de Wollstonecraft”, muitas das escritoras mais críticas e inconformistas desenvolveram técnicas

<sup>163</sup> Ibidem, p. 97. [when the mind expanded, and liberalized by tracing the fate of nations, and the rise and fall of empires]

<sup>164</sup> WALKER, Gina L. *The idea of being free (1759-1843)...*, op. cit., p. 66.

<sup>165</sup> HAYS, Mary. *Letters...*, op. cit., p. 21. [the rights of woman, and the name of Wollstonecraft, will go down to posterity with reverence]

narrativas e métodos de representação que lhes permitiram explorar temas políticos amplamente atacados sem sofrer censura. Ao invés de usar polêmica e confronto, elas empregaram meios indiretos para analisar a legitimidade da autoridade masculina, o prescritivo ideal de docilidade feminina, ou o tipo de educação mais apropriado às mulheres.<sup>166</sup>

Depois da morte de Wollstonecraft em 1797, Hays escreveu obituários para os periódicos *Annual Necrology* e *Monthly Magazine*. As duas escritoras haviam estreitado seus laços de amizade e de tutela intelectual desde seu encontro em 1792. Stafford classifica os necrológicos como leais a história de amizade intelectual com Wollstonecraft, explicitando sua admiração pelo desenvolvimento intelectual e a genialidade de sua mentora. Provavelmente por este motivo os críticos do *Anti-Jacobin Review* foram ácidos ao revisar o obituário publicado no *Annual Necrology*, afirmando se tratar de uma defesa da imoralidade de Wollstonecraft. Assinalaram ainda que Hays era escritora de alguns romances desprezíveis, referindo-se a *Memmoirs of Emma Courtney* (1796) e *Victim of Prejudice* (1799).<sup>167</sup>

No contexto de perseguição às “seguidoras de Wollstonecraft”, tais publicações tornaram-se alvo da crítica ácida dos periódicos contrarrevolucionários, sendo atacados tanto pela ligação da autora com Wollstonecraft e suas ideias, quanto pelo seu conteúdo radical e “jacobino” (de influência painista e godwiniana).<sup>168</sup> Numa das críticas do *Anti-Jacobin Review* ao livro *Victim of Prejudice*, o resenhista declarou estar cansado de “Marys”, referindo-se a Mary Hays e à heroína do seu romance, Mary Vincent, mas também a Mary Wollstonecraft e as protagonistas dos seus romances, Mary e Maria.<sup>169</sup> Mesmo periódicos mais moderados, como *British Critic* e *Monthly Review*, que tinham recebido positivamente *Letters and Essays* e *Memmoirs of Emma Courtney*, mostraram-se hostis ao livro *Victim of Prejudice* (1799). Curiosamente, o segundo tratado feminista de Hays, *An Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Women*, escapou da pena ácida dos críticos, apesar de também ter sido publicado no contexto de perseguição às escritoras radicais e reformistas. Aparentemente tal feito se deveu a engenhosidade de Hays, que encontrou caminhos

---

<sup>166</sup> TY, Eleanore R. *Unsex'd Revolutionaries: Five Women Novelists of the 1790's*. Toronto: University of Toronto Press, 1993. p. 20.

<sup>167</sup> STAFFORD, Willian. *English feminists and their opponents in the 1790s. Unsex'd and proper females*. Manchester: Manchester University Press, 2002. p. 16. / *Anti-Jacobin Review* (January 1800), 94.

<sup>168</sup> A aproximação de Hays com os meios radicais londrinos se deu, principalmente, a partir de Willian Godwin. Em 1793 ela leu *Political Justice*, tornando-se uma ardente admiradora da filosofia godwiniana. Tanto que ela se aproximou do pensador radical, tornando-se sua pupila e amiga.

<sup>169</sup> *Anti-Jacobin Review* (May 1799), p. 54-8.

alternativos para continuar a disseminar suas ideias heterodoxas e escapar da crítica reacionária.

*An Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Women* foi publicado anonimamente em 1798, pelo editor londrino Joseph Johnson. Sua autoria tem sido atribuída a Hays devido a similaridade deste texto - suas ideias, exemplos e estrutura - com outras publicações dela.<sup>170</sup> Estudiosas e estudiosos da produção de Hays entendem que a escolha pelo anonimato se deveu, obviamente, ao clima de hostilidade que se instaurou na Inglaterra naqueles anos. Pode, também, ser entendido como uma estratégia retórica da autora, tendo em vista que, diferente das produções anteriores de Hays, o tom desta obra é espirituoso e irônico, conduzindo o leitor de forma paulatina e sutil às inesperadas ideias subversivas que perpassam o texto. Stafford considera esta estratégia muito sofisticada, com o tom modesto e despretensioso insinuando mensagens revolucionárias.<sup>171</sup>

Aparentemente, tal artifício foi bem sucedido, pois, apesar de *Appeal* insistir na defesa da igualdade intelectual e na superioridade moral das mulheres, clamando por melhorias na sua educação e criticando a opressão dos homens, o periódico mais reacionário da época, o *Anti-Jacobin Review*, publicou uma longa e amigável resenha da obra. Além de endossar as ideias de Hays acerca das habilidades e educação femininas, o resenhista insistiu que a obra não era baseada nas filosofias “painista” ou “wollstonecraftiana” de direitos, declarando que a publicação não apresentava nada de “ofensivo para a delicadeza de sentimentos, nem injurioso para os interesses da religião e da moral”.<sup>172</sup>

Apesar do tom mais ameno, *Appeal* recupera muitas questões presentes em *Letters and Essays*, tais como os clamores em defesa das mulheres demonstrados por meio da exegese das Escrituras, o exemplo das grandes rainhas como prova da competência mental das mulheres e a ênfase sobre o direito natural das mulheres ao aprimoramento intelectual.

A autora é bastante vaga em relação a si mesma, mas comenta que escrevera a obra há alguns anos, e que não a publicara antes devido ao surgimento de outros textos com a mesma abordagem.<sup>173</sup> É possível conjecturar que, com o recuo das publicações que abordavam a questão da mulher, Hays tenha decidido que chegara, enfim, o momento de

---

<sup>170</sup> Gina Luria Walker, principal estudiosa e biógrafa de Hays, corrobora com esta tese. (Walker, Gina L. *The idea of being free (1759-1843)... Op. cit.* p. 195.)

<sup>171</sup> STAFFORD, William. *Op. cit.* p. 18.

<sup>172</sup> *Anti-Jacobin Review* (October 1800), p. 150-8.

<sup>173</sup> HAYS, Mary. *Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Women*. Printed for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard; and J. Bell, Oxford Street, 1798. (Advertisement to The Reader.)

trazer a público este texto, que segundo algumas estudiosas de sua obra, apresenta seus clamores mais radicais.

A abordagem de Hays neste texto é menos erudita do que fora em *Letters and Essays*. Para Walker, tal diferença se deve ao público pretendido. Enquanto em seu primeiro tratado Hays busca o diálogo com as mulheres letradas das comunidades dissidentes, em *Appeal* ela apela às homens em geral.<sup>174</sup>

Seguindo o modelo de diálogo estabelecido por seus mentores dissidentes, Hays localiza seu apelo por justiça e liberdade na história da teologia e das Leis inglesas, invocando a autoridade de Deus, da Coroa e das leis para questionar os costumes e comportamentos vigentes. Ela retoma a tradição judaico-cristã, buscando nas Escrituras evidências que permitam questionar a sujeição das mulheres. Ela sugere aos homens que releiam o Evangelho cuidadosamente, de modo a descobrir que o Salvador da humanidade também é o redentor das mulheres. Hays aponta ainda para passagens que suportam a ideia da independência feminina.<sup>175</sup>

Como em *Letters and Essays*, Hays se coloca mais uma vez como ardente defensora do ideário iluminista, indignada com as desigualdades crônicas entre a educação de homens e de mulheres. Ela argumentava que, enquanto não fosse dada às mulheres a chance de serem educadas a partir de estudos acadêmicos sérios, não havia como ter uma ideia acurada a respeito da verdadeira natureza e habilidades femininas.

Hays é bastante severa em suas críticas a respeito do papel dos homens na opressão das mulheres (possivelmente mais dura em relação a isso que a própria Wollstonecraft). Além de focar as atitudes dos homens em relação às mulheres, caracterizando-as como uma mistura letal de desprezo e indiferença, Hays também os acusa de tiranizar as mulheres da mesma forma que os senhores impõem sua vontade aos escravos.<sup>176</sup> Ela vai ainda mais longe, censurando os homens de “desafiar aos desígnios da Providência” ao recusar educar as mulheres, mantendo-as sob sujeição e dependência.<sup>177</sup> E foca a força e resistência da crítica das mulheres ilustradas: “enquanto os homens não responderem às acusações de injustiça e

<sup>174</sup> Walker, Gina L. *The idea of being free (1759-1843)...* Op. cit. p. 196.

<sup>175</sup> HAYS, Mary. *Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Women*. Printed for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard; and J. Bell, Oxford Street, 1798.p. 01-25.

<sup>176</sup> Ibidem. p. 127.

<sup>177</sup> Ibidem. p. 53. [the designs of Providence seem to be counteracted, by the pride and obstinacy of man. For, the design of Providence seems evidently to be, that the sexes should restrain, discourage, and prevent vice in each other; as much as they should encourage, promote, and reward virtue.]

subjugação feitas contra eles, as mulheres continuarão a conspirar secretamente contra os seus opressores”.<sup>178</sup>

Como em *Letters and Essays*, Hays aborda as ideias iluministas sobre o conhecimento para discutir o papel da educação na opressão ou emancipação dos indivíduos. Segundo ela, desde muito cedo as mulheres são ensinadas, pelos homens, a serem irracionais, perpetuando assim as acusações de fraqueza e incapacidade feitas contra elas. O casamento também é considerado opressivo, pois quando a mulheres se casam é esperado que desistam do direito ao julgamento privado.<sup>179</sup> O caminho do progresso exigiria ir na contramão destas tiranias, garantindo-se tanto aos homens quanto às mulheres liberdade para realizarem seu próprio potencial. “Eu espero que não pareça presunção afirmar que, recebendo as mulheres as mesmas vantagens educacionais, há todos os motivos para supor que elas seriam iguais aos homens”<sup>180</sup>, possivelmente capazes das mesmas realizações nas esferas intelectual, religiosa, social e política.

De acordo com Mellor, na década de 1790 outras escritoras, além de Hays, endossaram o programa emancipatório liberal de Mary Wollstonecraft, embora nenhuma o tenha feito com tal rigor e dedicação que Hays. Mellor menciona Mary Anne Radcliffe, com seu tratado *An Attempt to Recover the Rights of Woman from Male Usurpation* (1799) e Mary Robinson, com seu *Letter to the Women of England on the Injustice of Mental Subordination* (1799). A diferença entre ambas é que Robinson, assim como Hays, assumiu ser, publicamente, uma seguidora de Wollstonecraft e suas ideias.<sup>181</sup>

Junto a Hays, Mary Robinson pode ser considerada uma das poucas “vozes proto-feministas” que persistiram neste contexto. Robinson, como Wollstonecraft, foi uma das mulheres mais notáveis e conhecidas da Inglaterra setecentista. Mais pelo seu sucesso como atriz e poeta, que pela sua produção ensaística e pelos seus inúmeros romances. Samuel Taylor Coleridge a considerava “uma mulher de gênio inquestionável”. O jovem príncipe de Gales, futuro George IV, caiu de amores por ela ao assisti-la representar a personagem *Perdita*, em uma adaptação da peça *The Winter`s Tale*, de William Shakespeare. Ambos tiveram um *affair* e Robinson alcançou enorme notoriedade por ocupar a posição de amante do príncipe. Robinson também é autora de uma extensa e eclética produção escrita, que

---

<sup>178</sup> Ibidem. p. 158. [As long as men cannot answer women's charges of injustice and subjugation against them, women will continue to plot secretly against their oppressors.]

<sup>179</sup> Ibidem. p. 56.

<sup>180</sup> Ibidem. p. 109. [I hope it will not appear presumption to say, that did women receive equal advantages of education, there is every reason to suppose, they would equal men]

<sup>181</sup> MELLOR, Anne K. Op. cit. p. 146.



alcançou relativo sucesso na época. Além de inúmeros poemas, ela escreveu vários romances e um tratado em defesa das mulheres. Produzidos ao longo da década de 1790, sob a incontestável influência das promessas revolucionárias francesas e das ideias de Wollstonecraft, seus romances e seu tratado enfocaram, em sua maioria, a discussão sobre a opressão das mulheres e suas possibilidades de emancipação.

Robinson viveu a maior parte de sua vida em Londres, entre os meios aristocráticos e teatrais. No final da década de 1780, quando as sequelas de um acidente a impediram de continuar atuando como atriz, voltou-se para o ofício das letras e se aproximou dos grupos radicais londrinos. Ao longo da década de 1790 ela entabulou relações e amizades com pensadores como Willian Godwin, Mary Wollstonecraft e Mary Hays, lendo e se apropriando de suas obras e ideias. A aproximação com Wollstonecraft, em especial, causou uma significativa reorientação na sua produção escrita. De acordo com Byrne, a impressão causada por Wollstonecraft sobre Robinson foi intensa e duradoura. Os romances, escritos depois do encontro com a “amazona por direitos”, são marcadamente mais radicais, com heroínas inspiradas em Wollstonecraft, que se professavam, elas mesmas, como suas discípulas.<sup>182</sup>

Em seu tratado *A Letter to the Women of England on the Injustice of Mental Subordination* (1799), a própria Robinson celebrou as ideias de Wollstonecraft, declarando-se sua seguidora. Na primeira página da obra ela afirma que, “a escritora desta carta, embora seguidora da mesma escola” da “ilustre mulher britânica” que reivindicou “*The Rights of Woman*”

despreza o trabalho árduo de imitação servil. O mesmo assunto pode ser discutido de várias maneiras, e embora esta carta não mostre o raciocínio filosófico com o qual “*The Rights of Woman*” floresceu; isso não é adequado para o propósito. Por isso é necessário uma *legião de Wollstonecrafts* para abalar as correntes poluídas de preconceito e malevolência.

[disdains the drudgery of servile imitation. The same subject may be argued in a variety of way; and though this letter may not display the philosophical reasoning with which “*The Rights of Woman*” abounded; it is not suited to the purpose. For it requires a *legion of Wollstonecrafts* to undermine the poisons of prejudice and malevolence.]<sup>183</sup>

Ou seja, logo de início Robinson deixa claro que, mesmo como seguidora de Wollstonecraft, não pretendia tomar suas ideias de forma irrestrita. Segundo Ty, ao longo do

<sup>182</sup> BYRNE, P. *Perdita. The literary, theatrical, scandalous life of Mary Robinson*. New York: Randon House, 2005. p. 330.

<sup>183</sup> ROBINSON, Mary. *Letter to the Women of England on the Injustice of Mental Subordination*. London: Printed for T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row, 1799. p. 02.

seu tratado e dos romances, mais do que desconstruir as estruturas de gênero como Wollstonecraft e Hays fizeram, Robinson procurou elevar as mulheres e empoderá-las. Em alguns casos ela reescreveu os códigos de masculinidade e feminilidade, em outros, buscou investir de maior dignidade ofícios que haviam sido convencionados como femininos, questionando as representações das mulheres nos discursos literário, religioso e popular. Robinson resgatou muitas questões levantadas por Wollstonecraft, mas escrevendo depois dos ataques violentos às escritoras radicais no fim do século, tornou-se necessário (e estratégico) para ela estruturar seus argumentos de modo a não afrontar diretamente a delicada moral da opinião pública britânica.<sup>184</sup>

Como a própria Robinson explicitou, sua abordagem a respeito dos direitos da mulher era menos densa e filosófica que a de Wollstonecraft em *Vindication*. Seu texto é curto e direto, permeado com afirmações taxativas e críticas sarcásticas em relação ao poder arbitrário dos homens sobre as mulheres.

Sua adesão aos ideais radicais é visível, explicitada pelo uso do vocabulário ilustrado e pela defesa dos ideários de igualdade, autonomia e aperfeiçoamento. Assim como Wollstonecraft e Hays, Robinson acreditava no potencial transformador da educação, criticando hierarquias e privilégios arbitrários, alheios ao talento e ao esforço individual. Obviamente, o foco de Robinson são as desigualdades de gênero e a opressão feminina, que seriam fruto de um “sistema mental de subordinação”, pautado nas leis, nos costumes e em num modelo de educação repressor. Como outras escritoras reformistas, Robinson defendeu a necessidade das mulheres também integrarem o processo de aprimoramento social:

sob o atual estado de subordinação mental, o conhecimento universal não é apenas entorpecido é enferrujado, mas a verdadeira felicidade, que se origina das maneiras esclarecidas, está atrasada em seu progresso”. Deixe a MULHER reivindicar uma vez sua esfera apropriada, livre do preconceito, e inocente da vaidade(...)

[under the present state of mental subordination, universal knowledge is not only benumbed and blighted, but true happiness, originating in enlightened manners, retarded in its progress. Let WOMAN once assert her proper sphere, unshackled by prejudice, and unsophisticated by vanity(...)]<sup>185</sup>

Ao longo de seu texto, Robinson expõe diversos poderes, desigualdades e preconceitos arbitrários existentes entre homens e mulheres. Entre os exemplos apontados por

<sup>184</sup> TY, Eleanor. *Empowering...* Op. cit. p. 07.

<sup>185</sup> ROBINSON, Mary. Op. cit. p. 02.

ela se destacam aqueles relacionados à honra e virtude. Enquanto os homens podiam preservar sua honra em um duelo, esperava-se que a mulher guardasse sua virtude e “possuísse uma fama imaculada, se recebesse um insulto, ela não tinha um tribunal da honra para apelar”.<sup>186</sup> A promiscuidade masculina era valorizada como sinal de virilidade, enquanto uma mulher que tivesse perdido sua reputação seria banida da sociedade polida. Como Wollstonecraft, Robinson condenava a dupla moral que julgava diferentemente os vícios e virtudes de homens e mulheres.

A crítica de Robinson às desigualdades de gênero englobava as estruturas sociais e os sujeitos, particularmente os homens. Ela não os poupava de críticas ácidas, afirmando que os homens oprimiam as mulheres principalmente por temerem que, ao valorizá-las, eles viessem perder seu status e privilégios. Segundo Robinson, ao se dizer a um homem que sua esposa tem uma mente masculina,

ele receberá a informação mais como uma humilhação que algo agradável ao seu amor próprio. Há apenas três classes de mulheres desejáveis associadas aos olhos dos homens: mulheres bonitas; mulheres licenciosas; e mulheres fortes. A primeira para sua vaidade; a segunda para sua diversão; e a última para a realização de seu trabalho doméstico. Uma pensadora não lisonjeia seu amor próprio, confessando sua inferioridade; e uma mulher de verdadeiro gênio, o eclipsa por seu brilho.

[he will feel the information as rather humbling than pleasing to his self-love. There are but three classes of women desirable associates in the eyes of men: handsome women; licentious women; and good fort of women. The first for his vanity; the second for his amusement; and the last for the arrangement of his domestic drudgery. A thinking woman does not flatter his self-love, by confessing inferiority; and a woman of real genius, eclipses him by her brilliancy.]<sup>187</sup>

Diferente de Wollstonecraft, Robinson não trata da adesão das mulheres a este tipo de relação pernicioso. Possivelmente porque seu principal intuito fosse enaltecê-las, apontando seus potenciais e contribuição social. E ela foi bastante generosa em seus elogios, deixando claro que a felicidade dos homens (e da sociedade em geral) estava vinculada às mulheres. Em acordo com o discurso civilizador que alçou as mulheres a uma posição de destaque no paradigma do progresso e da civilização, Robinson defendia que as “mulheres são absolutamente necessárias” para a “felicidade” dos homens, que “eles teriam sido brutos

<sup>186</sup> Ibidem, p. 05 e 71. [posses an unsullied fame; If a woman receives an insult, she has no tribunal of *honour* to which she can appeal]

<sup>187</sup> Ibidem. p. 56-7.

sem elas”.<sup>188</sup> Ela exaltava nações polidas como a França, que valorizavam o intercâmbio intelectual entre homens e mulheres, segundo sua interpretação:

na França, não se impediu o progresso do intelecto. Os homens logo descobriram pela experiência, que a sociedade foi embelezada, a conversação animada e a emulação estimulada, pelo intercâmbio de ideias. Os segmentos mais jovens da nobreza na França foram entregues aos cuidados de preceptoras; e as gerações crescentes de mulheres, por hábito, foram consideradas como as companheiras racionais do homem. Tanto a razão como a sociedade se beneficiaram com a mudança(...), a república das letras tinha mais ornamentos de gênio e imaginação.

[in France, threw no chilling impediment on the progress of intellect. Men soon found by experience, that society was embellished, conversation enlivened, and emulation excited, by an intercourse of ideas. The younger branches of male nobility in France, were given to the care of female preceptors; and the rising generations of women, by habit, were considered as the rational associates of man. Both reason and society benefited by the change(...), the republic of letters had more ornaments of genius and imagination.]<sup>189</sup>

Há momentos que Robinson chega a defender a superioridade das mulheres: “O fato é simples: as paixões dos homens se originam na sensualidade; as das mulheres, no sentimento: o homem ama corporalmente, as mulheres mentalmente: qual é a criatura mais nobre?”<sup>190</sup> Em outros momentos ela se alinha com Wollstonecraft e Hays, convergindo premissas religiosas e cartesianas para defender a igualdade entre os gêneros: “Em que mulher é inferior ao homem? Em algumas circunstâncias, mas não sempre, na força corporal: na atividade da mente, ela é sua igual”. Ressaltava ainda haver evidências incontestáveis de que a alma não tinha sexo, numa linha cartesiana.<sup>191</sup>

Para provar que, no que se referia às capacidades mentais e intelectuais as mulheres eram iguais aos homens, Robinson evocava os nomes e os feitos de mulheres de gênio: escritoras, filósofas, historiadoras, tradutoras e artistas, celebrando suas realizações históricas nos campos da política e da cultura. Enfocou, em particular, as realizações das mulheres no campo literário, citando os nomes de trinta e nove escritoras britânicas do século XVIII,

---

<sup>188</sup> Ibidem. p. 14. [men allow that women are absolutely necessary to their happiness, and that they “had been brutes” without them.]

<sup>189</sup> Ibidem. p. 61.

<sup>190</sup> Ibidem. p. 10.

<sup>191</sup> Ibidem. p. 17. [In what is woman inferior to man? In some instances, but not always, in corporeal strength: in activity of mind, she is his equal] A igualdade espiritual entre homens e mulheres manteve-se como a pedra-de-toque do proto-feminismo setecentista, presente em *A Serious Proposal to the Ladies*, de Mary Astell, em *Reflections on the Present Condition of the Female Sex*, de Priscilla Wakefield e *Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft.

incluindo “Mrs. Hays”, “Mrs. Wollstonecraft” e ela mesma, “Mrs. Robinson”. Ao se referir à escrita de romances, novamente enaltece a superioridade feminina.

Os melhores romances que foram escritos, desde Smollet, Richardson e Fielding, têm sido produzidos por mulheres: e suas páginas não só foram embelezadas com os eventos interessantes da vida doméstica, retratados com toda a elegância de expressão, e todo o refinamento de sentimento, mas com raciocínio político, teológico e filosófico vigoroso e eloquente.

[The Best novels that have been written, since those of Smollet, Richardson and Fielding, have been produced by women: and their pages have not only been embellished with the interesting events of domestic life, portrayed with all the elegance of phraseology, and all the refinement of sentiment, but with forcible and eloquent political, theological, and philosophical reasoning.]<sup>192</sup>

Ao publicar seu tratado em defesa das mulheres Robinson utilizou o pseudônimo Anne Frances Randall, possivelmente devido ao contexto de perseguição às escritoras radicais. Curiosamente esta edição foi seguida por uma segunda intitulada *Thoughts on the Condition of Women and the Injustice of Mental Subordination*, agora sob a autoria da própria Robinson. A adesão explícita ao pensamento de Wollstonecraft colocou o livro sob o ataque da imprensa anti-jacobina.

Os periódicos *The Annual Register*, *British Critic* e *Critical Review* receberam o trabalho sem muita hostilidade, mas também sem muito respeito. Endossaram seus conselhos sobre educação e empreenderam julgamentos reservados para a questão central, “a injustiça da subordinação mental”.<sup>193</sup> O periódico *Anti-Jacobin Review* rapidamente condenou Anne Frances Randall como pertencente à “legião de Wollstonecrafts”, enfatizando que era o dever de todos reconhecer quem fazia parte desta legião, afinal eram muitas, e se esforçar por bani-las do espaço público e letrado.<sup>194</sup>

Num primeiro momento a perseguição às defensoras dos “direitos da mulher” parece ter sido bem sucedida. Assim como as promessas por uma sociedade mais justa e igualitária foram eclipsadas pelos extremismos revolucionários e a reação conservadora e reacionária, o anseio das mulheres por uma existência mais digna, justa e livre foi sufocado frente aos reacionários do fim do século. Mas, como a história não é uma narrativa linear, a consciência feminista alavancada por Wollstonecraft e suas seguidoras não foi estancada, nem

---

<sup>192</sup> Ibidem. p. 95.

<sup>193</sup> STAFFORD, Willian. Op. cit. p. 25.

<sup>194</sup> Anti-Jacobin Review (January to April 1799), p. 146.

adormecida. Nos anos e mesmo nos dois séculos seguintes mulheres e homens deram continuidade aos seus clamores, tornando muitas das suas utopias igualitárias realidade.

## 2 TRAJETÓRIAS PROTO-FEMINISTAS NA INGLATERRA SETECENTISTA

Ao analisar a produções letradas de Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson constatamos que estas três escritoras dedicaram boa parte de seus escritos ao debate e a denúncia das desigualdades de gênero na sociedade na qual viveram. Também percebemos que o tratamento que deram a este tema apresenta pontos de convergência, particularmente no que diz respeito aos gêneros literários e discursivos, recursos estilísticos e de retórica, às posições de interlocução e aos meios a partir dos quais revestiram seus textos de autoridade, como também ao conteúdo, como a defesa dos ideários iluministas, os fundamentos da opressão de gênero, as concepções de feminilidade e masculinidade, o empoderamento das mulheres e a intertextualidade.

O uso do vocabulário ilustrado foi comum às três escritoras, assim como a defesa dos ideários de racionalidade, igualdade, autonomia e aprimoramento. Inclusive, o fato de todas elas conhecerem e aderirem à filosofia das luzes foi essencial para sua crítica ao lugar das mulheres da sociedade inglesa do século XVIII. Apesar dos pontos em comum, há divergências em suas abordagens. Em seus tratados proto-feministas Robinson e Hays buscaram enaltecer a dignidade e a importância do “seu sexo”, principalmente por meio do resgate das realizações de mulheres notáveis. Já Wollstonecraft se distanciou desta tradição do enaltecimento feminino, estabelecida a partir de diversas escritoras que contribuíram para a *Querelle des Femmes*. Ela enfatizou que não pretendia tratar dos exemplos de poucas mulheres de coragem e resolução, mas sim demonstrar que as mulheres em geral poderiam alcançar tal estágio de aperfeiçoamento devido sua capacidade racional e a partir de um modelo de educação apropriado.

Também há dissonâncias de enfoque quanto ao papel dos homens nas práticas de opressão de gênero. Como já assinalado, as críticas de Hays e Robinson são mais diretas e cortantes que as de Wollstonecraft. Em relação às interlocuções, todas recorreram à autoridade da experiência, da reflexão e da sensibilidade. Mas, enquanto o enfoque de Wollstonecraft foi a filosofia racionalista, Hays apelou para o *senso comum* e Robinson para a sensibilidade.

Para se compreender os pontos de intersecção e as clivagens que perpassam a produção escrita destas três proto-feministas se faz necessário elucidar algumas questões. É preciso compreender os caminhos a partir dos quais elas se inseriram nos debates ilustrados, tendo em vista que, ao longo da modernidade, o acesso das mulheres à cultura escrita e ao debate erudito foi marcado por interditos e restrições nada desprezíveis. Nesse sentido, é

fundamental compreender *se e como* (de)limitações que tinham como base o gênero mostraram-se influentes para a escolha, por parte das escritoras, de determinados temas, enfoques e abordagens. Além disso, sabendo-se que o contexto das Luzes se mostrou especialmente propício para a crítica às desigualdades sociais, incluindo as de gênero, é importante perguntar por que, na Inglaterra, o anseio crítico “feminista” se desenvolveu somente entre algumas das mulheres de letras ilustradas e de forma mais coerente, unificada e influente, entre Wollstonecraft, Hays e Robinson. O que diferenciou as experiências subjetivas destas três mulheres de letras das de outras mulheres oriundas dos mesmos meios sociais e letrados? É possível conjecturar que elas compartilharam condições de existência que unificaram suas experiências (e suas vozes)? Apesar das afinidades que as levaram a desenvolver uma sensibilidade e um posicionamento crítico a respeito do lugar das mulheres na sociedade setecentista - um anseio comum que, inclusive, instigou-as a se aproximar e estabelecer relações de amizade e de troca intelectual - houve fatores em suas trajetórias subjetivas que diversificaram, mesmo que de forma sutil, seus enfoques e abordagens?

É nesse sentido que se torna relevante a análise de suas trajetórias de forma intercruzada, de modo a explicitar algumas das vivências que estas três mulheres de classe média tiveram em comum, mas também apontando particularidades das suas histórias de vida. Ou seja, não se pretende entender suas trajetórias isoladamente, mas refletir sobre o quanto estas três pensadoras, particularmente por conta do gênero e da classe, tiveram suas experiências de vida aproximadas. Como mulheres de classe média, Wollstonecraft, Hays e Robinson compartilhavam uma gama de possibilidades e de caminhos possíveis no que se refere à educação, à inserção social e à sobrevivência econômica. Por isso há pontos de convergência nas suas trajetórias, mas também de afastamento. Independente das diferenças o fato das três terem se tornado mulheres de letras atesta que o conhecimento e a escrita representavam um dos caminhos possíveis às mulheres da Inglaterra setecentista, particularmente para aquelas de classe média e dos meios religiosos dissidentes.

O estudo das trajetórias destas mulheres setecentistas, que viveram num contexto marcado pelas críticas aos privilégios e às hierarquias de nascimento e pela valorização da individualidade, também evoca a necessidade de se empreender algumas reflexões a respeito das relações existentes entre identidade de gênero, individualismo e integração social. Wollstonecraft, Hays e Robinson trilharam seus caminhos e fizeram suas escolhas na condição de indivíduos modernos, constituindo-se como sujeitos num contexto de valorização da individualidade e da possibilidade de vir a “se fazer”. Como se sabe, ao longo da modernidade foi se afirmando a ideia de que, mais do que o pertencimento a um determinado



grupo - fosse familiar, religioso ou de classe - a trajetória pessoal do indivíduo é que o definiria. Tal ideal se fortaleceu no contexto iluminista, com suas promessas de ascensão e reconhecimento social através do aperfeiçoamento do indivíduo pela educação e pelo esforço pessoal em detrimento as hierarquias tradicionais.

Não é fácil mensurar a influência dessa lógica sobre a constituição subjetiva das mulheres setecentistas. Sabe-se que ao longo da modernidade a constituição da identidade das mulheres apoiava-se majoritariamente na tradição – pautada na crença da inferioridade sexual inata e na ideia de um feminino genérico e imutável. Também que boa parte das mulheres da época, em particular as de classe média, buscou o reconhecimento social basicamente por meio do casamento e da conformação ao ideal da *proper lady* (a dama inglesa dependente e adequada aos padrões de gênero). Estas eram as formas socialmente mais adequadas. Mas, para algumas mulheres de classe média que se educaram por meio dos ideais liberais e ilustrados, o aprimoramento intelectual e a inserção na cultura letrada também se delineou como um caminho de reconhecimento e ascensão social. Eram mulheres para quem a possibilidade de vir a “se fazer” poderia se tornar muito atraente como uma via para integrar-se à uma comunidade de indivíduos livres e autodeterminados.

Uma definição mais clara dos contornos de suas individualidades poderia libertá-las das tradições e generalizações que as definiam, permitindo que ressignificassem (e se distanciassem) de uma identidade feminina associada à condição de inferioridade, legitimadora de todo um processo de exclusão social. Tendo em vista o quanto o individualismo e a domesticidade foram influentes no século XVIII, resta saber como Wollstonecraft, Hays e Robinson conciliaram referenciais tão distintos, com exigências, praticamente, irreconciliáveis.

## 2.1 O ideal da *proper lady*: limites, possibilidades e enfrentamentos

Em seu livro *Emílio*, Rousseau delineia um retrato idílico da relação entre os sexos. Emílio e Sofia, personagens forjados diferentemente pela natureza, se unem buscando o seu complemento, a sua totalidade. A ele cabia a força, a audácia e a conquista do mundo exterior; a ela, a doçura, a modéstia, as atividades caseiras e o poder sobre os servos da casa. Enquanto o homem reinava no espaço público, a mulher o fazia no privado. Restrita ao lar, ela cumpria com os seus deveres e contribuía para o bem-estar da sociedade. Segundo Rousseau, “a verdadeira mãe de família, longe de ser uma mulher da sociedade, não está menos reclusa em sua casa que a religiosa em seu claustro”.<sup>195</sup> As analogias entre a mãe e a freira, entre a casa e o convento são reveladoras do ideal feminino de Rousseau e de seus contemporâneos. Sacrifício e reclusão eram o que se esperava das mulheres. Este ideal, que se propagou na França na segunda metade do *Século das Luzes* também encontrou solo fértil na Inglaterra setecentista.

O ideal da *proper lady*, a definição social da mulher como epítome dos valores morais e privados, tinha se afirmado no pensamento religioso e laico ao longo do XVIII, particularmente entre as classes médias.<sup>196</sup> A feminilidade, a partir desse modelo, se constituiria com a sublimação da sexualidade e a exaltação da castidade, do sentimento e da abnegação. Essas qualidades eram essenciais para que a mulher cumprisse seus papéis no espaço doméstico: esposa virtuosa e fiel, mãe sacrificial, dona de casa consumada.

Segundo os padrões da época, o bom funcionamento da sociedade exigia que as mulheres gerenciassem a esfera privada. Cabia a elas inspirar e consolar seus maridos, confortando-os das pressões que enfrentavam no espaço público. Também era papel delas educar os filhos ao prepará-los para atuar na nova sociedade. Segundo Poovey:

---

<sup>195</sup> ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio; ou, Da Educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 464.

<sup>196</sup> De acordo com Poovey, o ideal da *proper lady* se desenvolveu na Inglaterra ao longo do século XVIII, principalmente por meio dos discursos morais e puritanos da classe média. O novo ideal de casamento burguês, a promoção de valores puritanos como a retidão e a decência (em detrimento a valores aristocráticos como a aparência e a posição), a separação entre esferas pública e privada, a idealização da mulher como agente moral, entre outros fatores, contribuíram para a emergência de um novo modelo de feminilidade, centrado na abnegação, no sentimento e na castidade. Para Poovey, a maior parte das mulheres inglesas, particularmente as das classes médias, internalizou o ideal da *proper lady*. (POOVEY, Mary. *The Proper Lady and Woman Writer. Ideology as Style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley and Jane Austen*. Chicago: Chicago University Press, 1984. p. 3, 6 e 8.) Contraditoriamente, as mulheres também eram vistas como volúveis e possuidoras de uma sexualidade desenfreada, ou seja, consideradas uma ameaça à família nuclear monogâmica. Por isso a necessidade do controle sobre elas, notadamente mediante a apologia da castidade e da negação da sexualidade.

Além de providenciar este tipo de conforto em casa, uma mulher também ensina aos seus filhos uma moralidade centrada na disciplina e no autocontrole; fazendo isso, ela ajuda a promover os valores necessários para outra geração de competidores de sucesso.

[In addition to providing this kind comfort in the home, a woman also taught her children a morality centered on discipline and self- control; in doing so, she helped promote the values necessary to another generation of successful competitors.]<sup>197</sup>

Ou seja, muito próximo ao que Rousseau idealizara na França, também os pensadores ingleses defenderam a reclusão das mulheres no lar. E assim como os filósofos do outro lado do Canal da Mancha, que idealizaram um feminino genérico e imutável, também idealizaram as mulheres como “fêmeas primitivas”, como seres que ainda não transcenderam o estágio de natureza, que ainda não entraram no reino da cultura.<sup>198</sup> Nesse sentido, nada mais lógico que elas se apresentassem como mais aptas a encarnar os valores relacionados à esfera privada: lócus dos impulsos naturais, do emocional, do subjetivo e do intuitivo.

O recurso à natureza também justificou as opiniões e práticas dos ingleses sobre a relação entre os “sexos”. De acordo com Porter, o pressuposto básico, que alicerçava e legitimava as relações de gênero na Inglaterra, era de que mulheres e homens são naturalmente diferentes em capacidade, devendo, por isso, exercer distintos papéis sociais.<sup>199</sup>

Mary Wollstonecraft e Mary Hays nasceram em 1759, e Mary Robinson um ano antes, em 1758. As três pertenciam às classes médias e, ao longo de suas trajetórias, tiveram suas vidas influenciadas e conformadas pela *ideologia da domesticidade* e pelo ideal da *proper lady*, que estavam então se afirmando na sociedade inglesa, e ainda mais fortemente, nos meios burgueses urbanos. Ao crescer sob a égide deste modelo, estas três inglesas se beneficiaram de suas novas visões e propostas no que se refere à existência feminina - em especial no que se refere a oportunidades de aprimoramento educacional e de acesso à cultura letrada - mas também vivenciaram e enfrentaram seus limites e tensões.

Wollstonecraft e Robinson vinham dos estratos superiores das classes médias. Robinson nasceu em uma comunidade de mercadores de Bristol, que oferecia uma vibrante vida cultural, com concertos, cafés, livrarias, editoras e um teatro. Como filha de um abastado

---

<sup>197</sup> POOVEY, Mary. Op. cit. p. 10.

<sup>198</sup> MORAN, Mary Catherine. “Between the Savage and the Civil: Dr John Gregory’s Natural History of Feminity”. In: KNOTT, Sarah e TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan. 2005. p. 13.

<sup>199</sup> PORTER, Roy. *England in the Eighteenth Century*. Harvard University Press: 1998. p. 26.

mercador<sup>200</sup>, ela se beneficiou de muitos privilégios que conformavam o estilo de vida das classes emergentes: moradias amplas e elegantes, móveis suntuosos, refeições e vestimentas refinadas, além da inserção em certos círculos aristocráticos. Estimulada pelo gosto opulento do pai, a jovem Mary Robinson aprendeu desde cedo a cultivar e valorizar um estilo de vida luxuoso. Ao longo de sua vida, Robinson se manteve sensível quanto às questões de classe e gosto, buscando se identificar e se aproximar do modo de vida aristocrático.<sup>201</sup>

Ao escrever suas memórias, já no final da vida, Robinson falou de si como tendo sido uma criança sensível, como um gênio natural. Influenciada pelas demandas de um público leitor cada vez mais acostumado à ficção sentimental e aos romances góticos, e pelo ideal romântico de escritor, ou seja, como alguém detentor de uma genialidade intrínseca, Robinson não destacou na sua autobiografia o quanto fora beneficiada pelas melhorias educacionais e pela ampliação do escopo literário que atingiu, principalmente, as mulheres de classe média. A partir da segunda metade do século XVIII houve uma expansão de escolas femininas por toda a Inglaterra. Em Bristol, a jovem Mary Robinson frequentou uma escola para moças dirigida por Hannah More e suas irmãs (fundada em 1758). A instituição de More oferecia aulas de francês, leitura, escrita, aritmética, bordado e dança.<sup>202</sup>

Aos dez anos Robinson se mudou para Londres com a mãe Hester e o irmão mais jovem George. O pai, depois de uma longa ausência devido a um arriscado empreendimento na América, voltou à Inglaterra com uma amante e abandonou a família. Na capital inglesa Mary começou um novo estágio de sua educação. Enviada para uma escola em Chelsea, começou a ser tutelada por uma brilhante e talentosa preceptora, Meribah Lorrington. Conhecedora dos clássicos, assim como das línguas modernas, da aritmética e da astronomia, ela representou um papel importante na formação de Mary, ajudando-a a ir além dos “conhecimentos femininos” que aprendera na escola das irmãs More.<sup>203</sup> Também foi a primeira a encorajar seu interesse pela produção escrita. De acordo com Byrne, a educação clássica recebida em Chelsea proporcionou substância a suas futuras produções letradas, e o respeito da crítica, algo nem sempre garantido às mulheres escritoras. Além disso, sua

---

<sup>200</sup> Nicholas Darby era um proeminente membro da *Society Merchant Venturers*, uma associação de comerciantes ultramarinos que era o coração da vida comercial de Bristol. Segundo Byrne, Horace Walpole descreveu a cidade de Bristol como “the dirtiest great shop I ever saw”. Era a segunda maior cidade inglesa depois de Londres, renomada pela sua indústria e pelo espírito intrépido de sua gente. Os “BRISTOLIANS”, segundo Walpole “seem to live only to get and save money”. (BYRNE, Paula. *Perdita: The literary, theatrical, scandalous life of Mary Robinson*. New York: Random House, 2005. p. 01.)

<sup>201</sup> Ibidem. p. 05 e 09.

<sup>202</sup> Ibidem. p. 07.

<sup>203</sup> O pai de Meribah Lorrington era professor e erudito, e a agraciou com uma “educação masculina”. (Ibidem. p. 12.)

preceptora de conhecimentos incomuns provavelmente serviu de inspiração para a composição de um tipo de personagem recorrente nos romances de Robinson: a mulher que se beneficia da educação tradicionalmente reservada aos homens.

Wollstonecraft também integrava uma abastada família de classe média<sup>204</sup>, mas, diferente de Robinson, não frequentou uma “escola para senhoritas”. Sua educação formal foi extremamente precária. Enquanto o primogênito dos Wollstonecraft teve a oportunidade de estudar em uma *grammar school* (escola de ensino secundário), contando inclusive com uma excelente biblioteca, Mary recebeu toda sua instrução em uma *day school* (escola diurna, sem internato), aprendendo pouco mais que ler e escrever.<sup>205</sup>

Era comum que a educação dos filhos fosse uma prioridade em relação à das filhas, particularmente se fosse o primogênito, aquele que caberia levar o sobrenome da família para a posteridade. Além disso, os rapazes precisavam receber uma educação mais aprofundada, formal, pois seriam eles a se envolver com os negócios e com a política. Quanto às meninas, uma educação para o casamento - centrada no aprendizado da modéstia, graça, decoro, recato e delicadeza - poderia ser dada em casa por alguma parenta ou empregada.<sup>206</sup>

Os Wollstonecraft se moldaram a esse modelo de forma bem convencional. Os pais de Mary foram muito esmerados com a educação do filho mais velho e displicentes com a instrução das filhas. As relações familiares seguiam o mesmo esquema. Tanto que Mary sempre se ressentiu da diferença de tratamento dispensado ao irmão, o favorito dos pais.<sup>207</sup> Carente de atenção, Wollstonecraft contou com o auxílio de amigos e pessoas próximas para se educar. Na sua adolescência, por exemplo, ela contou com a ajuda de sua grande amiga,

---

<sup>204</sup> O avô de Mary, Edward Wollstonecraft, pode ser considerado um autêntico representante da nascente burguesia industrial britânica. Tecelão, provavelmente do ramo da seda, chegou no início do século XVIII ao bairro artesanal londrino de Spitafields. À data de sua morte, já era considerado um “fabricante respeitável” e um cavalheiro com uma fortuna que a situava nos estratos superiores da classe média. (BURDIEL, Isabel. “Introducción”. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicación de los Derechos de la Mujer*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000. p. 23.)

<sup>205</sup> Quando Wollstonecraft já era uma adolescente, suas duas irmãs mais jovens foram enviadas para um internato em Chelsea (provavelmente para torná-las mais adequadas ao casamento, haja vista que a jovem Mary desde muito cedo demonstrara certa resistência para tal. (Ibidem. p. 32)

<sup>206</sup> Segundo Godineau, cabia às mulheres saber governar a casa, saber ler, escrever e fazer contas, conhecer alguns rudimentos de história, de geografia, de literatura e línguas estrangeiras, sem esquecer, obviamente a religião, a dança, a música e eventualmente o desenho. (GODINEAU, Dominique. “A mulher” In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 323.) Porter, em seu estudo sobre a história social da Inglaterra, afirma que os rapazes e as garotas das classes abastadas eram educados separadamente. Enquanto os primeiros comumente frequentavam instituições de ensino formal, as últimas eram educadas em casa, por alguma tia ou empregada. (PORTER, Roy. *England in Eighteenth...* Op. cit. p. 28.)

<sup>207</sup> É amplamente conhecido o desentendimento que sempre marcou o relacionamento de Mary com seu irmão Ned. Conforme seus biógrafos, isso se deveu tanto ao tratamento diferenciado que o último sempre recebeu, fato que provocou indignação em Mary, quanto ao fato de Ned ter praticamente abandonado a responsabilidade de manter as irmãs, apesar de ser o que sempre esteve em melhor situação financeira. (TOMALIN, Claire. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona: Montesinos, 1993. p. 28.)

Frances Blood, uma jovem de talentos extraordinários, que cantava, tocava e desenhava muito bem, além de ler e escrever com considerável aplicação. Fanny, como era conhecida entre os íntimos, foi de grande inspiração para Wollstonecraft. Além disso, devido ao costume que mantinham de trocar cartas, Fanny acabou se tornando uma espécie de instrutora para a jovem Mary, que antes de conhecer a amiga apenas lia para saciar sua curiosidade, passando depois à arte de escrever. Nesse mesmo período, foram ainda seus mentores o casal Clare, vizinhos sem filhos que a tinham em alto apreço e, ao que parece, a instigaram a ler Milton, Shakespeare e Pope, contribuindo para a primeira etapa de sua cultura autodidata.<sup>208</sup>

Wollstonecraft passou a maior parte de sua infância em regiões rurais da Inglaterra. Seu pai, atraído pelas possibilidades de prestígio social e de rentabilidade, por várias vezes tentou empreendimentos ligados à agricultura.<sup>209</sup> A vida no campo lhe propiciou desfrutar das brincadeiras ao ar livre com os irmãos em vez de ficar confinada no interior da casa, aprendendo o que ela viria a chamar de “talentos inúteis”.<sup>210</sup> Mais tarde ela viria a pensar que tal atmosfera mais livre a libertara da educação feminina convencional a que estavam sujeitas a maior parte das meninas de sua classe.

Diferente de Wollstonecraft e Robinson, pouco se sabe sobre a infância de Hays, além do fato de ter nascido em uma família de dissidentes religiosos que vivia em Southwark, um dos subúrbios londrinos. Ela morou neste mesmo bairro durante sua infância, adolescência e parte da idade adulta. Também são desconhecidos dados sobre sua primeira educação. Mas, o fato de integrar uma comunidade de dissidentes religiosos (muitos dos quais eram unitários), permite conjecturar sobre os possíveis caminhos educacionais trilhados por ela durante a infância.

Os unitários eram profundamente comprometidos com a questão da educação. Seus ideais, aspirações e práticas educacionais eram parte integrante de sua identidade. A postura libertária e a psicologia educacional permitiu o questionamento de algumas premissas consagradas sobre as mulheres. Eles entendiam que as diferenças entre as pessoas não eram inatas, mas baseadas na educação. Por isso eram mais inclinados que outros grupos protestantes a equalizar as capacidades intelectuais de homens e mulheres e, neste sentido,

---

<sup>208</sup> Mary conheceu Fanny e os Clare em 1775, quando ela se mudou para Hoxton, em Londres. Tinha, então, dezesseis anos.

<sup>209</sup> O pai de Mary Wollstonecraft, educado inicialmente para dar continuidade aos negócios paternos, representa um bom exemplo daqueles que diversificaram o capital familiar, tradicionalmente fundamentado no comércio e na indústria, pelas possibilidades de prestígio social e rentabilidade oferecida pela nova agricultura que alimentava a Revolução Industrial. Foi, também, um exemplo daqueles que fracassaram econômica e socialmente em tal intento.

<sup>210</sup> TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 2.

mais comprometidos com o desenvolvimento moral e espiritual feminino e com o cumprimento de seu papel materno e de cuidado. Esta concepção mais igualitária de gênero foi vital para que os unitários ampliassem as oportunidades educacionais que ofereciam às mulheres.

No que se refere à educação formal, os unitários fundaram escolas secundárias e academias, ambas eram direcionadas somente ao público masculino. As mulheres poderiam usualmente participar de certas sessões e reuniões, mas somente como convidadas e estando acompanhadas por alguém do sexo masculino. Ou seja, a filosofia educacional dos unitários poderia ser bastante igualitária, mas em relação à educação formal e superior, adequavam-se às normas sociais.<sup>211</sup>

O mesmo não pode ser dito a respeito da educação informal. Nos círculos familiares e de amizades, as mulheres tinham oportunidade de desenvolver e explorar os mesmos interesses intelectuais, literários e científicos que os homens. Entre os unitários era uma prática comum enviar meninas e jovens para visitar famílias de parentes e amigos eruditos. Um dos casos mais ilustres destes anfitriões letrados foi Anna Barbauld. Muitas jovens da comunidade unitária, incluindo a neta de Joseph Priestley, frequentaram sua casa por certo período de tempo, buscando aperfeiçoar sua educação por meio de suas lições e influência. Lições de latim, uma pesada carga de leituras em história e literatura, a escrita de ensaios de uma variedade de assuntos compunham este arranjo. Mas, um maior aprofundamento quanto aos saberes eruditos era possível nos momentos de sociabilidade, quando vários notáveis se reuniam na casa de Anna Barbauld para gozar momentos agradáveis, regados a poesia, arte, drama e música.<sup>212</sup>

A imersão na rica cultura impressa dissidente teria ainda propiciado a Hays a leitura de uma ampla gama de poesias e romances e a familiarização com as confissões religiosas de Bunyan e Milton, sem contar sua participação nas reuniões semanais nas capelas dissidentes. Mas, se não há muitos registros acerca da educação recebida por Hays em sua infância, o mesmo não se pode dizer de sua adolescência. Como voraz escritora e leitora de cartas,

---

<sup>211</sup> Ainda assim, pelo menos algumas das escolas femininas fundadas e dirigidas por unitários propiciaram uma educação de qualidade para as jovens que as frequentavam. O reverendo Willian Wood, responsável por uma escola em Leeds, por exemplo, ensinava às jovens história moderna, geografia, ciência, psicologia, literatura, gramática, filosofia moral e evidências da religião natural e revelada. Encorajava que realizassem experimentos, e editava para suas alunas os melhores autores da época, incluindo muito livros pedagógicos escritos por unitários. Wood deliberadamente escolheu abrir uma escola para meninas mais que para meninos porque ele desejava educar “those whose early and powerful influence over the infant mind useful renders it in the highest degree desirable that they should be well furnished with useful knowledge”. (WATTS, Ruth. *Gender, Power and Unitarians in England, 1780-1860*. London and New York, Longman, 1998. p. 55.)

<sup>212</sup> Ibidem. p. 67.

prática iniciada por volta dos seus 19 anos, Hays deixou registrado muitos dos seus anseios e realizações educacionais.

Durante a adolescência Hays se mostrou ávida por adquirir para si uma educação análoga à educação clássica masculina. O caminho encontrado foi se aproximar de *homens generosos*<sup>213</sup>, com os quais estabeleceu relações de tutela e de troca intelectual. John Eccles, um jovem dissidente batista, foi seu primeiro tutor e correspondente. Também foi seu primeiro amor. Com ele trocou cartas entre 1779 e 1780. Por meio delas Hays expressou suas primeiras, mas duradouras, frustrações acerca do abismo existente entre a liberdade de aprender que os homens gozavam e as limitações que cerceavam a educação das mulheres.

Como esperado, levando-se em conta as profundas divisões de gênero que marcavam as práticas educacionais setecentistas, Wollstonecraft, Hays e Robinson tiveram um acesso limitado à educação formal, o que pode ter funcionado como via de escape para o destino da *proper lady*. Somente Robinson frequentou as então populares “escolas para senhoritas”, mas mesmo ela acabou sendo direcionada para um modelo de educação não convencional ao ser tutelada por uma preceptora de talento, assim como aconteceu com Hays, devido a sua inserção nas comunidades dissidentes. Mas, se o fato de não terem recebido uma educação feminina tradicional possivelmente as tenha afastado do ideal de feminilidade vigente, ainda mais o fizeram suas experiências frustradas em relação ao ideal de mulher casada e feliz.

Desde a mais tenra idade, Wollstonecraft pôde visualizar a situação de extrema dependência na qual vivia a maior parte das mulheres de sua época. São conhecidas e amplamente difundidas as violências físicas e verbais que Edward Wollstonecraft, pai de Mary, praticava contra sua mulher, filhas e filhos. O despotismo do pai contrastava com a passividade da mãe que, como a maior parte das mulheres daquela época, resignara-se à opressiva lógica patriarcal.<sup>214</sup>

A posição da mulher inglesa era de subordinação aos pais e ao marido e de submissão aos costumes. Uma mulher casada não podia ter nenhuma propriedade em seu próprio nome, nem participar de um contrato legal, ou sequer reclamar direitos sobre seus filhos. Ainda que uma esposa pudesse pedir proteção legal contra um marido demasiadamente

---

<sup>213</sup> O termo foi utilizado por Eccles em uma das cartas enviadas à Hays em 1779, referindo-se ao ideal de homem sensível e culto delineado pela cultura da sensibilidade, que tratava as mulheres com generosidade e delicadeza, que valorizava o ideal de sociabilidade franca e sensível, pautado num intercâmbio letrado entre homens e mulheres. De acordo com Walker, a presença de “generous men” foi constante ao longo da genealogia intelectual de Hays, dando suporte a suas aspirações e comportamentos não convencionais. (WALKER, G. L. *Mary Hays (1759-1843). The Growth of a Woman's Mind*. England: Ashgate, 2006. p. 25.)

<sup>214</sup> BURDIEL, Isabel. Op. cit. p. 25. Não esqueçamos que Rousseau, cujas ideias sobre a relação entre os sexos alcançaram um sucesso estrondoso no fim do século XVIII, defendia que o estatuto dos esposos era desigual, embora jamais tenha defendido o uso da violência.



violento, ele tinha o direito de bater em sua mulher. *Commenteries on the laws of England*, de Willian Blackstone, de 1761, demonstram que por meio do matrimônio, homem e mulher tornavam-se uma só pessoa diante da lei, representada pela figura do marido. Isso significava a “morte legal” da mulher. Uma mulher casada não tinha existência jurídica, dependendo do esposo, devendo viver sob sua proteção e responsabilidade.<sup>215</sup> *The Laws Respecting Women*, de 1777, endossam as colocações de Blackstone, ao afirmar que uma esposa não poderia vender, doar ou alienar qualquer bem sem o consentimento de seu marido.<sup>216</sup>

Durante sua infância e início da adolescência parecia que Wollstonecraft tomaria o rumo daquelas mulheres cujos valores e comportamentos eram representativos da classe média ascendente. Essa possibilidade, no entanto, tornou-se exígua quando a desastrosa gestão patrimonial de seu pai arrastou toda a família, com exceção do filho mais velho, que recebera a herança diretamente do avô, aos estratos mais baixos da classe média.<sup>217</sup> A ruína familiar colocou Wollstonecraft em uma situação que, dada à inexistência de um dote suficiente, a impedia de contrair um matrimônio de acordo com as aspirações (consciente ou inconscientemente) alimentadas por uma jovem educada de classe média.<sup>218</sup>

Além disso, a possibilidade de sobrevivência representada pelo casamento não parecia tão atrativa e recompensadora para Wollstonecraft. A experiência de sua mãe e, posteriormente, de sua irmã Eliza<sup>219</sup>, assim lhe permitiram supor. Sob essas condições não parece tão surpreendente o conteúdo de suas cartas adolescentes à amiga Jane Arden, nas quais ela, então com quinze anos, já se definia como uma solteirona, afirmando-se como inimiga de qualquer vínculo matrimonial. Por essa época também já se tornara uma crítica

---

<sup>215</sup> PORTER, Roy. *England in the Eighteenth...* Op. cit. p. 26.

<sup>216</sup> PORTER, Roy. *Enlightenment: Britain and the creation of the Modern World*. London: Penguin Books, 2000. p. 321.

<sup>217</sup> TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 24

<sup>218</sup> Conforme Watt, era quase impossível arranjar um marido na Inglaterra setecentista sem dispor de um dote. Segundo este autor, há muitos indícios de que no século XVIII o casamento tornou-se uma questão bem mais comercial que antes. Evidentemente os arranjos econômicos sempre foram fatores importantes nos matrimônios; porém é provável que nesse período o tradicional *paterfamilias* se exercesse dando maior importância ao aspecto material à medida que o velho sistema familiar se tornava sujeito às pressões do individualismo econômico. (WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 153.)

<sup>219</sup>A irmã de Mary, Eliza, ficara mentalmente perturbada após o primeiro parto, o que fez com que Wollstonecraft, convencida de que isso ocorrera em decorrência dos maus tratos do cunhado, retirasse-a de sua casa em segredo, sem levar seu bebê. Uma separação legal foi obtida para o casal, mas a jovem mãe nunca obteve a custódia de sua filha, que veio a falecer antes de completar um ano. (MIRANDA, Anadir dos Reis. *Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759-1797)*. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 2010. p. Disponível em: [http://www.generos.ufpr.br/files/61ce-dissertacao\\_anadir.pdf](http://www.generos.ufpr.br/files/61ce-dissertacao_anadir.pdf).)

severa de seus pais e de suas atitudes na sociedade, bem como de suas inadequações pessoais.<sup>220</sup>

Enquanto isso a jovem Hays, no pólo oposto, esforçava-se para estabelecer uma relação amorosa ideal, pautada na união entre “mentes similares”, uma combinação de respeito e amor. Com um parceiro como Eccles, que se mostrou generoso e sensível, ela pôde se despir das máscaras sociais e estabelecer uma relação de troca intelectual. Logo, entretanto, as agruras da vida se interpuseram entre o jovem casal.<sup>221</sup>

A família de Hays buscou coibir o namoro, provavelmente temerosa que ela viesse a perder sua reputação. Era compreensível esperar que uma relação que se tornava cada vez mais intensa pudesse culminar num comportamento inadequado.<sup>222</sup> Além disso, para Mrs. Hays e pessoas próximas à família parecia difícil acreditar que Eccles estivesse apenas enamorado por Hays (que não era fisicamente atraente), e não estivesse fortemente interessado no seu dote.<sup>223</sup>

Os dois continuaram a se corresponder clandestinamente e em julho de 1780, o fato de Eccles estar na eminência de se estabelecer como sócio de um novo negócio abriu a possibilidade da família de Hays aceitar o enlace de ambos. Infelizmente, no entanto, Eccles foi tomado por uma estranha febre e acabou morrendo. Com sua morte Hays perdeu a chance de se tornar esposa e mãe, a convencional aspiração das mulheres de sua época. Depois disso ela passou a ocupar a posição dúbia de uma “viúva solteira” e ao longo de toda sua vida não mais conseguiu encontrar um companheiro afável e culto como Eccles, disposto a estabelecer com ela seu ideal de relação amorosa.<sup>224</sup>

Robinson não teve maior sorte com a instituição matrimonial. Desde que o pai abandonara a família, o estilo de vida de Mary entrou em declínio. Ele continuou a sustentar a família, mas não o modo de vida luxuoso com o qual estavam acostumados.<sup>225</sup> Hester e os filhos se mudaram para várias cidades até se instalarem em Londres. Nesse meio tempo, Mary terminou seus estudos formais num internato mais ortodoxo, no qual também atuou como

---

<sup>220</sup> BURDIEL, Isabel. Op. cit. p. 23.

<sup>221</sup> WALKER, Gina L. *Mary Hays (1759-1843)*... Op. cit. p. 25.

<sup>222</sup> Por essa época, Hays e Eccles trocavam cartas, no mínimo, três vezes por semana. E, sendo vizinhos, podiam acompanhar a rotina um do outro olhando pelas janelas. (Ibidem. p. 14)

<sup>223</sup> No que se refere ao mercado matrimonial, Hays ocupava uma posição relativamente cômoda. Se pai tinha lhe deixado uma anuidade de 70 libras por ano, dependente da aprovação da mãe quanto a escolha do cônjuge. Eccles, por outro lado, aparentemente não tinha nenhuma ocupação ou anuidade. Além disso, o pai se recusara ajudá-lo a alcançar independência econômica, devido a um insucesso de Eccles com os negócios da família. (Ibidem, p. 15)

<sup>224</sup> Ibidem, p. 26 e 34.

<sup>225</sup> Os negócios do pai de Mary passavam por dificuldades, ainda assim ele conseguiu manter seu estilo de vida opulento, mas não como na época em que vivia com a mãe de Mary.

professora de língua inglesa, pois o pai parara de custear sua educação.<sup>226</sup> Também foi durante a adolescência que Robinson deu os primeiros passos na carreira de atriz. A governanta da família, admirada com seu talento para exposições dramáticas, persuadiu Hester a deixá-la ter aulas de interpretação, apesar do ofício de atriz não ser considerado respeitável. A mãe foi persuadida por conhecidos que existiam atrizes que “preservavam a imagem imaculada”.<sup>227</sup> O pai, envolvido em outro negócio na América, deixou a decisão nas mãos de Hester. E foi em grande parte devido aos perigos que tal ofício poderia acarretar à sua reputação, que Mary foi levada a um casamento prematuro.

A jovem Mary, que até então se chamava Mary Darby, conheceu Thomas Robinson aos 14 anos, depois de se mudar para Londres. Aparentemente se tratava de um jovem encantador, que trabalhava como advogado em uma firma promissora. Sedutor, convenceu Hester que o casamento era o melhor caminho para manter a reputação de Mary, que estava se aproximando cada vez mais do mundo teatral. Ela tinha conhecido e se tornado pupila de David Garrick<sup>228</sup>, uma das figuras mais influentes do teatro londrino. Ele a estava preparando para seu *debut* no teatro, orientando-a a frequentar *Drury Lane* e se familiarizar com suas práticas.<sup>229</sup> Como protegida de Garrick, ela pôde experimentar seu gosto de ser celebridade, atraindo um enxame de admiradores. Agradou-lhe este “murmurinho” (seu termo). Nesta época Mary acreditava que conseguiria equilibrar a tênue linha entre fama e infâmia, mas a mãe temia cada vez mais por sua reputação.<sup>230</sup>

Persuadida pela mãe e por Thomas Robinson - que soubera se fazer encantador com todos da família - Mary decidiu aceitar o enlace e abandonar o teatro. No entanto, desde o início, o matrimônio se mostrou um desastre. Depois de consumado o casamento, Thomas decidiu manter a união em segredo, com ambos vivendo em casas separadas nos primeiros meses. Aparentemente ele usara o subterfúgio do matrimônio somente para seduzir Mary, que

<sup>226</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 14.

<sup>227</sup> ROBINSON, Mary. *Perdita. The Memoirs of Mary Robinson (1758-1800)*. M. J. Levy (editor). Great Britain: Peter Owen, 1994. p. 34. [preserved an unspotted fame]

<sup>228</sup> David Garrick (1717 - 1779) foi um ator, dramaturgo, diretor e produtor de teatro inglês que influenciou quase todos os aspectos da prática teatral ao longo do século XVIII.

<sup>229</sup> O *Licensing Act*, de 1737, tinha sido introduzido para controlar as produções que satirizavam o governo inglês e concedera autorização para funcionamento legal a somente duas casas teatrais em Londres, os teatros reais *Drury Lane* e o *Covent Garden*. *Drury Lane* era o mais antigo teatro londrino, tendo a capacidade de receber por volta de duas mil pessoas. No final do período georgiano o teatro era parte essencial da vida elegante. O público mais abastado costumava se sentar nas galerias e camarotes. Criados e pessoas do povo ocupavam as galerias mais altas, mais afastadas do palco. Uma exibição noturna costumava durar quatro horas. Abria-se o espetáculo com a apresentação de uma orquestra, seguida pela peça principal (um drama, musical ou opera), então um intervalo (com uma apresentação musical ou dança), fechando com uma encenação mais breve, normalmente algum tipo de farsa. (BYRNE, Paula. Op. cit. p. 68.)

<sup>230</sup> ROBINSON, Mary. *The Memoirs...* Op. cit. p. 35.

nesta época já era reconhecida como uma mulher belíssima. Depois disso, Thomas tentou retomar, dentro do possível, sua vida de solteiro, assumindo o casamento publicamente somente depois de ter sido pressionado pela família de Mary (já que ela se encontrava grávida). O que se seguiu não foi melhor. Ele rapidamente se tornou um marido infiel. Também não fora absolutamente sincero a respeito de suas finanças, possuindo uma renda bem abaixo do que dera a entender. Acostumados a um estilo de vida dispendioso<sup>231</sup>, Thomas e Mary recorreram a inúmeros empréstimos. Como não conseguiram liquidá-los, foram parar na prisão. As traições e os desgostos acabariam levando ao rompimento da relação.

Salvo o matrimônio, não havia muitas possibilidades de existência social disponíveis às mulheres. No século XVIII o casamento se configurava como algo de suma importância para elas, uma das suas únicas possibilidades de sobrevivência econômica. A decadência da indústria doméstica, devido ao advento do capitalismo industrial, limitara bastante as possibilidades de manutenção econômica das mulheres, além de contribuir em larga escala para a desvalorização das solteiras, que passaram a ser vistas como um “fardo”, e não mais como alguém que contribuía para a manutenção da família. Isso gerou um excedente de mão de obra feminina e, por conseguinte, a desvalorização da remuneração das mulheres em relação à dos homens.<sup>232</sup> Além disso, idealizadas para ocupar o espaço privado, não se concebia de forma alguma que elas pudessem atuar no espaço público em ofícios encarados, obrigatoriamente, como masculinos. Nesse sentido, àquelas que não conseguiam o tão almejado enlace, restava trabalhar mediante salários ínfimos ou viver sob a dependência de parentes.<sup>233</sup>

---

<sup>231</sup> Em Londres, Thomas e Mary alugaram uma casa na “City”, perto da catedral de Saint Paul, num bairro de mercadores prósperos, joalheiros e agiotas. Outros símbolos de *status* e bom gosto, como uma carruagem e roupas elegantes, também foram adquiridos. Pode-se dizer que este foi o *debut* de Mary na alta sociedade londrina. Com um endereço elegante, uma carruagem da moda e a deslumbrante boa aparência de Mary (que logo passou a ser conhecida pelo seu senso de moda e estilo), o casal chamou atenção na cena social londrina. Lyttelton, um dos mais conhecidos libertinos da época, tornou-se um dos principais admiradores de Mary. Ele introduziu o casal nas altas rodas londrinas, composta por aristocratas, políticos e atores. (BYRNE, Paula. Op. cit. p. 41 e 44.)

<sup>232</sup> É interessante lembrar que os conventos, onde tradicionalmente muitas das mulheres solteiras buscavam abrigo, não se configuravam mais como uma opção para as inglesas desde a Reforma. Muitos autores coevos, como Mary Astell e Daniel Defoe, discutiram em alguns de seus escritos a necessidade de encontrar substitutos que cumprissem o papel dessas instituições. (WATT, Ian. Op. cit. p. 155.)

<sup>233</sup> Nas camadas médias, havia pouca chance de autossuficiência econômica para as mulheres e acesso restrito ao mundo do trabalho. Para as mais pobres havia fundamentalmente três alternativas: a profissão de costureira, criada ou prostituta. As opções de trabalho eram tão reduzidas que era muito comum que as jovens vindas do campo, em busca de emprego em Londres, acabassem caindo na prostituição. (VASCONCELOS, Sandra Gardini. *A formação do romance inglês. Ensaios Teóricos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild/ Fapesp, 2007. p. 125-127.)

Para Wollstonecraft e Robinson, tampouco a última alternativa mostrou-se viável. Depois que o pai de Wollstonecraft dilapidara o patrimônio familiar, era de se esperar que o irmão mais velho mantivesse os irmãos mais jovens, particularmente as irmãs, que teriam maior dificuldade para se sustentar. Ned, entretanto, nunca arcou com esta responsabilidade, restando a Wollstonecraft assumi-la. Levada pelas circunstâncias, pela necessidade, mas também por convicção, Wollstonecraft iniciou uma busca que reordenaria toda sua vida, que a afastaria em definitivo do ideal de “anjo do lar”: a busca pela independência econômica.

Na tentativa de prover a si mesma e a sua família, Wollstonecraft exerceu sucessivamente muitas das ocupações que as regras de decência de sua época reservavam às mulheres solteiras: dama de companhia, diretora e professora de uma escola para senhoritas, fundada por ela e suas irmãs, e finalmente governanta de uma família aristocrática. Todos estes ofícios ela ocupou entre 1778 e 1787, ou seja, entre seus 19 e 28 anos de idade.

Robinson também enfrentou o desafio de sobreviver economicamente sem o auxílio de familiares. Mas, diferente de Wollstonecraft, suas escolhas foram menos “adequadas”. Segundo Binhammer, Robinson sempre conseguiu cuidar de si mesma, ainda que isso tenha lhe demandado enorme custos pessoais.<sup>234</sup>

Sua luta pela independência financeira começou durante sua estadia na prisão, quando ela escreveu sua primeira coleção de poemas (*Poems*, de 1775) devido à necessidade de se manter e ao seu bebê. Depois que ela, a filha e o marido deixaram a prisão, ele foi bem mais compassivo quanto a sua carreira de atriz e ela mais determinada em encontrar formas de manter seu estilo de vida requintado. Logo se tornou uma celebridade, famosa pelos papéis que representava no *Drury Lane*<sup>235</sup> e pelo *frisson* que causava com seus trajes na alta sociedade londrina<sup>236</sup>, afamada também pelas relações que estabeleceu com protetores abastados e influentes, sendo o mais ilustre o próprio príncipe de Gales, futuro George IV.<sup>237</sup>

---

<sup>234</sup> BINHAMER, Katherine. *Mary Darby Robinson (1758-1800)*. In: <http://www.chawtonhouse.org/wp-content/uploads/2012/06/Mary-Darby-Robinson.pdf>

<sup>235</sup> Depois da prisão, encontrando-se numa difícil situação financeira, Robinson retomou seus contatos no universo teatral, em especial com Garrick, que aceitou tutelá-la novamente. Seu talento e contatos lhe garantiram o sucesso. Era uma profissional versátil, que escrevia e interpretava peças. Tornou-se conhecida principalmente por interpretar personagens shakespearianos, como Julieta, Ophelia e Lady Macbeth. Sua interpretação de maior sucesso foi a personagem Perdita, numa adaptação da peça *The Winter's Tale*. (BYRNE, Paula. Op. cit. p. 76, 90.)

<sup>236</sup> No século XVIII, o crescimento do consumo permitiu a mais pessoas se adequar a um padrão de traje elegante. A simplificação dos trajes, associada ao crescimento da produção de roupas em larga escala, também ajudou a tornar o preço das vestimentas mais acessível e difundir o estilo elegante de se vestir. (KLEIN, E. *Politeness and the Interpretation of the British Eighteenth Century*. Lawrence E. Klein Source: *The Historical Journal*, Vol. 45, No. 4 (Dec., 2002), p. 883.)

<sup>237</sup> No final de 1779, o príncipe de Gales viu o desempenho de Robinson interpretando Perdita e, como se comentou na época, foi arrebatado por sua beleza. Sua reputação de libertino ainda não tinha se disseminado

As dificuldades econômicas, intensificadas pelos gastos onerosos de Mary, além do casamento que naufragava, possivelmente contribuíram para ela não fosse tão acautelada com a sua reputação. Com o teatro ela conseguiu a independência econômica que sempre almejava<sup>238</sup>, sem colocar sua honra (feminina) realmente em xeque. De início Robinson seguiu o exemplo das atrizes que, levando uma vida exemplar, haviam conseguido manter alguma respeitabilidade. Poucas conseguiram, expostas como estavam à tentação de patronos ricos que frequentavam os teatros em busca de amantes.<sup>239</sup>

As preocupações de Robinson com a sua reputação perderam muito de sua força quando o matrimônio se desestruturou em definitivo. Neste sentido, quando surgiu a oportunidade de ser protegida por um dos homens mais influentes da Inglaterra, o príncipe de Gales, provavelmente ela tivesse mais a ganhar do que perder. Quando sua relação com o príncipe tornou-se pública, a reputação de Robinson se perdeu. Ao mesmo tempo ela se tornava uma das mulheres mais célebres da época, a famosa *Perdita*.

Chamavam-na *Perdita* porque o príncipe se apaixonara por ela quando interpretou esta personagem numa readaptação da peça *The Winter's Tales*, de William Shakespeare. Como ambos trocaram cartas sob os pseudônimos de *Florizel* e *Perdita*, o casal protagonista, Robinson se tornou muito mais conhecida a partir de então por tal cognome.

Já Mary Hays não encontrou grandes desafios para sobreviver economicamente fora do casamento. Ao longo dos dez anos seguintes a morte de John Eccles ela se manteve sob a proteção de sua família e da comunidade dissidente em que crescera. Neste meio tempo ela levou uma vida bastante tranquila e se dedicou com afinco aos seus estudos, de modo a superar o sofrimento pela perda de seu amigo e amor.

---

e Robinson se deixou seduzir por suas declarações de amor, que ele registrou em cartas efusivas. Ela concordou em se tornar sua amante, em troca de uma promessa de £ 20.000. Promíscuo, o príncipe logo a abandonou, sem querer pagar-lhe o combinado. Este *affair* se tornou um assunto público. A reputação de Robinson perdia-se definitivamente. Ao mesmo tempo se tornava uma das mulheres mais célebres da época, que com sua beleza, talento, bom gosto e espírito causava *frisson* nas rodas aristocráticas londrinas, cujas realizações, *affairs* e estilo de se vestir eram incansavelmente citados na imprensa londrina. Sempre a incomodou que ela tenha alcançado sua maior fama não como uma atriz ou uma mulher de letras, mas como uma celebridade mundana. (Ibidem. p. 119.)

<sup>238</sup>Ibidem. p. 73.

<sup>239</sup>No intuito de manter sua reputação, Robinson tinha o cuidado de enfatizar o patrocínio da duquesa de Devonshire, e parece que ela era protegida por muitas outras “distintas e respeitáveis mulheres”. Era comum que nos prólogos e epílogos das apresentações as atrizes apelassem para a generosidade das *ladies*, pelo aplauso e aprovação. Também era uma prática comum que mulheres de estirpe vendessem suas roupas usadas para as atrizes usarem no palco. Estas usavam o vestuário para se associar a mulheres da elite. As atrizes setecentistas crescentemente se veiculavam a mulheres aristocráticas para se defender das críticas pouco lisonjeiras que apareciam em biografias e em revistas e periódicos. Como Mary insistia “I had still the consolation of an unsullied name. I had the highest female patronage, a circle of the most respectable and partial friends”. (ROBINSON, Mary. *The Memoirs...* Op. cit. p. 81.)

Estas três escritoras inglesas, que não puderam (ou quiseram) se adequar ao ideal da *proper lady*, posteriormente se tornaram crítica ferrenhas de tal modelo. Como não foram muitas mulheres a manifestar seu descontentamento de forma pública e sistemática, é possível afirmar que a maioria delas restringiu-se à passividade, ao ressentimento e ao comodismo. Não foi o que aconteceu, em definitivo, com Wollstonecraft, Hays e Robinson. No caso delas a inadequação ao modelo da *proper lady* levou a um ardente esforço de crítica e de resistência.

## 2.2 O ofício das letras

A *ideologia da domesticidade*, ao elevar e valorizar o status social da mulher, conquistou rapidamente muitas adeptas que não estabeleceram grande resistência em se adequar ao novo modelo de esposa virtuosa, mãe abnegada e dona de casa. Ao mesmo tempo, suas limitações e incongruências certamente propiciaram experiências de frustração, descontentamento e inconformismo. Com certeza não foram muitas mulheres que conseguiram se aproximar em suas vidas do retrato idílico da relação entre os gêneros delineados por Rousseau e Richardson em seus populares romances epistolares. Ainda assim, pouquíssimas delas denunciaram de forma pública e contundente as injustiças deste modelo no que se refere às mulheres. Se os elogios empreendidos a elas pelos romancistas ingleses e franceses contribuíram para inibir a crítica, também contribuiu muito a incapacidade (quase) sistemática das mulheres setecentistas em ingressar no debate público. No que se refere a Wollstonecraft, Hays e Robinson, por exemplo, a crítica categórica ao ideal da *proper lady* aconteceu em paralelo a efetiva inserção na cultura letrada setecentista por parte delas.

O ideal do “anjo doméstico” se constituiu de forma extremamente paradoxal no que se refere à experiência feminina. Se por um lado reafirmou o lugar tradicionalmente vinculado às mulheres (desigual e inferior ao dos homens), por outro erigiu um discurso de valorização que permitiu repensar seu papel social, propiciando inclusive oportunidades de inserção na cultura letrada.

Para o historiador inglês Roy Porter, houve melhorias consideráveis nas condições de vida das inglesas setecentistas. Tal afirmação causa certo estranhamento, quando se sabe o quanto as severas leis inglesas limitavam sua atuação jurídica e econômica, e a separação das esferas pública e privada exigia sua restrição ao lar. Tal contradição, como não poderia deixar

de ser, é reflexo da natureza paradoxal do modelo de feminilidade erigido neste contexto. De acordo com Porter, esse período assistiu a uma “suavização” da autoridade patriarcal, apesar de as leis formais não permitirem entrever tal fenômeno. O novo modelo familiar que se desenvolvia no contexto, baseado na empatia e na cumplicidade entre os cônjuges, numa relação mais próxima entre pais e filhos, enfim, numa intimidade prazerosa e gratificante, propiciava a idealização de uma relação mais igualitária entre os gêneros. Segundo Porter, “a despeito da árida desigualdade da lei, o casamento tornava-se idealizado em termos de relacionamento afável, e apresentado como um uma troca mútua”.<sup>240</sup>

Com a ascensão da burguesia, a sociedade inglesa havia sofrido muitas mudanças significativas. O poder político e econômico começava a mudar de mãos e a combinação de capitalismo e protestantismo determinava novos papéis tanto para o homem quanto para a mulher, resultando numa nova concepção de casamento. Casamento e amor, que sempre tinham sido vistos de forma dissociada pela aristocracia, passavam agora a ser vistos como indissociáveis pela burguesia puritana. Com os casamentos de conveniência sendo gradualmente substituídos pelo ideal de casamento burguês, a escolha do parceiro tornava-se crucial num momento de transformação da família patriarcal extensa para a família conjugal.<sup>241</sup>

Essa concepção romântica do amor exigia uma nova mulher, menos distante do homem. Afinal, a atração amorosa só poderia surgir entre indivíduos próximos que se atraem mutuamente por suas qualidades subjetivas. Por essa lógica, os valores tradicionais ligados à família, ao nome e ao sangue perderam muito da sua importância. É compreensível porque nesse contexto se “pôs em segundo plano a mulher aristocrática, figura dos valores aparentes, tais como riqueza, nome e título, e se construiu outro modelo de mulher: aquela que não se pode conhecer pela aparência, aquela que é dotada de subjetividade”.<sup>242</sup>

Estes discursos de reordenamento da posição social das mulheres propiciaram múltiplos caminhos de sua inserção na cultura letrada. Além das melhorias quanto à educação, atestada pelos clamores de moralistas, progressistas e até mesmo de conservadores,

---

<sup>240</sup> PORTER, Roy. *Enlightenment...* Op. cit, p. 324. [despite the obdurate inequality of the law, marriage became idealized in terms of affable companionship, and presented as a mutual exchange]

<sup>241</sup> VASCONCELOS, Sandra G., Op. cit. p. 124.

<sup>242</sup> Esse modelo de feminilidade se inspira numa moral puritana e utilitária, baseada em certas virtudes burguesas (tais como a retidão e a decência), que constituiriam os meios idôneos para ascender socialmente. É importante frisar que ele se desenvolveu principalmente entre as classes médias, idealizado por romancistas como Richardson e moralistas como Dr. Gregory. (LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997. p. 178.)



e pela criação de escolas femininas, também se assistiu ao surgimento de gêneros literários idealizados como mais adequados à escrita e leitura femininas.

Como visto o surgimento das “escolas para senhoritas” não representou exatamente um avanço no que se refere à educação das mulheres, sendo seu intuito muito mais conformá-las ao papel de “Sofias rousseaunianas”, do que torná-las esclarecidas e autônomas. Mas, se as instituições de ensino formal não se alinharam aos clamores ilustrados pela independência do pensar, a educação informal disponível às mulheres em alguns círculos letrados o fizeram. Os círculos religiosos unitários certamente foram os exemplos mais notórios.

Hays, desde a infância, foi beneficiada pelas ideias e práticas progressistas que os unitários desenvolveram acerca de uma educação mais igualitária entre os gêneros. Mas foi a partir do início da idade adulta, quando pôde participar mais ativamente das sociabilidades letradas existentes nos meios unitários, que ela teve oportunidade de se preparar para participar da *República das Letras*, principalmente por meio de estudos independentes e da extraordinária tutela do reverendo *não-conformista* Robert Robinson.<sup>243</sup>

Robert Robinson, um iconoclasta e carismático pregador batista, foi certamente a influência intelectual mais importante para Hays neste período, que mais tarde o descreveu como o “despertador da minha mente, e Preservador da minha vida”.<sup>244</sup> Através da correspondência e dos encontros que estabeleceram entre os anos de 1782 e 1790, Robinson proveu Hays de textos (muitos de sua própria autoria) que lhe permitiram acesso aos conceitos e às ideias presentes e circulantes no debate ilustrado inglês. Estes incluíam a contribuição huguenote para a ideia moderna de tolerância, a feroz defesa de Robinson do direito ao julgamento privado (que se tornou um dos principais pilares do pensamento proto-feminista de Hays), e a emergência da identidade dissidente na sua relação intrínseca com as liberdades religiosa, política e pessoal.

As reuniões religiosas domiciliares que a família batista de Hays frequentava se configuravam como ricos espaços para ligações intelectuais, sociais e religiosas. Hays as frequentava uma ou duas vezes por semana, ouvindo sermões e se familiarizando com os debates políticos. Convivendo com pessoas consideradas subversivas, que conduziam suas próprias escolas, imprimiam seus próprios livros e formavam sua própria *República das*

---

<sup>243</sup> Robert Robinson (1735-90) foi um dissidente racionalista politicamente ativo em prol da revogação do *Test and Corporation Acts*, da Guerra pela Independência, da expansão da representação no Parlamento e do sufrágio masculino universal. Era conhecido pelas suas posições religiosas heterodoxas, tanto que nos debates da década de 1790 foi criticado diretamente por Edmund Burke.

<sup>244</sup> Mary Hays to Crabb Robinson, April 1842. In: BROOKS, Marilyn L. (editor). *The correspondence of Mary Hays 1779- 1843*. EUA: Edwin Mellen Press, 2004. p. 582. [the awakener of my mind, and the preserver of my life.]

*Letras*, ela absorveu o rogo dissidente por pensar de forma independente. Entretanto, desde sua relação com Eccles, quando Hays havia se tornado ávida por aprender com ele, ela também começou a se tornar consciente das incongruências entre as oportunidades de aprimoramento ofertadas pelos dissidentes aos homens e seu relativo descaso com as aspirações femininas. Apesar dos encorajamentos de Eccles, para ela não existia nenhum caminho formal, sancionado, de acesso a uma educação aprofundada e libertária.<sup>245</sup>

Depois da morte de seu primeiro interlocutor letrado, a tenacidade de Hays por aprender e ser ouvida a compeliram a buscar outros homens talentosos para guiá-la. A aprendizagem informal alcançada junto a *homens generosos* representava uma das únicas alternativas viáveis às mulheres que, como ela, ansiavam pelo conhecimento.

Confrontados com a atenção determinada de Hays, alguns dissidentes de talento aceitaram se tornar seus tutores intelectuais. Estes não tiveram que se preocupar com difamações sociais, com a possibilidade de serem acusados de se aproximar dela movidos por interesses licenciosos. Afinal, conforme a própria Hays admitia, ela era uma *plain woman* (uma mulher comum, não atraente). Além disso, tratava-se de homens disciplinados, polidos, com mentes elevadas. Hays descreveu os homens que a guiaram ao longo das décadas de 1780 e 1790, incluindo Robert Robinson, Joseph Priestley, Hugh Worthington, John Disney e Theophilus Lindsey, como *gentlemen* da mais distinta virtude.<sup>246</sup> Sua correspondência revela que ela se movia com liberdade de um para outro, no intuito de satisfazer seus anseios por conhecimento. Estes homens serviram como mentores, editores, guias, defensores e agentes, sempre a provendo de escritos que fora das universidades e espaços profissionais seriam inacessíveis para ela.

Com a morte de Robinson em 1790, ela buscou novos tutores intelectuais, vinculados particularmente ao *New College Hackney* (a mais recente, inovadora e politizada academia *não-conformista*). Com o auxílio de dissidentes letrados, Hays teve acesso ao pensamento ilustrado, derivado das ideias de Bacon, Newton e Locke. Aderiu, neste sentido, às modernas reflexões sobre experiência, investigação empírica e liberdade de pensamento. Seu enfoque, no entanto, voltou-se particularmente para a “nova ciência da mente”.

Por ser mulher, o acesso de Hays à comunidade dissidente do *New College* foi limitado. Ela podia ouvir as ideias dissidentes por meio das pregações, ler suas publicações - que por vezes incluía as aulas e conferências - frequentar as reuniões religiosas e convidá-los para sua modesta casa em Southwark. Assim, ela deu continuidade ao seu aprimoramento

---

<sup>245</sup> WALKER, Gina L. *Mary Hays (1759-1843)...* Op. cit. p. 34.

<sup>246</sup> *Ibidem*. p. 35.

intelectual, avançando na sua compreensão sobre teologia, filosofia e política, sempre sob os olhos vigilantes de sua mãe.

Como parte de sua educação informal entre os dissidentes Hays também teve oportunidade de observar na prática um tipo ideal de intercâmbio marital e de relação entre os gêneros. Os protestantes britânicos haviam sacralizado o amor divino e amigável como vínculo natural entre o homem e a mulher, delineando um modelo de matrimônio pautado na *perfeita amizade* entre os cônjuges (este ideal também se manifestou no romance sentimental inglês e na literatura alemã).<sup>247</sup> Tratava-se de um modelo bem distante daquele criticado por ela, Wollstonecraft e Robinson em seus tratados proto-feministas, que invariavelmente levavam à opressão das mulheres.

Devido a sua proximidade com os líderes *não-conformistas*, Hays teve oportunidade de conhecer suas esposas, algumas das dissidentes mais influentes da época: Jane Disney, Hannah Lindsey e Susanna Worthington. Por conta de sua inserção naquelas comunidades religiosas ela também viu e ouviu falar sobre Ann Jebb e Anne Wakefield. Este grupo de “esposas” que se dedicou aos seus próprios ofícios, atuando como educadoras, escritoras, filantropas, polemistas e administradoras em suas congregações, que manejaram para participar dos embates religiosos de sua época, influenciaram a direção do pensamento proto-feminista de Hays e de sua carreira letrada, assim como suas ambições privadas.<sup>248</sup>

Profissionalmente, o contato de Hays com as religiosas dissidentes em sua representação pública como esposas e mães, desvelou-lhe um emergente mercado de leitoras sérias, preocupadas com temas como educação e atuação feminina. Segundo Walker, pelos próximos trinta anos ela escreveria e publicaria visando, principalmente, este público leitor. Pessoalmente, os matrimônios dissidentes ofereceram uma gama de modelos para seus futuros anseios amorosos com Willian Frend. Filosoficamente, estes intercâmbios maritais apontaram para uma forma de amor mais elevada, mais platônica, na qual mútuos valores vinculados ao serviço religioso triunfavam sobre a atração baseada somente na aparência física.<sup>249</sup>

Wollstonecraft percorreu caminhos parecidos no seu processo de auto-aprimoramento. Ela recebera uma primeira educação ainda mais precária do que Hays e Robinson. Ao longo da infância e adolescência seu acesso à cultura letrada foi extremamente restrito. Quadro que começou a ser revertido quando ela, com o intuito de abrir uma escola

---

<sup>247</sup> ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 129.

<sup>248</sup> Sobre a atuação e os intercâmbios estabelecidos entre estas religiosas *não-conformistas* ver WALKER, G. L. e DITCHFIELD, G. M. *Intellectual Exchanges: Women and Rational Dissent*. Enlightenment and Dissent. No. 26, 2010.

<sup>249</sup> WALKER, Gina L. *Mary Hays (1759-1843)*... Op. cit. p. 88.

com suas irmãs<sup>250</sup>, mudou-se para Newington Green (1783) e entrou em contato com o famoso círculo reformista criado em torno do pastor dissidente Richard Price, autor do sermão a favor da Revolução Francesa que enfureceria Edmund Burke e provocaria suas famosas *Reflexões*.<sup>251</sup>

Desde que Defoe residira em Newington Green, um século antes, o lugar havia atraído intelectuais dissidentes e pedagogos de ideias reformistas. Das janelas de sua escola, Mary podia ver tanto a capela dos dissidentes quanto a casa do ministro religioso Richard Price. Logo Mary foi apresentada ao conhecido pastor, o primeiro intelectual radical que ela encontrava em sua vida. Na presença dele, as palavras “whig”, “democrata” e “reformador” se tornaram significativas para ela.

Como vizinho Price era amável e especialmente atento com os jovens e aqueles que se encontravam em dificuldade. Wollstonecraft era anglicana, não integrava a congregação de Price, mas isto não impediu que ele a tomasse sob seus cuidados e respondesse suas cartas. Ávida por ouvir suas pregações, Mary começou a frequentar as reuniões dos dissidentes tanta vezes quanto costumava fazê-lo na sua própria paróquia. Logo foi acolhida por aquela comunidade, sendo recebida nas casas de homens e mulheres de letras *não-conformistas*.<sup>252</sup>

Neste ambiente Wollstonecraft começou a desenvolver uma visão otimista do indivíduo e da sociedade. Começou a acreditar que a força de vontade e a energia individual podiam melhorar o mundo, e que a natureza humana se aperfeiçoava dia-a-dia. Havia ainda uma mistura de entusiasmo e seriedade entre os dissidentes racionalistas que a agradou muito. Eram pessoas comprometidas com suas famílias, sóbrias no sentido estrito da palavra, trabalhadores, humanos e respeitosos com o próximo. A atitude pessimista que Wollstonecraft vinha desenvolvendo sobre as relações de gênero também se viu um tanto suavizada em Newington Green, onde ela começou a entrar em contato e ouvir sobre as mesmas religiosas dissidentes que impressionariam Hays. Mulheres de letras como Ann Jebb - esposa do correligionário e amigo reformista de Price, John Jebb - que publicava artigos políticos, e Anna Barbauld - filha do dissidente John Aikin - celebrada poeta que escrevia também sobre temas educativos. Ou seja, mulheres nada relutantes em se dedicar ao ofício da escrita e a

---

<sup>250</sup> Devido à ruína familiar e ao descaso do irmão Ned em relação a Mary e suas irmãs, restou a elas se autossustentarem, com os poucos trabalhos disponíveis às mulheres. Segundo Tomalin, Wollstonecraft decidiu abrir uma escola seguindo o exemplo de sua amiga Jane Arden (que já se dedicara a tal empreendimento). Não podemos deixar de chamar a atenção para o fato de Wollstonecraft conseguir abrir tal instituição com tão pouco preparo pedagógico e intelectual. Esse fato nos dá uma ideia do tipo de escolas que a maioria das meninas de classe média frequentava naquela época. (TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 48 e 49.)

<sup>251</sup> É importante frisar que nesse contexto ela inicia a leitura das obras de Rousseau, as quais influenciaram toda sua produção intelectual.

<sup>252</sup> BURDIEL, Isabel. Op. cit. p. 50.

abordar temáticas das mais diversas. Estas experiências serviram como fonte de inspiração e esperanças para Wollstonecraft. Quando sua escola não deu o retorno financeiro esperado surgiu-lhe uma nova possibilidade de manutenção econômica, de manter a ela e a sua família: tornar-se uma escritora.

A produção escrita representava uma das possibilidades de atuação acessíveis às mulheres nos ambientes *não-conformistas*. Alinhados ao espírito ilustrado setecentista, os unitários, por exemplo, utilizavam a prensa como um meio de elevar o nível moral e intelectual da sociedade. Usavam-na, em especial, para propagar uma das temáticas que lhe eram mais caras: sua filosofia educacional. Para tal, contavam com a editora de William Eyres, em Warrington. Desde que a academia fora fundada em 1757, muitos tutores se sentiram estimulados a publicar seus trabalhos. Muitos deles publicaram obras educativas, intimamente ligadas às suas visões religiosa, política e econômica. Produziram assim tratados educacionais, livros de história, livros didáticos e literatura infantil. Os unitários estão entre os primeiros a escrever obras direcionadas especificamente para crianças.<sup>253</sup>

O comprometimento dos dissidentes com a temática da educação, aliada ao ideal de feminilidade vigente - que definia as mulheres como seres naturalmente morais, como as principais responsáveis pela educação das crianças - contribuiu para o surgimento de um importante nicho de publicação para as mulheres autoras.

A primeira obra de Wollstonecraft, *Thoughts on the Education of Daughters* (1787), foi publicada durante o período que viveu em Newington Green. Necessitada de dinheiro, ela enviou o manuscrito ao editor londrino Joseph Johnson que, como visto, possuía ligações com os unitários e pensadores liberais de todo o país. Johnson possuía especial interesse pelos livros com temas educativos. Posteriormente, Johnson se converteria num dos homens mais importantes da vida de Wollstonecraft. Além de amigo e protetor, tornou-se uma conexão importante no mercado literário, alguém que estimulava suas ambições letradas e publicava seus escritos. Nas décadas de 1780 e 1790 Johnson também se tornou editor de outras escritoras dissidentes e radicais, como Maria Edgeworth e Anna Barbauld, além da própria Mary Hays (que se aproximaria dele por intermédio de Wollstonecraft).

Quanto a *Thoughts on the Education of Daughters*, não diferia muito dos livros de conduta da época, dedicados a internalizar os valores de autocontrole e submissão que, teoricamente, garantiam o amor e o casamento às mulheres. Wollstonecraft inovou, entretanto, ao apontar a divergência entre “virtude” e “boas maneiras”, no tom urgente e

---

<sup>253</sup> WATTS, Ruth. Op. cit. p. 51

autobiográfico que viria a caracterizá-la.<sup>254</sup> Outro elemento inovador foi a referência às escassas possibilidades de respeitabilidade social e de independência econômica que a sociedade de sua época proporcionava a uma jovem educada, mas de escassa fortuna que, por circunstâncias alheias ou por decisão própria, não chegava a contrair matrimônio.<sup>255</sup>

Outro gênero literário que se mostrava então propício à autoria feminina eram os romances sentimentais. A emergência do ideal de “casamento por amor” na sociedade inglesa setecentista contribuiu para a popularização deste gênero literário, sendo as mulheres rapidamente consideradas as mais aptas a discorrer sobre os sentimentos amorosos devido à sua “sensibilidade mais acentuada”. Dentre a ampla gama de inglesas que se dedicou ao ofício das letras naquela época, pouquíssimas deixaram de se dedicar à prosa ficcional. O gênero, que fora popularizado por Samuel Richardson como seus romances “*Pamela: Or, Virtue Rewarded*” (1740) e “*Clarissa: Or the History of a Young Lady*” (1748), logo passou a ser dominado pelas escritoras na passagem do século na Inglaterra. Pelo menos desde a década de 1780 havia começado a se constituir uma tradição de romancistas inglesas que culminaria com a aclamada produção de autoras como Jane Austen e as irmãs Brontë.<sup>256</sup>

Apesar do modelo de feminilidade vigente interditar esse tipo de atividade às mulheres, visto que escrever para publicar colocaria em perigo a modéstia feminina, no final do século XVIII já se configurara uma tradição de escritoras, especialmente de prosa ficcional. Entre os fatores que contribuiriam para tal é possível citar a derrocada do patronato literário, que propiciou certa abertura para as mulheres interessadas em publicar. De acordo com Watt, num contexto de “comercialização” da literatura assistiu-se ao declínio do patrocínio da corte e da nobreza em relação à produção literária. O mesmo contexto de abertura que contribuiu para a ascensão de um novo gênero literário, o romance, também contribuiu para a afirmação de novos sujeitos autores, como as mulheres. Em *A ascensão do romance inglês*, Watts aponta que o próprio Fielding registrou seu espanto com as mudanças em voga, assinalando que todo o universo literário tornava-se uma democracia, ou em suas palavras, uma complexa anarquia, não havendo ninguém para impor as velhas leis.<sup>257</sup>

---

<sup>254</sup>É importante frisar a importância que as ideias de Rousseau sobre o “bom selvagem” (homem em estado natural) que “vive em si mesmo” e o “homem artificial” (homem civilizado) tiveram sobre o processo de “desvelamento” de Mary em relação ao estereótipo da “mulher decente”. Estas ideias ajudaram a diferenciar entre o “ser” e o “parecer”, entre a verdade e o engano, entre a virtude e a aparência.

<sup>255</sup> MIRANDA, Anadir dos Reis. Op. cit. 83.

<sup>256</sup>Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson contribuíram para o estabelecimento desta tradição.

<sup>257</sup> POOVEY, Mary. Op. cit. p. 36. ; WATT, Ian. Op. cit. p. 55-62.

Além disso, os círculos informais das *bluestockings*<sup>258</sup> haviam propiciado um modelo para a produção escrita de autoria feminina. Embora Hannah More defendesse que o propósito de tais encontros fosse unicamente a conversação, os interesses e as realizações de suas participantes, se estendia para além da arte do discurso polido. *Bluestockings* como Elizabeth Montagu, Emily Boscawen, Hester Chapone e Hannah More foram de indiscutível importância, pois, ao escreverem para a opinião pública, e ainda assim manterem suas reputações ilibadas, contribuíram para tornar a escrita e a publicação por parte das mulheres uma “aceitável carreira profissional”.<sup>259</sup>

Por último, há a importância da valorização do empirismo e dos sentimentos individuais para a emergência de uma produção literária de mulheres. Segundo Vasconcelos,

a filosofia de John Locke, ao conferir às impressões e às sensações um lugar sem precedentes nas suas elucubrações sobre o entendimento humano, está na origem de uma literatura que registra, coerentes ou não, as reações do *eu* diante do fenômenos que impressionam, a literatura da impressão, a literatura da sensação.<sup>260</sup>

A valorização da experiência sensível como base da criação literária encontraria sua forma ideal no romance (autobiográfico, epistolar e sentimental), e nas mulheres autoras por excelência.

Tradicionalmente excluídas do locus de produção literária devido a sua pretensa incapacidade intelectual, as mulheres foram elevadas à posição de autoras num contexto em que a “expressão” substituiu, até certo ponto, a erudição como critério de qualidade, tornando possível a elas escreverem sobre suas experiências, sentimentos e imaginação.<sup>261</sup> Mas, mais

---

<sup>258</sup> Sobre estes espaços e práticas de sociabilidade mista ver EGER, Elisabeth. “The noblest commerce of mankind: conversation and community in the bluestocking circle”. In: KNOTT, Sarah e TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

<sup>259</sup> POOVEY, Mary. Op. cit. p. 37.

<sup>260</sup> A própria concepção de Locke de um eu constantemente a se refazer à medida que se conscientiza de novas sensações tornar-se-ia um dos pilares do romance sentimental. (VASCONCELOS, Sandra G. Op. cit. p. 73.)

<sup>261</sup> É importante frisar que ao longo do século XVIII as faculdades relacionadas à imaginação (fantasia, criatividade e inventividade) recebiam cada vez mais destaque como valores que propiciavam a produção intelectual. Paradoxalmente, a relação entre os conceitos de imaginação e de racionalidade passou a ser alvo de debates. A tendência predominante foi a de delimitar as diferenças existentes entre os dois, de modo a estabelecer o significado de cada um dos vocábulos. Obviamente, essa dicotomia foi fundamentada no simbolismo de gênero. Nesse contexto, o conceito de imaginação se tornou extremamente ambíguo, valorizado como potencial criativo e ao mesmo tempo desvalorizado por ser relacionado simbolicamente com a feminilidade. Muitas mulheres, como Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges, situaram-se nesse paradoxo, conseguindo certo espaço para se afirmarem como pensadoras. Sobre essa discussão ver TAYLOR, Barbara. *Mary Wollstonecraft and the Feminist Imagination*. London: Cambridge University Press, 2003. p. 58-94 e

do que propiciar às mulheres a posição de escritoras, a valorização da experiência sensível e da emoção na produção literária rapidamente tornou a “voz feminina” mais autorizada para explanar sobre as questões sentimentais. Sua relação com tais gêneros literários, a um só tempo, fundamentava e corroborava a sua vinculação com o privado, lócus dos impulsos naturais, do emocional, do subjetivo e do intuitivo. Tratava-se de uma posição de significativo destaque, tendo em vista o quanto o culto à sensibilidade - que aliou moralidade e emoção, que colocou o coração como fonte do comportamento nobre e de senso moral, contribuindo para tornar o romance o gênero mais expressivo e popular da época - foi influente no *Século das Luzes*.

Torna-se compreensível, dessa forma, porque Wollstonecraft, ao escrever sua segunda obra, optou por escrever um romance. *Mary, a Fiction* foi publicado em 1788, pela editora de Joseph Johnson. Quando Wollstonecraft o escreveu, no entanto, já não morava mais na comunidade de Price. Frente ao insucesso de sua escola, ela acabara aceitando o posto de governanta de uma família aristocrática na Irlanda.<sup>262</sup>

Em *Mary, a fiction* Wollstonecraft retratou algumas de suas experiências vitais e intelectuais mais recentes: sua insegurança acerca da posição social e econômica, a censura moral e de classe que vinha desenvolvendo em relação ao modo de vida aristocrático e a leitura das obras de Rousseau. O resultado foi um romance que se distanciava, em muitos aspectos, dos romances sentimentais da época, com uma protagonista “cuja grandeza derivaria do exercício de suas próprias faculdades, não subjugadas à opinião, mas sim produto de sua original força de vontade e originalidade”.<sup>263</sup> Influenciada pelo culto à sensibilidade, tomado diretamente de Rousseau, ela acabou delineando uma heroína sensível, valorizada pela sua subjetividade.

Nessa obra Wollstonecraft se debateu entre os modelos de mulher puritana (valorizada pela sua subjetividade), em detrimento da mulher aristocrática (valorizada pela aparência e pela sua posição). Mas, embora critique explicitamente o último e defenda muitas

SCOTT, Joan. “Os Usos da Imaginação: Olympe de Gouges na Revolução Francesa”. In: SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

<sup>262</sup> Nesse contexto, ela se debruçou com veemência ao que ela chamava de “meus estudos”, em especial à leitura das obras de Rousseau (o qual ela passou a idolatrar). Também foi neste período que, pela observação do modo de vida aristocrático, que ela intensificou seu despreço pelo mesmo, particularmente em relação aos costumes femininos. De fato, ela saiu dessa experiência convencida que as damas da aristocracia eram irremediavelmente frívolas e arrogantes. (Sobre esse período da vida de Mary, ver TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 66-90.)

<sup>263</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. “*Mary, a fiction*”. In: WOLLSTONECRAFT, Mary/ SHELLEY, Mary. *Mary, Maria and Matilda*. London: Penguin Books, 2004, p. 3). [whose grandeur is derived from the operations of its own faculties, not subjugated to opinion; but drawn by the individual from the original source]



das características relacionadas ao estereótipo de mulher burguesa, ela já começava a deixar claro que considerava ambos os modelos problemáticos para a experiência feminina.<sup>264</sup>

O processo de aprimoramento de Wollstonecraft e sua imersão no debate ilustrado, assim como sua profissionalização como escritora, intensificaram-se a partir de sua inserção num outro círculo letrado, ainda mais disposto a romper com as tradições e a se dedicar, com exclusividade, às atividades letradas: o círculo radical londrino que se desenvolveu ao redor do editor Joseph Johnson e do seu periódico *Analytical Review*.

Depois de perder seu ofício como governanta (devido à sua escassa capacidade para resignação e sua crescente rivalidade com a viscondessa a respeito da educação e do afeto de suas pupilas), Mary Wollstonecraft retornou a Londres (1787) em busca de um novo trabalho.<sup>265</sup> Neste intuito ela procurou Johnson, que fora o editor de suas primeiras obras.<sup>266</sup> Dirigiu-se a ele em busca de conselhos e ajuda para ganhar sua vida, pelo menos parcialmente, mediante seu recente ofício de escritora. Suas esperanças foram, surpreendentemente, satisfeitas, Johnson lhe oferecendo de imediato a possibilidade de escrever e traduzir para sua editora em tempo integral. É bastante provável que Price, que era amigo de Johnson, tenha intermediado tal aproximação.

Durante os anos em que Wollstonecraft participou dos círculos radicais londrinos sua atividade intelectual foi intensa. Aprendeu a disciplinar sua mente e seus sentimentos<sup>267</sup> mediante um novo culto, uma nova religião, que marcaria a segunda grande influência intelectual sobre sua vida e obra: o culto à razão, de procedência notadamente iluminista e liberal. Convertida em uma escritora profissional, Wollstonecraft embarcou em uma série de traduções, entre as quais se destacaram *De l'importance des Opinions Religieuses*, de J. Necker, e a então muito famosa e comentada *Physiognomy*, de J. K. Lavater.

Também colaborou ativamente em uma das empresas editoriais e intelectuais mais representativas da cultura radical no período: a *Analytical Review*. Fundada em 1788 por Johnson e Christie, se tratava de uma revista mensal dedicada à difusão das “novas ideias” entre o público culto da classe média por meio, principalmente, de resenhas críticas de uma amplíssima variedade de obras. Miscelânea e eclética, em um estilo plenamente setecentista e ilustrado, a revista era um autêntico caleidoscópio pela qual se cruzava e discutia o variado mundo dos saberes e das artes que iam compondo a cultura letrada. Trabalhando a pleno rendimento, Wollstonecraft chegou a publicar, ao longo de três anos, quase trezentas resenhas

---

<sup>264</sup> MIRANDA, Anadir dos Reis. Op. cit. p. 87.

<sup>265</sup> Ela tinha então 28 anos.

<sup>266</sup> Até então, Mary só tinha mantido contato com Johnson por carta. (TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 93.)

<sup>267</sup> Wollstonecraft era conhecida por sua passionalidade.

que incluíam romances, obras de teatro, ensaios sobre educação, tratados políticos e religiosos, entre outros. Essa atividade intensa lhe proporcionou a independência pessoal que sempre buscara e a possibilidade de ampliar e completar sua educação.

Waters chama atenção para uma importante “habilidade” desenvolvida por Wollstonecraft por conta da sua extensa experiência como resenhista: sua capacidade crítica quanto à generificação dos estilos de escrita. Ao se inserir na cultura letrada setecentista, as mulheres não o fizeram em pé de igualdade com os homens, mas a partir da instituição de um nicho de escrita específico. Como já colocado, acreditava-se que sua “voz”, vista como mais sensível e subjetiva, seria a mais adequada para discorrer sobre determinados temas, especialmente adequados para o público leitor feminino. Isso explica porque a maior parte das escritoras setecentistas, incluindo Wollstonecraft, Hays e Robinson, dedicou-se particularmente a escrita de romances sentimentais, tratados sobre educação e literatura para crianças. Wollstonecraft foi uma das poucas escritoras setecentistas a romper com este lócus de produção escrita. Conforme Waters, sua experiência como resenhista foi fundamental para tal.<sup>268</sup>

No século XVIII, o público leitor inglês esperava que os resenhistas dos periódicos produzissem uma leitura crítica e objetiva das obras. O uso do anonimato por parte destes profissionais era a regra. Isso funcionava como estratégia para criar a impressão de neutralidade por parte do resenhista, que assim não seria vinculado a demandas letradas e sociais específicas. Essa experiência de autoria e interlocução anônima permitiu a Wollstonecraft transgredir o lócus de produção escrita feminina por diversos caminhos. Primeiro, tornou possível o diálogo com um público mais amplo e masculino. Segundo, que escrevesse sem se preocupar com as convenções que permeavam a escrita das mulheres, como a questão do decoro (respeitado ao se manter dentro dos temas e estilos considerados como mais adequados às mulheres). Terceiro, evitou que a recepção de seus textos fosse generificada. Comumente a produção escrita por mulheres era recebida de forma mais branda pela crítica, cuidadosa em não ferir a suscetibilidade e a sensibilidade femininas. Esse tipo de postura, obviamente, corroborava com a visão hegemônica a respeito da fragilidade e incapacidade intelectual das mulheres. Tanto que a crítica se tornava bem menos branda ao mirar as obras de autoras que ousaram transgredir as convenções sociais.

Por conta dessa experiência, Wollstonecraft tornou-se excepcionalmente consciente e crítica em relação aos limites e convenções de gênero que fundamentavam a produção escrita.

---

<sup>268</sup> WATERS, Mary A. “The First of a New Genus”: Mary Wollstonecraft as a Literary Critic and Mentor to Mary Hays. *Eighteenth-Century Studies*, Vol. 37, No. 3. Critical Networks (Springs, 2004), p. 422.

Por meio do anonimato ela pôde transpor um território usualmente ocupado por homens, escrever sem a típica reserva que pautava a escrita de mulheres e comprovar na prática que razão e julgamento não precisavam ser generificados. Nesse sentido, percebeu que as desigualdades que permeavam a escrita de homens e mulheres não se deviam às supostas diferenças naturais, mas às estratégias de linguagem. A febril atividade como escritora e resenhista na *Analytical Review* transformou Wollstonecraft em uma escritora profissional, segura de si mesma, versátil, com um tom próprio e com uma capacidade dificilmente alcançada por outra pensadora de sua época.<sup>269</sup>

Mary Robinson percorreu caminhos um pouco diferentes ao se inserir na cultura escrita, beneficiando-se em grande parte do mecenato de aristocratas. Mas, assim como Wollstonecraft, Robinson recorreu ao ofício das letras no intuito de se manter economicamente.

Depois do fracasso da sua relação com o príncipe de Gales, ela estabeleceu ligações amorosas e de proteção com mais alguns homens influentes do período, tais como o parlamentar *whig* Charles James Fox. Neste meio tempo, manteve-se ativa no teatro. Dois fatores viriam transformar drasticamente este quadro.

O primeiro foi seu encontro (1782) com o herói de guerra norte-americano, o coronel Banastre Tarlenton, com o qual ela estabeleceu uma relação apaixonada, que duraria pelos próximos quinze anos. O segundo foi um acidente sofrido enquanto ela viajava para França (1784), novamente fugindo dos credores.<sup>270</sup> Conforme narrado em suas *Memoirs*, nesta viagem ela teria ficado perigosamente exposta ao frio, adquirindo uma estranha febre que a confinara à cama por meses.<sup>271</sup> As consequências deste episódio teriam sido drásticas: uma paralisia nos membros que a acompanharia pelo resto da vida. Com as limitações físicas a tornando inadequada para o ofício de atriz, Robinson decidiu se concentrar em seu outro talento, a escrita.<sup>272</sup>

Sua entrada no universo literário se deu a partir de 1788, quando ela começou a publicar poemas em periódicos. Sob o uso de pseudônimos como Laura, Laura Maria, Safo e Tabitha Bramble, Robinson tornou-se conhecida como uma das poetisas da *Della Cruscan*.<sup>273</sup> Obviamente não foi eventual o fato Robinson e também Hays<sup>274</sup> iniciarem sua incursão na

<sup>269</sup> BURDIEL, Isabel. Op. cit. p. 41.

<sup>270</sup> Muito próximo ao que viveria com Thomas Robinson, Mary cultivava com Tarlenton uma vida de gastos onerosos, que eles mantinham recorrendo a empréstimos.

<sup>271</sup> ROBINSON, Mary. *The Memoirs...* Op. cit. p. 123-124.

<sup>272</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 217.

<sup>273</sup> Grupo que mais tarde seria criticado pelo seu estilo excessivamente sentimental e ornamentado.

<sup>274</sup> Na juventude Hays publicou poemas em um periódico dissidente.

cultura escrita escrevendo e publicando poesias. Junto à prosa ficcional, o poema era então um dos gêneros mais associados à autoria feminina e à cultura da sensibilidade.<sup>275</sup>

Robinson causou *frisson* no meio literário. Agora não mais pelo seu talento para interpretar, ou pelo bom gosto ao se vestir, mas pela qualidade de sua produção poética. Enquanto ainda escrevia sob o pseudônimo da “elegante” Laura, foi elogiada inclusive pelas *ladies* letradas que compunham o círculo das *Bluestocking*. Lideradas pela formidável Elizabeth Montagu, “arriscaram-se a admirar, e mais, a recitar suas produções em seu círculo crítico e erudito.”<sup>276</sup> Para Byrne, biógrafa de Robinson, elas certamente não o teriam feito se soubessem quem “Laura” realmente era.<sup>277</sup>

Progressivamente Robinson foi se distanciando de *Perdita*. Ao escrever sob pseudônimos diversos, ela fortaleceu sua “voz” literária, conseguindo comprovar com a aprovação pública que possuía talento para a escrita. Ao mesmo tempo se sentia lisonjeada por ter poetas, em seus versos, colocando-se a seus pés. Progressivamente, estes amores e *affairs* literários viriam substituir a adoração que os príncipes e políticos lhe endereçavam anteriormente.

Com o advento da Revolução Francesa - que encorajara homens e mulheres de letras na Inglaterra a quebrar barreiras e tradições - e se sentindo mais segura de suas capacidades como escritora, Robinson se sentiu instigada a publicar seus poemas sob seu próprio nome. Ambiciosa, ela decidiu publicar uma coletânea de seus poemas em formato de livro. Fazendo uso de suas relações e influência nos meios aristocráticos, ela publicou esta obra com o patrocínio de vários aristocratas e políticos londrinos. Os custos de produção foram financiados por compradores que pagavam adiantado, em troca de terem seus nomes listados e homenageados na obra em questão. A lista de doadores, que incluía figuras ilustres como do príncipe de Gales, do duque e da duquesa de Devonshire, de Charles James Fox e de muitos outros membros do Parlamento (a maioria do lado *whig*), e um significativo número de estudantes e acadêmicos de Cambridge, testemunham o quanto Robinson continuava influente nos meios refinados e polidos, a despeito das vicissitudes que enfrentara.<sup>278</sup>

A maior parte das críticas que recebeu foi favorável, revelando como Robinson estava conseguindo se equilibrar entre dois universos bastante distintos: o universo requintado

---

<sup>275</sup> STAFFORD, Willian. *English feminists and their opponents in the 1790s. Unsex'd and proper females*. Manchester: Manchester University Press, 2002. p. 6 e 62.

<sup>276</sup> ROBINSON, Mary. *The Memoirs...* Op. cit. p. 249. [ventured to admire, nay more, to recite her productions in their learned and critical *coterie*.]

<sup>277</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 249.

<sup>278</sup> *Ibidem*. p. 259.

da aristocracia e os meios letrados das classes médias. Ela queria ser reconhecida nos meios aristocráticos por suas habilidades mentais em vez de somente pelo seu charme, ao mesmo tempo em que almejava alcançar uma rápida fama nos meios letrados. A resenha publicada pelo periódico *Monthly Review* foi especialmente engenhosa ao apontar esta posição singular de Robinson: “Esta talentosa e célebre *lady* tem atraído a atenção do público, tanto por seus encantos pessoais quanto por suas realizações mentais, e quem poderia resistir a união dos poderes da beleza e da sagacidade.”<sup>279</sup>

A relação de Mary Robinson com este gênero de escrita foi duradoura. Seu sucesso como poeta também. Um de seus maiores triunfos foi uma sequência do soneto *Sappho e Phaon*, de 1796. Ela chegou a ser celebrada como a “Sappho inglesa”.<sup>280</sup> Em sua produção poética dialogou com alguns dos principais poetas românticos. Seus *Contos Líricos* (1800), por exemplo, foram inspirados por *Lyrical Ballads*, de Wordsworth. Ela também foi influenciada por uma das poetisas mais conhecidas de sua época, Charlotte Smith. A perfeição de Smith com o soneto como um caminho para a poesia romântica certamente lhe ajudou com suas experimentações poéticas. Robinson também se tornou ela mesma influente. O poeta Samuel Taylor Coleridge, que a considerava “uma mulher de gênio inquestionável”, costumava se corresponder com ela. Chegou a enviar para sua apreciação uma cópia do manuscrito de *Kubla Khan*. Também fez dela o tema de um dos seus poemas.<sup>281</sup>

Os poetas homens daquela época raramente se “rebaixaram” à escrita do gênero ficcional. Smith e Robinson não tiveram a mesma reserva, inclusive prosperaram escrevendo romances. *Vancenzen; or, The Dangers of Credulity* (1792), o primeiro romance de Robinson, esgotou em um dia. Tornou-se um *best-seller* seguido, quase imediatamente, por cinco edições. A popularidade deste romance gótico, no entanto, provavelmente tinha mais a ver com sua reputação como *Perdita* do que o seu talento para a escrita. O romance, que ela iniciara mais ou menos um ano antes, durante uma viagem a Bath para tratar de seus problemas de saúde, era bastante autobiográfico, baseado na sua relação com o príncipe de Gales. Não foi por acaso que um dos principais temas abordados tenha sido as dificuldades que uma mulher enfrentava ao perder sua reputação.<sup>282</sup>

---

<sup>279</sup> *Monthly Review*, 6 (1791), p. 229-30. Apud. Byrne, Paula. Op. cit. p. 262. [This ingenious and celebrated lady has attracted the attention of the public, both by her personal charms, and her mental accomplishments, and who can withstand the united powers of beauty and wit.]

<sup>280</sup> *Sappho*, originária da ilha de Lesbos, é considerada a mãe da poesia lírica. Mary era chamada “the English Sappho” como um cumprimento por sua técnica e por sua intensa sensibilidade.

<sup>281</sup> BINHAMER, Katherine. Op. cit.

<sup>282</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 266.

Em seu segundo romance, *The Widow, or a Picture of Modern Times* (1794), ela delineou “uma imagem dos tempos modernos, em que os traços de insensatez e depravação da sociedade elegante são delineados com uma mão hábil”, sendo que “seus personagens e costumes são obviamente delineados a partir do íntimo conhecimento do mundo refinado”.<sup>283</sup> Cada vez mais afastada das altas rodas londrinas e influenciada pelo discurso crítico que a Revolução Francesa incitara nos meios letrados, Robinson desenhou um quadro crítico da sociedade e dos costumes aristocráticos. Por meio de *The Widow*, é possível perceber a crescente radicalização de suas visões sobre educação, revolução, reputação e vícios de classe.

A relação de Robinson com o ofício das letras continuou a se fortalecer nos anos seguintes. Além de se dedicar à escrita de peças teatrais, a partir de 1795 ela também começou a contribuir regularmente com o periódico *The Morning Post*<sup>284</sup>, com sonetos e poesias.<sup>285</sup> E nos anos seguintes, sua aproximação dos círculos radicais ingleses viria a provocar uma reorientação vital em suas obras.

O advento da Revolução Francesa não tornou ousada apenas Robinson, também despertou o espírito combativo de Mary Wollstonecraft. Nos anos que antecederam a Revolução Wollstonecraft se afirmou como uma escritora profissional, com uma capacidade dificilmente alcançada por outra mulher de sua época. O impacto e o entusiasmo causado pela Revolução a instigaram a abandonar o lócus feminino de escrita e se aventurar no debate político. Um debate e um espaço masculinos por definição, que a converteram da noite para o dia em uma mulher famosa e reconhecida. A obra que marcou essa mudança tão significativa e importante foi *A Vindication of the Rights of Men* (1790).

Em *A Vindication of the Rights of Men* Wollstonecraft aparece como uma genuína defensora dos valores burgueses e radicais. Algo a diferenciava dos seus companheiros radicais, no entanto: sua capacidade em começar a vislumbrar que a crítica às tradições não seria completa enquanto não se ousasse questionar a “naturalidade” da tradicional posição de subordinação das mulheres. Wollstonecraft começava a perceber então que as ideologias de sua sociedade e dela mesma estavam profundamente atravessadas por assimetrias de gênero. Tal temática foi desenvolvida em sua próxima obra, que se tornaria a mais importante de sua vida.

---

<sup>283</sup> A citação é de um dos escritos de Mary Elizabeth Robinson, filha de Mary Robinson. (BYRNE, Paula. Op. cit. p. 300.) [a picture of *modern times*, in which the features of fashionable folly and depravity are drawn with a skilful hand (...)her characters and manners are evidently drawn from an intimate acquaintance with the fashionable world]

<sup>284</sup> *The Morning Post* foi publicado entre 1772 e 1937, em Londres.

<sup>285</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 335.

*A Vindication of the Rights of Woman* (1792) também foi escrito sob a influência das promessas revolucionárias, que acenavam para a possibilidade de uma mudança social profunda, na qual a igualdade de direitos reinaria absoluta. Mas não, obviamente, para as mulheres. Para elas o futuro que se descortinava continuava a ser o da sujeição. Tal lapso, que parece ter passado despercebido para os outros radicais, foi apontado com muita maestria por Wollstonecraft nesta sua segunda *Vindication*.

Para mulheres como Wollstonecraft, que frequentavam os ambientes dissidentes e radicais, foi possível o desenvolvimento de uma percepção bastante aguda das ambiguidades e dos limites que conformavam o discurso da domesticidade, dificilmente tornada consciente entre mulheres oriundas de outros círculos sociais. É plausível afirmar que as contradições do ideal da *proper lady*, vivenciadas cotidianamente pelas mulheres setecentistas, fizeram-se ainda mais visíveis e problemáticas quando confrontadas ao ideal universalista de indivíduo ilustrado. É possível imaginar como se sentia Wollstonecraft, assumidamente iluminista e radical, ao defender que todos os seres humanos têm os mesmos direitos e ser alienada deste princípio devido sua condição de mulher. Como manter suas crenças na autonomia do indivíduo, quando todos diziam que seu destino era se moldar ao conformado papel de uma *Sophia rousseauniana*? Também o direito de tomar as “rédeas” de sua própria vida lhe era negado. Como mulher, ela obrigatoriamente necessitava da tutela dos homens, seres tão imperfeitos quanto ela.<sup>286</sup>

Ou seja, como frequentadora dos ambientes dissidentes e radicais abriu-se à Wollstonecraft - assim como para Hays e Robinson - a possibilidade de se conscientizar de sua indefinição e exclusão em relação ao próprio conceito de ser humano. Afinal, se eram a racionalidade, a autonomia e a capacidade de aperfeiçoamento que definiam o pertencimento à humanidade, como conceber as mulheres, idealizadas em termos antagônicos ao exercício da razão e da competência individual, definidas como um feminino genérico e imutável? Essa indeterminação abriu possibilidades múltiplas de constituição subjetiva aquelas mulheres, pois ao mesmo tempo em que as vinculava a uma posição de subordinação - quando confrontada ao caráter universal e abstrato do discurso liberal e democrático - proporcionava-lhes espaço (de negociação) para seu reconhecimento como indivíduos. Pensamos que essa “brecha” permitiu a Wollstonecraft (e em menor grau a Hays e Robinson) transcender, tanto na vida pessoal quanto em seus escritos, os modelos de feminilidade aristocrática e burguesa, e erigir um novo ideal de mulher, muito mais próximo do conceito de indivíduo moderno.

---

<sup>286</sup> MIRANDA, Anadir dos Reis. Op. cit. p. 94.

Nesse sentido, as vivências nos círculos radicais permitiram que ela formulasse novas representações de si, tensas e combativas, capazes de subverter as delimitações impostas pelos modelos de feminilidade hegemônicos.

Da sua nova posição como escritora e pensadora e radical - que se adequara aos ideais de racionalidade, autonomia e aperfeiçoamento - ela se sentiu apta para questionar os filósofos e moralistas que defendiam a incapacidade das mulheres. Ademais, havia outras como ela: Catherine Macaulay, Fanny Burney, Anna Barbauld, cujas trajetórias eram muito parecidas com a sua. Possivelmente, diante dessas experiências reais, o ideal de igualdade universal e abstrato defendido pelos pensadores iluministas e liberais parecia ganhar vida e a exclusão das mulheres é que passava a parecer abstrata, ilógica e questionável.<sup>287</sup>

Vale aqui lembrar o quanto Wollstonecraft, Hays e Robinson, cujas formações intelectuais se deram de maneira bem menos sistematizada e aprofundada em comparação a dos seus companheiros ilustrados, pautaram-se na habilidade, fortemente impulsionada pelo empirismo e tradição sentimental ingleses, de compreender e explicar o mundo a sua volta a partir de suas observações pessoais e emoções. Aparentemente, como as mulheres não estavam tão presas aos discursos filosóficos e abstratos, em grande parte devido a sua formação mais frágil, elas aderiram a esta lógica sem grandes reservas. Além disso, a adesão à experiência subjetiva propiciava autoridade e coerência aos seus discursos, tendo em vista o quanto a cultura setecentista simbolizou a posição das mulheres como subjetiva e emocional em contraste com a “voz neutra e racional” dos homens.<sup>288</sup>

Diante desse quadro, a ousadia de Wollstonecraft ao criticar um dos preconceitos mais arraigados de sua época torna-se inteligível. Assim, quando o seu respeito pelas tradições e pela ordem estabelecida se radicalizou com o advento da Revolução Francesa, ela escreveu *A Vindication of the Rights of Woman*, obra na qual ela defende a igualdade entre os sexos, critica os escritores que afirmavam a inferioridade e dependência feminina e reivindica uma nova posição para as mulheres no mundo e na sociedade. Tudo escrito num tom brusco e urgente, característico da autora.

*Vindication* teve uma acolhida surpreendentemente boa, não só na Inglaterra como também no resto da Europa e Estados Unidos. Mas ecoou, particularmente sobre algumas

---

<sup>287</sup> Ibidem.

<sup>288</sup> Obviamente Wollstonecraft, mais que Hays e Robinson, aderiu fortemente também ao discurso filosófico e racional, produzindo uma argumentação complexa, cuja coerência é delineada a partir do entrelaçamento de diversos referenciais discursivos disponíveis na cultura setecentista, com princípios nem sempre coerentes entre si.



mulheres de letras que, apesar de ainda não conhecerem Wollstonecraft, enfrentavam os mesmos anseios, angústias e inquietações.

Hays leu *Vindication of the Rights of Woman* em 1792, ano do seu lançamento. George Dyer, um dos tutores intelectuais de Hays, deu-lhe uma cópia, sabendo que ela responderia ao texto apaixonadamente. E ela o fez. Devorou o texto rápida e entusiasticamente, marcando certas passagens e compartilhando o texto com uma das suas irmãs.<sup>289</sup> Wollstonecraft ressoou para Hays como um claro chamado: “Quando ouvimos falar de mulheres que, saindo da obscuridade, valentemente clamam por respeito devido a suas habilidades ou virtudes intrépidas? Onde elas podem ser encontradas?”<sup>290</sup> Imediatamente escreveu uma carta entusiasmada à Wollstonecraft parabenizando-a por sua coragem em abordar a questão dos direitos naturais da mulher. Ela também solicitou um encontro, ansiosa para saber mais sobre a escritora que se anunciara como uma crítica das desigualdades que tinham como fundamento o gênero.<sup>291</sup>

Wollstonecraft se prontificou a encontrar Hays, primeiro em St. Paul’s Churchyard (casa e editora de Johnson) e depois em sua própria casa num bairro londrino. Quando se encontraram Hays imediatamente reconheceu Wollstonecraft como um gênio, como uma pessoa única.<sup>292</sup>

Suas impressões coincidem com a apresentação da própria Wollstonecraft, autoconfiante de sua autoridade pública, com experiência no conturbado mercado literário londrino. A dinâmica entre as duas estava estabelecida: Wollstonecraft seria sua nova mentora, possivelmente a pessoa melhor capacitada para auxiliar-lhe nas suas ambições letradas.

No caso de Hays, mais do que o advento da Revolução, foi principalmente o contato com Wollstonecraft e seu pensamento que a levaram a romper com suas próprias limitações e assumir de forma contundente seu lugar como uma pensadora e escritora radical. Wollstonecraft serviu como modelo e guia para a inserção de Hays nos círculos radicais e no mercado literário. Também contribuiu para o avanço de suas ideias a respeito da posição da mulher no movimento ilustrado inglês.

---

<sup>289</sup> A cópia de *A Vindication of the Rights of Woman* lida por Hays atualmente integra a *The Carl H. Pforzheimer Collection of Shelley and His Circle*, localizada na *The New York Public Library*. Hays escreveu seu nome no volume, marcando as páginas com exclamações e breves comentários.

<sup>290</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Tradução Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 83.

<sup>291</sup> WEDD, A. F. *The Love-Letters of Mary Hays 1779-1780*. Edited by her Great-Great-Niece. A. F. Wedd. London: Methuen & C.O.LTD, 1925. p. 5. (The Story of Mary Hays)

<sup>292</sup> BROOKS, Marilyn L. *The correspondence...* Op. cit. p. 298. (Writers’ correspondence 1792-1826)

Dentre as três “Marys”, Hays aparentemente era a mais insegura e acautelada. Em companhia da fascinante Mary Robinson e da enérgica Mary Wollstonecraft, provavelmente não seria notada. Nas suas relações de tutela e troca intelectual, ela costumava se colocar sempre na posição de aprendiz, tanto que demorou ao menos uma década para se sentir segura no interior do debate público ilustrado.

Hays iniciou sua trajetória como escritora por um gênero que não era incomum à autoria feminina: o tratado moral. Sob o pseudônimo de Eusébia, ela publicou o panfleto *Cursory Remarks on an Enquiry into the Expediency and Propriety of Public or Social Worship* (1791). Tratava-se de uma resposta às duras críticas que Gilbert Wakefield, um tutor do *New College*, empreendera às práticas religiosas dissidentes. Ao publicar seus comentários, Wakefield iniciou um debate público com os principais líderes dissidentes da época, tais como John Disney, Joseph Priestley e Anna Barbauld, além da jovem Hays. Com seu panfleto, ela ofereceu um quadro hesitante, mas lírico, dos prazeres emocionais e intelectuais oferecidos pelos serviços dissidentes a partir de uma perspectiva feminina.<sup>293</sup> “Eusébia” recebeu elogios de dissidentes influentes, incluindo John Disney, Theophilus Lindsey, e, mais significativamente, do matemático e unitário de Cambridge, Willian Frennd.

Sua próxima publicação, *Letters and Essays, Moral, and Miscellaneous*, publicado em 1793, anunciaria sua trajetória pública como uma radical controversa e proto-feminista. No que se refere a este escrito, inicialmente ela foi auxiliada pelo pregador e antigo tutor do *New College*, Hugh Worthington. Ele já conhecia e admirara seu primeiro trabalho, *Cursory Remarks*. Também sabia o quanto ela era dedicada em seus estudos. Por isso a incitou a divulgar mais suas ideias, instruir aos outros. Segundo Walker, Hays assegurou a Worthington que quando começou a estudar e escrever ela nunca imaginara assumir o título público de “autora”, mas que isso não a desagradaria. Ela se propôs enviar-lhe alguns de seus escritos, trabalhos que considerava mais comoventes, não ficcionais, inspirados na busca pela verdade. Se ele não os considerasse bons o suficiente para compor um livro, sua irmã também poderia contribuir com alguns textos. Worthington se mostrou um mentor amável, mas não muito crítico.<sup>294</sup> A próxima a auxiliar Hays neste projeto seria Mary Wollstonecraft, uma leitora bem mais severa.

Logo que Hays conheceu Wollstonecraft, pediu que lesse e criticasse *Cursory Remarks* e o manuscrito de *Letters and Essays*. Em relação ao último, solicitou também que o

---

<sup>293</sup> WALKER, Gina L. *The idea of being free: a Mary Hays reader*. Canada: Broadview, 2006. p. 16.

<sup>294</sup> WALKER, Gina L. *Mary Hays (1759-1843)...* Op. cit. p. 63.

apresentasse a Johnson para possível publicação. Wollstonecraft concordou com os pedidos de Hays, mas avisou-lhe que a escolha final seria do editor londrino.

Diferente de Worthington, Wollstonecraft não foi branda em suas críticas. Depois de ler *Cursory Remarks*, ela escreveu uma missiva curta a Hays, dando-lhe uma aula sobre os caminhos para profissionalização da rebuscada “escrita feminina”. Quanto a *Letters and Essays*, ela rejeitou as desculpas de Hays quanto aos problemas que seu texto apresentava. Enquanto para Hays as fragilidades de seu trabalho se deviam às deficiências da educação feminina, para Wollstonecraft tal argumento não era válido. Se um escritor não possuísse competência ou força de vontade para superar suas dificuldades, deveria deixar tal tarefa para outro que pudesse fazê-lo.<sup>295</sup>

Joseph Johnson decidiu não publicar o texto de Hays, que acabou sendo publicado pelo livreiro Thomas Knott, o mesmo editor de *Cursory Remarks. Letters and Essays, Moral and Miscellaneous* se configurou como uma alternativa para os livros de conduta tradicionais, inovando ao fornecer um currículo educacional para as mulheres baseado no programa do *New College*. Hays “traduziu” áridos conceitos iluministas para o público de leitoras e avaliou os aspectos da experiência feminina que obstruíam ou potencializavam a “emancipação da mente”. Seus argumentos se ampararam no ideal de tolerância universal, nos *insights* sobre gênero compartilhados com Wollstonecraft e na mecânica do desenvolvimento humano aprendida no *New College*.<sup>296</sup>

Nos próximos anos, o anseio de Hays por uma vida independente parece ter se acentuado, tanto no que se refere à vida prática quanto ao pensamento autônomo. Três líderes radicais desempenharam papel importante no desenvolvimento de sua “ideia de uma existência livre”<sup>297</sup>, servindo de modelo e atuando como colaboradores: Willian Frennd, Willian Godwin e Mary Wollstonecraft. Cada um dos três a encorajou a testar sua capacidade para encarnar sua concepção de liberdade pessoal, como eles próprios faziam. Cada um serviu como esteio em seus esforços, pelo menos inicialmente, embora suas próprias experiências exemplificassem os desafios envolvidos no exercício da liberdade. A intensa interação de Hays com Wollstonecraft, Frennd e Godwin provou ser crucial para ela forjar aquela que se tornaria sua obra mais importante, o romance *Memoirs of Emma Courtney* (1796); e também para estabelecer uma nova direção em sua vida.

---

<sup>295</sup> Mary Wollstonecraft to Mary Hays, 25 Nov 1792. In: BROOKS, Marilyn L. *The correspondence...* Op. cit. p. 302.

<sup>296</sup> WALKER, Gina L. *The Idea of Being Free...* op. cit. p. 158.

<sup>297</sup> Hays utiliza essa expressão numa carta enviada a Godwin em outubro de 1795, referindo-se aos ideais de conhecimento e autodeterminação apregoados pela Ilustração.

O primeiro contato de Hays com Willian Frennd se dera depois da publicação de *Cursory Remarks*. Frennd, além de escrever uma crítica favorável ao panfleto, também a defendeu das críticas que recebera em alguns nichos *não-conformistas*. Simpático e solidário, Frennd escreveu uma carta à “Eusébia”. Nesta, apresentou-se e elogiou seu texto.<sup>298</sup>

Frennd era um frequentador ativo tanto dos círculos dissidentes quanto dos círculos radicais. A partir da segunda metade da década de 1790 mergulhou no debate sobre liberdade de pensamento no contexto de repressão do governo inglês. Além de se unir à *London Correspondency Society*, ajudou a levantar fundos para as defesas dos julgamentos por traição levados a cabo pelo governo de Pitt. Neste período estabeleceu contato com diversos radicais, entre os quais Thomas Holcroft e Willian Godwin.

Depois do primeiro contato por carta, Hays e Frennd acabaram estabelecendo uma relação de amizade e de tutela intelectual duradoura. Eles se corresponderam entre os anos de 1792 e 1796.<sup>299</sup> De início, Hays almejou estabelecer com Frennd mais do que uma relação de amizade, mas não foi correspondida. Segundo Walker, principal biógrafa de Hays, Frennd foi o grande amor de sua vida adulta. Também foi ele o responsável por aproximar Hays daquele que seria um dos pensadores que mais a influenciariam a partir de então, Willian Godwin.<sup>300</sup>

Willian Godwin era um homem de letras que se dedicava integralmente ao ofício, escrevendo para o periódico *whig New Annual Register and Political* e publicando panfletos políticos, sempre anonimamente. Ele era reconhecido como um experiente observador da cena política contemporânea. Em 1791 ele assinou um contrato com o editor George Robinson, para escrever um tratado sobre princípios políticos, que resultou na publicação de *An Enquiry Concerning Political Justice* em 1793. Tal obra tornou Godwin instantaneamente famoso.

*Political Justice* estabelecia uma teoria de anarquia gradual, baseada no eventual triunfo da razão sobre o preconceito e a superstição, tornando formas externas de controle, incluindo a monarquia, desnecessárias na marcha coletiva para a perfectibilidade.

Em sua correspondência, Frennd recomendou a Hays a leitura de *Political Justice*. Disse que este livro poderia efetuar uma grande mudança no pensamento político britânico, como o fizera um século antes o *Segundo Tratado sobre o Governo Civil*, de John Locke. Hays respondeu com entusiasmo, afirmando que conseguiria um exemplar. Mas, quando soube que não conseguiria junto aos gabinetes de leitura (*circulating library*), devido ao alto custo da obra, decidiu conseguir uma cópia com o próprio autor. Assim ela escreveu

<sup>298</sup> Frennd to Eusebia, 16 April 1792. (WEDD, A. F. *The love-letters... Op. cit.* p. 220.)

<sup>299</sup> Embora Hays e Frennd tenham se correspondido ao longo de quase cinco anos, somente a primeira carta, endereçada à Eusebia, sobreviveu.

<sup>300</sup> WALKER, Gina L. *Mary Hays (1759-1843)... op. cit.* p. 150.

diretamente a Godwin perguntando se ele poderia lhe emprestar o livro. Godwin respondeu positivamente.

Logo os dois se tornaram bastante próximos, correspondendo-se periodicamente. A correspondência rapidamente tomou a forma de uma avançada tutoria sobre verdade e liberdade para Hays. Por insistência de Godwin, ela lhe escrevia e ele respondia pessoalmente. As interações entre os dois se acentuaram depois que Hays passou a morar em Londres.

Em 1795 Hays havia decidido se mudar da casa de sua mãe para seu próprio espaço. Seu intuito era estar mais próxima de Frennd, Godwin e Wollstonecraft e de seus círculos letrados em Londres. Hays alugou o segundo piso da casa de uma respeitável senhora, indo viver numa região não muito elegante da cidade, lugar de judeus, joalheiros e *não-conformistas*. Neste contexto mais libertário, Hays estabeleceu relações mais informais e igualitárias com seus mentores, em especial com Godwin e Wollstonecraft.

Quando Hays chegou a Londres, Wollstonecraft acabara de retornar de uma temporada na França. Ela estivera observando os acontecimentos revolucionários, participando dos círculos jacobinos. Neste ambiente mais relaxado, propício à quebra de convenções, Wollstonecraft iniciou um *affair* com o americano Gilbert Imlay<sup>301</sup>, e com ele teve uma filha.

Agora mais livre para dizer o que pensava, Hays defendeu Wollstonecraft entre suas colegas escritoras e, inclusive, junto a Willian Godwin (com o qual ela continuava se correspondendo e se encontrando com frequência). Foi ela que aproximou os dois, convidando-os para um chá em sua casa.<sup>302</sup>

As duas “Marys” se tornaram íntimas e confidentes, compartilhando suas ambições singulares e experiências como mulheres de letras que integravam a esfera pública do debate e que desejavam autonomia, oportunidades iguais, direitos e, talvez, relacionamentos amorosos com seus companheiros radicais. Também se aconselhavam mutuamente como membros do novíssimo grupo de escritoras de ofício. Wollstonecraft como veterana e Hays começando a contribuir com escritos e resenhas para os novos periódicos radicais.

A próxima obra de Hays seria profundamente inspirada pelos intercâmbios letrados e experiências que teve nos meios radicais londrinos. Este contexto mais libertário, aliado a

---

<sup>301</sup> Antigo oficial do exército que lutou contra os ingleses pela independência das colônias americanas, suposto autor de uma novela intitulada *The Emigrant*.

<sup>302</sup> Wollstonecraft e Godwin já haviam sido apresentados em 1791, num jantar na casa de Joseph Johnson, no qual estivera presente também Thomas Paine. Godwin não tivera uma boa primeira impressão de Wollstonecraft que, na ocasião, monopolizara a conversa não deixando ele debater com Paine.

convivência mais próxima com Wollstonecraft - num momento que esta enfrentava dificuldades para conciliar suas crenças e atividades intelectuais aos seus anseios amorosos e à experiência materna - além das suas próprias frustrações amorosas, contribuíram para que Hays se conscientizasse, mais do que nunca, das ambiguidades que marcavam a vida das mulheres que aspiravam se moldar ao ideal de ser humano proposto pelo Iluminismo. Hays costumava externar estas frustrações nas cartas que trocava com Godwin. E ele lhe sugeriu que transformasse estas cartas em um romance. Ela concordou desde que ele lesse e criticasse os manuscritos.

Surgiu assim seu próximo livro, *Memoirs of Emma Courtney* (1796), um romance baseado nas correspondências trocadas com Godwin e com Frennd. Nesta obra Hays explorou seu desapontamento por Frennd não corresponder ao seu anseio por uma relação que envolvia amor e sexo. Também apontou a hipocrisia das promessas iluministas de liberdade, que não eram estendidas verdadeiramente às mulheres.

Depois da publicação de seu primeiro romance, Hays contribuiu com pequenos artigos para a *Monthly Magazine*, geralmente abordando as temáticas da educação das mulheres, das desigualdades de gênero e da filosofia política. Muitos destes textos foram assinados como M.H. Ela também resenhou alguns romances para a *Analytical Review* durante o período que Wollstonecraft era a editora responsável pelos escritos ficcionais (entre 1796 e 1797).<sup>303</sup>

No mesmo ano que Hays lançou seu controverso livro, Robinson também publicou seu primeiro romance genuinamente radical. O mesmo ano de publicação não é a única coisa que as duas obras tinham em comum, ambas foram inspiradas num romance que fora lançado recentemente e se tornara muito popular no período.

*Caleb Willians*, de Willian Godwin, foi publicado em 1794. Com este romance Godwin buscou popularizar algumas das reflexões que desenvolveu em *Political Justice*. Ao trazer a reflexão teórica para a prosa ficcional, Godwin inaugurou um tipo muito específico de romance, cujo modelo seria seguido por inúmeros radicais do período, incluindo Hays, Robinson e, posteriormente, a própria Mary Wollstonecraft.<sup>304</sup>

*Angelina, a Novel* (1795), de Robinson, trazia muitos elementos comuns aos romances góticos e sentimentais: duelos, loucura, câmaras secretas, fugas e improváveis reconciliações. O que tornava a obra interessante e original, no entanto, era a discussão de

<sup>303</sup> TY, Eleanor. "Introduction". In: HAYS, Mary. *The Victim of Prejudice*. Canada: Broadview, 1998. p. xv.

<sup>304</sup> Em *Memoirs of Emma Courtney* Hays tematizou muitas das questões levantadas no seu tratado *Letters and Essays*, dramatizando os efeitos dos preconceitos sociais e culturais setecentistas sobre as mulheres. (Ibidem. p. xiii.)

temáticas radicais, como as desigualdades de classe, a educação feminina, a “comercialização” das mulheres no mercado matrimonial, a reputação feminina, a escravidão e a hipocrisia aristocrática. Robinson também direcionou sua pena satírica para o código cavalheiresco, apontando para o que este realmente acarretava para as mulheres.

Apesar de seu conteúdo radical, *Angelina* não era somente um tratado político mascarado na forma de uma história. Pelo contrário, o romance contava com personagens marcantes e com diálogos vívidos que transitavam do universo das finas *ladies* da moda ao cotidiano das classes pobres.

O romance recebeu críticas favoráveis, sendo a mais entusiástica escrita por Mary Wollstonecraft e publicada pela *Analytical Review*. Wollstonecraft professou sua admiração pela “pena elegante de Mrs. Robinson” e por sua “merecida reputação”. Ela considerava que o principal intuito de *Angelina* era “expor a loucura e a iniquidade daqueles pais que tentam obrigar as inclinações de seus filhos a quaisquer conexões conjugais que seus espíritos mercenários possam optar por estabelecer, e para manter tão justa detestável a crueldade daqueles cujos escrúpulos de não renegar a felicidade de uma filha, talvez através da vida, para um título pomposo ou brilhante”. Para ela, “os sentimentos contidos neste romance são basicamente, animadores e racionais”.<sup>305</sup> Partindo de Wollstonecraft, não poderia haver mais alto elogio. Robinson também conhecia e apreciara *A Vindication of the Rights of Woman*, e logo teria a oportunidade de encontrar Wollstonecraft pessoalmente.

Com o romance *Angelina*, que foi um sucesso incontestável de vendas e crítica, Robinson garantiu em definitivo seu lugar no mercado literário. Era aplaudida como uma escritora de talento, tendo sua obra traduzida para o francês e o alemão. Sua ascensão como escritora de sucesso internacional foi acompanhada pelo declínio do seu status como celebridade no mundo refinado e aristocrático. Robinson ainda frequentava alguns espaços elegantes, como o teatro, mas já não ocupava os camarotes mais imponentes.<sup>306</sup> Em compensação, sua inserção num dos círculos letrados mais críticos de Londres se tornava eminente.

No início de 1796 Mary Robinson encontrou dois homens de letras que se tornariam seus amigos leais e causariam um profundo impacto no seu trabalho, assim como ela

---

<sup>305</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. “Contributions to the Analytical Review (1788-1796)”. In: Janet Todd and Marilyn Butler (org.) *The Works of Mary Wollstonecraft*. Vol. 7 USA: New York University Press, 1989. p. 461. [to expose the folly and the iniquity of those parents who attempt to compel the inclinations of their children into whatever conjugal connections their mercenary spirit may choose to precribe, and to hold to just detestation the cruelty of those, who scruple not to barter a daughter's hapiness, perhaps through life, for a founding title or a glittering(...) the sentiments contained in these volumes are just, animated, and rational.]

<sup>306</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 320.

influenciaria o trabalho deles. O primeiro foi Willian Godwin e o segundo o poeta Samuel Taylor Coleridge. Godwin registrou o início da sua amizade com Robinson em alguns escritos autobiográficos. Referindo-se ao ano em questão ele escreveu que por essa época fora apresentado por Merry, o poeta, a mais talentosa e encantadora mulher, a célebre Mrs. Robinson.<sup>307</sup>

Godwin estava interessando em Robinson por conta da sua filosofia social, que era parecida com a sua própria. Em um dos seus diários ele registrou as primeiras aproximações entre ambos, marcadas por chás, jantares e idas ao teatro, eventos nos quais se reuniam Godwin, Robinson e Tarleton, por vezes também outros conhecidos, como Elizabeth Inchbald (a famosa romancista).

Em março Godwin viu Mary Robinson e sua filha Maria Elizabeth no *Drury Lane*, por ocasião da dramatização de seu romance *Caleb Williams*. Neste mesmo mês ele terminou sua leitura minuciosa de *Angelina*. No verão ele organizou um sarau e reuniu três das mulheres mais notáveis da época: Wollstonecraft, Inchbald e Robinson.<sup>308</sup>

Em outra ocasião foi Wollstonecraft a organizar um chá, convidando Hays para apresentá-la e a Robinson.

Mary disse- me que você não poderia decidir, se você poderia vir amanhã, e também o servente da Sra. Robinson chamando para o dia de hoje, eu concordei na sexta-feira e espero você. Eu não podia esperar pela sua resposta, de modo que se eu receber uma carta de hoje, dizendo que você virá amanhã, eu devo então esperá-la na sexta-feira.

[Mary telling me that you could not decide, whether you could come to morrow, and Mrs. Robinson's servant calling to day, I have fixt on Friday, and shall expected you. I could not wait for your answer, so that if I receive a letter from to day, saying you will come to morrow, I shall nevertheless expect you on Friday.]<sup>309</sup>

Hays aceitou o convite, levando Wollstonecraft a escrever para Robinson:

Cara senhora,  
Eu acredito que é quase desnecessário informar-lhe que Miss Hays aceitará seu convite, e me acompanhará no jantar em sua casa no próximo domingo.

<sup>307</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 321.

<sup>308</sup> Ibidem. p. 322.

<sup>309</sup> Wollstonecraft to Hays, January 1797. In: TODD, Janet. *The collected letters of Mary Wollstonecraft*. Columbia University, London: Penguin Press, 2003. p. 384.



Como você se mostrou tão prestativa ao se oferecer para enviar a carruagem para a pequena *Fannikin* [filha de Wollstonecraft e Imlay] eu prometo chamá-la. À noite, se um de seus auxiliares servir Marguerite [ama de Fanny] no caminho de volta, ela e Fanny podem retornar para casa mais cedo. Você vai sorrir por ver tanta feminilidade materna em mim; mas há um pouco de filosofia nisto porque, entre nós, eu gosto de despertar as faculdades infantis dela através de fortes impressões.

[Dear Madam,

I believe it is scarcely necessary to inform you that Miss Hays will accept of your invitation, and accompany me on Sunday next to dinner at your house. As you were so obliging as to offer to send the carriage for the little *Fannikin*, I promised to call for her. In the evening, if one of your servants will put Marguerite in her way, she and Fanny may return at an early hour. You will smile at having so much of the womanish mother in me; but there is a little philosophy in it, *entre nous*; for I like to rouse her infant faculties by strong impressions.]<sup>310</sup>

É notável um intenso senso de amizade e comunidade entre as três.

Estas aproximações e amizades reverberaram na produção escrita de Robinson. Wollstonecraft, principalmente, causou-lhe uma forte e duradoura impressão. Seus próximos romances se tornaram marcadamente mais “feministas”, com heroínas inspiradas em Wollstonecraft, e que se auto-intitulavam suas discípulas.

É de Robinson a autoria do romance mais radical e controverso da época. Publicado em 1797, *Walsingham; or The Pupil of Nature*, traz temáticas já abordadas por Robinson: o mérito pessoal versus o acaso do nascimento, o destino da mulher “decaída”, os perigos da sensibilidade excessiva. Mas também traz um novo interesse, inspirado por Wollstonecraft, a questão do direito da mulher à propriedade. Este foi dramatizado através de um enredo brilhante e inusitado para a época, do herói que na realidade é uma heroína travestida de homem.

Durante sua trajetória como atriz Robinson interpretou muitos personagens cômicos travestidos de homem. Agora, com *Walsingham*, ela deu uma abordagem política ao tema do *cross-dress*. Personificada como homem, Sir Sidney (o/a herói/heroína) foi capaz de herdar o patrimônio que lhe seria negado como mulher. Ao delinear uma personagem *transgender*, Robinson também encontrou um caminho insólito para discutir um dos temas que lhe eram mais caros, o direito e as possibilidades das mulheres receberem uma “educação masculina”. O ano de lançamento de uma obra tão ousada para o debate sobre os direitos da mulher também assistiu a perda da sua principal líder e protagonista.

---

<sup>310</sup> Wollstonecraft to Robinson, December 1796. *Ibidem*. p. 387.

A relação amorosa que Wollstonecraft iniciara com o americano Gilbert Imlay durante sua estadia na França enfrentou inúmeros percalços e não teve um desfecho agradável. Depois de um algum tempo de relacionamento até certo ponto estável, Imlay abandonou ela e a filha. Wollstonecraft enfrentou então um dos períodos mais difíceis de sua vida, que a levaram a tomar atitudes extremas. Tensionada por pressões emocionais, intelectuais e sociais, ela tentou se suicidar duas vezes.

Enquanto se recuperava deste período conturbado ela encontrou aquele que parecia destinado a ser o grande companheiro de sua vida: Willian Godwin. Depois de aproximarem por intermédio de Hays, rapidamente entabularam uma profunda relação de amizade e amor. Como resultado, Wollstonecraft engravidou novamente. Os dois filósofos, apesar de se posicionarem contra o matrimônio publicamente, acabaram se casando em 29 de março de 1797. Não tiveram tempo de se arrepender. Quatro meses depois Wollstonecraft, então com 38 anos, morria em decorrência de complicações no parto de sua outra filha, também chamada Mary.

Com sua morte ela deixou inacabado o romance em que estivera trabalhando. *The Wrongs of Woman: or, Maria* foi publicado em 1798, com outros trabalhos póstumos. Neste romance, de viés bastante radical, Wollstonecraft apresentou as diversas formas de opressão a que estavam sujeitas as mulheres de sua época. No prefácio da obra expõe seu principal objetivo ao escrever *Maria*: “o desejo de mostrar a miséria e a opressão que são próprias às mulheres e que resultam tanto de leis parciais como dos costumes da sociedade”.<sup>311</sup> Por meio da narrativa literária, inspirada pelo romance *Caleb Williams*, Wollstonecraft expressa muitas temáticas presentes em *Vindication*: a prostituição legal representada pelo casamento, o despreparo das mulheres em se relacionar com os homens<sup>312</sup>, os problemas que elas enfrentavam ao tentar se divorciar (gastos onerosos, perda da guarda dos filhos, reputação arruinada), os assédios de empregadores, a perda da reputação e o que isso acarretava para uma mulher.<sup>313</sup>

Como não poderia deixar de ser, a morte de Wollstonecraft provocou certo arrefecimento no debate sobre os direitos e as injustiças da mulher na Inglaterra. Tal

---

<sup>311</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *The Wrongs of Woman: or, Maria. A Fragment*. Vol. 01. London: Printed for J. Johnson, No 72, St. Paul's Church-Yard; and G. G. and J. Robinson, Paternorter-Row. 1798. (Author's Preface) [the desire of exhibiting the misery and opression, peculiar to women, that arise out of the partial laws and customs of society.]

<sup>312</sup> O ideal de virtude exigido das mulheres significava que elas mantivessem completa ignorância em relação aos homens (seus desejos sexuais) e as relações amorosas até o casamento. Para Wollstonecraft, essa completa ignorância não contribuiria em nada para que as mulheres pudessem escolher bons companheiros.

<sup>313</sup> MIRANDA, Anadir dos Reis. Op. cit. p. 142.

arrefecimento, no entanto, não se deu somente pela perda da principal porta-voz dos clamores proto-feministas em meio ao movimento anti-jacobino. Como já visto, Godwin, que fora um dos principais interlocutores masculinos e incentivadores das três “Marys”, ironicamente contribuiu para a perseguição às escritoras radicais e proto-feministas que vigorou após a morte de Wollstonecraft. Ao publicar a biografia *Memoirs of author of A Vindication of the Rights of Woman* (1798), trazendo a público detalhes íntimos da vida de Wollstonecraft, arruinou-lhe a reputação e, conseqüentemente, também sua credibilidade, com fortes ressonâncias para a filha que tiveram, a futura escritora Mary Shelley.

Neste contexto, os periódicos que até então tinham se mostrado favoráveis às obras de Wollstonecraft, passaram a criticá-la e às suas ideias. Para aqueles que se opunham às posições políticas de Wollstonecraft, *Memoirs* e *Maria* serviam como evidência das conseqüências da aplicação prática dos princípios jacobinos.

Depois de *Memoirs*, a própria recepção de *A Vindication of the Rights of Woman* mudou. Se em 1792 os aspectos políticos de *Vindication* não haviam sido significativamente considerados, a partir de 1798 passou a ser visto como uma obra de cunho bem mais revolucionário. Provendo a vulnerável combinação de desvio sexual e político, Wollstonecraft se tornou então o símbolo central dos ataques às escritoras radicais. A reprovação social de Wollstonecraft e sua obra aparecem de forma mais contundente na recepção dos próximos trabalhos de suas discípulas: Mary Hays e Mary Robinson.

Apesar da morte de Wollstonecraft e de um contexto que se tornava cada vez mais hostil ao debate ilustrado, em especial quanto à temática dos direitos e das injustiças da mulher, Hays e Robinson se mantiveram bastante ativas como escritoras e defensoras da causa da mulher. Mas, como se tornou significativamente mais difícil conciliar as posições de mulher e letrada (e proto-feminista), sem perder neste processo a reputação, o uso de certas estratégias se fez obrigatório.

Mary Robinson continuou a contribuir regularmente com o periódico *The Morning Post*. Nos idos de 1797 ela e Samuel Taylor Coleridge se encontravam formalmente engajados como “poetas correspondentes” neste periódico (que já fora pró-Pitt e anti-Príncipe, mas neste momento político conturbado não era *tory*, nem *whig*, nem jacobino: imparcialidade era seu lema). Robinson, adaptável, nesta altura também se colocava como uma escritora independente, tão sensível ao horror do extremismo radical quanto crítica da indulgência com que se tratava a corrupção política estabelecida. Por três anos, de dezembro

de 1797 até sua morte, Mary contribuiu regularmente com o *The Morning Post* (de um a três poemas por semana).<sup>314</sup>

Seu próximo romance *The False Friend: A Domestic Story* (1799) surgiu na cena inglesa dois anos depois. Mais uma vez Robinson partiu de suas experiências pessoais como inspiração para a narrativa ficcional. Depois de quinze anos de relacionamento relativamente estável com Tarlenton (com algumas separações e reatamentos), eles se afastaram em definitivo. Os dois vinham se distanciando desde que ela se inserira dos círculos radicais londrinos. Conforme os posicionamentos de Robinson se radicalizavam, ela foi se tornando crítica das visões mais moderadas de seu companheiro.<sup>315</sup> Não obstante, somente depois de oito meses da separação Tarlenton sucumbiu ao que ela, em seu romance *Angelina*, chamara de “velho expediente de uma esposa abastada”.<sup>316</sup>

Dois meses depois do casamento de Tarlenton com uma rica herdeira, o novo romance de Robinson foi publicado. Para aqueles que conheciam a recente história dos dois, o título da obra parecia insinuante. Na realidade, havia um consenso geral que o livro se referia ao fim de seu *affair* com Tarlenton.<sup>317</sup>

O personagem que aparentemente representava Tarlenton era “muito educado para ser religioso; muito espirituoso para aprender; muito jovem para ser sério; e muito bonito para ser discreto ; (...) um libertino da espécie mais perigosa; um bajulador dissimulado; um ser que pairava nas altas rodas dos ricos e bem-nascidos.”<sup>318</sup> Byrne aponta, no entanto, que tal personagem pode ser definido mais como um tipo literário do que um retrato de Tarlenton. Seria ele um libertino nos moldes de Lovelace, personagem famoso de Richardson.

A personagem mais interessante do livro, no entanto, é Gertrude, uma seguidora de Mary Wollstonecraft que possuía ideais políticos bem definidos: desejava se tornar uma *he-she philosopher*, pretendia inculcar novas doutrinas sobre a potência da compreensão feminina, equalizar a autoridade entre os sexos, provar que a mulher foi formada para pensar e se tornar a companheira racional do homem.

---

<sup>314</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 336.

<sup>315</sup> Que, por exemplo, mantivera-se comprometido com os interesses de sua família no que se refere ao tráfico de escravos, e agora começava a apoiar a figura que emergia na França pós-revolucionária: Napoleão Bonaparte.

<sup>316</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 340.

<sup>317</sup> Ibidem. p. 342.

<sup>318</sup> ROBINSON, Mary. *The False Friend: A Domestic Story*. 4 volumes. London: Printed by T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row, 1799. I, p. 42 e II, 167. [(...) too polite to be religious; too witty to learned; too youthful to be serious; and too handsome to be discreet; (...) a libertine of the most dangerous species; a dissembling sycophant; a being who hovered round the wealthy and the high-born]

É visível como Robinson tomou para si a missão de Wollstonecraft. Mas, num primeiro momento, ela preferiu expressar seus ideais feministas através das suas personagens ficcionais, sabendo que se decidisse usar sua própria voz o seu conturbado passado poderia depor contra ela. Na primavera de 1799, entretanto, ele se sentiu pronta para publicar o polêmico tratado proto-feminista *A Letter to the Women of England, on the Injustice of Mental Subordination* (1799). Ciente do contexto de perseguição às seguidoras de Wollstonecraft, e preocupada que suas ideias fossem desacreditadas devido a sua trajetória pouco convencional, ela o publicou sob o pseudônimo de Anne Frances Randall. Nesta obra ela retomou muitos dos sentimentos e ideias proto-feministas expressadas no romance *The False Friend*.

No final de sua vida Robinson se voltou para a produção de escritos de si. Começou a escrever suas memórias (que seriam finalizadas pela sua filha) e escreveu seu romance mais autobiográfico: *The Natural Daughter. With Portraits of the Leadenhead Family, A Novel* (1799). Este pode ser considerado um dos primeiros trabalhos em língua inglesa, de autoria feminina, em que a protagonista é uma escritora profissional. Ao longo da obra, Robinson, inspirada em suas próprias vivências, apontou para muitos dos desafios e dificuldades que as escritoras de ofício enfrentavam.

Para Hays, a morte de Wollstonecraft provou ser um excruciante rito de passagem, que a transportou para um novo estágio de isolamento e independência. Sua extrema agitação e depressão durante este período (formativo) ficaram registradas nas cartas trocadas com Godwin e com outros conhecidos. Também ficaram documentados seus desentendimentos, e consequente afastamento, de Willian Godwin. Hays não concordou com as atitudes dele em relação a Wollstonecraft, a começar pela publicação de *Memoirs*, e de seu rápido casamento com outra mulher. Além disso, com o declínio dos grupos dissidentes e radicais - devido ao crescimento da repressão do governo conservador - ela ficou à deriva, desligada de qualquer tipo de comunidade, exceto por sua família.

O crescimento do seu sentimento de isolamento produziu um novo senso de autonomia e, até, de desafio público. Neste novo contexto ela produziu trabalhos inovadores e rompeu com Godwin. Também houve rumores de pelo menos um novo *affair*. E, apesar dos ataques injuriosos contra ela<sup>319</sup> e outros radicais, ela decidiu publicar seus próximos dois

---

<sup>319</sup> Quando do seu lançamento em 1796, *Memoirs of Emma Courtney*, apesar do seu viés radical e desafio à moral sexual, recebeu críticas positivas de periódicos como *Analytical Review* e *Montly Magazine*. Mesmo os periódicos mais conservadores, como *Critical Review* e *British Critic*, hesitaram em falar de suas implicações políticas e religiosas. De modo geral, o livro fora um sucesso. Pouco depois, num contexto de fortalecimento do sentimento anti-jacobino, Hays e sua obra se tornaram alvos de hostilidade e sarcasmo.

trabalhos: o tratado proto-feminista *An Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Women* (1798), e o romance *The Victim of Prejudice* (1799). Estas obras sinalizaram uma nova atitude de indiferença de Hays frente à aprovação de seus pares, incluindo Godwin, e seu comprometimento em defender e preservar a vida e a obra de Wollstonecraft para a posteridade.

*Appeal* foi publicado anonimamente, tendo sua autoria atribuída a Hays subsequentemente. Seu estilo é espirituoso e direto, em contraste com a abordagem anedótica e ilustrativa de *Letters and Essays* (1793). Neste segundo tratado, Hays enfatizou a necessidade de se reformar o sistema educacional para incluir as mulheres e refutou a crença de que estas seriam naturalmente inferiores aos homens, apontando que seu “caráter” seria social e culturalmente construído.

Seu último trabalho explicitamente proto-feminista publicado na década de 1790 foi *The Victim of Prejudice* (1799). Como em seu primeiro romance, Hays deliberadamente incorporou os argumentos que desenvolvera na escrita teórica, ilustrando-os através de uma dramática - e algumas vezes melodramática - narrativa. O formato da “autobiografia ficcional” permitiu a Hays, mais uma vez, fazer uso de uma forte voz feminina, que falava da experiência das mulheres de forma autêntica. E, como em *Emma Courtney*, Hays abordou a dependência social e econômica das mulheres, sua sexualidade e subjetividade.

Mas, apesar de apresentar tantas similaridades com seu primeiro romance, e de ter sido publicado somente três anos depois, *Victim* é marcadamente diferente. Nesta obra Hays se mostrou muito menos esperançosa a respeito das mudanças que o exemplo da Revolução poderia produzir na Inglaterra. Como resultado, este romance é bem menos idealizado e mais sombrio em seu tom. Como o romance *Wrongs of Woman*, de Wollstonecraft, *Victim of Prejudice* busca catalogar as “injustiças” sociais perpetuadas contra as mulheres.

Os últimos textos de Hays podem ser definidos como *escritos de vida*. Por meio de narrativas de viés histórico e biográfico, ela buscou delinear uma taxonomia dos caminhos que as mulheres tradicionalmente haviam percorrido em sua busca pelo conhecimento. Ela produziu uma interpretação alternativa da história das mulheres, pontuada pela emergência de mulheres de letras e de poder.

Tal empreitada começou com a publicação da *Memoirs of Mary Wollstonecraft*, um pequeno texto de 49 páginas, publicado no *Annual Necrology for 1797-98*. Neste, Hays apresentou a “sua” Wollstonecraft. Em contraste com Godwin, que em *Memoirs* representara Wollstonecraft como uma figura política heroica, Hays enfocou sua resistência aos preconceitos de gênero. Ela mostrou sua recusa em aceitar a ideia da desigualdade sexual

inata, e sua luta em demonstrar que a mente não é feminina nem masculina. Ela usou a história de Wollstonecraft para discutir o desenvolvimento psicológico e mental das mulheres, argumentando que as restrições sociais afetavam seu desenvolvimento intelectual negativamente. A Wollstonecraft de Hays incorporou o ideal de ser humano igualitário e universal que ambas defendiam.

*Female Biography; or, Memoirs of Illustrations and Celebrated Women, of All Ages and Countries*<sup>320</sup> é sua última e, provavelmente, uma de suas mais ousadas e ambiciosas obras. Publicada em 1802<sup>321</sup>, trata-se de um compêndio, organizado em seis volumes, de 288 mini-biografias de mulheres vibrantes: cientistas, filósofas, poetas, mártires, atrizes, cortesãs e rainhas.<sup>322</sup> Em resposta às alegações de que não existiram mulheres do nível de um Shakespeare, Bacon, Newton ou Locke, Hays reuniu evidências em abundância para demonstrar que, sejam quais forem os obstáculos, as mulheres podem empreender grandes realizações intelectuais e políticas.

Em suas pesquisas, Hays descobriu sua vocação como biógrafa e historiadora de mulheres, conseguindo, desta forma, ampliar e objetivar a perspectiva mais pessoal que marcara seus trabalhos anteriores. E, assim como Wollstonecraft e Robinson, Hays manteve suas convicções sobre tolerância, igualdade e capacidades femininas até o fim de sua vida.

Ao se debruçar sobre as trajetórias letradas de Wollstonecraft, Hays e Robinson, procurando mapear os pontos em que elas e suas histórias se unem e se distanciam, rapidamente se percebe que suas experiências apresentam muitos pontos em comum. As três, como mulheres de classe média, constituíram-se como sujeitos sob a égide da *ideologia da domesticidade*. Todas encontraram dificuldades para se adequar à idealizada posição da *proper lady*. Tendo em vista o quanto o mercado matrimonial se tornara extremamente concorrido naquele contexto, é plausível supor que esse tipo de insucesso tenha sido bastante comum.

Entender porque somente umas poucas mulheres daquela época empreenderam a crítica a este modelo de feminilidade limitador e quase inatingível, requer problematizar as inúmeras dificuldades que recorrentemente têm marcado o questionamento e a transformação dos processos e mecanismos de opressão de gênero. Para além de retomar aqui questões incansavelmente debatidas pelas teorias feministas e de gênero, quisemos neste capítulo tratar

---

<sup>320</sup> Os seis volumes de *Female Biography* integram o acervo de *Chawton House Library*.

<sup>321</sup> A despeito da atmosfera política repressiva característica do final do século, o interesse pela temática da mulher permanecia.

<sup>322</sup> Hays omitiu Wollstonecraft de *Female Biography*. Seus biógrafos e estudiosos têm discutido se isso se deveu à pressão conservadora em curso.

da capacidade crítica destas três mulheres vinculada a sua inserção na cultura letrada setecentista. Obviamente o fato de não terem sido bem sucedidas ao se moldar ao ideal de feminilidade vigente contribuiu para que desenvolvessem sentimentos de frustração e de inconformismo. Importante destacar ainda que sem o instrumental crítico alcançado a partir de suas inserções nos círculos ilustrados, certamente não teriam convertido tais sentimentos em capacidade criativa e criadora, que resultou numa ampla e influente reflexão a respeito das desigualdades de gênero que conformavam a sociedade setecentista, desenvolvida a partir de extensa e diversificada produção escrita.

Ao mesmo tempo, é impossível não ressaltar os caminhos tortuosos que precisaram percorrer para se aproximar da cultura erudita, nunca alcançando, obviamente, o mesmo nível de fundamentação e autoridade que seus companheiros letrados. Não é por acaso que a produção escrita de Hays, que fora excluída da educação ilustrada clássica reservada aos homens por conta do seu gênero, constitui-se de uma série de “prelúdios” - de começos e antecipações - que nunca alcançaram real consistência ou resolução. Ou ainda que as obras de Wollstonecraft já tenham sido duramente criticadas como incoerentes devido a sua mistura de gêneros e estilos, sem que se compreendesse que este “hibridismo” fazia-se necessário para criar uma posição de interlocução proto-feminista.<sup>323</sup>

---

<sup>323</sup> WALLRAVEN, *A writing halfway between theory and fiction: mediating feminism from the seventeenth to the twentieth century*. Germany: Konigshausen & Neumann, 2007. p. 39.



### 3 A ESCRITA EPISTOLAR E OS INTERCÂMBIOS LETRADOS

As trajetórias de Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson atestam que seu acesso à cultura letrada setecentista e reconhecimento se deu por meio das relações de amizade e de tutela intelectual que estabeleceram entre elas mesmas e com outros homens e mulheres de letras. O estabelecimento destas amizades mistas, destes intercâmbios intelectuais entre homens e mulheres, tornou-se possível num contexto em que ideais de conversação franca, polidez e uma nova cultura da sensibilidade contribuíram para que as sociabilidades e as relações de amor e amizade se tornassem mais intensas e igualitárias, flexibilizando barreiras de classe e gênero.

A maior parte destes intercâmbios se realizou por meio de correspondências. Como gênero de escrita, a correspondência é um registro importante das mudanças históricas nas concepções e nas experiências da amizade e das sociabilidades. No século das luzes, da sensibilidade e das sociabilidades francas e prazerosas, as cartas representavam a continuidade e um registro material da palavra falada, dos encontros semanais entre homens e mulheres unidos pelo vínculo amistoso.

Marcado por um estilo de escrita mais confessional, que permitia o acesso à intimidade e aos recessos da alma, o gênero epistolar integrava as amizades autênticas e sensíveis que se desenvolveram entre mulheres e homens de letras que integravam os círculos dissidentes e radicais. A análise das cartas trocadas entre eles permite mapear as redes de interdependência, os vínculos amistosos, as relações de amor e de troca intelectual que entabularam entre si.

No que se refere à inserção das mulheres nestas sociabilidades e práticas letradas, a análise das correspondências trocadas entre Wollstonecraft, Hays e Robinson e entre elas, seus tutores e amigos dissidentes e radicais, possibilita compreender como equilibraram tensões de gênero associadas aos ideais de igualdade, autenticidade e reciprocidade que fundamentavam estas relações.

Neste sentido, propomos analisar neste capítulo as experiências de Hays e Wollstonecraft como pupilas dos dissidentes racionalistas Robert Robinson e Joseph Johnson, *homens generosos* que as auxiliaram nas suas buscas por independência e esclarecimento, que as guiaram e as apoiaram nas suas trajetórias de escritoras profissionais.

Também tratamos das inserções de Hays, Wollstonecraft e Robinson nas sociabilidades francas e diretas entre homens e mulheres nos círculos radicais londrinos, procurando demonstrar o quanto a participação delas neste tipo de sociabilidade contribuiu

para que transgredissem convenções de gênero vinculadas ao intercâmbio intelectual entre homens e mulheres, a inserção das mulheres no debate público e as relações de amizade e de amor. O radical londrino William Godwin, possivelmente o principal defensor do ideal de conversação racional, foi o interlocutor mais importante de Hays e Wollstonecraft neste contexto. Godwin acreditava que a comunicação sem reservas, inclusive entre homens e mulheres, oferecia oportunidades sem igual para o aperfeiçoamento moral e intelectual. Por isso, ao longo de sua trajetória letrada, ele cultivou relações de amizade com mulheres talentosas, incluindo Mary Hays, Mary Wollstonecraft e Mary Robinson.

Também tratamos da relação de tutela intelectual e de amizade que se estabeleceu entre Mary Wollstonecraft e Mary Hays, e que ficou em parte registrada nas cartas que trocaram ao longo da década de 1790. Sendo a amizade entre as mulheres um tema tão pouco estudado, observar como a relação de ambas se pautou na troca de saberes, alegrias e angústias, atesta que as mulheres, assim como os homens, também são capazes de experimentar o sentimento elevado da amizade.

### 3.1 Sociabilidades Polidas: o papel civilizador das mulheres

A *República das Letras* inglesa integrou sujeitos variados: homens e mulheres, letrados, *gentlemen*, *ladies* e pessoas comuns. Esta promiscuidade social, esta integração entre indivíduos que viviam apartados por hierarquias de nascimento e gênero, respondia ao anseio ilustrado pelo esclarecimento sem obstáculos de qualquer ordem. Tais intercâmbios aconteciam por caminhos diferentes: publicação de escritos, leituras individuais e coletivas, correspondências, reuniões e outros momentos de sociabilidade.

A Inglaterra setecentista se orgulhava de sua polidez tanto quanto o fazia em relação ao seu espírito progressista. Os ingleses entendiam que o comportamento polido era característico de seu estágio de civilidade e modernidade. A polidez, pautada na reciprocidade, na tolerância e na moderação, era considerada a base da interação social. Devido aos valores que agregava, o comportamento polido servia como um meio de integração (e de aprimoramento) para pessoas de diferentes status, riqueza e gênero.

Este ideal de sociabilidade polida estava associado à tradição cortês que, ao longo da modernidade, alçou as mulheres a um papel de destaque no paradigma do progresso e da civilização. O aprimoramento dos costumes, a suavização dos modos e do gosto, enfim, a polidez nas relações, exigia a presença e a interferência das mulheres.

Desde o século XVI, nos círculos formados ao redor de rainhas e mulheres aristocráticas renascentistas, já se cultivava o prazer de estar juntos e de compartilhar sentimentos elevados. Estas sociabilidades cortesias, que foram primorosamente retratadas por Baldassare Castiglione em *O Cortesão* (1528), ainda eram marcadas pelo respeito às hierarquias sociais e por uma concepção neoplatônica da grande dama que, apesar de agregar ao seu redor espíritos esclarecidos, mantinha uma distância respeitosa adequada a sua posição social e ao domínio que exercia sobre os seus súditos.

Relações mais igualitárias, nas quais as distâncias sociais e de gênero foram reduzidas em favor de uma sociabilidade marcada pela cultura, pela civilidade e pela cordialidade, começaram a ser ensaiadas nos salões seiscentistas. Os primeiros salões foram criados na França, por mulheres aristocratas, que descontentes com a rigidez e o artificialismo da vida social na corte abriram as portas de suas residências elegantes e de seus aposentos mais amplos e bem decorados para acolher pessoas de sua eleição. Embora suas origens

estejam ligadas ao modelo da sociedade de corte, os salões diferiam quanto ao papel desempenhado pelas mulheres e pelo tipo de sociabilidade ali estabelecida.<sup>324</sup>

As primeiras *sallonières* - mulheres ricas, oriundas da alta nobreza, todas bem educadas, dominando dois ou mais idiomas, além do código de etiqueta - agiram mais do que como meras anfitriãs. Elas atuaram como indivíduos capazes, eloquentes, inteligentes e espirituosos, que conseguiam agregar outras pessoas com as mesmas qualidades em torno de um ideal de sociabilidade culta, amistosa e prazerosa.

Estas anfitriãs notáveis costumavam convidar filósofos, artistas, poetas, ou aqueles que de uma forma ou outra se distinguiam pelo talento, pelo espírito, beleza ou mesmo por nascimento. Os homens de letras, em particular, serviam de preceptores benevolentes às damas, fazendo leituras de obras novas, fornecendo temas para conversação, indicando leituras. Mas, se eles não se conformassem aos códigos de etiqueta e de galanteria que pautavam as relações nestas sociedades seletas, poderiam ser banidos. Esperava-se que eles adequassem não apenas suas maneiras, mas também suas produções poéticas e literárias, reformando seu estilo e, em certa medida, sua maneira de pensar.

Nestes círculos elitários a proximidade com os homens oferecia às mulheres, tradicionalmente alijadas dos espaços de conhecimento, possibilidades de aprimoramento, de conhecimento e mesmo de desenvolver a ambição por pretensões intelectuais de maior envergadura. Estes salões mistos possuíam, inquestionavelmente, um viés pedagógico, mas que funcionava numa via de mão dupla, porque ao mesmo tempo em que as mulheres se instruíam também eram espaços de formação para os homens.

Não foi por acaso que os salões se multiplicaram após os conflitos da Fronda, proliferando-se inclusive entre as classes burguesas. Segundo Dulong,

trinta e cinco anos de guerra civil tinham feito muitos estragos. O instinto triunfava, a moral estava em perda, a ignorância espalhava-se tragicamente, e de tudo isto eram as mulheres as primeiras vítimas. Impunha-se uma renovação na sociedade e a acção dos salões integrava-se então nesta “coligação contra a grosseria”(…) A Igreja renascente da Contra-Reforma, o poder restaurado, os filósofos e os moralistas desempenharam o seu papel neste grande esforço de educação, ou antes de reeducação dos franceses. (...) um denominador mantém-se comum a todas estas iniciativas: há que aprender a dominar os instintos, ou pelos menos a moderar sua expressão.

---

<sup>324</sup> Segundo Zechlinski, as formas de convivência inventadas através dos salões eram uma maneira que a aristocracia forjou para manter sua própria autonomia e as liberdades individuais, sem entrar em confronto com o regime absolutista. Os encontros nos salões se constituíram como alternativas à vida na corte, na qual a hierarquia era a norma suprema. (ZECHLINKI, Beatriz Polidori. Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidade. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012. p. 53.)

Aos preceitos morais, as múltiplas obras didáticas que traçam o retrato do “homem honesto” acrescentam as receitas da arte de agradar, de escrever e de conversar que são desenvolvidas, por outro lado, pelos tratados de civilidade, que aparecem neste período e ao longo de todo o século. Os salões ficarão sempre impregnados deste ideal de cortesia mundana (...) <sup>325</sup>

Ou seja, o papel das mulheres nestes espaços de sociabilidade aristocráticos era também um papel civilizador. Cabia às mulheres suavizar os costumes <sup>326</sup>, orientar as maneiras e o gosto e ousar dizer aos homens que não havia civilização digna deste nome sem destaque às mulheres cultas e elegantes. A contribuição que os salões deram à civilidade foi a galanteria, esse “não sei quê” de graciosidade e encanto que só se pode adquirir junto das mulheres e por elas, mas que em breve, se estenderia ao comportamento das elites e, posteriormente, também às classes médias. Da França, disseminou-se para outros países da Europa. <sup>327</sup>

Na Inglaterra se desenvolveu, desde a segunda metade do século XVIII, um espaço de sociabilidade correspondente aos salões franceses, o círculo das *bluestockings*. Formado ao redor de proeminentes aristocratas como Elizabeth Montagu, Elizabeth Vesey e Frances Boscawen, este espaço uniu homens e mulheres primeiramente da *gentry* e das classes altas, seguida pela crescente participação de indivíduos das classes médias, que buscavam aprimoramento intelectual, refinamento e patrocínio. Entre os visitantes figuravam personagens ilustres, como Dr. Johnson, James Boswell, Edmund Burke, Horace Walpole, Frances Burney, Anna Laetitia Barbauld e Hannah More.

Formado pela primeira vez por volta de 1750, o círculo das *bluestockings* continuou até 1780, quando uma segunda geração de anfitriãs surgiu em Londres e nas províncias. A expressão *bluestocking* foi originalmente usada para insultar os puritanos do Pequeno Parlamento de Cromwell em 1653. Tal termo foi reavivado em 1756 quando Benjamin Stillingfleet apareceu em uma das assembleias de Elisabeth Montagu vestindo meias azuis de

---

<sup>325</sup> DULONG, Claude. “Da conversação à criação”. In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna*. Vol. 3 Porto: Afrontamento, 1994. p. 470.

<sup>326</sup> Esta expressão tão setecentista se referia ao conjunto de comportamentos, hábitos, maneiras e estilos de viver que diferenciavam as sociedades civilizadas das selvagens.

<sup>327</sup> Os salões franceses forneceram os modelos para outros salões criados ao longo do século XVIII na Alemanha e na Inglaterra. (MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. *História: Questões e Debates*. Curitiba, PR: Ed. da UFPR, ano 25, n. 46, jan./jun. 2007. p. 66.)

tricô, que normalmente distinguíam os trabalhadores. Logo a palavra foi generalizada para se referir a todos os visitantes de Montagu.<sup>328</sup>

Assim como seu equivalente francês, o círculo das *bluestockings* promovia a conversação como um meio de afirmar a igualdade social e intelectual das mulheres e de superar as restrições do decoro aristocrático através de uma nova forma de sociabilidade. O status da mulher como uma influência sensível e civilizadora sobre os homens foi reforçado nestes espaços. Em tal contexto, a privatização da virtude e a tentativa de oferecer uma narrativa da moralidade baseada no manejo apropriado das paixões, mais que puramente da razão, ampliou o valor social de qualidades femininas como simpatia, caridade e empatia.

Os filósofos do iluminismo escocês, em especial, estavam a enfatizar a importância da moralidade superior das mulheres no processo de aprimoramento do Homem. A feminilidade emergia, naquele contexto, como um elemento vital nas tentativas de moralizar a esfera pública. As *bluestockings* reforçaram o poder da conversação neste contexto mais amplo da Ilustração inglesa, em que a ascensão da sociedade comercial dependia do refinamento de ambos os sexos.<sup>329</sup>

Ao focar a arte da conversação como um importante meio de intercâmbio social, o círculo das *bluestockings* se inseriu num movimento que se inspirava na tradição republicana clássica para delinear formas e espaços de interação condizentes com as demandas da emergente sociedade comercial e liberal. Tal movimento atravessou o século, ganhando corpo na produção de diferentes letrados setecentistas, como Joseph Addison e Richard Steele, fundadores do periódico *The Spectator* (que circulou entre os anos de 1711 e 1712), o conde de Shaftesbury (1671-1713), e o filósofo escocês David Hume (1711-1776). A arte da conversação polida explorada nos trabalhos destes pensadores se constituía como uma forma de aproximar grupos sociais diversos numa sociedade em que a mobilidade social se acentuava, fruto do aumento da riqueza e da expansão do comércio. Num contexto que se estruturava cada vez mais na troca e movimentação de mercadorias e notícias, a conversação permitia afirmar o pertencimento a um espaço social mais alargado em que os indivíduos partilhavam um mesmo código de civilidade.

Este modelo de conversação deu origem, inclusive, a um gênero de pintura muito apreciado e popular no século XVIII, o *conversation piece*. Este frequentemente trazia a representação de um círculo familiar recebendo visitas, de amigos num clube ou

---

<sup>328</sup> EGER, Elizabeth. "The noblest commerce of making': Conversation and Community in the Bluestocking Circle". In: KNOTT, Sarah e TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005. p. 289.

<sup>329</sup> Ibidem. p. 289.

numa taverna, ou mesmo uma jovem recebendo a visita de um pretendente. Estes círculos podiam ser mais ou menos alargados, por vezes com indivíduos de grupos sociais diferentes e gerações diferentes. Em geral os indivíduos representados estão a conversar, a ler, a tomar chá, a fumar, a ver alguém tocar um instrumento, a assistir uma representação. O interior doméstico em que as pessoas do círculo familiar convivem com visitas foi um dos cenários mais privilegiados.



330

Este ideal de conversação polida se disseminou a partir determinadas publicações, como páginas de periódicos, literatura educacional e manuais de conduta. Estes últimos, em especial, tiveram um papel importante na construção da ideologia polida, nomeadamente da feminilização das práticas de conversação. Nas representações pictóricas e literárias do convívio polido a mistura dos sexos caracterizava frequentemente os grupos à mesa do chá, no salão ou no jardim. A presença das mulheres era, portanto, um dos elementos da esfera polida, destinada a sublimar a rudeza dos homens.

Mas, discorrer sobre tal código de civilidade implica ir além do aspecto da conversação. Ela integrava um conjunto mais amplo de espaços, práticas e sensibilidades que compunham o que se pode chamar de uma *cultura da polidez*. Importa ressaltar ainda, que nem todos os espaços de sociabilidade polida fundamentaram seus ideais de conversação e civilidade no intercâmbio entre os sexos.

---

<sup>330</sup> William Hogarth, *The Wollaston Family* (1730), 99 x 124,5 cm, óleo sobre tela. As *conversation pieces* de Hogarth permitem identificar vários espaços da nova sociabilidade: sala de espetáculos pública ou privada, sala de chá no interior doméstico, jardim privado, sala de reuniões do clube, etc. Entre as pinturas deste gênero encontramos retratos de reuniões familiares, de membros de clubes e de círculos constituídos por outras afinidades.

O exemplo mais notável, na Inglaterra, de um espaço de sociabilidade que não se pautou na equiparação entre mulheres e refinamento foi o clube ou *The Society of Gentlemen*. Trata-se de uma instituição que surgiu em meados do século XVII, inicialmente vinculada aos cafés. Floresceu ao longo do século XVIII como um espaço exclusivo e privado de sociabilidades masculinas.

Antes do extraordinário desenvolvimento dos clubes ingleses, principalmente londrinos, na primeira metade do século XVIII, os cafés já eram fortemente identificados como espaços masculinos. Nestes, a presença feminina comumente se restringia às posições de dona do estabelecimento e/ou criada que servia as mesas. Quando grupos de homens começaram a se reunir em cômodos separados dos cafés para ler periódicos e discutir, iniciando assim os primeiros clubes, a exclusão das mulheres se tornou realidade.<sup>331</sup>

A maior parte das atividades que compunha as sociabilidades nos clubes londrinos era considerada como entretenimento masculino, inadequado às mulheres. Os sócios se reuniam para conversar, jogar cartas e beber, compartilhando seus interesses artísticos, políticos e científicos.

Estas divisões refletiam a crescente polarização entre as esferas pública/masculina e privada/feminina que marcou o século XVIII inglês. Como visto, a ideologia hegemônica na época compreendia as qualidades masculinas como particularmente adequadas ao espaço público, e aquelas atribuídas às mulheres como as melhores para o espaço doméstico. E ainda que tais afinidades de gênero fossem essencialmente abstratas e discursivas, representavam preceitos dos quais os ingleses e inglesas setecentistas eram conscientes, preceitos aos quais muitos deles se resignaram. Desde o final do século XVII algumas das

---

<sup>331</sup> A representação do clube como uma experiência de sociabilidade privilegiada para a conversação mundana, que polia as maneiras e as mentes, foi recorrente na cultura impressa britânica, principalmente a partir dos periódicos. Ao representar o clube como um ponto de encontro de pontos de vista e tipos sociais distintos, como um modelo de sociabilidade heterogênea, estas publicações forneceram um ideal de decoro, sociabilidade e aperfeiçoamento. O clube, como um espaço e uma experiência de sociabilidade, não foi meramente representado nos periódicos, suas práticas também foram mediadas por tais escritos. *The Gentlemen's Society at Spalding*, de Lincolnshire (condado localizado no leste da Inglaterra), propiciou um dos primeiros modelos deste tipo de sociedade. Tal clube foi criado em 1709, quando um grupo de proprietários locais e profissionais eminentes patrocinou a assinatura do *Tatler* para um café local, onde eles passaram a se reunir para fazer leituras coletivas deste periódico. A leitura de cada número era seguida pelo levantamento de tópicos e discussões entre os membros do grupo. Paulatinamente esta prática se ampliou, incluindo a apresentação de uma ampla gama de tópicos, sempre mediados pela conversação polida. Com o tempo o grupo se institucionalizou, estabelecendo um conjunto de normas e se vinculando a outras instituições, incluindo uma biblioteca e um museu. Outro clube, localizado em Edimburgo, que iniciou suas atividades em 1712, também se desenvolveu a partir da leitura de periódicos. Este tipo de procedimento parece ter sido recorrente na instituição de clubes ao longo de todo o século. (BOTEIN, S., CENSER, J. R. and RITVO, H. *The Periodical Press in Eighteenth-Century English and French Society: A Cross-Cultural. Comparative Studies in Society and History*, Vol. 23, No. 3 (Jul., 1981), p. 477.)



práticas sociais de segregação tendo como base o gênero estavam se desenvolvendo. Como exemplo, podemos citar o hábito das mulheres deixarem a mesa após a sobremesa, propiciando aos homens liberdade para se voltar a atividades e tópicos “masculinos”, que englobavam jogos de azar, bebidas e conversas jocosas. Segundo Capdeville, muitos estrangeiros ao visitar a Inglaterra demonstravam surpresa frente a tal prática.<sup>332</sup> É possível conjecturar quão perplexos deveriam se sentir os visitantes franceses, tão conscienciosos do papel das mulheres nas sociabilidades refinadas, frente a tal sinal de “incivilidade”.

A potencial exclusão das mulheres da esfera pública não representou, entretanto, fator suficiente para explicar a emergência dos clubes e de outros espaços de sociabilidade exclusivamente masculinos. Como já visto, para além dos cafés, clubes e tavernas, as mulheres inglesas, assim como as francesas, tiveram uma inserção significativa em espaços e experiências de sociabilidade, que prezavam pela proximidade entre homens e mulheres.

O salão das *bluestockings* não representou um caso isolado, integrando um movimento mais amplo de valorização da participação feminina nas conversações e sociabilidades polidas. Além das *bluestockings*, outros ingleses letrados também defenderam a importância das mulheres na suavização dos costumes. Na primeira metade do século XVIII, Jonathan Swift afirmava que a polidez inglesa tinha algumas coisas a aprender com a cortesia francesa, entre elas a importância das mulheres nas conversações. Para o filósofo ilustrado David Hume, a participação das mulheres nas conversações eram um indicativo do nível de refinamento alcançado pela sociedade comercial.<sup>333</sup>

Em meados do século XVIII, a disseminação da ideologia da domesticidade, relacionada a novos ideais de família, casamento e amor, ajudou a instituir relações mais próximas e igualitárias entre os cônjuges. Pensava-se então que o decoro, a delicadeza e a ternura femininas abrandariam a rudeza masculina, garantindo a adaptação dos homens às relações estáveis vividas no âmbito doméstico.<sup>334</sup> Esse novo código de gênero, voltado para a capacidade civilizadora das mulheres, não ficou restrito ao privado, estendendo-se para outras relações e espaços.

Compreender este processo implica pensar como a ideologia da domesticidade, de forma paradoxal e complexa, contribuiu para a instituição das esferas pública e privada, ao mesmo tempo em que ofereceu as condições para superar esta oposição. Afinal, ao se instituir

---

<sup>332</sup> CAPDEVILLE, Valérie. Gender at Stake: The role of Eighteenth-Century London Clubs in shaping a new model of English masculinity. *Culture, Society & Masculinities*, Volume 5 Issue 1, 2012, pp. 13-22. p. 17.

<sup>333</sup> MEE, Jon. “The use of conversation”: Willian Godwin’s conversable world and romantic sociability. *Studies in Romanticism*. Dec 22, 2011. p. 04.

<sup>334</sup> LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 154.

uma esfera feminina de atuação, vinculada a valores como sensibilidade, moralidade, virtude e civilidade, os quais ocupavam posição central para a renovação da emergente sociedade liberal e comercial, foi impossível delimitar tão importante atuação das mulheres e dos valores vinculados a elas somente ao privado.

Tal extrapolação se deu por diversas vias, a começar pelo modo como a disseminação do evangelismo entre os séculos XVII e XVIII<sup>335</sup>, ao generalizar as virtudes puritanas associadas ao privado e, conseqüentemente, ao feminino, propiciou às mulheres inglesas setecentistas oportunidades efetivas de exercerem sua influência no espaço público. Os discursos e práticas relacionados à caridade e filantropia, que despontaram no final do século XVIII, também atestam a influência dos valores femininos na sociedade como um todo.<sup>336</sup>

A influência das mulheres na esfera pública também se deu a partir da sua inserção na cultura literária, enquanto produtoras e disseminadoras de um discurso “feminino”. Ademais, segundo Francus, é difícil determinar até que ponto o espaço doméstico era essencialmente um espaço privado. Afinal, a atuação de homens e mulheres neste espaço não era, necessariamente, privada. Reuniões e visitas sociais, por exemplo, traziam aspectos do público (temas de debate, formas de sociabilidade) para o domínio feminino e privado.<sup>337</sup>

A expressiva inserção das mulheres e dos valores vinculados a elas na esfera pública, ou em outras palavras, num domínio considerado masculino, não aconteceu de forma isenta de tensões e resistências. Propiciou a emergência de discursos cada vez mais exaltados, que buscavam reafirmar a divisão de espaços e funções entre homens e mulheres. O medo pela indefinição dos limites entre os gêneros ocasionou, inclusive, certa rejeição ao modelo francês e “feminino” de conversação e polidez, o que contribuiu para a crescente valorização dos clubes como ideal de sociabilidade segregada por gênero ao longo do século XVIII.

No início do século XVIII a França representava o principal modelo de conversação polida. Tornar-se um *gentleman* - honrado, cortês e sensível<sup>338</sup> - implicava se moldar a este

---

<sup>335</sup> Lembrando que a disseminação do evangelismo desempenhou um papel fundamental na instituição da ideologia da domesticidade.

<sup>336</sup> STEINBACH, Susie. *Women in England 1760-1914. A Social History*. London: Phoenix, 2005. p. 54-63.

<sup>337</sup> FRANCUS, Marilyn. *Monstrous Motherhood. 18<sup>th</sup>- Century Culture and the Ideology of Domesticity*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2012. p. 04.

<sup>338</sup> No século XVIII polidez foi associada com *gentility*, adjetivo que se referia às características dos *gentlemen* e das *ladies*. Inicialmente o termo *gentleman* tivera o propósito de distinguir uma parte da elite inglesa - a *gentry*, uma nobreza de status, mais do que de sangue - das “classes inferiores”. Também se referia ao homem que se adequava aos ideais e à honra cavalheiresca. A indeterminação semântica da palavra *gentleman* se ajustou bem à emergência da polidez. Enquanto foi certamente mais fácil para um *gentleman* de linhagem e propriedades ser polido, o indivíduo que carecia de tais critérios de *gentility* poderia alcançar este status

modelo estrangeiro de sociabilidade. Como parte de sua formação, os jovens ingleses da aristocracia e da *gentry* empreendiam um *Grand Tour*<sup>339</sup> pela Europa. Em seu caminho para a Itália, passavam algum tempo na França, polindo suas maneiras, linguagem e gosto. Entretanto, embora fosse esperado que os jovens suavizassem suas maneiras, paradoxalmente, temia-se que desenvolvessem modos não viris, ou seja, que se feminilizassem<sup>340</sup>. Na segunda metade do século se ouviram vozes a criticar o *Grand Tour*, assinalando o perigo que este representava para o caráter viril do homem inglês.<sup>341</sup>

Esta tensão, posta em relevo por vários contemporâneos, não se referia somente ao gênero, também colocava em xeque a própria identidade do *Englishman* (homem inglês). Diferente dos franceses, o homem inglês era conhecido pela atitude reservada, áspera, severa, até mesmo rude, que só podia ser vivenciada de maneira plena na companhia exclusiva de outros homens. Entretanto, isso não significava que eles não aspirassem à polidez. Afinal, conversação e polidez eram necessárias para a formação do *gentleman*. Enquanto a primeira propiciava a união e engajamento entre amigos, profissionais, mesmo entre desconhecidos, a segunda se referia tanto a um ideal de comportamento a ser adotado em público, quanto aos valores morais de um indivíduo.<sup>342</sup>

O clube, como um espaço de sociabilidade exclusivamente masculino, como um fórum de discussão onde a opinião pública era formada, como um espaço onde as práticas sociais eram performaticamente experimentadas, respondia assim ao anseio setecentista pela polidez (a base da virtude cívica), ao mesmo tempo em que permitia preservar a identidade do *Englishman*. Enquanto a polidez estivesse localizada em espaços sociais nos quais as mulheres eram soberanas, representava uma ameaça para a masculinidade.

Na segunda metade do século XVIII cresceu a consciência social de que o ideal de polidez vinculado ao modelo francês era incompatível com a virilidade, uma categoria

---

aperfeiçoando a si mesmo, polindo o seu comportamento. Logo, *gentleman* passou a ser usado para se referir ao homem polido: cortês, honrado, de boa educação, bondoso e sensível.

<sup>339</sup> *Grand Tour* era o nome dado a uma tradicional viagem educacional realizada pela nobreza e pela *gentry* britânica. O *tour* pela Itália e França permitia que complementassem sua educação com arte e cultura, que aprimorassem seus dotes linguísticos e se integrassem à nobreza europeia. O costume, que floresceu desde pelo menos 1600, ao longo dos séculos passou a integrar o *ethos* dos jovens da elite europeia e do Novo Mundo.

<sup>340</sup> Objeto de inúmeras sátiras, a figura do *dandy* era usada para apontar os perigos do modelo francês de polidez. A convivência excessiva com as mulheres tornaria os homens efeminados (effeminate), afrancesados nas maneiras e no gosto. O *dandy* representaria essa masculinidade distorcida, de um homem que abriu mão de sua virilidade (e, aparentemente, de sua substância e seriedade) em prol do ócio, da vaidade e da superficialidade. Ele perdera sua identidade como homem e como inglês.

<sup>341</sup> CAPDEVILLE, Valérie. Op. cit. p. 16. Em 1764 os *Dialogues on the Uses of Foreign Travel Considered as Part of an Englishman's Education: Between Lord Shaftsbury and Mr. Locke*, de Richard Hud, acusava o *Grand Tour* de deturpar o caráter do homem inglês.

<sup>342</sup> *Ibidem*. p. 15.

preciosa para a noção do caráter nacional inglês. Como a conversação e sociabilidade francesas eram associadas à feminilidade, salvaguardar a identidade do homem inglês exigiu a constituição de um modelo de sociabilidade à inglesa, no qual a polidez seria resultado da conversação entre homens distintos e eruditos, mais do que do intercâmbio entre os sexos. A carência de refinamento do homem inglês foi, assim, corrigida pelo crescente sucesso das homossociabilidades que se delinearão nos clubes ingleses, cujos membros passaram a representar o melhor exemplo de homem polido e sociável.

Ainda assim, os clubes nunca conseguiram eclipsar totalmente as sociabilidades mistas, que incluíam as mulheres e valorizavam a feminilidade. Nas últimas décadas do século, entre grupos ligados às classes médias e às religiões dissidentes, assistiu-se a emergência de experiências de sociabilidades pautadas no intercâmbio entre os sexos.

Os círculos religiosos dissidentes instituíram práticas próximas às desenvolvidas pelas *bluestockings* no que se refere às sociabilidades mistas. Suas concepções igualitárias de gênero e seu comprometimento com o desenvolvimento moral e espiritual das mulheres, fez com que os dissidentes racionalistas desenvolvessem práticas de sociabilidade e de intercâmbio intelectual que necessariamente incluíam as mulheres.

Numa comunidade cujo cotidiano girava em torno de questões doutrinárias e políticas, as sociabilidades se constituíam como momentos de troca e aprimoramento. Por meio de reuniões, jantares e chás promovia-se o encontro de homens e mulheres notáveis, que usufruíam de momentos agradáveis, regados a poesia, arte, drama e música. Momentos para conversação e debate.

A promiscuidade entre os gêneros se mantinha dentro dos limites do que era considerado socialmente aceitável, não ultrapassando os limites do “privado”. Assim como nos círculos das *blustockings*, a polidez e o decoro serviam para manter as relações entre homens e mulheres a uma distância considerada respeitável.<sup>343</sup> Além disso, o intercâmbio com homens de tão distinta virtude, *gentlemen* polidos e corteses, não representava um perigo para a virtude feminina.

Importante ressaltar que o ideal de sociabilidade e conversação polida, pautado na reciprocidade, moderação e cortesia, que fundamentava o intercâmbio entre indivíduos de diferentes classes, status e gênero, começava a ser vivenciado com certa tensão nestes círculos. A polidez, indubitavelmente, promoveu relações mais próximas entre grupos que

---

<sup>343</sup> Como já visto, no século XVIII a polidez era considerada uma das principais bases da vida social, estando vinculada a valores como moderação, mútua tolerância, cortesia, e o mais importante, reciprocidade. (KLEIN, E. Politeness and the Interpretation of the British Eighteenth Century. *The Historical Journal*, Vol. 45, No. 4 (Dec., 2002), p. 874.)

viviam tradicionalmente apartados, mas possuía seus limites no que se refere aos intercâmbios realmente igualitários. No que se refere ao gênero, o decoro em relação à sensibilidade feminina, a necessidade em se preservar a inocência das mulheres, manteve as relações em certo nível de superficialidade. Essa limitação começou a se tornar bastante óbvia para alguns homens e mulheres de letras desta tradição dissidente, que consideravam a sinceridade uma virtude essencial.

Enquanto Willian Godwin apontava o caráter excludente da polidez, que fundamentava relações exclusivistas entre aqueles que dominavam tal código, Mary Wollstonecraft fazia da crítica à modéstia feminina (como esta havia sido definida por Rousseau e seus discípulos ideológicos) o cerne dos argumentos do livro *A Vindication of the Rights of Woman*. Ambos, entretanto, não deixaram de defender o potencial pedagógico da conversação.<sup>344</sup> Termos como *conversação racional* e *conversa social* ecoam através de *Vindication*. Já Godwin fez da conversação a ferramenta chave do progresso político em *Political Justice*. Importante ressaltar que Wollstonecraft e Godwin foram ativos participantes de uma cultura da conversação que marcou as sociabilidades nos círculos dissidentes e radicais londrinos nas décadas de 1780 e 1790.

Embora os dissidentes racionalistas não possuíssem uma visão doutrinária unificada, eles defendiam o julgamento racional privado como sendo o fundamento da verdadeira religião (e da verdade), base para o aperfeiçoamento moral e intelectual. Desde suas campanhas a favor da liberdade religiosa em meados do século XVIII, os dissidentes buscavam realizar e defender um ideal de esfera pública livre, na qual homens e mulheres de todas as religiões e convicções seriam capazes de pensar, debater e publicar sem a interferência do Estado.<sup>345</sup> Nestes espaços, as mulheres, excluídas das instituições de alta educação, contavam com o auxílio de homens complacentes para se educar. *Homens generosos*, hábeis e dispostos a guiar mulheres como Mary Hays, Mary Wollstonecraft, Elizabeth Inchbald, Anna Barbauld e Mary Robinson, apoiando sua inserção na cultura letrada setecentista. Eles atuavam como mentores, conselheiros, editores, guias, defensores e agentes, propiciando a elas os principais meios para sua inserção na *República das Letras*.

Willian Godwin foi, provavelmente, um dos principais teorizadores e defensores do ideal de conversação racional e irrestrita. “Se há alguma verdade”, ele declarou em *An Enquiry concerning Political Justice* (1793), “ela deve inevitavelmente ser atingida pela

---

<sup>344</sup> MEE, Jon. Op. cit. p. 2.

<sup>345</sup> CLEMITE, Pamela. Godwin, Women, and “The Collision of Mind with Mind”. *Wordsworth Circle*, Vol. 36, Issue 2, Spring 2004. p. 03.

colisão de mente com mente”.<sup>346</sup> Para ele, a conversação privada, a discussão coloquial (oral e escrita), envolvendo homens e mulheres, era o principal meio para alcançar o aprimoramento social e político. Ao longo de sua trajetória como homem de letras, Godwin procurou colocar esta convicção em prática, cultivando amizades com mulheres talentosas. Além de Mary Wollstonecraft, também estabeleceu intercâmbios intelectuais com Mary Hays, Mary Robinson, Amelia Opie e Elizabeth Inchbald.<sup>347</sup>

Godwin foi um importante encorajador e beneficiário deste modelo de sociabilidade mista, cujas conversações abordavam filosofia e política, mas também a questão do gosto e da sensibilidade. Aproximando-se da tradição cortês, estes grupos letrados entendiam que o intercâmbio com as mulheres era necessário para o aperfeiçoamento dos homens. Em *Memoirs of the Author of a Vindication of the Rights of Woman* (1798), Godwin representa a si mesmo como um ser humano aprimorado pela relação dialética entre a sua racionalidade e a sensibilidade de Wollstonecraft, um intercâmbio que florescera a partir da prática da conversação racional e de um ideal de sociabilidade mais pessoal e afetivo.<sup>348</sup>

O modelo de sociabilidade defendido e vivenciado por Godwin pode ser pensado como um microcosmo utópico emergindo em resposta à repressão anti-jacobina do gabinete de Pitt. Em *The Enquirer essays*, de 1797, Godwin se mostrara particularmente ansioso acerca dos perigos associados às assembleias e associações políticas e numerosas. Neste texto ele se aproxima da visão de Addison Steele, que entendia que as conversações nunca eram realmente estreitadas quando realizadas em grupos numerosos, contrariamente aos clubes e grupos de amigos, nos quais as conversações cresciam em liberdade e comunicação. Entre dois amigos íntimos, familiarizados entre si, este tipo de intercâmbio podia se tornar ainda mais aberto, instrutivo e sem reservas.<sup>349</sup>

A adoção deste ideal de sociabilidade privada, sincera e sensível por Godwin demonstra ainda que ele, assim como a maior parte dos ingleses de sua época, fora cativado pelo discurso sentimental que vinha disseminado pelos romances e pela filosofia moral britânica desde, pelo menos, a segunda metade do século XVIII.

---

<sup>346</sup> GODWIN, William. *An Enquiry Concerning Political Justice and its influence on Morals and Happiness*. Philadelphia: Printed by Bioren and Madan, 1796. p. 15. [If there be such a thing as truth infalibly be struck out by yhe collision of mind with mind.]

<sup>347</sup> De acordo com Clemit, as visões progressistas de Godwin a respeito das mulheres têm sido virtualmente esquecidas pelos estudiosos de sua vida e obra, enquanto as historiadoras e biógrafas vinculadas aos estudos feministas e de gênero têm dado demasiado atenção ao seu aparente erro de julgamento ao publicar *Memoirs of the Author of a Vindication of the Rights of Woman* (1798). (CLEMIT, Pamela. Op. cit. p. 01.)

<sup>348</sup> MEE, Jon. Op. cit. p. 07 e 08.

<sup>349</sup> Conforme desenvolvido no periódico *The Spectator*, No 68, May 18, 1771.

### 3.2 A cultura da sensibilidade e o cultivo dos vínculos amistosos

A sensibilidade era uma categoria central na cultura inglesa setecentista, perpassando vários campos: medicina, psicologia, epistemologia, ética, literatura, moralidade e civilidade. Conceito polissêmico, marcado por ambiguidades, a sensibilidade assumia diferentes usos e significados.

Ela podia ser entendida como um sentimento de empatia frente ao sofrimento de seres humanos e/ou animais. A pessoa de sensibilidade seria especialmente receptiva ao sentimento dos outros, capaz de exibir delicadeza. A sensibilidade também era pensada como um sentimento estético, relacionado à contemplação dos trabalhos de arte - especialmente a poesia - e das belezas da natureza. Ou ainda como a suscetibilidade para emoções de todos os tipos, incluindo o terror e o desespero. A sensibilidade podia ainda ser um sentimento amoroso ou sexual. Podia ser ativa, como a simpatia que gerava a benevolência e a caridade, ou passiva, como quando se manifestava em pessoas de extrema sensibilidade, que se imobilizavam frente ao desespero. Ademais, ela podia ser uma marca de civilidade, refinamento, polidez, gosto e gênio. Ou, pelo contrário, indicar carência de autocontrole e julgamento. A sensibilidade era considerada admirável quando combinada com a razão e princípios morais, mas deplorável se relacionada com o descontrole das paixões.

Segundo Stafford, é plausível supor que a sensibilidade fosse pensada como feminina, em contraste com a razão masculina. Quando vista por uma ótica positiva acarretava no aumento do respeito pela mulher e na validação de seus pontos de vista. Neste sentido, a relação das mulheres com a sensibilidade reforçava a concepção de mulher sensível e virtuosa, moldada para o exercício das funções materna e moral.<sup>350</sup> Também reforçava a relação das mulheres com certos gêneros literários e com a polidez nas sociabilidades.

Mas a sensibilidade não era pensada como sendo uma exclusividade feminina. A literatura setecentista esteve permeada por *homens de sentimento*. Sir Charles Grandison, Augustus Harley e Saint-Preux eram tão populares quanto Clarissa ou Camilla.<sup>351</sup> Retratados

---

<sup>350</sup> Por outro lado, a associação entre sensibilidade e feminilidade também poderia reforçar os estereótipos da mulher passional, irracional, passiva, frágil e sofredora (STAFFORD, Willian. *English feminists and their opponents in the 1790s. Unsex'd and proper females*. Manchester: Manchester University Press, 2002. p. 62.)

<sup>351</sup> Todos são personagens masculinos sensíveis, muito populares no século XVIII. Saint-Preux é personagem de um dos romances mais famosos do século, *Júlia, ou A Nova Heloisa* (1761), de Jean Jacques Rousseau. Grandison é protagonista do romance *Sir Charles Grandison*, publicado por Richardson em 1753. Apesar de ter o mesmo formato epistolar de seus romances anteriores, *Pamela* (1740) e *Clarissa* (1748), distinguiu-se quanto ao caráter do protagonista masculino. Diferente dos anti-heróis Mr. B e Lovelace, Charles Grandison é um homem moralmente bom. Richardson foi incitado a criar tal figura masculina por amigas letradas, que desejavam ver um contraponto masculino com as mesmas virtudes exibidas pelas suas personagens femininas.

como companheiros e interlocutores refinados, afetuosos e gentis, estes personagens representam um ideal de masculinidade construído na convivência com as mulheres e na incorporação de valores ligados a elas.

A sensibilidade foi entendida como uma receptividade orgânica localizada em estruturas físicas, remetendo-se às variadas teorias fisiológicas do “sistema nervoso” veiculadas pelos discursos médicos dos séculos XVII e XVIII, o que forneceu um fundamento naturalista para uma epistemologia sensualista e uma psicologia da simpatia. Além de prover um elo entre estados mentais e emocionais (“alma”) e estruturas orgânicas (“corpo”), a sensibilidade estava associada a vocábulos como “sensações”, “impressões”, “vibrações”, “movimentos do coração”, “fibras”, “pulsos” que, oscilando entre o literal e o metafórico, permitiam imaginar e expressar experiências interiores. Além disso, conquanto a sensibilidade se baseasse em suposições essencialmente materialistas, os proponentes do cultivo da sensibilidade a investiram de valores espirituais e morais. A sensibilidade e outras palavras congêneres como delicadeza, sentimento e sentimental tornaram-se termos decisivos na transformação dos padrões de civilidade e de comportamento corporal e, na transição do século XVIII, de fundamento da moral e da razão.

Conforme Azevedo-Duarte esta transição foi em grande parte promovida pela influência de teólogos e sermonistas ligados à tradição anglicana, cuja linha de pensamento ou tradição protestante liberal advogava moderação em questões epistemológicas e doutrinárias e era favorável às novas correntes filosóficas e científicas. Nos anos da Restauração, o movimento se articulou em torno de um grupo de filósofos e teólogos de Cambridge influenciados pelo neoplatonismo florentino. Opondo-se ao rigor do puritanismo, os platonistas de Cambridge e seus sucessores elaboraram um cristianismo de espírito moderado e prático, que rejeitava o dogmatismo em nome dos princípios de benevolência, caridade e tolerância religiosa. Ao Deus soberano e insondável dos puritanos e à sua religiosidade despida de elementos sentimentais, opuseram um Deus benevolente e misericordioso e uma religião do coração.<sup>352</sup>

Nesta perspectiva, a natureza humana, longe de ser completamente depravada pelo Pecado Original, teria em sua constituição a marca da bondade infinita de Deus, uma sensibilidade inata aos sofrimentos alheios e uma disposição para aliviá-los. Ou seja, o valor moral é interiorizado, deslocado do campo exclusivo da ação, para o da disposição interna

---

*The Man of Feeling* também é um romance sentimental, publicado pelo escritor escocês Henry Mackenzie, com um protagonista masculino extremamente sensível, publicado em 1771, alcançou sua sexta edição em 1791.

<sup>352</sup> AZEVEDO, João de e DUARTE, Dias. Desencantamento da amizade: sensibilidade e sociabilidade no Iluminismo britânico. Revista Escritos, Ano 6, nº 6/2012. p. 51-52.



modelada, para a presença das paixões ternas e dos afetos que os incitam. Por esta lógica, o homem verdadeiramente bom seria aquele que se deixaria comover internamente, agindo mobilizado pela compaixão e piedade e não somente pela razão. Ao se buscar uma genealogia do *homem de sentimentos*, que estava sendo delineado pelos romancistas do século XVIII, já se percebe seu prenúncio no homem benevolente delineado pelos anti-estoicos do final do século XVII.<sup>353</sup>

O romance foi um dos principais popularizadores do “culto dos sentimentos”, sobretudo com a publicação por Samuel Richardson, nas décadas de 1740 e de 1750, de seus imensamente populares romances epistolares. Funcionando como um instrumento pedagógico, o romance ocupava uma posição importante no movimento de reforma moral e social. A maior parte dos romances escritos na Inglaterra do século XVIII buscava instruir pelo exemplo, promovendo a virtude e punindo o vício.<sup>354</sup>

Herdeira da tradição protestante liberal, a linguagem dos “sentimentos morais”, compartilhada pelos romances e tratados filosóficos, conferiu à paixão um sentido que obscurecia o elemento de violência e descontrole, socialmente destrutivos, associados ao conceito desde a Antiguidade. Afastando-se da ideia de apetite incontrolável, a paixão se tornou sinônimo de sentimento, de opinião e de pensamento refinado; e uma sensibilidade pronunciada, uma “delicadeza de sentimentos”, tornou-se um indicador do senso estético e do valor moral de um indivíduo e de suas “boas maneiras”.

Por isso a importância, nos romances sentimentais, de homens e mulheres cujos corpos manifestavam, por meio de gestos, suspiros e, sobretudo lágrimas, sua virtude e coração sincero. Um dos principais modelos do homem sentimental, o protagonista do romance *The Man of Feeling* (1771), verte lágrimas em 47 ocasiões, ao longo de 135 páginas. Como parte da cultura dos sentimentos, o choro exprime mais do que a angústia individual, representa uma expressão física da simpatia pelas mazelas alheias. E, se os primeiros sentimentalistas entendiam que somente as mulheres eram capazes destas manifestações – Richard Steele defendia que os homens deveriam sofrer em silêncio - a geração posterior

---

<sup>353</sup> A associação entre a virtude e os elementos de “delicadeza” e susceptibilidade emocional aguda à infelicidade humana era frequentemente mobilizada por clérigos latitudinários de maneira polêmica contra o estoicismo, bastante em voga na teoria política e moral do século XVII. Antecipando uma crítica que se tornaria lugar comum entre moralistas e romancistas no século XVIII, a “insensibilidade estoica” é vista como o índice de um formalismo moral desumano e soberbo. (Ibidem.)

<sup>354</sup> VASCONCELOS, Sandra Gardini. *A formação do romance inglês. Ensaios Teóricos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild/ Fapesp, 2007. p. 132.

identificou o choro como uma qualidade moral tanto feminina quanto masculina.<sup>355</sup> No ideal de *homem sentimental*, a masculinidade se revestiu de qualidades ditas femininas, como afeição e suscetibilidade.<sup>356</sup>

Despidas de sua aspereza e violência, as paixões puderam se tornar o fundamento de uma sociabilidade que, dirigida para a harmonização das relações, era representada como uma troca agradável de sentimentos<sup>357</sup> e opiniões, uma conversação regida pela polidez.

Neste contexto de valorização da sensibilidade e de uma sociabilidade sentimental, vínculos como amor e amizade passaram a ser pensados sob uma nova ótica, abordados pela tradição de romancistas que se iniciou com Richardson e também por filósofos da teoria social inglesa.

David Hume e Adam Smith foram os mais ilustres expoentes de uma tradição dita “sentimentalista” da filosofia moral britânica, cujos aspectos mais notórios, o amálgama de vocabulários ético e estético e a concepção de que juízos afins de beleza e de valor moral não residem na “razão”, mas sim nas sensações e sentimentos.<sup>358</sup>

No seu *Tratado da Natureza Humana* (1740) Hume buscou estabelecer os fundamentos de uma ciência universal do homem, baseando-se no estudo dos sentimentos e das paixões que os seres humanos desenvolvem em sociedades organizadas. Nos *Discursos Políticos* (1752) Hume buscou acomodar os princípios da natureza humana estabelecidos no *Tratado da Natureza Humana* a uma teoria do comércio e uma narrativa do processo civilizatório. Para Hume, em contraste com a situação de insegurança e atrofia material e moral que marcava as sociedades primitivas, a moderna sociedade comercial (caracterizada pela sua indústria, invenção, conhecimento, polidez) oferecia aos seus cidadãos possibilidades inauditas de desenvolvimento das virtudes e da sensibilidade. O refinamento e o cultivo das artes polidas promoveria uma “delicadeza de gosto”, que desenvolveria a sensibilidade para as paixões ternas e agradáveis, ao mesmo tempo em que tornaria o espírito incapaz de emoções mais ásperas e turbulentas.

Na *Teoria dos sentimentos morais* (1759) Adam Smith delineou uma teoria geral da sociabilidade, sendo o debate em torno do conceito de simpatia um dos seus elementos centrais. No século XVII, o termo era utilizado como sinônimo de piedade e compaixão,

---

<sup>355</sup> CARTER, Philip. “Tears and the Man” In: KNOTT, Sarah e TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005. p. 159.

<sup>356</sup> Ibidem. p. 157.

<sup>357</sup> A cultura dos sentimentos promoveu o corpo como um dos caminhos para expressar refinamento. Por meio de uma linguagem não verbal, que incluía suspiros, tremores e expressões faciais, podia-se expressar virtude e sensibilidade, também apreciar e mensurar a extensão dos sentimentos dos outros. (Ibidem. p. 158.)

<sup>358</sup> AZEVEDO, J. e DUARTE, D. Op. cit. p. 55.

formas de sensibilidade universal ao sofrimento em que se baseia a caridade. No século XVIII tal conceito era usado simultaneamente na medicina e na teoria social, para dar conta de questões relacionadas à integração das partes e funcionamento geral, respectivamente, do corpo físico e do corpo político. Diversos moralistas populares no período empregaram a palavra *simpatia* para descrever as origens dos afetos sobre os quais a sociabilidade e a amizade se baseavam.<sup>359</sup>

Mantendo a combinação de significados fisiológicos, psicológicos e éticos, peculiar à trama semântica da “sensibilidade” no século XVIII, o conceito recebeu um tratamento sistemático em Hume, para quem a *simpatia* seria um princípio extralinguístico de comunicação social, por meio da qual os sentimentos seriam transmitidos por vibrações nervosas de uma pessoa à outra. Ao passo que o conceito humeano de *simpatia* era útil para explicar um tipo de identificação sentimental instintiva e irreflexiva, Smith acreditou ser importante alargá-lo para dar conta da maior complexidade das interações emocionais, e o fez aplicando-lhe a própria teoria humeana da imaginação. Na *Teoria*, a *simpatia* – transcendendo os sentidos limitados de compaixão e piedade é, primordialmente, uma “com-paixão” a toda e qualquer paixão, sentimento ou emoção produzida por um esforço consciente de representação imaginativa da situação daqueles que nos rodeiam. Isso é o que geraria uma resposta emocional. Impelidos pelo prazer da “*simpatia mútua*”, os indivíduos empreenderiam um comércio civilizador, descrito por Smith como um processo de afinação que envolve, de um lado, um exercício de sensibilização e compreensão simpática e, de outro, um exercício de autodomínio, responsável por abrandar a violência das paixões e promover uma sociabilidade decorosa.<sup>360</sup>

Destes dois esforços, do espectador em simpatizar com a pessoa diretamente afetada, e desta em suavizar suas emoções de modo a receber a *simpatia* do espectador, originaram-se as amáveis virtudes da cândida condescendência e da humanidade indulgente, nas quais se baseiam a amizade. Para Smith, amigo é aquele cujo coração simpático parece ecoar todos os sentimentos daqueles com quem conversa, que padece de suas calamidades, que resente de suas injúrias e que se regozija de sua boa fortuna.

Como Hume, Smith também entendia que as sociedades civilizadas e polidas eram mais propícias para a expressão da sensibilidade e para o estabelecimento de vínculos amistosos. Posicionamento bem diferente de Jean Jacques Rousseau, possivelmente o pensador mais influente no estabelecimento deste novo código sensível no século XVIII. Para

---

<sup>359</sup> VASCONCELOS, Sandra G. Op. cit. p. 97.

<sup>360</sup> AZEVEDO, J. E DUARTE, D. Op. cit. p. 60.

o filósofo francês, virtudes sociais como generosidade, clemência, benevolência e amizade seriam decorrentes da piedade (ou compaixão).<sup>361</sup> Esta sensibilidade natural, vigorosa no homem natural, teria sido atenuada com o progresso da civilização. No seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755), Rousseau demonstra como o excesso de ciência e arte acabou por corromper o homem, tornando-o hipócrita e egoísta, jogando os indivíduos uns contra os outros, que, numa corrida insaciável por mais comodidades, enredaram-se em uma cadeia de relações de dominação e submissão. Nascidas do orgulho e da ociosidade humana, as ciências e as artes acabaram por consolidar esses vícios, ensinando aos homens não o cumprimento de seus deveres, mas a se enganarem mutuamente e melhor dissimularem suas intenções meramente egoístas.<sup>362</sup>

O principal resultado de todo o processo civilizatório consistiria numa cisão entre o *ser* e o *parecer*. Para Rousseau, os homens aparentavam, urbana e polidamente, todas as virtudes sociais para melhor perseguir, por debaixo das aparências, seus objetivos puramente egoístas ou para melhor suplantar seus rivais na eterna luta pela satisfação do seu amor próprio exclusivista. Questionando nesses termos o papel das ciências e das artes, Rousseau estabeleceu uma correlação necessária entre elas e a decadência dos costumes.

Ao apontar a incompatibilidade entre civilização e virtude, Rousseau contribuiu para o delineamento de uma concepção de sensibilidade fundamentada na naturalidade e interioridade. No romance *Júlia ou a Nova Heloísa* (1761), que alcançou um sucesso estrondoso na época, Rousseau contribuiu para disseminar este novo ideal de sensibilidade entre as pessoas cultas e sensíveis não só na França, mas também na racional Inglaterra.

Os personagens da *Nova Heloísa* são seres de exceção, de alta generosidade e muito longe estão do homem comum e de suas intrigas. Saint-Preux e Júlia, virtuosos e sensíveis, atraem-se mutuamente devido suas qualidades superiores. Apesar de enamorados, são impedidos de se casar porque o pai de Júlia, um nobre aristocrático, preso aos preconceitos de classe social, considerava Saint-Preux um pretendente inadequado. Para atender ao interesse paterno, ela casa com outro homem, Wolmar, um latifundiário rico, homem honesto e que vive de acordo com a ordem social.

Na história de Júlia e Saint-Preux a ênfase na força impulsiva do amor cede lugar à virtude. Os amantes Júlia e Saint-Preux não se entregam ao desejo sexual, pois isso violaria as exigências do dever matrimonial e levaria a família de Júlia à desgraça. Ao resistir à força da

---

<sup>361</sup> FORTES, Luiz Roberto Salinas. *Rousseau: o bom selvagem*. São Paulo: Humanitas; Discurso Editorial, 2007. p. 64.

<sup>362</sup> *Ibidem*. p. 46.

paixão para manter-se fiel ao marido, Julia transmuta o amor em amizade, em companheirismo. Neste sentido, o discurso da Nova Heloísa “é o discurso do amor, mas também da amizade, da sensibilidade que deseja comunicar-se aos seres humanos e ao universo”.<sup>363</sup> Embora o ideal do amor romântico seja usualmente pensado como o amor sexual entre duas pessoas dirigido para sua união espiritual, a sensibilidade pode impregnar quase qualquer espécie de amor: por amigos, pela natureza, a arte, a família, a nação, ou qualquer outro objeto de dedicação apaixonada.<sup>364</sup>

Esta nova concepção de relação sensível, pautada na autenticidade e integridade do indivíduo, propiciou relações mais igualitárias entre os gêneros e as classes. Para Hunt, há uma ligação entre a valorização da sensibilidade e a emergência do sentimento de igualdade no final do século XVIII. O romance, gênero emergente, ocupou papel central neste fenômeno, ao estimular o sentimento de empatia entre o público leitor. Os leitores e leitoras do século XVIII, como as pessoas antes deles, sentiam empatia por quem lhes eram próximos e por aqueles que eram muito obviamente seus semelhantes: as suas famílias imediatas, os seus parentes, as pessoas de sua paróquia, os seus iguais sociais costumeiros em geral. Mas, as pessoas do século XVIII tiveram que aprender a sentir empatia cruzando fronteiras mais sólidas. O distanciamento entre as classes, por exemplo, era muito intenso. A famosa amiga e companheira de Voltaire, Madame Du Châtelet, por exemplo, não tinha pudores em se pôr nua para trocar de camisa ou tomar banho diante dos empregados homens. Para a aristocrata francesa, somente a consideração de seus pares importava. Os lacaios mal eram vistos como homens.<sup>365</sup>

Os romances contribuíram para que os lacaios, as mulheres, enfim, as pessoas comuns, também fossem vistos como iguais na sua humanidade. Romances como *Pamela*, *Clarissa* e *Júlia*, que se tornaram incrivelmente populares, levavam os leitores e as leitoras a se identificar com personagens comuns, que lhes eram por definição desconhecidos ou muito distantes. Os leitores foram levados a sentir empatia pelos personagens, especialmente pela heroína e pelo herói, graças aos mecanismos narrativos.<sup>366</sup> Os romances tornaram Júlia, de

---

<sup>363</sup> MORETTO, Fúlvia. “Introdução”. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. *Júlia, ou a Nova Heloísa*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 11.

<sup>364</sup> MAY, Simon. *Amor: uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 203.

<sup>365</sup> BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial: Duma Dueto: Paz e Terra, 2003. p. 58. Essa atitude não era própria de Madame Du Châtelet apenas e não chocava seus pares. A consciência de fazer parte da elite da sociedade favorecia, ao mesmo tempo, um sentimento de superioridade e de distância em relação aos outros. De antemão acima do vulgo, a elite se dava o direito de negligenciar as regras de decoro junto frente aos inferiores e subalternos.

<sup>366</sup> As três obras citadas, *Pamela*, *Júlia* e *Clarissa*, eram romances epistolares. Esse gênero de romance, muito comum naquele contexto, contribuiu largamente para a identificação do público leitor com os personagens. No

classe média, e até criadas como Pamela, iguais ou mesmo superiores aos homens ricos como o Sr. B., o patrão e futuro sedutor de Pamela. Os romances acenavam para a possibilidade de igualdade ou semelhança entre as pessoas por causa de seus sentimentos íntimos. De acordo com Hunt, ao lê-los, as pessoas sentiam empatia além das fronteiras sociais tradicionais entre os nobres e os plebeus, os senhores e os criados, os homens e as mulheres. Em consequência, passavam a ver os outros - indivíduos que não conheciam pessoalmente- como seus semelhantes, tendo os mesmos tipos de emoções internas.<sup>367</sup>

É interessante pensar no quanto isso contribuiu para desestruturar barreiras psicológicas de gênero arraigadas. Tanto os homens quanto as mulheres, por exemplo, se identificavam com as heroínas desses romances. Hunt chama atenção para o que C. J. Panckoucke, que se tornaria um famoso editor, disse a Rousseau: “Senti passar pelo meu coração a pureza das emoções de Júlia”. Ou seja, a identificação psicológica que conduzia à empatia cruzava claramente as fronteiras de gênero. Como as leitoras, os homens também se identificavam com a própria Júlia. A luta de Júlia para dominar as paixões e levar uma vida virtuosa tornava-se a sua própria luta.<sup>368</sup>

Certamente não foi um acaso que três dos romances mais populares e influentes do período tenham como títulos e protagonistas (modelos de virtude) mulheres. A cultura da sensibilidade as colocou em destaque, usando-as como medida para delinear o indivíduo sensível e autêntico. Se o ideário da razão universal contribuía para que as mulheres se pensassem como iguais aos homens, o ideal de sensibilidade romântica possibilitou que os homens ansiassem por ser mais próximos às mulheres. De forma complementar, razão e sensibilidade flexibilizaram as rígidas fronteiras de gênero, propiciando a aproximação e o intercâmbio, o amor e a amizade, entre homens e mulheres.

---

romance epistolar, não há nenhum ponto de vista autoral fora e acima da ação (como mais tarde no romance realista do século XIX). O ponto de vista autoral são as perspectivas dos personagens expressas nas suas cartas. Os “editores” das cartas, como Richardson e Rousseau se denominavam, criavam uma sensação vívida da realidade exatamente porque a sua autoria ficava obscurecida dentro da troca de cartas. Isso tornava possível uma sensação intensificada de identificação, como se o personagem fosse real, e não fictício.

<sup>367</sup> HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras: 2009. p. 39 e 40.

<sup>368</sup> Ibidem. p. 48.

### 3.3 A tutela intelectual de *homens generosos*

Como já visto, Mary Wollstonecraft e Mary Hays compartilharam ideias, angústias e ambições. Ambas lutaram pelo direito à liberdade e autonomia que o pensamento das luzes prometia a todos, mas interditava às mulheres. Ambas desenvolveram modos de enfrentar esta contradição e de lidar com suas frustrações quando não conseguiam ultrapassar as limitações de gênero que marcaram a inserção das mulheres na cultura ilustrada.

Um dos primeiros pontos em comum em suas trajetórias, determinante para que desenvolvessem formas tão próximas de pensar e estar no mundo, foram suas experiências de tutela com *homens generosos*. Como muitas outras mulheres da mesma classe e conexões religiosas, Wollstonecraft e Hays se beneficiaram da aprendizagem informal oferecida pelos dissidentes racionalistas às mulheres. Interditadas às instituições de educação formal, a amizade e o apoio por parte destes *gentlemen* se mostraram fundamentais para que aprimorassem sua escrita e estilo, para que publicassem seus escritos e ganhassem espaço no emergente mercado literário londrino.

As lições informais tiveram lugar nos momentos de sociabilidade. Jantares, chás e reuniões religiosas se configuravam como momentos de debate e de troca intelectual. As correspondências também eram utilizadas com este objetivo. As cartas permitiam a continuidade dos diálogos iniciados nestes encontros, muitas vezes representando um modo de aprofundar os elos de intimidade e amizade. Como parte da cultura da sensibilidade, a correspondência amistosa era marcada por declarações afetivas, pela efusão e pela expressão dos anseios mais íntimos. A retórica era a do amor.

De acordo com Ortega, durante o século XVIII, enquanto se instaurava um novo código amoroso, a amizade e o amor puderam ser fundidos. Primeiro num novo ideal de relação conjugal, pautada na *perfeita amizade* entre os cônjuges, que se manifestou no romance sentimental inglês, na literatura alemã e nas opiniões de luteranos e protestantes britânicos, que sacralizaram o amor divino e amigável como vínculo natural entre o homem e a mulher.<sup>369</sup>

As indistinções entre amor e amizade e a ampla concepção de amor idealizado pelo romantismo – cuja sensibilidade poderia impregnar outros objetos de dedicação apaixonada, para além da atração pelo sexo oposto – também contribuíram para a emergência de relações de amizade intensas e apaixonadas.

---

<sup>369</sup> ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 129.

Wollstonecraft e Hays se dedicaram à escrita epistolar de maneira ativa e duradoura. Ambas começaram a escrever cartas na adolescência, utilizando-as largamente como um meio de intercâmbio amical, amoroso e intelectual. O *culto à sensibilidade* mostrou-se presente desde suas primeiras relações de amizade e amor.

Segundo Tomalin - uma das principais biógrafas de Wollstonecraft - muito antes de ter lido Rousseau, ela desenvolvera suas próprias conclusões sobre o poder supremo dos sentimentos e do direito divino das pessoas apaixonadas de transgredir tudo que fosse insípido e convencional. Distanciando-se de muitas de suas contemporâneas, que insistiam na importância primordial de se proteger ocultando suas emoções, Wollstonecraft expressava profusamente suas esperanças, ilusões e sentimentos, ficando frustrada quando não encontrava a mesma reciprocidade.<sup>370</sup>

Aos quatorze anos estabeleceu uma de suas primeiras relações apaixonadas, quando se mudou junto com sua família para Berveley, em Yorkshire.<sup>371</sup> Lá se aproximou de Jane Arden e de sua sóbria e instruída família. Consciente dos contrastes entre seu contexto familiar e o de Jane, a jovem Wollstonecraft passou a invejar a nova amiga, apegando-se muito a ela e à sua família. As jovens amigas logo começaram a se corresponder. De início suas cartas consistiam em discussões sobre teatro e poesia e comentários pouco lisonjeiros acerca dos defeitos de outras garotas. Então, repentinamente, o tom das cartas de Wollstonecraft mudou, tornando-se passional e apaixonado. O mesmo estilo inconfundível que empregaria em suas cartas aos vinte, trinta, trinta e cinco anos, começou a aparecer aqui.

Se não te apreciasses, não te escreveria neste tom. Meu coração, por natureza, despreza o disfarce, e minha expressão é sincera. Eu formei uma ideia romântica da amizade.(...) Eu sou especial em minhas ideias sobre amor e amizade. Eu devo ocupar o primeiro lugar ou nenhum. Admito que o seu comportamento é mais condizente com a opinião geral, mas eu preferiria quebrar esses limites tão estreitos.

[Si no te apreciara, no escribiría en este tono. Mi corazón, por naturaleza, desprecia el disfraz, y mi expresión es sincera. Me he formado una idea romántica de la amistad.(...) Soy algo especial en mis ideas sobre el amor y amistad. Yo debo tener el primer sitio o ninguno. Admito que tu conducta comportamiento es más acorde con la opinión general, pero yo preferiría romper esos límites tan estrechos.]<sup>372</sup>

<sup>370</sup> TOMALIN, Claire. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona, Montesinos, 1993. p. 24.

<sup>371</sup> Ao longo da infância e da adolescência de Wollstonecraft, sua família migrou diversas vezes buscando superar as dificuldades econômicas provocadas pelo descontrole do pai em relação aos bens da família.

<sup>372</sup> Carta de Mary Wollstonecraft para Jane Arden. Apud. TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 23.



É visível a frustração de Wollstonecraft diante da incapacidade de Jane Arden em corresponder aos seus anseios sentimentais.

Sua segunda amizade apaixonada foi por Frances Blood (Fanny). Depois de retornar para Londres, Mary (então com quinze anos) foi em busca de novas amizades. Junto aos Clare, um casal de vizinhos que a acolheu e contribuiu para sua educação, ela conheceu Fanny. Em *Memoirs*, Godwin descreve o encontro entre elas, assinalando sua semelhança com o primeiro intercâmbio entre Werther e Charlotte:

Mary foi conduzida à porta de uma casa pequena, mas mobiliada com curioso asseio e correção. A primeira coisa que atraiu sua atenção foi uma jovem esbelta e elegante, de dezoito anos de idade, muito atarefada ao controlar e dar de comer a umas crianças, seus irmãos, nascidos dos mesmos pais, porém consideravelmente menores que ela. A impressão que Mary recebeu desta cena, foi indelével, a qual tão felizmente concordava com duas de suas concepções mais aceitas, a pitoresca e a afetuosa. E, antes que a entrevista fosse concluída, ela tinha tomado em seu coração, os votos de uma amizade eterna.

[Mary was conducted to the door of a small house, but furnished with much neatness and propriety. The first object that caught her sight, was a young woman of a slender and elegant form, and eighteen years of the age, busily employed in feeding and managing some children, born of the same parents, but considerably inferior to her in age. The impression Mary received from a scene, which so happily accorded with her two most cherished conceptions, the picturesque and affectionate, was indelible; and before the interview was concluded, she had taken, in her heart, the vows of an eternal friendship.]<sup>373</sup>

Fanny, com dezoito anos, distinguia-se por sua beleza, maneiras e dotes intelectuais. Possivelmente a jovem Wollstonecraft visse nela um reflexo de si mesma: uma irmã mais velha, superior em relação aos seus familiares, com pais até certo ponto negligentes, obrigada frequentemente a cuidar dos irmãos mais jovens. Fanny se constituía como alguém de condição próxima à sua, mas ao mesmo tempo, parecia-lhe superior - mais velha, bonita e preparada. Para Mary, Fanny brilhava com promessas de felicidade, exatamente igual ao que lhe parecera Jane anteriormente. De acordo com Tomalin, Mary estava tão resoluta a experimentar a amizade ideal, que se precipitou a uma entrega imediata e total. Em carta endereçada à Jane Arden, Wollstonecraft é clara acerca do significado da amizade de Fanny:

Eu aproveitei da associação de uma amiga, a quem eu amo mais do qualquer um no mundo, uma amiga a quem eu estou ligada por cada laço de gratidão e

---

<sup>373</sup> GODWIN, Willian. *Memoirs of the Author of A Vindication of the Rights of Woman*. The Second Edition. London: St. Paul's Church-Yard, 1798. p. 21

inclinação: viver com esta amiga é o auge da minha ambição(...) sua conversação não é mais agradável do que enriquecedora(...)

[I enjoyed the society of a friend, whom I love better than all the world beside, a friend to whom I am bound by every tie of gratitude and inclination: To live with this friend is the height of my ambition(...) her conversation is not more agreeable than improving(...)]<sup>374</sup>

De início Fanny parecia desejava de cumprir o papel que Mary lhe ofertava, mas logo se mostrou tão incapaz quanto Jane em manter o tipo de relação sentimental e apaixonada pelo qual Wollstonecraft ansiava. Em pouco tempo suas cartas apaixonadas passaram ser respondidas com réplicas mais frias por parte de Fanny. O anseio de Mary por uma relação exclusiva também se frustrou quando suas irmãs Everina e Eliza se fizeram tão amigas de Fanny quanto ela.<sup>375</sup>

Em sua adolescência Mary Hays também vivenciou uma intensa relação de amor, amizade e de troca intelectual. Como nas relações de Wollstonecraft, seu intercâmbio com o jovem John Eccles se fundamentou num ideal romântico de amizade sincera e apaixonada.

A educação sentimental de Hays foi ainda mais abrangente que a de Wollstonecraft. Por meio da correspondência trocada com Eccles, ficamos sabendo que ele admirava sua *educação polida*, que consistia em extensa leitura de romances sentimentais e poesia.<sup>376</sup> Hays admirava Richardson. Ela mesma afirmava que lera seu romance *Clarissa*

repetidamente em minha infância, e sempre encontrava minha mente mais pura, mais moderada, mais elevada depois de lê-lo. A extrema juventude e beleza, os finos talentos, e a exaltada piedade da heroína, tornam sua personagem, eu julgo, algo como o fino ideal de beleza(...)

[repeatedly in very early life, and ever found my mind more pure, more chastened, more elevated after perusal it. The extreme youth and beauty, fine talents, and exalted piety of the heroine, render her character, I allow, something like the fine ideal beauty(...)]<sup>377</sup>

Influenciada pelo culto à sensibilidade, Hays buscou estabelecer com Eccles uma relação marcada pela sinceridade, pela intimidade e pela troca intelectual, por meio da amizade apaixonada e da escrita epistolar. Segundo Walker, a relação ideal delineada nas

<sup>374</sup> Carta de Wollstonecraft para Jane Arden. Apud. TODD, Janet. "Mary Wollstonecraft's letters". In: JOHNSON, Claudia L. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. P. 13.

<sup>375</sup> TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 30.

<sup>376</sup> De acordo com Walker, quando adolescente Hays se beneficiou do uso da biblioteca de sua vizinha Mrs. Collier (ela possuía a chave). Nesta, ela pode explorar uma profusão de romances, os quais mais tarde ela cita como leitura de suas heroínas. WALKER, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843) The Growth of a Woman's Mind*. USA: Ashgate, 2006. p. 12.

<sup>377</sup> HAYS, Mary. *Letters e Essays, Moral e Miscelaneous*. London: Printed for K. Knott, No. 47. Lombard Street, 1793.p.\_95-96.

*Cartas de Abelardo e Heloísa* - de um intercâmbio ardente, racional, elevado e virtuoso - familiar para Hays, no mínimo, pela leitura do poema *Eloisa to Abelard*, de Alexander Pope (1717) - pode ter inspirado seus intercâmbios com Eccles. Também *A Nova Heloísa*, de Rousseau, serviu-lhe de guia, demonstrando o potencial do intercâmbio intelectual e amoroso para o mútuo aprimoramento do homem e da mulher.<sup>378</sup>

Ao longo do intercâmbio epistolar Eccles se mostrou um *homem generoso*, um homem de delicadeza, disposto a se relacionar e dar apoio aos anseios de mulheres de espírito. Como se não fosse o bastante, ambos acreditavam vivenciar o encontro de mentes similares, capazes de combinar respeito e amor. Isso lhes permitiu mover-se para além dos limites socialmente aceitáveis do decoro feminino.

“Escreva seus pensamentos com liberdade, exatamente como eles fluem”, incitava Hays a Eccles. Ao mesmo tempo em que urgia sinceridade por parte do amigo amado, ela demonstrava certo temor em expressar seus anseios amorosos abertamente. Antecipando as críticas das leitoras, predizia que “elas podem folhear minhas cartas com calma, com o olho imparcial da razão, achar minhas expressões censuráveis”.<sup>379</sup>

Em outra carta, depois de propor um encontro amoroso, ela expressou inquietação frente aos limites do decoro feminino: “Tenho medo de ter muitas vezes desviado das regras que (a prudência) dita. Eu gostaria de conhecer seus sentimentos reais sobre o assunto. Por que devemos sacrificar a sinceridade à polidez?”<sup>380</sup>

A vivência de uma relação pautada na sinceridade fez Hays rapidamente perceber os contrastes entre a liberdade dos homens para se expressar e aprender e as restrições que marcavam a existência feminina. Ao mesmo tempo, o intercâmbio com Eccles - um *gentleman* sensível e culto - mostrou-se um caminho viável para transgredir tais barreiras de gênero.

Se a experiência entre os dissidentes racionalistas levou a jovem Hays a absorver integralmente a exortação de pensar por si mesma, o encorajamento de Eccles, mesmo informal, mostrou-lhe uma rota aceitável para o aprimoramento intelectual feminino. Ou seja, com este jovem dissidente Hays iniciou uma experiência cultivada ao longo de quase toda sua vida: o intercâmbio com *homens generosos* na busca por um ideal de existência livre e igual.<sup>381</sup>

---

<sup>378</sup> WALKER, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843)... Op. cit.* p. 12.

<sup>379</sup> Hays to Eccles. Apud. Walker, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843)... Op. cit.* p. 15-16.

<sup>380</sup> Hays to Eccles. Apud. *Ibidem.* p. 17.

<sup>381</sup> *Ibidem.* p. 35.

Como seu segundo guia intelectual Hays escolheu o reverendo Robert Robinson, considerado um subversivo entre os dissidentes. Robinson a tutelou depois da morte de Eccles, a partir de 1781, até quando começou a publicar no início da década de 1790 (entre seus 21 e 33 anos). Ao longo deste período, as convicções religiosas divergentes, o ativismo político e o autodidatismo de Robinson ajudaram Hays a refinar sua idiossincrática genealogia intelectual.

As visões progressistas de Robinson a respeito da educação feminina certamente atraíram Hays, levando-a a escolhê-lo como seu mentor intelectual. A determinação de Robinson em proporcionar às filhas o mesmo e extensivo conhecimento dos clássicos, das línguas modernas e das ciências naturais que oferecia aos filhos, era admirada por outros dissidentes racionalistas, incluindo o próprio Joseph Priestley.<sup>382</sup>

Robinson provou ser um mentor atento para Hays em inúmeros aspectos. Ele era um ativista político cujas opiniões democráticas fundamentavam notavelmente suas ações. Possuía enorme charme pessoal e generosidade, embora sua brutal franqueza assustasse a alguns. E o mais importante para Hays, ele era um autodidata que produziu com poucos anos de estudo em latim e francês um número substancial de trabalhos que se engajaram sem medo com as questões mais controversas e avançadas sobre aprendizagem. Robinson demonstrou para Hays que a aprendizagem era animada pela experiência, que as ideias não tinham significado no abstrato, mas que podiam ser vivenciadas.

Da correspondência trocada entre os dois, sobreviveram oito cartas manuscritas e um fragmento, todas de Robinson para Hays. A primeira carta, de 13 de novembro de 1782 (remetida de Walworth), indica que os dois já haviam se encontrado anteriormente, e que embora Robinson estivesse assoberbado, ele afirmava poder visitar Hays e a mãe em sua casa em Gainsford Street no próximo dia. A segunda carta é datada de janeiro, enviada por Robinson de sua casa em Chesterton. Neste ínterim Hays enviara para ele uma “narrativa” de si mesma, descrita por Robinson como “um retrato em miniatura de uma *lady* em perigo e angústia, o trabalho de um artista requintado, calculado para tocar seu coração”. Robinson referia-se a propensão de Hays para a rebelião e para o ceticismo, que ele atribuía à sua desilusão devido à morte de Eccles. Hays, no entanto, já demonstrara tal inclinação em seu intercâmbio epistolar com seu falecido amigo.

As cartas também atestam que Robinson acatou as ambições e inquietações intelectuais de Hays com genuíno igualitarismo. Com a característica franqueza que o

---

<sup>382</sup> WATTS, Ruth. *Gender, Power and the Unitarians in England 1760-1860*. London and New York, Longman, 1998. p. 36.

caracterizava e que pautava as relações nestes meios, Robinson expôs seu aborrecimento com as expectativas não realistas e as lisonjas excessivas de Hays em relação a ele, encorajando-a a lhe tratar como um igual:

Eu sou obrigado a manter silêncio sobre toda uma parte de sua carta, que (diz respeito?) a mim mesmo, eu somente preciso tomar a liberdade de dizer que você adaptou aquele modo de ensino, que os sacerdotes usavam (para os) príncipes do Egito antigamente, atribuindo-lhes aquelas virtudes, não como as que os príncipes tinham, mas como deveriam possuir. Alguns deles seguiram o preceito e refinaram suas maneiras. Eu gostaria de poder fazê-lo assim, e ser o homem que você descreve. Se alguma vez a piedade se tornou amável por uma maneira insinuante de descrevê-la, isso deve ser pelo uso de sua pena elegante.

[I am obliged to be silent on all that part of your letter, which (concern?) myself, only I must take the liberty to say that you have adapted that mode of instruction, which the priest (for the) princes of Egypt formerly did, that is they ascribed to them such virtues, not as the princes had but as they ought to have. Some of them took the hint and refined their manners. I wish I could do so, and be the man you describe. If ever piety was rendered amiable by an insinuating manner of describing it, it must be so by the use of your elegant pen.]<sup>383</sup>

Robinson ofereceu a Hays uma dose genuína de igualdade, para a qual ela não estava preparada. O que ela desejava era a tradicional dinâmica entre mestre e discípulo, a mesma que Robinson estabelecia com os jovens que tutorava. Ele rejeitou devido a posição de inferioridade adotada por Hays ao se relacionar com ele. “Não, você não é minha pupila, mas minha amiga”, ele insistia.

e se houver objeções, as quais eu possa dizer qualquer coisa para removê-las, eu sempre serei extremamente feliz em contribuir com todo o meu poder para tão importante trabalho. Porém deixe-me dizer, se Miss Hayes espera encontrar com um correspondente igual a si mesma, por puro fino senso, delicadeza de estilo, ela ficará desapontada com seu pobre, aborrecido e empobrecido. (Robt Robinson)

[and if there be objections, which I can say anything towards removing, I shall always be extremely happy to contribute all in my power to so good a work, yet give me leave to say if Miss Hayes expects to meet with a correspondent equal to herself for fine sense, and delicacy of stile, she will be disappointed in her poor, dull, impoverished. (Robt Robinson)]<sup>384</sup>

---

<sup>383</sup> Robinson to Hays, 11 January 1783. In: BROOKS, Marilyn L. (editor) *The correspondence of Mary Hays 1779-1843*. EUA: Edwin Mellen Press, 2004. p. 251.

<sup>384</sup> Ibidem.

Para Walker, Hays assumiu uma postura de deferência para camuflar suas ambições intelectuais.<sup>385</sup> O tom tímido, os cumprimentos exagerados e a autodepreciação, que tanto desagradavam Robinson - e que posteriormente seriam criticados por Wollstonecraft e Godwin - são reveladores das desigualdades de gênero que marcavam os intercâmbios letrados na sociedade setecentista. Desigualdades que se materializavam, por exemplo, na crítica mais suave às obras de autoria feminina (de modo a não ofender a sensibilidade feminina), ou no receio das autoras mulheres expressarem suas ambições e anseios intelectuais, pois isso poderia parecer inadequado, uma quebra do decoro feminino. Ao se relacionar com Robinson, mais velho, ilustre e erudito que Eccles, Hays provavelmente se sentiu menos audaciosa para transgredir convenções de gênero e estabelecer um intercâmbio realmente igualitário. Além disso, com Robinson, não vivenciou o mesmo ideal de amizade apaixonada e sincera, que estimulava acima de tudo, a autenticidade.

Com a morte de Robinson em 1790, Hays perdeu seu mentor. Por quase dez anos ele desempenhara papel preponderante na sua formação intelectual. E, mesmo depois, a estima que ele lhe dedicara, seu histórico como pupila e filha espiritual<sup>386</sup>, garantiram-lhe conexões com escritores e editores das comunidades dissidentes, fundamentais para que ela pudesse dar continuidade à sua trajetória letrada.

A relação de tutoria e amizade que Wollstonecraft estabeleceu com o editor radical Joseph Johnson mostrou-se igualmente importante em sua trajetória como mulher de letras, garantindo-lhe que uma posição de destaque no mercado literário londrino. Ele publicou seus primeiros trabalhos, providenciou um lugar para ela morar em Londres, deu-lhe a oportunidade de treinamento profissional no seu periódico *Analytical Review*, e a incluiu no estimulante círculo letrado que presidia em Londres. Ou seja, sua carreira como escritora profissional foi amplamente apoiada por ele.

Os primeiros contatos de Wollstonecraft com Joseph Johnson se deram por meio de cartas. Eles começaram a se corresponder no período em que Wollstonecraft morava na Irlanda, trabalhando como governanta para os Kingsborough (entre 1786 e 1787). É bastante provável que aproximação entre os dois tenha sido mediada pelo pastor dissidente Richard Price, amigo de Johnson e que se tornou uma espécie de protetor para Wollstonecraft enquanto ela residiu em Newington Green.

---

<sup>385</sup> Walker, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843)...* Op. cit. p. 38.

<sup>386</sup> No sentido de se comprometer em dar continuidade a sua agenda de defesa das liberdades e do pensamento inquisitivo. (Walker, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843)...* Op. cit. p. 43.)

Antes de iniciar o intercâmbio epistolar com Johnson, Wollstonecraft já lhe enviara o manuscrito de *Thoughts on the Education of Daughters* (1787). A publicação de sua primeira obra por Johnson marcou o começo de sua relação editorial. Quando iniciaram seu intercâmbio epistolar, Wollstonecraft já tinha consciência de que ele representava uma importante conexão no mercado literário. Nas primeiras cartas, enviadas da Irlanda, ela reclamou diversas vezes de sua posição como governanta, como se quisesse que Johnson se compadecesse de sua situação.

(...) envie-me uma dúzia de livros de ortografia *Do Sr. Hewlett, para Lady K., Seus Sermões*, e poemas de Charlotte Smith, e umas poucas cópias de meu pequeno livro (*Thoughts*), se ele está publicado. Dirija-os diretamente para mim, na (residência) do Visconde Kingsborough de Dublin.

Como eu te mencionei, antes de minha partida, eu entrei em meu novo modo de vida com pesar extremo - sou vaidosa o suficiente para imaginar que você deseja ouvir como eu aprecio minha situação. Um estado de dependência é sempre irritante para mim, e eu me defronto com muitas vexações, as quais algumas pessoas considerariam insignificantes - Eu tenho a maioria dos confortos naturais da vida - ainda que quando ponderados com a liberdade eles são de pouco valor - para o senso cristão, estou resignada - e satisfeita; mas é com folga que observo a minha saúde declinando e aprecio a esperança de que estou me adiantando para a Terra, onde todos esses caprichos serão esquecidos.

[(...) send me a dozen of Mr Hewlett's spelling-books, for Lady K., His Sermons, and Charlotte Smith's poems, and few copies of my little book, if it is published. Let them be directed to me at Viscount Kingsborough's Dublin.

As I mentioned to you, previous to my departure, that I entered on my new way of life with extreme regret - I am vain enough to imagine you wish to hear how I like my situation. A state of dependence must ever be irksome to me, and I have many vexations to encounter, which some people would term trifling - I have most of the (n)ative comforts of life - yet when weighed with liberty they are of little value - In a christian sense I am resigned - and contented; but it is with pleasure that I observe my declining health, and cherish the hope that I am hastening to the Land where all these cares will be forgotten.]<sup>387</sup>

Alguns meses depois ela lhe escreve novamente, frisando seus sentimentos de solidão e inadequação:

Como eu posso estar reconciliada com a vida, quando esta é sempre uma luta dolorosa, e quando estou privada de todos os prazeres que gosto? Eu me refiro a conversações racionais e afeições domésticas. Aqui, sozinha, um pobre indivíduo solitário em uma terra estranha, amarrada a um local, e sujeita ao capricho de outros, posso estar satisfeita? Estou desejosa de convencê-lo de que tenho alguma causa para esta aflição - e não sem razão

---

<sup>387</sup> Wollstonecraft to Johnson, 5 December 1786. (TODD, Janet. (org.) *The collected letters of Mary Wollstonecraft*. Columbia University, London: Penguin Press, 2003. p. 94.)

desapeguei-me da vida. Eu espero saber que você está bem, e eu sou sinceramente sua.

[How can I be reconciled to life, when it is always a painful warfare, and when I am deprived of all the pleasures I relish? I allude to rational conversations, and domestic affections. Here, alone, a poor solitary individual in a strange land, tied to one spot, and subject to the caprice of another, can I be contented? I am desirous to convince you that I have some cause for sorrow - and am not without reason detached from life. I shall hope to hear that you are well, and am yours sincerely.]<sup>388</sup>

Na próxima carta, datada de setembro de 1787, ela expressa seu projeto de deixar a Irlanda e ir para Londres conquistar sua independência. Aparentemente, Johnson já havia se comprometido em conseguir uma colocação para ela, que lhe pergunta a respeito de uma moradia em Londres.

Eu estava indo consertar minha pena; mas creio que ela estará hábil o suficiente para dizer tudo o que tenho para acrescentar a esta epístola. Você já ouviu falar de uma moradia para mim? Muitas vezes penso no meu novo plano de vida. E, para que minha irmã não tente prevalecer sobre mim para alterá-lo, tenho evitado mencionar isso a ela. Estou determinada - Seu sexo geralmente ri das determinações femininas; mas deixe-me dizer-lhe, eu nunca resolvi fazer qualquer coisa de consequência, que eu não aderisse resolutamente a ela, até que eu tenha cumprido o meu propósito, improvável, como poderia ter parecido a uma mente mais tímida. No decorrer de quase vinte e nove anos, eu reuni alguma experiência, e senti muitas decepções severas - e qual é o resultado? Anseio por um pouco de paz e independência! Cada obrigação que recebemos de nossos semelhantes é um novo grilhão, toma de nossa liberdade natural, e rebaixa a mente, faz de nós meras minhocas - Eu não gosto de rastejar!

[I was just going to mend my pen; but I believe it will enable me to say all enable me to say all I have to add to this epistle. Have you yet heard of a habitation for me? I often think of my new plan of life; and, lest my sister should try to prevail on me to alter it, I have avoided mentioning it to her. I am determined - Your sex generally laugh at female determinations; but let me tell you, I never yet resolved to do, any thing of consequence, that I did not adhere resolutely to it, till I had accomplished my purpose, improbable as it might have appeared to a more timid mind. In the course of near nine-and-twenty years, I have gathered some experience, and felt many severe disappointments - and what is the amount? I long for a little peace and independence! Every obligation we receive from our fellow-creatures is a new shackle, takes from our native freedom, and debases the mind, makes us mere earthworms - I am not fond of groveling!]<sup>389</sup>

Dois meses depois, já morando em Londres, ela envia uma carta para a irmã Everina, contando entusiasmada sobre sua nova vida como escritora profissional:

<sup>388</sup> Wollstonecraft to Johnson, 14 April 1787. (Ibidem. p. 108.)

<sup>389</sup> Wollstonecraft to Johnson, 13 September 1787. (Ibidem. p. 133)



Sr. Johnson, cuja gentileza incomum, eu acredito, me salvou do desespero(...) assegurou-me que se eu exercer meus talentos para escrita, eu talvez possa me sustentar de uma maneira confortável. Eu serei a primeira de um novo gênero.

Eu devo ser independente. Eu desejo apresentá-la ao Sr. Johnson - você o respeitaria; e sua conversa sensível logo desgastaria a impressão - ou melhor, a rigidez nas maneiras, é uma das desvantagens dele - estou certa de que você o adoraria quando você souber com que ternura e humanidade ele tem se comportado comigo.

[Mr. Johnson, whose uncommon kindness, I believe, has saved me from despair(...) assures me that if I exert my talents in writing I may support myself in a comfortable way. I am then going to be the first of new genus.

I must be independent, I wish to introduce you to Mr. Johnson – you would respect him; and his sensible conversation would soon wear away the impression, that a formality – or rather stiffness of manners, first makes to his disadvantage – I am sure you would love him did you know with what tenderness and humanity he has behaved to me.]<sup>390</sup>

A descrição de Johnson por Wollstonecraft não deixa dúvidas que assim como Robinson, ele também era um *gentleman* de grande virtude. Ambos atuaram como protetores e mentores destas duas jovens que ambicionavam o saber e as letras. Enquanto Robinson guiou Hays em seu aprimoramento intelectual, Johnson guiou Wollstonecraft na sua inserção no mercado editorial e literário.

Com o tempo, conforme os laços se aprofundaram, é possível perceber que a relação entre Wollstonecraft e Johnson foi se tornando mais igualitária. De uma relação entre mentor e pupila, passou-se a uma relação de amizade entre iguais. Johnson se tornou um confidente e um companheiro de letras, com o qual Wollstonecraft se sentia livre para expressar seus anseios sentimentais e suas opiniões intelectuais.

Em uma carta enviada a Johnson em 1788, período em Wollstonecraft já era uma escritora, tradutora e resenhista de sua editora, ela expôs com firmeza suas posições acerca da escrita do prefácio da obra *The Original Stories* e da tradução de uma obra em língua italiana:

Meu Caro Senhor,

Embora suas observações sejam geralmente sensatas – eu não posso concordar com você desta vez - quero dizer, com relação ao prefácio, não o alterei. Eu odeio a maneira suave de exibir humildade orgulhosa. Uma regra geral só se estende à maioria - e, acredite, os poucos pais sensatos que talvez leiam meu livro não se sentirão ofendidos, e os fracos são vaidosos demais para se importar com o que é dito em um livro destinado a crianças.

Eu lhe retorno o MS. italiano - mas não pense, precipitadamente, que eu sou indolente. Eu não pouparia nenhum trabalho para cumprir meu dever - e,

<sup>390</sup> Wollstonecraft to Everina, 7 November 1787. (Ibidem. p. 138.)

depois do dia mais trabalhoso, esse simples pensamento me consolaria mais do que qualquer prazer que os sentidos pudessem desfrutar. Acho que não conseguiria traduzir o MS. bem, se ele não fosse um MS, eu não deveria ser intimidada tão facilmente, mas o estilo, e erros em ortografia, ou abreviações, são obstáculos logo de saída. Eu não posso suportar fazer qualquer coisa que eu não faça bem - e eu perderia tempo em uma tentativa vã (...)

[My dear sir,

Though your remarks are generally judicious – I cannot now concur with you – I mean with respect to the preface, and have not altered it. I hate the usual smooth way of exhibiting proud humility. A general rule only extends to the majority – and, believe me, the few judicious parents who may peruse my book, will not feel themselves hurt, and the weak are too vain to mind what is said in a book intended for children.

I return you the Italian MS – but do not hastily imagine that I am indolent. I would not spare any labour to do my duty – and, after the most laborious day, that single thought would solace me more than any pleasures the senses could enjoy. I find I could not translate the M.S. well, if it was not a MS, I should not be so easily intimidated, but the hand, and errors in orthography, or abbreviations, are a stumbling-block at the first setting out – I cannot bear to do any thing I cannot do well – and I should lose time in the vain attempt(...)]<sup>391</sup>

Quase um ano depois ela agradece o apoio de Johnson, reconhecendo sua contribuição na conquista da posição de escritora profissional:

Sou grata por ter mais do que incentivos comuns para buscar o conhecimento, e obter minhas alegrias de ofícios que estão ao meu alcance. (...) Sinto-me particularmente grata a vós neste momento - sem a vossa humanidade e sensível assistência, quantos obstáculos eu não teria enfrentado-(...) Permita me amar-te, meu estimado senhor, e chamar de amigo um ser que eu respeito.

[I am thankful that I have more than common incentives to pursue knowledge, and draw my pleasures from the employments that are within my reach. (...) I feel at this moment particularly grateful to you – without your humane and delicate assistance, how many obstacles should I not have had to encounter-(...) Allow me to love you, my dear sir, and call friend a being I respect.]<sup>392</sup>

A correspondência entre Wollstonecraft e Johnson continuou ao longo da década de 1790, mas com menor intensidade. As cartas referentes a este período versam principalmente sobre questões editoriais e sobre confidências de Wollstonecraft a respeito de seus conflitos familiares e amorosos. Conforme ela se afirmou como pensadora e escritora, se aproximou de outros radicais, ampliando sua rede de correspondentes. Entre estes se destacaram Mary Hays,

<sup>391</sup> Wollstonecraft to Johnson, late 1787- early 1788. (Ibidem. p. 142.)

<sup>392</sup> Wollstonecraft to Johnson, early 1789. (Ibidem. p. 159.)

que veio a se tornar sua pupila e amiga, e Willian Godwin, que a partir da segunda metade da década de 1790 se tornou, basicamente, o único correspondente de Wollstonecraft.

### **3.4 Colisão de mente com mente: o julgamento privado como base para o diálogo**

O teor das interações de Wollstonecraft e Hays com pensadores e escritores ilustrados sofreu mudanças significativas depois que elas passaram a integrar a comunidade radical ao redor de Joseph Johnson e de sua editora em Londres, particularmente a partir da década de 1790.

Neste círculo os intercâmbios não estavam vinculados a filiações sectárias, espaços de culto ou status marital, como nos meios religiosos dissidentes. Os pensadores e pensadoras que o frequentavam eram pessoas mais jovens e mais heterodoxos que os pastores *não-conformistas* e suas esposas letradas. Também eram, em sua maioria, solteiros. No início de 1790, Godwin, Frennd e Dyer não haviam contraído matrimônio; Holcroft era viúvo e com exceção de Inchbald e Reverley, as mulheres eram todas solteiras. O que ligava este grupo de amigos era o anseio individual em participar de trocas mais livres e mais igualitárias na busca por esclarecimento.

Wollstonecraft e Hays estavam acostumadas com o decoro que marcava as discussões entre os religiosos dissidentes, os homens se comportando como *gentlemen* em relação a elas, cuidadosos em não provocar ou ferir susceptibilidades, unidos junto a elas na luta contra os inimigos comuns da intolerância e da opressão. Com seus novos amigos e correspondentes radicais elas começaram a vivenciar o que Pamela Clemitis descreve como uma “comunicação social sem reserva”, ou seja, a “colisão de mente com mente”, conforme enunciou Godwin.<sup>393</sup>

Willian Godwin (1756-1836), como filho e neto de ministros *não-conformistas* e estudante da academia dissidente Hoxton, entrou em contato com os mesmos debates filosóficos, religiosos e políticos que Hays e Wollstonecraft tiveram com Richard Price, Robert Robinson e Joseph Johnson. Ele foi expulso da sua congregação em 1782, um período de sua vida que pouco mencionou em seus escritos privados. Sabe-se, entretanto, que depois disso ele continuou a manter conexões com os dissidentes racionalistas mais proeminentes:

---

<sup>393</sup> CLEMIT, Pamela. Godwin, Women, and “The Collision of Mind with Mind”. Wordsworth Circle, Spring, 2004. p. 01.

Theophilus Lindsey, John Disney, Joseph Priestley e Robert Robinson. Depois da Revolução Francesa e da radicalização do movimento reformista inglês, ele passou a se encontrar de forma constante também com os líderes radicais Richard Price, Joseph Johnson, Thomas Holcroft, John Horne Toock e Thomas Paine.

Godwin atuou como jornalista profissional escrevendo para o periódico *whig New Annual Register*, publicando panfletos políticos, sempre anonimamente. Como visto, em 1791 ele assinou um contrato para escrever um tratado sobre princípios políticos, que foi publicado em 1793 como *An Enquiry Concerning Political Justice*. Esta obra o tornou instantaneamente famoso, passando a representar uma referência das ambições reformistas.

Em *Polical Justice*, Godwin, partindo da tradição teológica e filosófica dissidente racionalista, produziu uma filosofia política baseada principalmente nos ideais dissidentes de independência, benevolência e sinceridade, aos quais ele adicionou argumentos oriundos da tradição republicana inglesa. Godwin entendeu que o desenvolvimento da moral e da virtude exigiria a mínima interferência dos governantes, sendo possível a partir de três processos fundamentais: da literatura (ou discussão escrita e oral), da educação e da “justiça moral” (ou a adoção de um princípio de moral e verdade na vida prática em comunidade). Enfatizou, principalmente, a publicação como o grande instrumento para encaminhar o aperfeiçoamento da mente e a comunicação sem reservas, como vinha sendo praticado nos círculos dissidentes – e de forma ainda mais irrestrita nos meios radicais - como o principal meio pelo qual o aperfeiçoamento moral poderia ser alcançado.

Vamos imaginar para nós mesmos uma série de indivíduos, os quais, tendo primeiro armazenado em suas mentes leitura e reflexão, prosseguem depois para uma conversa franca e sem reservas para comparar as suas ideias, para sugerir suas dúvidas, para remover suas dificuldades, e para cultivar uma maneira impressionante de expressar seus sentimentos. Vamos supor que estes homens, preparados pela relação mútua, para sair pelo mundo explicando com concisão e simplicidade, e de uma forma bem calculada para prender a atenção, os verdadeiros princípios da sociedade. Suponhamos que seus ouvintes instigaram, por sua vez, a repetir essas verdades a seus companheiros. Devemos ter então, uma ideia de conhecimento que está ganhando terreno perpetuamente, desacompanhado de perigo ou risco na sua difusão. Razão então se disseminará por si, e não uma simpatia bruta e não inteligente.

[Let us imagine to ourselves a number of individuals, who, having first stored their minds with reading and reflection, proceed afterwards in candid and unreserved conversation to compare their ideas, to suggest their doubts, to remove their difficulties, and to cultivate a collected and striking manner of delivering their sentiments. Let us suppose these men, prepared by mutual intercourse, to go forth to the world, to explain with succinctness and simplicity, and in a manner well calculated to arrest attention, the true

principles of society. Let us suppose their hearers instigated in their turn to repeat these truths to their companions. We shall then have an idea of knowledge as perpetually gaining ground, unaccompanied with peril in the means of its diffusion. Reason will spread itself, and not a brute and unintelligent sympathy.]<sup>394</sup>

As sociabilidades dissidentes e radicais ocupavam assim uma parte integral do ideal de ética pessoal de Godwin, na qual o direito ao julgamento privado, em seu léxico, “perfeita sinceridade” (baseado no conceito dissidente de “candura”), estimulava homens e mulheres discutirem aberta e francamente.

A inserção de Wollstonecraft e Hays (e posteriormente de Mary Robinson) neste tipo de sociabilidade exerceu múltiplas influências em suas trajetórias e produção letrada. Ao propiciar intercâmbios mais diretos e igualitários com os homens, contribuiu para que se conscientizassem do quanto as relações pautadas na dissimulação e na hierarquia entre os gêneros coibia às mulheres o ideal de existência livre apregoado pelas *Luzes*. Seus intercâmbios intelectuais e amorosos com radicais como Willian Frennd, Henry Fuseli e, principalmente, Willian Godwin, estimularam novas experimentações de amizade, escrita e amor. Com estes intelectuais mais jovens e heterodoxos, elas puderam avançar em suas ambições por esclarecimento, autonomia e liberdade.

Depois da morte de Robert Robinson (1790), os anseios intelectuais de Hays a estimularam a conquistar a atenção e o apoio de outros homens eruditos. Como já dito, sua reputação como pupila estimada de Robert Robinson lhe garantiu uma posição na progressista comunidade de dissidentes racionalistas. A própria filha de Robinson, Mary Brown, a acolheu, garantindo-lhe que os outros pensadores *não-conformistas* a respeitariam por conta do amor que o pai lhe devotava.<sup>395</sup> Nesse sentido, não foi difícil para Hays conseguir o apoio de outros homens letrados que a auxiliaram no seu processo de aprimoramento intelectual.

Antes de se mudar para Londres em 1795, buscando por autonomia e independência, e se inserir no movimento radical e forma contundente, Hays buscou apoio entre o círculo de amigos íntimos de Robinson, sendo tutelada pelo pregador e antigo tutor do *New College*, Hugh Worthington - que a estimulou a se tornar uma “autora”- e George Dyer - que apresentou a ela *A Vindication of the Rights Of Woman*.

---

<sup>394</sup> GODWIN, William. *An Enquiry Concerning Political Justice and its influence on Morals and Hapiness*. Philadelphia: Printed by Bioren and Madan, 1796. p. 93.

<sup>395</sup> Walker, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843)*... Op. cit. p. 89.

Com Hugh Worthington ela estabeleceu uma relação parecida com a que tinha vivido com Robinson. Worthington também provia Hays de escritos, que eram depois discutidos pessoalmente. Como Robinson, ele era lisonjeiro e atencioso. Entretanto, Worthington parecia mais apegado ao ideal setecentista de galanteria, o que o levou a ser bastante brando em suas críticas à *Letters and Essays, Moral, and Miscellaneous*. Antes de tratá-la com o rigor intelectual que marcava o debate na emergente esfera pública, ele se preocupou em não magoar sua pretensa sensibilidade feminina.

Ao se relacionar com Willian Frend, o grande amor de sua vida adulta, Hays ansiou romper com essas convenções e ser tratada como igual, a ter a liberdade de expressar seu amor e desejo. Mas, apesar de suas relações terem se desenvolvido num meio que encorajou formas novas e mais relaxadas de sociabilidade entre homens e mulheres, Frend e Hays nem sempre conseguiram ultrapassar as barreiras sociais de gênero.

Embora os dois tenham se correspondido entre 1792 e 1796, somente a primeira carta que Frend enviou a Hays sobreviveu. Evidências de suas relações em Londres estão presentes na correspondência que Hays trocou com Godwin e Wollstonecraft. Excertos de suas cartas para Frend também aparecem no seu romance *Memoirs of Emma Courtney* (1796).

O primeiro contato entre os dois se deu quando Frend enviou uma carta para Hays, consolando-a pelas críticas que *Cursory Remarks* (1791) recebera do unitário e tutor do *New College*, Gilbert Wakefield. Ao produzir este texto Hays tomou parte em um debate público levado a cabo pela comunidade dissidente em torno das práticas religiosas do *New College*. Gilbert iniciara o debate ao criticar a permanência de ritos de viés anglicano nesta instituição educacional, por meio do panfleto *An Enquiry into the Expediency and Propriety of Public or Social Worship* (1791). Vários dissidentes racionalistas responderam aos questionamentos de Wakefield, incluindo Hays ao publicar *Cursory Remarks* sob o pseudônimo de Eusebia.<sup>396</sup>

Ao responder ao texto de Hays (e de outros críticos da comunidade dissidente), numa segunda edição de *An Enquiry*, Wakefield não foi galante ou conciliatório. Ele era um debatedor combativo que apreciava a controvérsia e raramente negligenciava a oportunidade de se engajar num debate. Além disso, em carta para Willian Frend, ele assumiu pensar que “Eusebia” era um homem escondendo-se por trás da identidade de uma mulher. Comentou que esse era um caminho fácil para evitar os rigorosos padrões do debate masculino. No entanto, mesmo depois de saber por Frend que se tratava de uma mulher e garantir que omitiria as principais ofensas nas próximas edições, insistiu que sabendo que seu detrator era

---

<sup>396</sup> Eusebia, palavra grega que significa piedade, estava ligada à trajetória histórica do unitarismo. Eusebia teria sido a segunda esposa do imperador romano Constantino II, que se envolveu com a controvérsia do arianismo.

uma mulher modificaria seus modos, mas não seus padrões críticos. Como Robinson, ele acreditava na responsabilidade humana. Se uma mulher entrasse na arena do debate público, ela deveria ser julgada pelos mesmos critérios que um homem. De acordo com Walker, houve significativa consternação entre os dissidentes racionalistas por conta do tom provocativo e zombeteiro de Wakefield neste debate. Theophilus Lindsey chegou a afirmar que se preocupava que a reputação dele como homem erudito e sensível.<sup>397</sup>

Quanto a Willian Frend, conhecia a identidade de Eusebia a partir de conhecidos em comum, incluindo George Dyer e Michael Brown, ministro da igreja frequentada por Hays em Gainsford Street. Frend também conhecera Robinson e sua lealdade para com ele se estendia a Hays, sua filha espiritual. Por isso, quando o texto de Hays recebeu críticas ácidas de Wakefield, Frend escreveu para ela. Em sua carta (1792) ele se apresentou e elogiou seu panfleto. Pediu que ela continuasse agindo como uma pacificadora entre os homens sectários, porque “o auxílio do belo sexo” poderia ser necessário para “suavizar a animosidade e o fervor da disputa”.

O Sr. Brown me lisonjeou ultimamente com agradáveis esperanças de ser apresentado, na minha próxima viagem a Londres, a uma Senhora que entretém a mais alta estima pelos escritos de revelação e os examina com a liberdade de franqueza descrita por Eusebia na primeira página de seu elegante panfleto. Para aquele que esteve sob a necessidade de ouvir as disputas dos partidos rivais e se cansou de lutas ineficazes contra o poder de interesse e de preconceito, não poderia ser oferecida gratificação mais alta do que a de ouvir sentimentos pouco sofisticados pela aprendizagem escolástica e tirados sem prejuízo da fonte da verdade. Eusebia deu ao mundo uma prova de que dedicou seu tempo e talentos ao melhor emprego e ela me permitiria, no relato do Sr. B., enumerar-me entre seus amigos e agradecer-lhe pela honra. Eu recebi ao lê-la excelentes observações sobre adorações sociais. Tanta franqueza envolto de raciocínio sadio em linguagem insinuante, animou em nós as esperanças de que a ajuda do sexo justo possa no futuro ser muitas vezes chamado para suavizar a animosidade e a disputa fervorosa.

[Mr. Brown flattered me lately with the agreeable hopes of being introduced on my next journey to London to the acquaintance of a Lady who entertains the highest esteem for the writings of revelation and examines them with that freedom of candor described by Eusebia in the first page of her elegant pamphlet. To one who has been under the necessity of listening to the wrangling of contending parties and been wearied with ineffectual struggles against the power of interest and prejudice no higher gratification could be offered than that of hearing sentiments unsophisticated by scholastic learning and drawn without prejudice from the source of truth. Eusebia has given the world a proof that she has dedicated her time and talents to the best employment and she will permit me on Mr. B.'s account to number myself among her friends and to thank her for the pleasure. I received on reading

---

<sup>397</sup> Walker, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843)...* Op. cit. p. p 50.

her excellent remarks on social worship. So much candor of sound reasoning cloathed in insinuating language excited in us the hopes that the aid of the fair sex may in future be often called in to soften the animosity and fervor disputation.]<sup>398</sup>

Na carta a Eusébia Frennd representou a si e a Hays em termos generificados: ele como um erudito, mas também como um soldado cansado de batalhas, cansado dos embates ineficazes contra o poder do interesse e do preconceito, aludindo às consequências de sua declaração pública para o unitarismo; ela como Eusebia, oferecendo-lhe reações sem mácula por sofismas ou posturas sectárias, ou seja, como uma mulher de moral. Ele elogiou sua eloquência, contradizendo as críticas que Wakefield empreendera à sua escrita sobre uma polêmica religiosa.

Diferente de Robinson e Wakefield, ele fez uso da linguagem cortês utilizada entre *gentlemen* e *ladies*, embora estivesse consciente das ambições intelectuais não convencionais de Hays. Mas, a cortesia também caracterizava o intercâmbio romântico e ecoou em Hays diferentemente do que ele previra. Ele a julgava como uma estudiosa e sincera mulher, com quem esperava estabelecer, no máximo, uma relação de companheirismo intelectual. Entretanto, devido ao tom de sua carta, com cumprimentos e orientações intelectuais, pareceu a Hays que ele poderia estar disposto a atuar como St. Preux, ensinando-a e amando-a como se ela fosse Júlia.

Durante sua relação Hays e Frennd estabeleceram um equilíbrio peculiar. Eles foram juntos a cultos religiosos, encontraram-se em reuniões sociais promovidas por famílias dissidentes e conversaram sobre os eventos da época. Por meio de sua correspondência com Godwin, ficamos sabendo que ela escreveu longas cartas para Frennd, expressando seu amor e desejo sexual. Frennd aparentemente respondeu muitas destas cartas, mas sem demonstrar que correspondia aos seus anseios sentimentais. Hays acreditava que Frennd correspondia seus sentimentos, mas que se recusava a tomar uma atitude. No início de 1796 a relação deles entrou em crise, quando ela o confrontou a respeito de seus sentimentos e foi absolutamente rejeitada.

Apesar de Frennd não ter correspondido aos seus anseios amorosos, indiretamente ele a auxiliou a encontrar um companheiro letrado que viria a suprir suas ambições intelectuais. Foi Frennd quem lhe sugeriu a leitura da obra *An Enquiry Concerning Political*, de William Godwin. Sugestão que Hays respondeu com enorme entusiasmo. Ao não encontrar a obra nos

---

<sup>398</sup> Frennd to Eusebia, 16 April 1792. (HAYS, Mary. *The love-letters of Mary Hays (1779-1780)*. Editado by Great-Nice. A.F. Wedd. London: Methuen & C.O.LTD, 1925. p. 220-222.)



gabinetes de leitura (*circulating libraries*), ela decidiu escrever diretamente para Godwin pedindo uma cópia emprestada:

Talvez nenhuma desculpa pudesse ser igualmente apropriada para uma estranha dirigir-se ao Sr. Godwin, presumindo solicitar-lhe um favor, como uma simples declaração da verdade! Desgostosa com a presente constituição da sociedade civil, uma observância cujas tempestades têm ultimamente agitado o hemisfério político, que forçaram em cada mente não afundada na apatia ou absorvida pelo egoísmo, cuja escritora foi despertada da depressão dos espíritos, de uma só vez, melancólica e indignada, pela atenção de "poucos espíritos poderosos e celestialmente dotados, que são capazes de guiar, iluminar e conduzir a espécie humana em direção à felicidade". Entre estes, a notoriedade deu um lugar distinto ao Autor de "*Political Justice*"(...) Meu ardor por ler este livro foi primeiro despertado por uma rica análise na *Analytical Review*; em seguida, pelo testemunho, entre muitos outros, de um respeitado amigo, o Sr. Wm. Frend precedente de Cambridge, que escrevendo para mim sobre este assunto diz: "Eu estou neste momento nos aposentos de um amigo, e tenho novamente uma mostra decente de livros ao meu redor, minha atenção foi atraída, no entanto, principalmente para Godwin e seu *Political Justice*. As primeiras cem páginas me agradam muitíssimo e, se ele continuar da mesma maneira, quase posso arriscar-me a presumir que seu livro em poucos anos operará como uma mudança tão grande nos sentimentos políticos de nossa nação assim como o famoso tratado de Locke sobre o governo"(...)

Pode então uma discípula da verdade, alguém que despreza as formas artificiais que têm servido apenas para corromper e escravizar a sociedade, solicitar ao próprio Sr. Godwin que lhe seja dada a oportunidade de investigar mais a fundo os importantes e interessantes temas da verdade moral e da justiça política? Eu não preciso dizer que prometerei preservar os livros com cuidado e devolvê-los com pontualidade – e asseguro Sr. G que desde as primeiras alvoradas da razão, em meio a todas as desvantagens de uma negligenciada e desvirtuada educação feminina, os princípios que governam a minha mente têm sido o ardente amor pela literatura e uma irrestrita reverência pela verdade e gênio.

[Perhaps no apology could be equally proper for a stranger addressing Mr. Godwin, and presuming to solicit a favor, as a plain statement of the truth! Disgusted with the present constitutions of civil society, an observance of which the storms which have lately agitated the political hemisphere has forced upon every mind not absolutely sunk in apathy or absorbed in selfishness, the writer of this has been roused from a depression of spirits, at once melancholy and indignant, by an attention to the "few puissant and heavenly endowed spirits, that are capable of guiding, enlightening and leading the human race onward to felicity!" Among these, fame has given a distinguished place to the Author of "*Political Justice*". (...) My ardor for the perusal of this book first excited by a copious analysis in the *Analytical Review*; next by the testimony, among many others, of a respected friend, Mr. Wm. Frend late of Cambridge, who writing to me on this subject says—"I am at present in the Chambers of a friend, I have again a decent shew of books around me, My attention has however been chiefly arrested by Godwin on *Political Justice*. The first hundred pages please me exceedingly and, if he continues in the same manner, I might almost venture to presage

that his book will in a few years operate as great a change in the political sentiments of our nation as Locke's famous treatise on government."(...) May then a disciple of truth, and a contemner of the artificial forms which have served but to corrupt and enslave society, request of Mr. Godwin himself to be allowed an opportunity of investigating further the important and interesting subjects of moral truth and political justice? I must no say that I will *promise* to preserve the books with care and return them with with punctuality – but I will assure Mr. G that from the first dawns of reason, amid all the disadvantages of worse than neglected, perverted, female education, the governing principles of my mind have been an ardent love of literature and an unbounded reverence for truth and genius.]<sup>399</sup>

Nesta carta, Hays procurou estabelecer suas credenciais de pensadora radical para Godwin, demonstrando estar consciente dos conflitos em voga (julgamentos por traição, conflagrações em França, perseguições aos dissidentes, pressões por reformas, agitações públicas), frisando adotar o estandarte de Godwin por conversações racionais e pela busca da verdade. Ainda, deixou claro que, a despeito das deficiências da educação feminina, ela amava a literatura, a verdade e o talento. Percebe-se também nesta carta seu costumeiro estilo lisonjeiro, marcado por elogios excessivos.

Godwin respondeu ao seu pedido prontamente, enviando-lhe a obra. Iniciou-se assim uma relação de amizade e de troca intelectual duradoura, que marcaria de forma contundente a trajetória e a produção letrada de Hays.

Hays preservou muitas das cartas que enviou ou recebeu de seus companheiros e companheiras letradas, dentre estas as correspondências trocadas com Godwin, as quais permitem lançar luz sobre a poderosa conexão que se estabeleceu entre os dois entre os anos de 1794 e 1797, como amigos e companheiros, e como integrantes de um ideal de sociabilidade franca e igualitária, inclusive entre homens e mulheres.

A correspondência rapidamente tomou a forma de uma avançada tutoria em verdade e liberdade para Hays. Por insistência de Godwin, ela escrevia para ele, que respondia pessoalmente: “você deve comunicar seus sentimentos por carta, e eu os responderei pessoalmente”.<sup>400</sup> Em suas cartas ela descreve Godwin como seu “tutor genial”, mas suas interações, de fato, eram mais igualitárias do que isso, produzindo faíscas de fúria e *insights*, principalmente em Hays.

Antes de seu intercâmbio com Godwin, Hays experimentara vários tipos de intercâmbio: o léxico da sensibilidade, alusões literárias e filosóficas e formulações piedosas.

<sup>399</sup> Hays to Godwin, 14 October 1794. (WEDD, A. F. *The love-letters of Mary Hays (1779-1780)*. Editado by Great-Great-Nice. A.F. Wedd. London: Methuen & C.O.LTD, 1925. p. 227.)

<sup>400</sup> Godwin to Hays, 7 September 1795. (Ibidem. p. 232.)

Junto a Godwin, com seu interesse filosófico em alcançar a verdade por meio do diálogo interpessoal, ela conseguiu um interlocutor franco e objetivo. De acordo com Walker, as regras do debate para Godwin e seu grupo eram simples: ninguém tinha o direito de ir contra a razão, ninguém tinha o direito de coagir o julgamento de outrem, e todos os indivíduos tinham o direito e o dever de chamar a atenção das falhas e faltas dos outros.<sup>401</sup> Em uma carta de 1795, Godwin orientou Hays explicitamente sobre como respeitava a divergência de opiniões:

Você não deve atrair-me em uma correspondência que é totalmente incompatível com as minhas ocupações e a disposição do meu tempo. Eu não responderia a sua carta, não fosse você sugerir estar em dúvida em ter perdido parte da minha boa opinião.

Isso, juro-te, não é o caso. Eu encontrei, ou pensei que eu encontrei, você em um erro; mas que nem chocou nem me surpreendeu. Quase não há diferença de opinião pela qual uma pessoa possa perder a minha boa opinião.

Parece-me que você alterou consideravelmente seu tom a respeito dos meus heróis<sup>402</sup>, na carta que tenho diante de mim. Antes, você condenou-os no conjunto, no seu tribunal de moralidade, como pessoas depravadas e corruptores da humanidade.

[You must not draw me into a correspondence which is wholly incompatible with my avocations and the disposition of my time. I would no answer your letter, were it not that you suggest a doubt of having forfeited some part of my good opinion.

That, I swear to you, is not the case. I found, or thought I found, you in an error; but that neither shocked nor surprised me. There is scarcely any difference of opinion by which a person can forfeit my good opinion.

You appear to me to have considerably altered your tone respecting my heroes, in the letter before me. Before, you upon the whole condemned them, at your bar of morality, as depraved persons, and corrupters of making.]<sup>403</sup>

Ou seja, com Godwin Hays passou a experimentar um modelo de conversação racional, pautada na objetividade, no debate e no escrutínio da razão. Suas divergências emergem das páginas de sua correspondência. Ao longo de seu intercâmbio, Hays se tornou uma debatedora digna e uma crítica astuta.

Apesar disso, a questão do gênero sempre se manteve presente. Por meio da correspondência de ambos é possível examinar o quanto o senso de poder de Hays era inconstante, também suas dúvidas, sua raiva e sua ocasional impotência e desespero frente a impossibilidade de alcançar o mesmo grau de liberdade que os homens que ela conhecia tinham.

<sup>401</sup> Walker, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843)...* Op. cit. p. 120.

<sup>402</sup> Godwin se refere a Rousseau, Voltaire, Smollet e Fielding.

<sup>403</sup> Godwin to Hays, January 1796. (WEDD, A. F. Op. cit. p. 2.)

Willian Godwin foi um amigo e mentor ideal para Hays: erudito, brilhante, desprezioso, igualitário, disposto a dar apoio para suas ambições letradas. Ainda assim, ambos não se sentiram compelidos a constituir uma relação intensa, pautada no intercâmbio intelectual, amical e amoroso. Tal tipo de relação ideal se desenvolveria entre aquele que viria a ser o casal mais ilustre do iluminismo inglês: Mary Wollstonecraft e William Godwin.

É provável que Mary Hays tenha percebido que os seus dois amigos notáveis poderiam se sentir atraídos por suas qualidades excepcionais. Foi ela a sugerir que os dois aprofundassem suas relações. Wollstonecraft e Godwin já se conheciam, haviam se encontrado em novembro de 1790 num jantar na casa de Johnson, logo depois da publicação de *Rights of Man*. Em *Memoirs* Godwin afirmou que neste dia Wollstonecraft não lhe causou uma boa impressão, que a achou arrogante e superficial, que ambos se criticaram. Eles se reencontraram novamente na casa de Hays, em oito de janeiro de 1796.

Terei a honra de esperá-la na sexta-feira, e ficarei feliz em encontrar a senhorita Wollstonecraft, de quem eu sei nunca ter dito uma palavra de injúria, e que tem freqüentemente se divertido em me depreciar. Mas eu confio que você reconhece em mim a realidade de um hábito sobre o qual eu exijo de mim, que eu fale das qualidades dos outros não influenciado por considerações pessoais, e sou tão rápido para fazer justiça a um inimigo quanto a um amigo.

[I will do myself the pleasure of waiting on you Friday, and shall be happy to meet Mrs. Wollstonecraft, of whom I know not that I ever said a word of harm, and who has frequently amused herself with depreciating me. But I trust you acknowledge in me the reality of a habit upon which I pique myself, that I speak of the qualities of others uninfluenced by personal considerations, and am as prompt to do justice to an enemy as to a friend.]<sup>404</sup>

A opinião de Godwin viria a se transformar profunda e irreversivelmente nos meses seguintes. Sentiu-se tão impressionado e absorvido por Wollstonecraft, que mergulhou inclusive na leitura de algumas de suas obras. *Letters Written during a Short Residence in Sweden, Norway, a Denmark* (1796), em especial, o afetaria significativamente: “Ela fala de suas tristezas de um modo que nos enche de melancolia, dissolvendo-nos em ternura, ao mesmo tempo em que exhibe uma genialidade que exige nossa admiração”.<sup>405</sup>

A opinião de Wollstonecraft sobre Godwin também passou por mudança radical. Depois de se reencontrarem algumas vezes em casas de amigos em comum, por artifício do próprio Godwin, Wollstonecraft o convidou para visitar sua residência. Logo iniciaram um intercâmbio intenso, marcado pela troca de correspondências e encontros constantes.

<sup>404</sup> Godwin to Hays, January 1796. (WEDD, A. F. Op. cit. p. 232.)

<sup>405</sup> GODWIN, William. *Memoirs...* Op. cit. p. 129.

Eu lhe envio o último volume de 'Héloise', porque, se você não o tiver, você possivelmente desejará tê-lo. Pode-se perceber com esta observação que eu não lhe dou crédito por tanta filosofia quanto ao nosso amigo, e quero além disso lembrá-lo, que quando você me escreve em verso, não escolha o caminho mais fácil, ou seja, minhas perfeições, mas reflita sobre seus próprios sentimentos - isto é, dê-me uma visão panorâmica de seu coração. Não me faça uma escrivadinha 'para escrever', eu humildemente peço - a menos que você honestamente sinta-se enfeitado.

Por essas, eu o julgarei pelo estilo em que os elogios fluem, eu acho que observei que você elogia sem rima ou razão, quando você está quase perdido sobre o que dizer.

[I send you the last volume of 'Héloise', because, if you have it not, you may chance to wish for it. You may perceive by this remark that I do not give you credit for as much philosophy as our friend, and I want besides to remind you, when you write to me in verse, not to choose the easiest task, my perfections, but to dwell on your own feelings – that is to say, give me a bird's-eye view of your heart. Do not make me a desk 'to write upon', I humbly pray – unless you honestly acknowledge yourself bewitched.

Of that I shall judge by the style in which the eulogiums flow, for I think I have observed that you compliment without rhyme or reason, when you are almost at a loss what to say.]<sup>406</sup>

Desde a primeira carta de Wollstonecraft para Godwin percebemos a mudança de tom em relação ao seu intercâmbio com Johnson. Aqui vemos uma Wollstonecraft bem mais segura, direta e enfática sobre seus posicionamentos e anseios. Sua experiência como escritora profissional e como integrante das sociabilidades radicais certamente contribuiu para fortalecer sua posição como pensadora ilustrada, atenuando as distâncias de gênero que, comumente, marcavam os intercâmbios entre homens e mulheres letrados. Ao longo de mais de uma centena de cartas que Wollstonecraft e Godwin trocaram entre 1796 e 1797<sup>407</sup>, percebemos que ela, em nenhum momento, o viu como seu mentor ou guia. O que se nota é um intercâmbio amical, amoroso e intelectual entre dois indivíduos talentosos e sensíveis, que parecem ter se atraído pelas suas qualidades superiores, bem ao estilo do relacionamento ideal proposto pela cultura da sensibilidade.

Em muitas das cartas eles debatem sobre posicionamentos intelectuais, discutem leituras e empreendem críticas mútuas às suas obras e escritos. Em uma carta de julho de 1796, ela afirma que vai lhe enviar o manuscrito de *The Wrongs of Woman* (romance em que

<sup>406</sup> Wollstonecraft to Godwin, 1 July 1796. (TODD, Janet. *The collected letters ...* Op. cit. p. 342.)

<sup>407</sup> Segundo Todd, eles costumavam se corresponder com regularidade, trocando cartas ao menos uma vez por semana. (Ibidem. p. 343.)

estava trabalhando), com as alterações que ele solicitou.<sup>408</sup> Em outra carta, de 11 de agosto de 1796, ela escreve

Won'tee, como diria Fannikin, vem me ver hoje? E eu irei para casa com você para ouvir seus ensaios, você teria chance de ficar acordado. Eu chamei você ontem, no meu caminho para o jantar, não para Mary [refere-se a si mesma] - mas, para trazer Mary [refere-se ao romance *Mary, A Fiction*] - É necessário contar para sua sábia "Filosofonia" que me refiro a mim mesma. [Won'tee, as Fannikin would say, come and see me to day? And I will go home with you to hear your essays, should you chance to be awake. I called on you yesterday, in my way to dinner, not for Mary – but, to bring Mary – Is it necessary to tell your sapient Philosophership that I mean myself.]<sup>409</sup>

Em outro momento é Wollstonecraft quem lê e crítica um ensaio de Godwin:

Queria dizer-lhe que me senti como se eu tivesse feito justiça ao seu ensaio, pois ele me interessava extremamente - e tem corrido na minha cabeça enquanto outras lembranças estão vivas no meu coração - Você é uma criatura terna e atenciosa; mas entre nós, não faça muitas experiências filosóficas, pois quando um filósofo é colocado em sua metáfora, para usar sua própria frase, ninguém conseguirá pará-lo - Você me perguntará sobre o que estou escrevendo – Por que? É como se você estivesse ouvindo meus pensamentos.

[I wanted to tell you that I felt as if I had done justice to your essay, for it interested me extremely – and has been running in my head while other recollections were all alive in my heart- You are a tender considerate creature; but entre nous, do not make too many philosophical experiments, for when a philosopher is put on his meta, to use your own phrase, there is no knowing where he will stop – You will ask me what I am writing about – Why, as if you had been listening to my thoughts.]<sup>410</sup>

Muitas vezes estas trocas intelectuais se desenvolviam no privado, típicas da cultura polida setecentista. Como quando Wollstonecraft combinou com Godwin de que ele lesse suas peças para ela junto à lareira, enquanto usufruíam do melhor chá. Ou quando ela o convidou para que ele lesse suas tragédias para ela depois do jantar.<sup>411</sup>

A correspondência entre os dois também revela aspectos de seu intercâmbio amoroso. As cartas são o principal registro do amor que viveram. Desvelam como o antagonismo inicial foi dando lugar à paixão, à cumplicidade, à admiração e ao carinho mútuo. Entre 1796 e 1797 a relação com Godwin parece ter absorvido Wollstonecraft quase

<sup>408</sup> Wollstonecraft to Godwin, 21 July 1796. (Ibidem. p. 343.)

<sup>409</sup> Wollstonecraft to Godwin, 11 August 1796. (Ibidem. p. 343.)

<sup>410</sup> Wollstonecraft to Godwin, 31 August 1796, 29 August 1796. (Ibidem. p. 355- 356.)

<sup>411</sup> Wollstonecraft to Godwin, 10 September 1796. (Ibidem. p. 357.)

por completo. Ele se tornou, basicamente, seu único correspondente. Como nas suas relações amorosas anteriores, Wollstonecraft se mostrou apaixonada e passional, ansiosa em expressar seus sentimentos. Aparentemente Godwin foi o primeiro a se declarar, por meio de uma carta de amor. Ainda assim, Wollstonecraft parecia se sentir ameaçada pelas outras amigas femininas de Godwin, particularmente pela escritora Elizabeth Inchbald (1753-1821). Em uma carta de 2 de agosto de 1796, ela expõe seus ciúmes acerca do relacionamento de Godwin com Inchbald, a quem ela se refere como *Senhorita Perfeição*:

Suponho que você diga que quer beber chá comigo, um destes dias - Como você pode permitir em seu coração me deixar passar tantas noites sozinha - você pode pedir ferozmente, por que eu não mando para o Sr. Twiss - mas responderei com dignidade - Não; haverá mais dignidade no silêncio. Eu não desejo vê-lo esta noite porque você tem jantado, eu suponho, com a Sra. Perfeição, e a comparação seria odiosa.

[I suppose you mean to drink tea with me, one of these Day – How can you find in your heart to let me pass so many evenings alone – you may saucily ask, why I do not send for Mr. Twiss – but I shall reply with dignity – No; there will be more dignity in silence I did not wish to see you this evening, because you have been dining, I suppose, with Mrs. Perfection and comparison are odious.]<sup>412</sup>

Aparentemente, suas inseguranças iniciais não eram totalmente infundadas. De acordo com Tomalin, pouco antes de se declarar para Mary em julho de 1796, Godwin havia feito propostas enamoradas a Amélia Alderson (depois Opie). Após ser recusado, Godwin escreveu uma carta galante à Wollstonecraft. Parece que ele estava buscando uma companheira, de preferência bela e intelectual, na época em que ambos se reaproximaram devido à interferência de Hays.<sup>413</sup>

Logo os dois se tornaram amantes. Segundo Tomalin, isso foi registrado meticulosamente por Godwin em seu diário. Por essa época ele contava quarenta anos, levava uma vida aparentemente casta, não tendo ainda se relacionado sexualmente com nenhuma de suas amigas letradas. Quanto a Wollstonecraft, já tendo desfrutado de um intercâmbio amoroso e sexual com Imlay, mostrou-se desinibida, curiosa e entusiasmada, o que parece ter assustado Godwin num primeiro momento. Tanto que, depois disso, não se mostrou caloroso como Wollstonecraft parecia esperar.<sup>414</sup> Em resposta ela escreveu uma carta se oferecendo para romper a relação por completo.

<sup>412</sup> Wollstonecraft to Godwin, 02 August 1796. (Ibidem. p. 345.)

<sup>413</sup> TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 253.

<sup>414</sup> Ibidem. p. 254.

Você fala das rosas que crescem profusamente em cada trajeto da vida - eu as apanho; mas encontro apenas espinhos. Eu não serei injusta com o mundo - só posso dizer que você me parece ter agido imprudentemente; e que cheio de seus próprios sentimentos, pouco como eu os compreendo, você esqueceu os meus - eu não estou bem - eu estou ferida - Mas eu não digo que quero machucá-lo. Considere o que passou como uma febre de sua imaginação; um dos triviais abalos mortais aos quais você está sujeito - e eu - voltarei a ser um *Caminhante Solitário*.

[You talk the roses which grow profusely in every path of life – I catch at them; but only encounter the thorns. I would not be unjust for the world – I can only say that you appear to me to have acted injudicious; and that full of your own feelings, little as I comprehend them, you forgot mine – I am not well – I am hurt – But I mean not hurt you. Consider what has past as a fever of your imagination; one of slight mortal shakes to which you are liable – and I – will become again a *Solitary Walker*.]<sup>415</sup>

A resposta de Godwin a esta carta tão rousseauísta figura entre as mais belas que ele endereçou a Wollstonecraft: honesta, mas alentadora, expressando a força de seus sentimentos e explicando de forma franca e delicada os equívocos dela em relação aos sentimentos dele:

Como posso te responder? Em algo coincidimos: prefiro nestes momentos falar-te por escrito que por qualquer outro meio. Envergonhar-me-ia estar cara a cara.

Não sabes quão sincero sou. Posso te jurar que não te disse se não a mais pura e literal verdade quando me referi ao modo que incendiou minha imaginação no sábado. Durante trinta e seis horas não consegui pensar em outra coisa. Desejava indescritivelmente tê-la em meus braços. Por que não fui a ti? Sou um tolo. Temia ainda estar enganando-me a respeito de teus sentimentos, temia estar alimentando minha mente com suposições sem fundamento. Resolvi apostar que a história alcançaria por si mesma seu desenlace. Não me dei conta de que o fervor da minha imaginação estava me consumindo. Contudo, entendo, este não é um caso extraordinário.

(...) Conheço a fragilidade de seus sentimentos, e talvez não exista nada no mundo que me produziria arrependimento mais agudo que contribuir para tua infelicidade.

Não me odeie, porque é verdade que não mereço. Não me rechace. Não volte a ser um “caminhante solitário”. Seja justa comigo; e então, ainda que descubra em mim muitas coisas censuráveis e estúpidas, estou convencido de que uma mulher de seu entendimento continuará considerando-me com relativo afeto.

Parando para pensar, encontrei em ti um defeito, mas só um. Teus sentimentos se guiam por instintos naturais, e tens honestidade em reconhecê-lo. Mas não debes deixar que te escravizem. Estima todas as coisas em seu justo valor. É magnífico que sejamos amigos em todos os sentidos da palavra(...) Serei teu amigo, o amigo de sua inteligência, o admirador de suas excelências.(...)

---

<sup>415</sup> Wollstonecraft to Godwin, 17 August 1796. (TODD, Janet. *The collected letters ...* Op. cit. p. 349.)



[Cómo te podre responder? Em algo coincidimos: prefiero em estos momentos hablarte por escrito que por cualquier outro médio. Me daria mucha verguenza cara a cara.

No sabes lo sincero que soy. Te puedo jurar que no te dije sino la pura y literal verdad cuando te referi el modo en que encendiste mi imaginación el sábado. Durante treinta y seis horas no pude pensar em outra cosa. Anhelaba indescriptiblemente tenerte em mis brazos. Por qué no fui a ti? Soy um necio. Temía aún estar engañándome a mi mesmo respecto a tus sentimientos, temía estar alimentando mi mente com suposiciones sin fundamento. Me resolví a soportar que la historia alcanzara por sí sola su desenlace. No me daba cuenta de que el fervor de mi imaginación se estaba consumiendo. Con todo, entiendo, este no es um caso extraordinario.

(...) Conozco la fragilidad de tus sentimientos, y tal vez no exista nada en el mundo que no produjera más agudo remordimiento que el contribuir a tu infelicidad.

No me odies, pues en verdade que no ló merezco. No me rechaces. No vuelvas a ser um “caminante solitário”. Sé justa conmigo; y entonces, aunque descubrirás en mí muchas cosas censurables y estúpidas, estoy convencido de que una mujer de tu entendimiento seguirá considerándome com relativo afecto.

Parándome a pensar, he encontrado en ti un defecto, pero solo uno. Tus sentimientos se guían por instintos naturales, y tienes la honestidad de reconocerlo. Pero no debes dejar te esclavicen. (...) Es magnífico que seamos amigos em todos lós sentidos de la palabra, pero entretanto seamos simplemente amigos.(...)<sup>416</sup>

Como esperado, Wollstonecraft respondeu-lhe positivamente. Mas não deixou de se defender das suas críticas, apontando que suas inseguranças se deviam, em grande parte, ao tratamento diferenciado destinado às mulheres no que se refere à educação dos sentimentos:

Eu gostei de sua última - posso chamá-la carta de amor? Melhor do que a primeira - e eu posso então lhe dar uma prova da minha grande estima contando para você, o estilo da minha carta será ou não, o que acalmou a minha mente - uma mente que tinha estado dolorosamente ativa toda a manhã, assombrada por velhas angústias que pareciam avançar com nova força para aguçar as tristezas presentes - Bem! Bem - está quase desaparecido - eu quero dizer todos os meus medos irracionais - e todo um séquito de atormentadores, que você tinha encaminhado - eu mal posso descrever para você suas formas feias tão rapidamente eles desaparecem - e deixá-los ir, não vamos trazê-los de volta falando neles. Você pode me ver quando quiser. Tomarei esta carta, pouco antes da hora do jantar, para pedir-lhe que venha jantar comigo, e Fanny(...) Eu não posso te odiar - eu não acho que você merece. Não, eu não posso reter minha amizade por você, e tentarei merecer a sua, a necessidade pode ligar você a mim.

Uma palavra sobre a minha única falha - a nossa imaginação tem sido diferentemente empregada(...) Eu gosto de dizer a verdade, o meu gosto para o pitoresco tem sido mais cultivado - Gosto de ver as grandes cenas da natureza e as várias mudanças da atitude humana - Quão belas elas são

<sup>416</sup> Letters of Godwin to Mary Wollstonecraft pp. 16-17, carta 13. Editadas por Ralph Wardle (1967). Apud. TOMALIN, Claire. Op. cit. p. 255-256.

animadas pela inteligência ou simpatia - Meus afetos têm sido mais exercitados que os seus, creio, e meus sentidos são rápidos, sem o auxílio de fantasia - ainda que a ternura sempre prevaleça, o que me leva a ficar zangada comigo mesma quando eu não dou ânimo e nem agradeço aqueles que eu amo.

[I like your last – may I call It Love letter? Better than the first – and can I give you a higher proof of my steem than to tell you, the style of my letter will whether I will or no, that is has calmed my mind – a mind that had been painfully active all the morning, haunted by old sorrows that seemed to come forward with new force to sharpen the present anguish – Well! Well – it is almost gone – I mean all my unreasonable fears – and a whole train of tormenters, which you have routed – I can scarcely describe to you their ugly shapes so quickly do they vanish – and let them go, we will not bring them back by talking of them. You may see me when you please. I shall take this letter, just before dinner time, to ask you to come and dine with me, and Fanny(...) Should you be engaged come in the evening. Miss H\_\_\_ seldom stays late, never to supper –or tomorrow – as you wish – I shall be content – you say you want soothing – will it sooth you to tell you the truth? I cannot hate you – I do not think you deserve it. Nay, more I cannot withhold my friendship from you, and will try to merit yours, the necessity may bind you to me.

One word of my ONLY fault – our imagination have been rather differently employed – I am more of a painter than you – I like to tell the truth, my taste for the picturesque has been more cultivated – I delight to view the grand scenes of nature and the various changes of the human countenance – Beautiful as they are animated by intelligence or sympathy – My affections have been more exercised than yours, I believe, and my senses are quick, without the aid, of fancy – yet tenderness always prevails, which inclines me to be angry with myself when I do not animate and please those I (love).]<sup>417</sup>

Enfim, Wollstonecraft encontrara um companheiro disposto a viver com ela uma relação intensa e elevada, disposto a ser seu amigo, amado e amante. Ao longo dos próximos meses, conforme se aprofundou a intimidade entre os dois, suas cartas foram se tornando cada vez mais afetuosas e apaixonadas.<sup>418</sup> Ainda assim, percebe-se o quão difícil foi para ela deixar para trás suas inseguranças emocionais. Expressa-se aqui, talvez, uma das principais tensões que Wollstonecraft e outras mulheres letradas setecentistas enfrentaram. Como outros pensadores de sua época, estas mulheres notáveis buscaram racionalizar e objetivar o mundo a sua volta e a si mesmas. Mas, problematizar e explicar sua condição, seus sentimentos e anseios, não as poupou de senti-los e de vivê-los. Para elas, provavelmente mais que para seus companheiros homens, ultrapassar os limites existentes entre a experiência vivida e a reflexão

<sup>417</sup> Wollstonecraft to Godwin, 17 August 1796. (WOLLSTONECRAFT, Mary. *The collected letters ...* Op. cit. p. 349.)

<sup>418</sup> Ainda assim, é possível perceber que Wollstonecraft, muitas vezes, sentia-se insegurança quanto ao relacionamento com Godwin. Depois das frustrações vividas com as amigas Jane Arden e Fanny, e posteriormente com Fuseli e Imlay, Wollstonecraft parece ter demorado em acreditar que enfim encontrara um companheiro ideal, capaz de corresponder aos seus sentimentos de forma irrestrita.

exigia enorme esforço, pois se vinculava à constante transcendência de sua condição de gênero. A concepção de sujeito universal masculino que vigorava fortemente no contexto da ilustração exigia que elas ressignificassem, incansavelmente, tanto a experiência vivida quanto o ideal de existência almejado, de modo a sobrepor feminilidade e humanidade.

Mary Robinson também se inseriu nos meios radicais, mas mais tardiamente que Wollstonecraft e Hays. Assim como elas, integrou as experiências de sociabilidade mista que se delineavam nestes espaços e também se tornou amiga de William Godwin. Como não poderia deixar de ser, logo que passaram a frequentar os mesmos meios, estas duas personalidades notáveis atraíram-se mutuamente.

Robinson viveu a maior parte de sua vida em Londres, mas só se aproximou do grupo de radicais londrinos tardiamente. Sua relação de amizade com Godwin, em especial, apesar de se iniciar em 1796, só se aprofundou na virada do século. Até o final da década de 1780, quando efetivamente se inseriu no mercado literário londrino, Robinson vivera entre os meios aristocráticos e teatrais. Essa reorientação em sua vida se fez necessária quando ela enfrentou dificuldades para seguir no ofício de atriz depois do acidente que a deixara parcialmente paralisada em 1783. Ainda assim, é possível afirmar que Robinson buscou, durante os primeiros anos, conciliar estes dois mundos distintos, vivendo cindida entre os meios aristocráticos e o universo letrado das classes médias.

Com o advento da Revolução Francesa e de suas promessas de reformas profundas, em conjunto com a perda progressiva de sua posição de destaque nas altas rodas londrinas, Robinson se inseriu de forma mais afirmativa nos meios radicais. Além de ler e citar obras radicais, como *A Vindication of the Rights Of Woman*, Robinson também acabou se aproximando dos escritores e escritoras. A partir de 1796 ela entabulou relações e amizades com alguns dos radicais mais eminentes do movimento, incluindo Mary Wollstonecraft, Mary Hays, Samuel Taylor Coleridge e William Godwin. É possível perceber esse movimento também na sua produção escrita. Ao longo dos romances e poesias que produziu durante a década de 1790 constata-se que o seu comprometimento com a agenda radical se acentuou progressivamente.

Sua primeira aproximação nestes meios se deu a partir de Godwin. Crente de que o intercâmbio com mulheres de gênio poderia ser enriquecedor, Godwin mostrou enorme deleite ao ser apresentado por um conhecido em comum a quem considerava uma das mulheres mais talentosas e encantadoras da época, a “célebre Mrs. Robinson”. Godwin, um metódico escritor de diários, deixou registradas estas primeiras aproximações em 1796: em fevereiro se encontraram para jantar cinco vezes, além dos encontros para tomar chá e

algumas idas ao teatro. Tais reuniões incluíam comumente Tarlenton, companheiro de Robinson, além de alguns conhecidos em comum. Em março Godwin viu Mary e sua filha Maria Elizabeth no *Drury Lane*, por ocasião da dramatização de seu romance *Caleb Williams*. Neste mesmo mês ele terminou sua leitura minuciosa de *Angelina*. No verão ele organizou um sarau, possibilitando que Robinson conhecesse outras duas de suas amigas letradas: Wollstonecraft e Inchbald. Posteriormente Wollstonecraft propiciou a aproximação entre Robinson e sua pupila e amiga Mary Hays.

Infelizmente Robinson nos legou somente uma ínfima parte do registro epistolar de suas amizades radicais. Os editores contemporâneos de suas obras completas organizaram uma coletânea de sua correspondência, que reúne ao todo 35 cartas. Sabemos que a escrita epistolar foi extremamente cultivada no *Século das Luzes*, tanto que não é incomum encontrarmos extensas coletâneas de cartas de contemporâneos e amigos de Robinson, incluindo Mary Wollstonecraft e Mary Hays. De acordo com Davenport, responsável pela edição das cartas de Robinson, presume-se que esta estabeleceu ampla correspondência ao longo de sua vida, mas que se mostrou negligente ao preservar seus escritos privados.<sup>419</sup> Das cartas endereçadas aos seus amigos radicais restaram somente quatro cartas endereçadas a Godwin e uma a Coleridge. Estas foram escritas poucos meses antes de sua morte, em dezembro de 1800.

Neste período Robinson já não vivia mais em Londres. Depois de seu rompimento com Tarlenton em 1797 e da deterioração de sua saúde, ela se mudou para um pequeno chalé no campo, em uma região próxima a Windsor. Aproximou-se, nesse tempo, ainda mais de seus companheiros letrados, criando ao redor de si um pequeno, mas brilhante, círculo de amizades literárias. Correspondeu-se então com escritoras como Jane Porter e Elizabeth Cunning, os poetas Samuel Jackson Pratt e Samuel Taylor Coleridge, e seu amigo radical, William Godwin. Juntos, ela e Godwin produziram um conjunto de cartas intensas e apaixonadas. Conhecidos pela sua extrema franqueza, eles testaram os limites de sua amizade nestes meses finais da vida de Robinson. Nestas cartas não houve espaço para as máscaras da polidez, somente para a máxima sinceridade enquanto debatiam suas diferenças.

Na primeira carta, datada de 30 de maio de 1800, Robinson entra em contato com Godwin pedindo auxílio financeiro. Mais uma vez ela estava sendo pressionada pelos seus credores, tendo que recorrer às suas amizades literárias depois que seus tradicionais mantenedores da aristocracia não responderam mais aos seus apelos. Aparentemente Godwin

---

<sup>419</sup> DAVENPORT, Hester. *The Works of Mary Robinson. Vol. 7*. London: Pickering & Chatto Ltd, 2010. p. 25. (Letters)

a ajudou, mas pediu uma garantia pelo empréstimo, pois se tratava de uma soma vultosa. Robinson não reagiu bem, insinuando que essa atitude (possivelmente ela se referisse a sua “falta de confiança”) teria consequências. Segundo Byrne, Godwin replicou com uma nova carta, acusando-a de caprichosa.<sup>420</sup> Embora afligida por uma “excruciante dor de cabeça”, ela revidou com uma longa carta para seu “querido Filósofo”, escrita no “calor dos sentimentos” que “evidenciava a linguagem” do seu “coração”. Ela começou relembrando a alegria de seu primeiro encontro com ele há quatro anos:

Eu conheci você como um preceptor da mente, e eu nunca esperava encontrar em você, um companheiro de alma. Qual foi a minha surpresa quando eu percebi em você mil qualidades amáveis! E quanto tenho admirado, desde o período de nossa primeira entrevista, o progresso do bom sentimento que tem distinguido e iluminado sua jornada doméstica. Eu o tenho, de tempos em tempos, visto a partir de novos pontos de vista. Eu me perguntei - perdoe a expressão, sobre a sua sensibilidade! Por que eu me perguntava? Porque sua vida tem sido uma vida de ocupação mental, - de estudo isolado. - Você tem, no próprio cerne da reflexão, acariciado a morna e graciosa fonte do sentimento e da emoção: você tem ternura, mesmo nos caminhos espinhosos do trabalho intelectual(...) Tudo isso eu reconheço, mas tenho temido mais do que esperava, tenho permitido que uma Ideia se enraíze minha imaginação, a de que a fina textura da tolerância, (pois eu não pensei uma vez em Estima), seja sustentada por um fio tão fraco, que cada respiração tenha o poder de destruí-la. Observei, em sociedades mistas, que você parecia sentir prazer, humilhando minha vaidade: - porque sou vaidosa - não sou sem ambição... uma vez esperei, uma distinta adoração dos talentos superiores. Você ama a Sinceridade, meu querido Filósofo, no entanto não fica satisfeito quando, mesmo com ressentimento feminino, me atrevi à Sinceridade! Você não desprezaria um servo, adulator / Hipócrita?

[I met you as a tutor of the mind, and I never expected to find you, an associate of the soul. What was my surprise when I be held in you a thousand amiable qualities! And how much I have I admired, since the period of our first interview, the progress of fine feeling which has distinguished and illumined your domestic journey. I have, from time to time, seen you in new points of view. I have wondered – pardon the expression, at your sensibility! Why have I wondered? Because your life has been a life of mental occupation, - of secluded study. – You have, in the very bosom of meditation, cherished the warm and graceful off spring of sentiment and feeling: you have sweets, even in the thorny paths of intellectual labour;(...) All this I acknowledge, yet have feared more than I have hoped, I have permitted an Idea root in my imagination, and that the thin texture of toleration, (for I did not once think of Esteem), was sustained by a thread so feeble, that every breath had power to destroy it. I observed, in mixed societies, that you appeared to feel pleasure, in humbling my vanity: - for I am vain – I am not without ambition, growing out of a rooted, and I once hoped, a distinguished adoration of Superior talents. You love Sincerity, my dear Philosopher, and yet you are not pleased when, even in

---

<sup>420</sup> BYRNE, Paula. Op. cit. p. 379.

womanish resentment, I have dared to Sincere! Would you not despise a servile, fawning/ Hipocrite?<sup>421</sup>

Nesta carta, Robinson testa os limites do ideal de sinceridade apregoado por Godwin, que parece ter seus limites quando se trata da exposição de “caprichos” femininos, ou vaidades consideradas impróprias às mulheres. Interessante notar ainda, os limites da franqueza da própria Robinson, que se desvela sem reservas para Godwin, seu amigo íntimo, mas não o faz nas suas *Memoirs*, destinada a um público mais amplo. É visível o contraste entre a representação cuidadosamente construída de si nas *Memoirs*, e como explora e sonda seu caráter e seu passado sem reservas nas cartas.

Godwin parece ter lhe respondido com uma missiva igualmente honesta e exasperada, criticando-a por seu espírito inconstante. Em uma nova carta, de 28 de agosto, ela se defende:

Assim, prefaciando sua opinião, você me acusa de "inconstância na Amizade", de "alternar entre bondade e indiferença!" Quão injustas, quão severas são suas /censuras! Em primeiro lugar, você nunca me honrou tão longe, a ponto de professar uma Amizade para mim: você embelezou o meu pequeno círculo de associados, com sua presença, mas eu não considero todos os conhecidos como amigos. Nunca, até que o último evento desagradável se deu, não interpretei sua visita, ou sua carta anterior, a qualquer sentimento além do da Filantropia universal. Minha última carta foi escrita com grande pressa e no calor de sentimentos que talvez me traíram, numa expressão obscura: não me lembro de uma única linha que continha; mas estou certa de que o seu sentido geral indicava a linguagem do meu coração. E repito novamente, que não consigo dissimular. Eu sempre estive disposta a falar meus sentimentos, muito livremente. O que eu não gosto, eu condeno: - o que eu amo, eu idolatro.

[Thus prefacing your opinion, you accuse me of “inconstancy in Friendship;” of “alternative kindness and indifference!” How unjust, how severe are your reproaches! In the first place, you never honored me so far, as to profess a Friendship for me: you sometimes embellished my small circle of society, by your presence, but I do not consider every acquaintance as a Friend. Never, until a late unpleasant event took place, did not interpret your visit, or your previous letter, to any sentiment beyond that of universal Philanthropy. My last letter was written in great haste, and in the warmth of feelings which perhaps betrayed me, into an obscurity of Expression: I do not remember a single line it contained; but I am certain, that its general tenour bespoke the language of my heart. I again repeat, that I cannot dissemble. I have ever been disposed to speak my Sentiments, too freely. What I dislike, I condemn: - what I love, I idolize.]<sup>422</sup>

<sup>421</sup> Robinson to Godwin, 24 August 1800. (DAVENPORT, Hester. Op. cit. p. 315.)

<sup>422</sup> Robinson to Godwin, 28 August 1800. (DAVENPORT, Hester. Op. cit. p. 319.)

Robinson também sugere que Godwin foi hipócrita ao criticar sua “inconstância”, tendo em vista tê-la negligenciado depois de seu casamento com Wollstonecraft. Depois de tantas reprimendas, ela termina a carta convidando Godwin para visitá-la em sua casa de campo, como se ela confiasse que a amizade entre ambos estivesse acima de tais diferenças. Godwin confirma sua impressão ao visitá-la alguns dias depois para fazer as pazes.<sup>423</sup>

As amigadas epistolares setecentistas afirmavam-se a partir do compromisso de escrever de forma franca e frequente. Por isso era comum que se exigisse constância na correspondência, interrogando-se o amigo ou a amiga sobre a solidez dos vínculos formados. No que se refere à efusão, à sensibilidade e às declarações afetivas, remetem-se a um tipo de intercâmbio íntimo, romântico, voluntariamente avesso ao mundo exterior, à publicidade dos afetos. O sentimento de possessão, os ciúmes, por vezes a demanda por exclusividade - tão comuns nas amigadas à inglesa – representam marcas de um ideal de sensibilidade em que o amor e a amizade eram indissociáveis. Por isso o sentimento de ciúme conformou igualmente as relações de Godwin com Mary Wollstonecraft, sua companheira e amante, e com Mary Robinson, sua amiga, que chegou a pensar em Godwin como seu “companheiro de alma”.

Como as amigadas apaixonadas da adolescência de Wollstonecraft revelam, esse tipo de intercâmbio sensível e intenso não se restringia às amigadas mistas. Também podia fundamentar amigadas femininas. Sabemos que a relação de Wollstonecraft e Mary Hays se aprofundou ao longo da década de 1790, transformando-se numa relação de amizade, de companheirismo e de tutela intelectual. Sabemos também que, em momentos difíceis - de desilusão amorosa, de perseguições políticas, de frustração frente aos limites às liberdades femininas - uma deu apoio à outra. Estes intercâmbios ficaram registrados nas cartas que trocaram entre 1792 e 1797 (ano em que Wollstonecraft morreu). Segundo Waters, esta correspondência apresenta pela primeira vez, na história das cartas inglesas, a relação entre duas escritoras de ofício traçada de forma tão clara.<sup>424</sup>

---

<sup>423</sup> Robinson to Godwin, 02 September 1800. (Ibidem. p. 323.)

<sup>424</sup> WATERS, Mary. A. “The First a New Genus”: Mary Wollstonecraft as a Literary Critic and Mentor to Mary Hays. *Eighteenth-Century Studies*, Vol. 37, No. 3, Critical Networks (Spring, 2004), p. 417.

### 3.5 Mary Wollstonecraft, Mary Hays e seus laços de amizade

Ao se iniciar a leitura da correspondência entabulada entre Wollstonecraft e Hays rapidamente percebe-se que a relação entre as duas não seguiu o mesmo padrão das amizades femininas de Wollstonecraft na adolescência. Desta vez, não foi ela a iniciar a relação. A escritora ilustre e pensadora competente já não mais ansiava por alguém que a auxiliasse no seu processo de aprimoramento. Diferente de Hays, que depois de anos de tutela intelectual com homens generosos, buscava afirmar-se como autora no mercado literário londrino. Momento propício para ela se aproximar da mulher de letras mais ilustre da década de 1790.

Também atraíram Hays as visões progressistas de Wollstonecraft a respeito da condição feminina. Foi depois de ter lido *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) que ela decidiu escrever a primeira carta à Wollstonecraft, parabenizando-a por sua coragem em trazer a público a negligenciada questão dos *direitos naturais da mulher*. Requisitou ainda um encontro com Wollstonecraft, intrigada em aprender mais sobre a autora que se anunciava como uma crítica às convenções sociais que limitavam a existência plena das mulheres. Possivelmente, já nesta época começou a considerar se e como, Wollstonecraft poderia auxiliá-la em suas ambições letradas.

Mesmo assoberbada com seus compromissos profissionais e *affairs*, Wollstonecraft aceitou encontrar Hays, primeiro em St. Paul's Churchyard, na editora de Joseph Johnson, e depois em sua própria residência em Londres. Quando elas se encontraram, Hays imediatamente reconheceu Wollstonecraft como um gênio, uma pessoa única entre milhões de outras. Ela descreveu os sentimentos que Wollstonecraft lhe provocou com sua presença:

Fiquei extremamente satisfeita com esta entrevista. Esta senhora me parece possuir o tipo de gênio que Lavatter diz haver em um em cada dez milhões. Sua conversa, como seus escritos, é brilhante, enérgica, instrutiva e divertida. Ela é a verdadeira discípula de seu próprio sistema, e impõe de uma só vez temor e reverência, admiração e estima.

[I was extremely gratified by this interview. This lady appears to me to possess the sort of genius which Lavatter calls the one to ten million. Her conversation, like her writings, is brilliant, forcible, instructive and entertaining. She is the true disciple of her own system, and commands at once fear and reverence, admiration and esteem.]<sup>425</sup>

---

<sup>425</sup> Segundo Brooks, essa descrição consta originalmente num dos diários de Mary Hays. (BROOKS, Marilyn L. Op. cit. p. 298.) (Writers' correspondence 1792-1826)



Esta impressão coincidia com a apresentação que Wollstonecraft fazia de si mesma, como ferozmente independente, autoconfiante de sua autoridade pública e experiente como escritora de ofício. Assim, a dinâmica da relação entre as duas estava estabelecida: Wollstonecraft como mentora, precursora na posição de guia de outra escritora no mercado literário, e Hays como uma devota e ávida aprendiz.

Nessa época, Wollstonecraft preparava-se para se mudar para Paris. Hays pediu a ela que lesse e criticasse *Cursory Remarks* antes de deixar Londres. Aparentemente as críticas suaves de Worrington ao manuscrito de *Cursory Remarks* continuavam rondando sua mente. A leitura crítica de Wollstonecraft contrastou largamente com a dele. Depois de ler *Cursory Remarks*, enviou a Hays uma nota curta, dando-lhe uma lição sobre as marcas de gênero que tornavam seu texto exageradamente feminino, inadequado para o debate racional.

Cara Senhora,

Eu somente passei meus olhos sobre o seu pequeno panfleto sensível, e encontrei poucos dos superlativos, requintados, fascinantes, etc, todos do gênero feminino, do que eu esperava. Alguns dos sentimentos, é verdade, são expressados um tanto obviamente; mas se continuar a escrever, imperceptivelmente corrigirá esta falha e aprenderá a pensar com mais clareza e, conseqüentemente, evitará os erros produzidos naturalmente pela confusão do pensamento. Como você deseja que suas provas retornem rapidamente, eu acho que é melhor você pedir ao menino da impressora para trazê-las para mim e esperar por elas, pois vou enviá-las imediatamente, a menos que eu esteja particularmente ocupada. Vou usar um lápis para que você possa adotar ou apagar minhas correções sem muita dificuldade. Não esquecerei sua mensagem ao Sr. Johnson e permaneço sinceramente sua

Mary Wollstonecraft

[Dear Madam,

I have just cast my eye over your sensible little pamphlet, and found fewer of the superlatives, exquisite, fascinating, etc, all of the feminine gender, than I expected. Some of the sentiments, it is true, are rather obviously expressed; but if you continue to write you will imperceptibly correct this fault and learn to think with more clearness, and consequently avoid the errors naturally produced by confusion of thought.

As you wish to have your proofs quickly returned, I should think that you had better desire the printer's boy to bring them to me and wait for them, for I will send them immediately, unless I should happen to be particularly engaged. I shall use a pencil so you may adopt or erase my corrections without much trouble.

I shall not forget your message to Mr. Johnson and remain yours sincerely  
Mary Wollstonecraft]<sup>426</sup>

Suas críticas ao estilo de escrita de Hays demonstram que Wollstonecraft se recusou a usar da cortesia com ela, diferenciando-se de Warrington e de alguns outros antigos tutores.

<sup>426</sup> Wollstonecraft to Hays, late 1792. (TODD, Janet. *The collected letters ...* Op. cit. p. 211.)

Afinal, assim como a própria Hays, ela ocupava a posição anômala de uma mulher autora na *República das Letras*, já tendo percebido as tensões de gênero que marcavam esta posição de interlocução.

Hays parece ter reagido positivamente às observações de Wollstonecraft, pois depois disso ela lhe enviou o manuscrito de *Letters and Essays*, pedindo que lesse seu trabalho e o apresentasse para Johnson, para possível publicação. Wollstonecraft respondeu-lhe com uma missiva extremamente franca e crítica quanto aos “defeitos” de seu estilo de escrita:

Cara Senhora,

Eu mencionei o seu pedido ao Sr. Johnson ontem e ele concordou que a página de rosto pode ser enviada para ele - Eu, portanto, não posso dizer mais nada, pois banalidades desse tipo eu costumo deixar para ele decidir; e, você deve estar ciente, senhora, que a honra de publicar, a frase na qual você colocou a tônica, é o canto de ambos o comércio de trocas e do sexo: se a verdadeira igualdade algum dia tomasse lugar na sociedade em que o homem que está empregado e desse somente o equivalente justo ao dinheiro que ele recebe, este não se comportaria com a obsequiosidade servil de um servo. Agora vou tratá-la com ainda maior franqueza - eu não aprovo o seu prefácio - e vou dizer a você por que. - As desvantagens da educação nunca devem, em minha opinião, ser invocadas (junto ao público) como desculpa para defeitos de qualquer importância, porque se o escritor não tem suficiente força de espírito para superar as dificuldades comuns que se encontram em seu caminho, a natureza parece comandar, com uma voz muito audível, que deixe a tarefa de instruir os outros àqueles que são capazes. Esse tipo de vã humildade me desagradou - e devo dizer a um autor que humildemente pediu tolerância, se você não tem uma opinião razoavelmente boa de sua própria produção, por que torná-la pública? Oponho-me particularmente ao último parágrafo, é tão cheio de vanglórias, seus amigos masculinos ainda vão tratá-la como uma mulher - e muitos homens, por exemplo, o Dr. Johnson, Lord Littelton, e até mesmo o Dr. Priestley, têm sido levados insensivelmente a expressar elogios calorosos em privado, que eles lamentariam admitir abertamente sem arrefecer e explicar as condições da explanação. Um autor, especialmente uma mulher, deve ser cauteloso a fim de não absorver apressadamente elogios grosseiros que amigos parciais e polidos concedem irrefletidamente quando são suplicantemente procurados. Em suma, requer uma grande resolução buscar ser útil ao invés de agradar.

[Dear Madam,

I yesterday mentioned to Mr. Johnson your request and he assented desiring that the title page might be sent to him - I can therefore say nothing more, for trifles of this kind I have always left to him to settle; and, you must aware, Madam, that the *honour* of publishing, the phrase on which you have laid a stress, is the cant of both trade and sex: for if really equality should ever take place in society the man who is employed and gives a just equivalent for the money he receives will not behave with the servile obsequiousness of a servant.

I am now going to treat you with still greater frankness - I do not approve of your preface - and I will tell you why.(...) - Disadvantages of education & ought, in my opinion, never to be pleaded (with the public) in excuse for defects of any importance, because if the writer has not sufficient strength of mind to overcome the common difficulties which lie in his way, nature

seems to command him, with a very audible voice, to leave the task of instructing others to those who can. This kind of vain humility has ever disgusted me – and I should say to an author, who humbly sued for forbearance, ‘if you have not a tolerably good opinion of your own production, why intrude it on the public?(...)

The last paragraph I particularly object to, it is so full of vanity, your male friends will still treat you like a woman – and many a man, for instance Dr. Johnson, Lord Littelton, and even Dr. Priestley, have insensibly been led to utter warm elogiums in private that they would be sorry openly to avow without some cooling explanatory ifs. An author, especially a woman, should be cautious lest she too hastily swallows the crude praises which partial friend and polite acquaintance bestow thoughtlessly when the supplicating eye looks for them. In short, it requires great resolution to try rather to be useful than to please.<sup>427</sup>

Nesta carta Wollstonecraft aconselha Hays não a respeito do conteúdo de seu texto, mas sobre como ela deveria se apresentar como autora na esfera pública literária. Com algumas críticas bruscas e ácidas ao prefácio de *Letters and Essays*, ela encoraja Hays a eliminar os apelos aos leitores indulgentes e a parar de reiterar os elogios que o seu manuscrito recebera ao circular em grupos mais privados. Como já colocado, este tipo de apologia e elogios exagerados eram comuns, até convencionais, na época. As autoras mulheres podiam, por tais meios, preservar uma aparência de modéstia enquanto audaciosamente lançavam seus escritos no mercado literário. Wollstonecraft preparava Hays para ser ainda mais audaciosa, para ocupar uma posição no debate público ilustrado e sem favores.

A maior parte das escritoras mulheres endereçava suas obras ao público feminino, como Wollstonecraft o fizera nas suas primeiras obras. No entanto, desde que começara a atuar no periódico *Analytical Review*, publicando resenhas de autoria anônima, Wollstonecraft transgredira este locus de produção literária, aprendendo a se apresentar de forma crível em um discurso masculino endereçado a um público leitor mais amplo. Essa experiência é que fundamentava seus conselhos para Hays.

Ao se referir à autoria Wollstonecraft usou o pronome masculino, destacando a suposição de que o autor comum, especialmente os dedicados à prosa, eram do gênero masculino. Nesse sentido, Wollstonecraft dava a entender que, se Hays buscava credibilidade com um livro controverso, identificando-se publicamente como uma autora, era especialmente importante apresentar o trabalho como provido de méritos próprios. Enfim, ao criticar a autopromoção de Hays e seus elogios lisonjeiros aos homens eruditos, Wollstonecraft

---

<sup>427</sup> Wollstonecraft to Hays, November 1792. (Ibidem. p. 209-210.)

assinalava que uma escritora de ofício não deveria se comportar como uma serva esperando favores de seus mestres.

Durante o período em que Wollstonecraft viveu na França, entre meados de 1792 e início de 1795, as duas amigas se afastaram. Quando Wollstonecraft retornou a Londres, em abril de 1795, elas reativaram sua correspondência. Neste contexto, Wollstonecraft enfrentava um momento delicado, buscando se recompor depois de ter sido abandonada por Imlay e ter sobrevivido a sua segunda tentativa de suicídio.<sup>428</sup> Diante deste novo quadro, as duas acabaram se tornando mais próximas e íntimas. Compartilharam suas experiências de fracasso amoroso, Hays com Friend e Wollstonecraft com Imlay. Segundo Walker, Hays se sentiu especialmente cativada pelas narrativas de Wollstonecraft acerca de sua realização sexual, traição e maternidade.<sup>429</sup> Logo o equilíbrio entre as duas se deslocou, com Hays passando a confortar Wollstonecraft, dando-lhe apoio num momento de intensa fragilidade emocional.

Ou seja, entre a experiente Wollstonecraft e ávida Hays não se desenvolveu uma amizade pautada na paixão ou na busca por um companheiro sensível e sincero. Tanto Wollstonecraft quanto Hays vinham projetando seus anseios amorosos em companheiros radicais, com os quais ansiavam estabelecer uma relação ideal, pautada na amizade e no amor. O que as aproximou foram suas demandas intelectuais, suas experiências – de limitação, frustração e superação - como escritoras de ofício. Num primeiro momento mantiveram a relação dentro do padrão hierárquico que costuma fundamentar a relação entre mentor(a) e aprendiz. Depois, quando suas vidas foram cada vez mais tensionadas pelos limites que a sociedade setecentista impunha às mulheres, particularmente às suas liberdades e ambições letradas, elas compartilharam suas frustrações e desesperanças, apoiando-se mutuamente, igualando-se na sua condição de mulheres anômalas.

Ao espreitar a correspondência destas três mulheres ilustradas percebemos que todas eram muito ambiciosas. Mesmo com as fortes tensões de gênero que enfrentaram para satisfazer seus anseios e desejos elas não renunciavam a nada: desejavam o amor e a amizade, o apoio e a independência, a admiração íntima e o reconhecimento público, a satisfação do corpo e também do espírito. Na busca por se realizarem integralmente, engendraram práticas e contaram histórias, demonstrando que uma existência plena poderia, sim, estar ao alcance das mulheres.

---

<sup>428</sup> MIRANDA, A. R. *Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759- 1797/ Anadir dos Reis Miranda.* – Curitiba, 2010. p. 98

<sup>429</sup> WALKER, Gina Luria. *Mary Hays (1759-1843)...* Op. cit. p. 124.

#### 4 OS ROMANCES RADICAIS DE AUTORIA FEMININA E A POLITIZAÇÃO DO PRIVADO

Ao escrever *Vindication of the Rights of Woman* Mary Wollstonecraft buscou o diálogo com o público culto das classes médias. Primeiro porque endereçou sua obra às mulheres desta classe, por considerar que estariam num “estado mais natural”, ou seja, Wollstonecraft via nas mulheres de sua própria classe exemplos de virtudes e de esclarecimento do que entre as luxuriosas e superficiais damas da aristocracia, por isso, capazes de apreciar suas argumentações de cunho filosófico e político. Também buscou o diálogo com os homens “sensatos” e “racionais”. De modo a explicitar sua inserção no debate público ilustrado, ela apontou que *Vindication* era um “tratado”, deixando claro que falava da posição de “filósofa”.

O título do tratado de Hays, *Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Women*, não deixa dúvidas a respeito do público almejado. Assim como sua mentora, Hays entendia que não se transformaria as condições de vida das mulheres sem a concordância dos homens, que até aquele momento dominavam as instituições e os espaços de saber e poder. Já em seu primeiro tratado, *Letters and Essays, Moral and Micellaneous*, Hays priorizou o intercâmbio com as instruídas mulheres *não-conformistas*. Buscando estabelecer suas credenciais como pensadora dissidente e radical, ela deliberadamente citou obras que a identificavam como tal, evidenciando ainda sua adesão aos ideais de tolerância religiosa, separação entre Igreja e Estado, além do direito ao julgamento privado.<sup>430</sup>

Robinson também endereçou seu tratado particularmente às mulheres, como o título permite entrever: *A Letter to the Women of England, on the Injustice of Mental Subordination*. Mas seu apelo foi, principalmente, para as mulheres esclarecidas: “Devo lembrar às mulheres esclarecidas deste país que não são meros apêndices da vida doméstica, mas as parceiras, associadas iguais aos homens”.<sup>431</sup> Como suas antecessoras ela buscou estabelecer sua autoridade e seu direito em participar da esfera de debate público. O caminho escolhido foi inserir-se na tradição de “mulheres notáveis” (*women worthies*), que participavam dos debates e saberes eruditos.

Apesar de, por meio de seus tratados, buscarem o diálogo principalmente com o público culto das classes médias, Wollstonecraft, Hays e Robinson tinham consciência que

<sup>430</sup> WALKER, G. L. *Mary Hays (1759-1843). The Growth of a Woman's Mind*. England: Ashgate, 2006. p. 67.

<sup>431</sup> ROBINSON, Mary. *Letter to the Women of England on the Injustice of Mental Subordination*. London: Printed for T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row, 1799. p. 03. [I shall remind my enlightened country-women that they are not the mere appendages of domestic life, but the partners, the equal associates of men.]

seu intuito de revolucionar os “modos femininos” dificilmente seria atingido se o seu apelo não alcançasse também as mulheres e homens comuns, bem menos aptos a digerir áridas argumentações filosóficas.

Como muitos de seus companheiros das luzes, estas três escritoras haviam aderido à crença de que as reflexões ilustradas deveriam ser disseminadas entre o público mais amplo. Como estes, acreditavam que somente por meio da ampliação e socialização do conhecimento, seria possível o aperfeiçoamento, porque assim se encorajaria uma reforma política na esfera pública, e uma reforma moral na esfera privada. Ou seja, nos nichos iluministas o conhecimento era concebido como potencial para a transformação, a um só tempo, individual e universal. Este compromisso com o esclarecimento da sociedade como um todo estava no cerne da *República das Letras* ilustrada e na valorização que conferiu à cultura letrada e ao papel político e formador da literatura.

A emergência da cultura letrada e impressa e a ascensão de um novo gênero literário - o romance moderno - desempenharam papel fundamental na ampliação do público leitor, permitindo difundir “as novas ideias” entre pessoas de diferentes estratos sociais, que de outro modo dificilmente teriam tido a oportunidade de participar da cultura letrada e do ideal de esclarecimento apregoado pela Ilustração.

A emergência da cultura impressa<sup>432</sup> permitiu produzir edições mais baratas e acessíveis, vinculando-se à ampliação dos gêneros, estilos e formatos do texto escrito. De acordo com Porter, no século XVIII a literatura tornou-se uma mercadoria que circulava em todas as formas e tamanhos. De livros de bolso abreviados de clássicos como *Paradise Lost*, de Milton, a uma gramática inglesa de nove páginas. Empreendedores, os editores vendiam obras de poetas e dramaturgos no formato brochura, pelo incrível preço de um *shilling*.<sup>433</sup> Ao longo do século, a prensa inglesa produziu em profusão de livros de orações, tratados educacionais, panfletos políticos, livros de jardinagem, culinária e carpintaria. Neste *print boom* surgiram ainda as obras para crianças e a impressão de livros com ilustrações também floresceu.<sup>434</sup> Além, do romance moderno - que se tornou o gênero literário mais característico e célebre do século XVIII.

---

<sup>432</sup> Começando no reinado da rainha Anne, a imprensa inglesa cresceu rapidamente, tornando-se, na metade do século XVIII, um amplo e elaborado sistema, ainda sediado em Londres, mas com articulações através de todo o reino e com as colônias na América. (BOTEIN, S., CENSER, J. R. e RITVO, H. *The Periodical Press in Eighteenth-Century English and French Society: A Cross-Cultural Approach*. *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 23. 3 (Julho., 1981), pp. 464-490. p. 470.)

<sup>433</sup> *Enlightenment: Britain and the creation of the Modern World*. London: Penguin Books, 2000. p. 85 e 86.

<sup>434</sup> BOTEIN, S., CENSER, J. R. e RITVO, H. Op. cit. p. 91.

De acordo com estudiosos da cultura literária setecentista, o romance ocupou posição de destaque no aumento do público leitor inglês.<sup>435</sup> Até o século XVIII a literatura era voltada para a erudição e associada a uma atividade de homens de letras e de sábios. Mas, com a ascensão do romance, “nascido popular e bastardo, sem a tradição e a nobreza da epopeia, da lírica e da tragédia”, que caiu no gosto dos leitores menos habituados aos clássicos, a literatura deixava de ser privilégio da sociedade polida e se popularizava exatamente porque não exigia de seus consumidores uma formação clássica e erudita. Bastava-lhes agora um nível de letramento para que pudessem ter acesso às histórias de personagens comuns como eles.<sup>436</sup>

Ao ir ao encontro dos anseios da emergente sociedade liberal e sentimental a partir de um gênero acessível, o romance se transformou num fenômeno de público e de vendas. Tornou-se popular. Falava-se sobre ele nos cafés, nos periódicos, nas rodas sociais e nos círculos de homens e mulheres de letras.<sup>437</sup> Caiu no gosto, inclusive, das pessoas comuns.<sup>438</sup>

O grande apelo popular do romance acabou por fazer que muitos passassem a ver nele um precioso instrumento pedagógico, tornando-se uma estratégia consciente utilizá-lo com fins educativos. Ele possibilitava educar e influir na educação dos leitores, oferecendo-lhes instrução de maneira agradável e mesmo imperceptível. Na esteira do que haviam realizado periódicos como o *Spector* e o *Tatler*, instituições centrais da “esfera pública burguesa” na Inglaterra no começo do século XVIII, os romances foram engajados num empreendimento mais amplo de difundir e debater as regras gerais do comportamento galante,

---

<sup>435</sup> Vasconcelos afirma que, apesar dos fatores que atuaram contra o aumento do público leitor - quantidade insuficiente de escolas, o acesso restrito à escolaridade, a entrada precoce das crianças no mercado de trabalho, o preço dos livros, a ideia de que a prática da leitura devia permanecer um privilégio de classe, entre outros - houve uma expansão significativa do número de leitores. (VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A formação do romance inglês. Ensaios Teóricos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild/ Fapesp, 2007. op. cit., p. 153.) De acordo com Watt, apesar dos dados a respeito do crescimento do público leitor não serem muito conclusivos, há muitos indícios que apontam para tal. Segundo ele, em 1724 o impressor Samuel Negus queixou-se de que o número de tipografias de Londres saltara para setenta e cinco. Em 1757, outro impressor, Strahan, calculava que havia algo entre cento e cinquenta a duzentas tipografias operando. Uma estimativa moderna da publicação média anual de novos livros, exceto panfletos, sugere que o número praticamente quadruplicou ao longo do século. (WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 39.)

<sup>436</sup> VASCONCELOS, Sandra G. Op. cit. p. 131.

<sup>437</sup> Ibidem, p. 153

<sup>438</sup> Entre os trabalhadores pobres havia principalmente dois grupos que tinham oportunidades para ler: os aprendizes e os criados, sobretudo os últimos. Comumente havia livros na casa onde trabalhavam e se não havia, podiam comprá-los, já que não tinham de gastar o salário com alimentação e alojamento; e tendiam a imitar o exemplo dos patrões. (Watt, Ian. Op. cit. p. 44.)

o *status* das mulheres e os afetos familiares, o amor conjugal, a amizade e a psicologia dos sentimentos.<sup>439</sup>

Entre os radicais, Willian Godwin foi um dos principais defensores do papel pedagógico e político da literatura, elegendo-a como um dos meios pelo qual se desenvolveria a moral e a virtude. Godwin apresentou uma clássica versão deste argumento reformista numa seção intitulada “Literature” em seu *Enquiry Concerning Political Justice*, de 1793.

Poucos mecanismos podem ser mais poderosos, e ao mesmo tempo mais salutares em sua disposição, do que a literatura. Sem inquirir para o presente sobre a causa deste fenômeno, um fato é suficientemente evidente, de que a mente humana é fortemente infectada com preconceito e erro. As várias opiniões dominantes em diferentes países e entre diferentes classes de homens sobre este mesmo assunto são quase inumeráveis; e ainda assim de todas estas opiniões só uma pode ser verdade. Agora o caminho eficaz para extirpar esses preconceitos e erros parece ser a literatura

[Few engines can be more powerful, and the same time more salutary in their tendency, than literature. Without enquiring for the present into cause of this phenomenon, it is sufficiently evident in fact, that the human mind is strongly infected with prejudice and mistake. The various opinions prevailing in different countries and among different classes of men upon de same subject, are almost innumerable; and yet of all these opinions only one can be true. Now the effectual way for extirpating these prejudices and mistakes seems to be literature.]<sup>440</sup>

Assim como outros reformadores dissidentes e radicais, Godwin considerava a literatura um meio de alavancar o debate entre um número ilimitado de participantes. Aparentemente também tinha consciência do apelo popular do romance e de quanto era mais acessível ao leitor comum.

Como visto, depois da publicação de *Reflections on the Revolution in France* (1790), de Edmund Burke, seguiu-se um período de intensa criatividade entre os escritores radicais, marcado pela publicação também de uma profusão de romances, como *A Simple Story* (1790), de Elizabeth Inchbald, *Desmond* (1792), de Charlotte Smith, *Anna St. Ives* (1792), de Thomas Holcroft e *Man as He Is* (1792), de Robert Bages. Os radicais aproveitaram a popularidade

---

<sup>439</sup> Ao longo do século XVIII se popularizaram os jornais e outros periódicos - como revistas, resenhas e uma gama de outras publicações difíceis de serem caracterizadas precisamente - que forneciam aos leitores e leitoras setecentistas informações fundamentais sobre a sociedade inglesa e sobre as novidades em voga. Por meio deste tipo de publicação se divulgava ampla gama de assuntos que, respondendo ao evocado espírito prático dos ingleses, enfocavam temas do cotidiano, do comércio, dos costumes. (BOTEIN, S., CENSER, J. R. e RITVO, H. Op. cit. p. 479.)

<sup>440</sup> GODWIN, William. *An Enquiry Concerning Political Justice and its influence on Morals and Hapiness*. Philadelphia: Printed by Bioren and Madan, 1796. p. 43.



deste gênero literário para difundir suas críticas sociais e suas esperanças do advento de uma nova sociedade. Participa deste febril movimento Willian Godwin que em 1794 publicou o romance *The Adventures of Caleb Willians*, considerado uma extensão dos argumentos abordados em seu tratado *Political Justice*.<sup>441</sup>

Neste romance Godwin recorreu à prosa ficcional para desenvolver seus argumentos filosóficos. Por meio da personagem Ferdinando Falkland, um *gentleman* abastado, elegante e polido, que secretamente cometera um assassinato, Godwin questionou a crença disseminada por Burke de que a benevolência e a bondade eram características dos cavalheiros.<sup>442</sup> Falkland, ao invés de usar sua posição de prestígio para proteger seus servos, abusa de seu poder sobre os pobres e fracos, atormentando e perseguindo implacavelmente seu empregado Caleb, que descobrira sua ação criminosa. Escrito para expor a inadequação e a corrupção do sistema social e político que favorecia as classes abastadas, o romance demonstrou que a verdade era equívoca nas mãos daqueles com poder e que o código cavalheiresco de honra e de conduta exortada por Burke em *Reflections*, eram insuficientes para garantir justiça às classes desfavorecidas.<sup>443</sup>

A estratégia utilizada por Godwin de utilizar o romance como um meio de disseminar suas ideias filosóficas - inicialmente desenvolvidas por meio do gênero do tratado - entre um público mais amplo, foi seguida por alguns escritores e escritoras radicais. Segundo Ty, Wollstonecraft tomou *Caleb Willians* como modelo para seu romance *Wrongs of Woman*. O mesmo também pode ter inspirado partes de *Victim of Prejudice*, de Mary Hays.<sup>444</sup> Wallraven destaca sua influência sobre Wollstonecraft, Hays e também sobre Robinson.<sup>445</sup> Em conjunto, estas escritoras, inspiradas em Godwin, recorreram ao romance para disseminar suas teorias e ideias entre as mulheres que, assim como os homens das classes populares, careciam de uma educação mais sólida e bem conduzida. Além disso, estas escritoras, da mesma forma que Godwin usaram este gênero literário para criticar a chamada ética cavalheiresca, mas, enquanto ele demonstrou como este sistema fundamentava a opressão de classe, elas demonstraram seu papel central na opressão de gênero.

---

<sup>441</sup> COLIGHTLY, Jennifer. *The Family, Marriage and Radicalism in British Women's Novels of the 1790s. Public Affection and Private Affliction*. UK, Bucknell University Press, 2012. p. 09.

<sup>442</sup> Como muitos radicais, Godwin defendia que o caráter do indivíduo se constituía sob a influência das circunstâncias externas.

<sup>443</sup> TY, Eleanor. *Unsex'd Revolutionaries. Five Women Novelists of the 1790s*. Toronto: University of Toronto Press, 1993. p. 10.

<sup>444</sup> Ibidem. p. 11.

<sup>445</sup> WALLRAVEN, Miriam. *A Writing Halfway between Theory and Fiction: Mediating Feminism from Seveteenth to the Twentieth century*. Germany: Konigshausen & Neumann, 2007. p. 24.

O uso de romances para disseminar ideias proto-feministas entre as mulheres foi bastante estratégico. De acordo com Vasconcelos, “embora não haja dados que o confirmem, estima-se que eram elas basicamente o público-alvo, a quem os romances eram destinados”. Como gênero que falava ao coração, de leitura fácil e agradável, parecia o mais adequado para disseminar os novos valores entre as mulheres. Para muitas delas o romance era o único acesso a qualquer tipo de informação ou educação, mesmo que sentimental. E era exatamente isso que a maior parte dos romancistas desejava oferecer.<sup>446</sup> Além disso, as mulheres compunham parcela significativa do público leitor em expansão, sendo também as principais consumidoras do novo gênero. Conforme Vasconcelos, ao longo do século XVIII,

com a expansão urbana, o crescimento da indústria, a crescente especialização das habilidades, muitas das tradicionais tarefas femininas estavam sendo assumidas pelas novas classes profissionais. A fiação, a tecelagem, a produção de alguns produtos de consumo (como pão, cerveja e velas) deixaram de ser atividades domésticas, de competência das mulheres da casa, para se tornarem atividades industriais, desempenhadas pelos homens das fábricas. (...) a liberação dessas tarefas domésticas proporcionou às mulheres maior tempo livre, que será principalmente ocupado com a leitura de romances.<sup>447</sup>

Ian Watt aponta que eram principalmente as mulheres das classes médias e altas que tinham condições de se dedicar à leitura de romances.<sup>448</sup> Mas, aparentemente, as mulheres pobres também tiveram meios de desenvolver a prática da leitura. Embora os preços dos romances não fossem exatamente acessíveis, eles podiam ser alugados nos gabinetes de leitura (*circulating libraries*), estabelecimentos comerciais que, desde sua fundação na cidade de Bath, em 1725, e na cidade de Londres, em 1740, tiveram um lugar importantíssimo na disseminação do hábito de leitura e na popularidade do gênero. Este sistema permitiu às mulheres de diferentes níveis socioeconômicos acesso às últimas novidades do mercado livreiro e o hábito de leitura em voz alta possibilitava às criadas – do mesmo que às senhoras – contato com as aventuras e desventuras das personagens romanescas, envolvidas em enredos que punham à prova sua virtude e afirmavam o novo ideal de feminilidade.<sup>449</sup>

---

<sup>446</sup> VASCONCELOS, Sandra G. Op. cit. p. 149.

<sup>447</sup> Ibidem. p. 126.

<sup>448</sup> WATT, Ian. Op. cit. p. 46.

<sup>449</sup> Se a cultura impressa e a comercialização da literatura tornaram possível ampliar a publicação de obras escritas, o consumo destas obras manteve-se relacionado e dependente da ampliação de redes e espaços de leitura e sociabilidade: bibliotecas de empréstimo, salas de leitura, sociedades de leitura, sociedades de

Diferente de Wollstonecraft, Hays e Robinson, que usaram o romance para popularizar suas críticas aos papéis de gênero, a maior parte dos romancistas, autores e autoras, utilizaram-no para configurar e moldar comportamentos considerados adequados às mulheres. Segundo Poovey, junto aos manuais de comportamento, o romance sentimental, um dos subgêneros do romance<sup>450</sup>, representou um dos principais meios a partir dos quais se disseminou o novo ideal da *proper lady* entre as mulheres.<sup>451</sup>

Assim como outros tipos de publicação que circularam na esfera pública inglesa, os romances eram utilizados com o propósito de contribuir para o movimento de reforma dos costumes. Segundo Vasconcelos, “o senso de propósito moral e o zelo didático dos romancistas exprimiam uma moralidade burguesa que clamava por expressão.”<sup>452</sup> Nesse movimento cultural, o romance sentimental se revestiu de um papel específico: forjar a imagem da nova mulher, cuja atuação era fundamental para a configuração da nova sociedade. Ou seja, o romance sentimental<sup>453</sup> serviu para articular e propagar a ideologia da domesticidade, que confinava as mulheres à esfera privada, ao passo que ratificava a noção do homem como um ser público.

O papel dos romancistas na construção deste novo ideal de feminilidade é bem exemplificada por Richardson. Ele não só publicou romances sentimentais que se tornaram incrivelmente populares entre as leitoras inglesas, como influenciou um número significativo de romancistas, muitas delas mulheres. O impacto de *Pamela, or Virtue Rewarded* (1740), por exemplo, foi enorme. A protagonista serviu de inspiração para a criação de heroínas de centenas de romances populares que inundaram os gabinetes de leitura do país. Infelizmente

---

debate, e da emergência de um sistema postal nacional eficiente o suficiente para facilitar a circulação de livros, revistas e panfletos.

<sup>450</sup> Vasconcelos aponta que para os historiadores do romance é muito difícil falar do romance inglês do século XVIII em bloco, pois ele não possui propriamente um padrão bem delineado de desenvolvimento e sua origem é tão complicada quanto o processo de estruturação da própria sociedade na qual floresceu. Como um gênero em ascensão, o romance não possuía convenções previamente estabelecidas nem delimitadas. A maleabilidade que o caracterizou permitiu que se apropriasse de diferentes narrativas, como cartas, sermões, diários, tratados, etc. Segundo ela, “o didatismo, o sentimentalismo, a doutrinação, o ensinamento moral, a fantasia gótica, tudo foi incorporado por este gênero sem fronteiras”, propiciando assim uma ampla gama de subgêneros, como o romance epistolar, o romance autobiográfico, o romance gótico, o romance sentimental. (VASCONCELOS, Sandra G. Op. cit. p. 144.)

<sup>451</sup> POOVEY, Mary. *The Proper Lady and the Woman Writer. Ideology as Style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley and Jane Austen*. Chicago: Chicago University Press, 1984. p. 38.

<sup>452</sup> VASCONCELOS, Sandra G. Op. cit. p. 132.

<sup>453</sup> Como visto no capítulo anterior, a emergência do romance sentimental se vinculou ao desenvolvimento da tradição sentimental que caracterizou a sociedade inglesa do século XVIII. Com pequenas variações, desde Shaftesbury, passando por Hume e Adam Smith, a filosofia moral havia procurado aliar ética e estética, moralidade e emoção. Os primeiros sinais da nova sensibilidade, erigida em culto e princípio filosófico, podem ser detectadas nos romances de Richardson e nas comédias de Marivaux, cujos heróis e heroínas foram alçados à condição de modelos de delicadeza de sentimentos. Seu sucesso alimentou a voga do sentimentalismo e, na Inglaterra, a segunda metade do século testemunhou uma enxurrada de ficção sentimental. (Ibidem. p. 97.)

não foram o atrevimento, a inteligência, a sagacidade e a autoconfiança de Pamela que inspiraram as leitoras, mas suas qualidades mais “femininas”, isto é, seu senso de hierarquia social, obediência e humildade.

As heroínas dos romances, portanto, funcionavam como modelos de feminilidade. Desse modo, a virtude, a moderação, a inocência, o decoro, o bom senso que se exigia das mulheres eram também as qualidades essenciais de heroínas como Cecília, Camilla, Belinda e tantas outras cuja educação era baseada na defesa intransigente da virtude, entendida menos como uma questão de princípio do que um conjunto de regras que visavam exclusivamente a preservação da castidade. Tanto na vida real quanto na ficção, elas deviam ser pacientes, modestas, humildes e delicadas; não deviam almejar o conhecimento ou aspirar à vida intelectual e nem amar antes de serem amadas; um vez casadas, deviam aos seus maridos obediência e submissão.<sup>454</sup>

Percebe-se, dessa forma, que o romance sentimental se relacionava ao feminino e ao privado por diversas vias. Além de serem utilizados para disseminar e ratificar um ideal de feminilidade que relacionava as mulheres à domesticidade, sua produção se fundamentava em valores ligados à esfera privada, como sensibilidade e subjetividade. Em síntese, as mulheres eram, por excelência, seu público-alvo, suas protagonistas e também suas produtoras. Importante salientar que a produção e o consumo de romances, apesar de relacionar as mulheres à criação literária e à prática da leitura, não colocava em xeque o ideal da *proper lady*. Na realidade ratificava tal modelo, não somente por meio do conteúdo em si, mas também pelas diversas formas a partir das quais vinculava as mulheres à esfera doméstica. Da mesma forma se deu em relação ao estilo melodramático (marcado por excessos sentimentais) que se desenvolveu no final do século, num contexto de banalização do gênero do romance e que logo passou a simbolizar um estilo de “escrita feminina”.<sup>455</sup>

A relação do romance sentimental com a sensibilidade não se vinculava somente a sua criação, estilo e linguagem, mas também a sua função social. Pautada no culto à sensibilidade, que definia o coração como fonte de comportamento nobre, que vinculava o senso moral à esfera do sentimento mais do que da razão, se investiu no papel pedagógico do romance sentimental no sentido de educar os sentidos e as emoções. Referindo-se originalmente às sensações corporais, na segunda metade do século a sensibilidade passou a designar emoção terna e refinada, que podia ser estimulada por meio da leitura de romances sensíveis. Entendida como um recurso ou faculdade humana natural, a sensibilidade passou a

---

<sup>454</sup> Ibidem. p. 132.

<sup>455</sup> VASCONCELOS, Sandra G. Op. cit. p. 185.

ser frequentemente exibida por personagens na ficção sentimental. A leitura deste gênero representava uma ocasião para fortalecer os sentimentos delicados, que podiam ser experimentados tanto pelas personagens da narrativa quanto pelos seus leitores e suas leitoras.

No que se refere às mulheres, no entanto, o estímulo da sensibilidade se tornava extremamente ambivalente. Mais do que torná-las seres humanos completos, pautados no equilíbrio de uma mente racional com um coração sensível, nelas a sensibilidade poderia, perigosamente se tornar excessiva, causando descontrole e delírio. Afinal, de acordo com os discursos autorizados que as definiam, elas eram naturalmente mais sensíveis e possuíam limites de compreensão.<sup>456</sup>

Wollstonecraft tinha consciência destas implicações. Tanto que em *Vindication* apontou e criticou o papel dos romances sentimentais e de seus autores no processo de sujeição e alienação das mulheres.<sup>457</sup> Ao longo de sua trajetória como mulher de letras, em diversas ocasiões mostrou-se crítica a respeito do estilo floreado e melodramático de escrita - convencionalizado como mais feminino - como quando criticou a obra *Reflections*, de Edmund Burke e os primeiros tratados de Mary Hays. Por isso, quando recorreu a este gênero para difundir suas reflexões proto-feministas entre o público mais amplo, Wollstonecraft subverteu este locus de produção literária em diferentes níveis.

Em nota no início de *Vindication of the Rights of Woman* Wollstonecraft explicitou sua intenção de escrever um segundo volume devido à necessidade de aprofundar a investigação acerca das “leis relativas às mulheres e a consideração de seus deveres

---

<sup>456</sup> Em *Equivocal Beings: Politics, Gender, and Sentimentality in the 1790s*, Johnson discute as relações que se estabeleceram no último terço do século XVIII entre política, sentimentalismo e gênero, contexto em que a sensibilidade passou a ser defendida como uma virtude política masculina. Axiomática entre escritores tão diversos como David Hume, Jean Jacques Rousseau, Edmund Burke e Hannah More, a ideia de que a moderna sociedade liberal e comercial exigia um comportamento civilizado e sensível também por parte dos homens tornou-se bastante influente no final do século XVIII. Johnson chama atenção para o fato de que este modelo de masculinidade, pautado em valores e comportamentos convencionalizados tradicionalmente como femininos, resultou no delineamento de novos caminhos de afirmação da superioridade masculina. Apesar da maior parte dos historiadores e historiadoras sociais e da literatura enfatizarem que o sentimentalismo setecentista representou uma “feminilização” (feminization) da cultura em geral e do homem em particular, ela expõe outro ponto de vista desta questão, afirmando que durante este período o sentimentalismo implicou, sim, na “masculinização” (masculinization) de traços associados ao gênero feminino, e que a valorização das práticas afetivas associadas a este processo não se deu porque eram entendidas como femininas, mas precisamente e somente na medida em que foram recodificadas como masculinas. Johnson não nega que estas “indefinições” de gênero propiciaram relações mais próximas e igualitárias entre homens e mulheres, mas explica que apenas os homens tiveram acesso legítimo ao “discurso do coração”. O sentimentalismo evocado de maneiras diferentes por Sterne, Goldsmith, Burke e Rousseau validou figuras de autoridade masculina representando-as como “homens de sentimento” (men of feeling), mas também impediu às mulheres de se beneficiar de qualquer autoridade moral comparável, representando sua afetividade como inferior, inconsciente, indisciplinada ou mesmo criminosa. (JOHNSON, Claudia L. *Equivocal Beings: Politics, Gender, and Sentimentality in the 1790s. Wollstonecraft, Radcliffe, Burney, Austen*. Chicago: University of Chiacago Press, 1995. p. 13 e 14.)

<sup>457</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 87.

particulares”.<sup>458</sup> A editora da edição brasileira esclarece que um segundo volume nunca foi concretizado, mas que a condição jurídica da mulher veio a ser o principal tema do romance póstumo *The Wrongs of Woman: or, Maria*.<sup>459</sup> Segundo Wallraven, *Wrongs* tem sido apontado, acertadamente, como continuação de *Vindication*. Ao debater os motivos que teriam levado Wollstonecraft a optar pela escolha do romance para dar continuidade à sua reflexão de gênero, ela se refere a possibilidade de atingir um público mais amplo de mulheres, de ilustrar as consequências da opressão patriarcal a partir dos exemplos de vida “concretos” de diferentes mulheres, de tornar claras as teses filosóficas abstratas - que podiam ter se mantido incompreendidas até então - e de apelar às emoções das leitoras (e leitores), que poderiam desenvolver sentimentos de empatia pelas personagens.<sup>460</sup>

Ao expor sua crítica a um modelo de feminilidade, por meio de um gênero literário que era utilizado exatamente para ratificá-lo, Wollstonecraft “politizou” o privado por diversas vias. A começar pelo próprio gênero de escrita. Ao utilizar o romance sentimental para disseminar reflexões de cunho filosófico e político ela se sentiu compelida a combinar e justapor ficção e teoria. Com tal estratégia, apelou ao coração e à razão das mulheres, posicionando suas leitoras como interlocutoras, ultrapassando sua identificação exclusiva com a esfera dos sentimentos e da feminilidade. Ao instrumentalizar teoricamente os sujeitos do privado, ela politizou a própria esfera da domesticidade. Também o fez ao apontar o quanto as relações de poder vigentes no espaço privado se vinculavam à mesma lógica patriarcal que fundamentava as relações de poder no espaço público. Foi uma abordagem potencialmente crítica, desestabilizadora das dicotomias de gênero que estruturavam a sociedade.

Em sua análise sobre a constituição de um discurso feminista, Miriam Wallraven aponta Wollstonecraft como a precursora de uma tradição de escritoras feministas que utilizam diferentes gêneros para desenvolver e disseminar suas ideias, enquanto subvertem fronteiras entre teoria e ficção e *Wrongs of Woman* como o primeiro romance a apresentar elementos do discurso teórico feminista. De acordo com ela, é surpreendente o número de escritoras (consideradas) feministas que, desde o final do século XVIII, transgridem limites entre gêneros discursivos (filosófico, político, científico) e literários (especialmente entre o gênero ficcional do romance e os gêneros teóricos do tratado e do ensaio), para desenvolver e disseminar suas ideias.<sup>461</sup>

---

<sup>458</sup> Ibidem. p. 10.

<sup>459</sup> Ibidem. p. 23.

<sup>460</sup> WALLRAVEN, Miriam. Op. cit. p. 42.

<sup>461</sup> Ibidem. p. 23-24.

Para Wallraven este tipo de estratégia se fez necessária devido aos limites que a *teoria* apresentava para a expressão de ideias feministas. O discurso teórico, ao se fundamentar em critérios como generalização, racionalidade, lógica e objetividade, institui uma posição de interlocução legítima para o sujeito do conhecimento, que não é a dita posição subjetiva “feminina”.

É criando "uma perspectiva legítima" e "normas para elaborar modelos de conceitos e teorias" que discorrem como filosofia, política, ciência ou psicanálise que criam a "verdade"; uma "verdade" que é fundamentalmente generalizante e exclui as mulheres por seus próprios mecanismos que determinam a quem é permitido falar e escrever, o que pode ser falado/escrito e, conseqüentemente, o que é "verdadeiro". Aqueles que se afastam dessas normas são automaticamente privados de autoridade.  
[It is by creating “a legitimate perspective” and “norms for elaborating concepts and theories” that discourses such philosophy, politics, science or psychoanalysis create “truth”; a “truth” that is fundamentally gendered and excludes women by its very mechanisms that determine who is allowed to speak and write, what can be spoken/written and consequently what is “true”, Those Who depart from these norms, are automatically deprived of authority.]<sup>462</sup>

No século XVIII, com a ideologia da divisão das esferas, o espaço público se constituiu como lócus físico e simbólico da fala pública, objetiva e racional, em contraposição à fala íntima e sensível do privado. Essa separação guiava a expectativa dos leitores, dos autores e autoras, enfim, do mercado literário como um todo. De acordo com Gary Kelly

a cultura impressa e a literatura estavam divididas por distinções de gênero. Os discursos assimilados e os gêneros nobres foram convencionalmente reservados aos homens (...) e incluindo escritos teóricos e abstratos (...) Por contraste, a maioria das escritoras mantiveram vinculadas a tipos de escrita que poderiam ser vistos como extensões da educação e experiência doméstica do universo das mulheres.  
[print culture and literature were divided by gender distinctions. The learned discourses and noble genres were conventionally reserved for men(...) and included theoretical and abstract writing(...) By contrast, most women writers kept to kinds writing that could be seen as extensions of women’s domestic range of education and experience.]<sup>463</sup>

Diferente da maior parte das escritoras setecentistas, que se manteve no lócus privado e feminino de produção escrita, Wollstonecraft, Hays e Robinson, ao estabelecerem

<sup>462</sup> WALLRAVEN, Miriam. Op. cit. p.03.

<sup>463</sup> KELLY, Gary. *Revolutionary Feminism: The Mind and Career of Mary Wollstonecraft*. Basingstoke: Macmillan, 1996. p. 10.

um espaço de interlocução a partir do discurso filosófico e racional das Luzes, transgrediram tal dicotomia. Mas não no sentido da simples adesão ao discurso “masculino”, afinal, segundo Foucault, “ninguém” se insere “na ordem do discurso” (neste caso filosófico) “se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”.<sup>464</sup> Ou seja, estas pensadoras enfrentaram o desafio de ocupar uma posição de enunciação para a qual não eram “qualificadas” por conta do seu gênero. Num primeiro momento é difícil entender como estas escritoras poderiam criticar a lógica androcêntrica implícita da filosofia das Luzes, sendo excluídas desta posição de interlocução<sup>465</sup> por serem mulheres, e porque seus argumentos proto-feministas necessariamente desestruturariam as formas e os discursos a partir dos quais buscavam dar legitimidade às suas proposições. O caminho foi instituir um espaço de fala “entre lugares”, no sentido de borrar fronteiras entre público e privado, masculino e feminino, teoria e ficção, razão e sentimento.

Quero deixar claro que é essa atitude de diferença de gênero na escrita e no discurso, que torna possíveis transgressões e subversões para autores feministas. Experimentando com uma mistura de teoria e ficção, em particular, permite as autoras demandar e ocupar novas posições subjetivas e vozes para as mulheres, e assim romper com restrições de gênero na forma e nos conteúdos. Isso pode ser rastreado desde o início da escrita feminista até o século vinte.

[I want to make clear that it is this attitude of gender difference in writing and discourse which makes transgression and subversion possible for feminist authors. Experimenting with a mixture of theory and fiction in particular enables the authors to demand and occupy new subject position and voices for women and thus break up the restrictions of gender definition in form and contents. This can be traced from beginnings of feminist writing to the twentieth century.]<sup>466</sup>

Entre as escritoras que se incluem nesta tradição de escrita feminista, Wallraven aponta também Mary Hays e Mary Robinson, além de Harriet Martineau, Olive Schreiner, Virginia Woolf, Hélène Cixous, Monique Wittig, Margareth Cavendish e Michéle Roberts. Quanto a Wollstonecraft, Hays e Robinson, a transgressão entre *gender* e *genre* pode ser pensada como uma necessidade e uma estratégia. Uma posição de enunciação instituída no processo de busca por uma voz autorizada - convencionalizada como masculina, pública, objetiva e racional - a partir de uma posição de alteridade - feminina, subjetiva e emocional. O romance, naquele momento um gênero em ascensão, ainda sem fronteiras pré-definidas,

<sup>464</sup> FOULCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 35.

<sup>465</sup> Possivelmente a principal posição de fala/verdade instituída pelo século XVIII.

<sup>466</sup> WALLRAVEN, Miriam. Op. cit. p. 12.



mostrou-se o gênero literário mais propício para as experimentações empreendidas por aquelas escritoras proto-feministas.

#### 4.1 *The Wrongs of Woman: politizando o privado*

*The Wrongs of Woman; or, Maria* foi publicado em 1798. Trata-se do segundo romance de Wollstonecraft e também sua última obra, deixada inacabada devido à sua morte. Depois de *Vindication of the Rights of Woman* (1792), Wollstonecraft se voltou para outras temáticas e só tornou a refletir sobre a “questão da mulher” neste último romance. Entre um livro e outro ela testemunhou a esperança representada pela Revolução Francesa se dissipar frente ao Terror e também a ineficácia revolucionária em abarcar as mulheres nos ideais de cidadania. Na verdade, enquanto *Vindication* (1792) foi escrito num período em que os ideais revolucionários ainda representavam uma esperança de mudança e transformação para os radicais ingleses, *Wrongs* foi produzido num outro contexto, de decepção e descrença em relação às promessas revolucionárias.

Essa desilusão com sua época e com a melhoria na condição feminina transparecem nas páginas de *Wrongs*, uma obra bastante sombria, capaz de nos transportar à Inglaterra do século XVIII, a olhar como metade do gênero humano padecia sem quaisquer dignidade ou direitos. Mas, o tom sombrio e dramático da obra não traduz simplesmente as desesperanças de Wollstonecraft, também representa uma tentativa de dialogar com diferentes audiências, apelando para diferentes dimensões da subjetividade.

Como visto, estudiosos do pensamento de Wollstonecraft acreditam que *Wrongs* represente a continuação dos argumentos desenvolvidos em *Vindication*. Se em seu tratado ela debatera a questão dos *direitos* por meio de seu romance ela pôde expor e sensibilizar seus leitores e leitoras a respeito das *injustiças* perpetuadas contra as mulheres. Ou seja, se em *Vindication* ela apelou para a mente de seu público leitor, com *Wrongs* ela os ensinou a invocar suas emoções. Wollstonecraft, no entanto, não ficou restrita aos limites de cada gênero literário porque fazê-lo representaria ratificar dicotomias entre público e privado, masculino e feminino. Crítica de tais convenções sociais, Wollstonecraft deliberadamente mesclou discursos e estilos em cada uma destas obras, criando um complexo diálogo textual para expressar suas ideias.

Apesar de ter utilizado principalmente o gênero do romance para suas experimentações proto-feministas, Wollstonecraft também transgrediu limites de *gender* e *genre* em *Vindication*. Em grande parte por ter que conciliar duas posições de interlocução, a de mulher e a de pensadora. Wollstonecraft era bastante consciente das convenções de gênero que permeavam a produção e a recepção de textos escritos, entendendo que o estilo melodramático e sentimental, convencionado como feminino, não era apanágio das mulheres. Haja vista os exemplos de Burke e Rousseau. Inclusive, tendo o intuito, com *Vindication*, de criticar “algumas publicações modernas a respeito do caráter e da educação femininas”, “com observações feitas de forma superficial sobre o sexo”, ela se refere às “quimeras de Rousseau”, considerando que os “erros do pensamento de Rousseau(...) surgiram da sensibilidade”.<sup>467</sup>

Quando deveria ter raciocinado, ele tornou-se apaixonado, e a reflexão inflamou sua imaginação, em vez de iluminar seu entendimento. Até mesmo suas virtudes levaram-no a conclusões errôneas; tendo nascido com uma constituição calorosa e uma imaginação fértil, ele foi levado pela natureza até o outro sexo com uma inclinação tão ávida que logo se tornou lascivo.<sup>468</sup>

Distanciando-se das abordagens “frívolas” que tratavam do tema, particularmente os “livros de instrução”, Wollstonecraft assinala que escrevera um “tratado sobre os direitos e os costumes das mulheres”.<sup>469</sup> Escrito por uma “filósofa” e “moralista”, seu tratado seria superior às obras produzidas por “homens de gênio” que abordaram o tema superficialmente. Estabelecer esta posição de interlocução, de uma pensadora que escreve uma obra de viés teórico-filosófico, foi crucial para a lógica proto-feminista de Wollstonecraft. Além de estabelecer uma posição de autoridade para seus argumentos, ela desafiou a prerrogativa de que tal escrita seria exclusivamente “masculina”.

Wollstonecraft inicia seu tratado com observações gerais sobre a sociedade de seu tempo, alinhando-se aos debates correntes sobre política, governo e sociedade. Ela explicita seu propósito em discutir desigualdades sociais arbitrárias, enfocando as que tinham por fundamento o “sexo”. Assim ela demarca sua posição no interior do discurso político revolucionário, incluindo as mulheres no ideal universal e igualitário de humanidade, princípio a partir do qual desenvolveria toda sua argumentação. Outra premissa central na sua abordagem e que geraria desdobramentos interessantes para a transgressão de dicotomias de *gender* e *genre*, é sua ênfase sobre a experiência como um constructo da feminilidade (ou do

<sup>467</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação...* Op. cit. p. 107 e 121.

<sup>468</sup> Ibidem. p. 121.

<sup>469</sup> Ibidem. p. 25 e 26.

indivíduo, de modo geral). Situar a subjetividade das mulheres (e neste sentido a ela mesma) no âmbito da cultura e da história, permitiu-lhe estabelecer outras posições de interlocução e autoridade, fundamentadas nas suas observações e sensibilidade.

O que vemos em *Vindication* é o uso de argumentos objetivos e impessoais, permeados pela citação de exemplos concretos, que servem para ilustrar suas teses. Também há a descrição recorrente de sentimentos pessoais e a presença de exclamações emotivas. Tudo isso demonstra que seu tratado não se enquadra estritamente ao discurso abstrato e teórico “masculino”. Em adição aos seus argumentos racionais, ela se revela uma sensível e emocional autora, o que completa sua aura de credibilidade numa cultura que valoriza a observação sensível, especialmente dos males sociais. Ou seja, ao construir sua argumentação em *Vindication*, Wollstonecraft combinou reflexão filosófica, observação pessoal e sensibilidade. Ao fazê-lo, ela instituiu um espaço de negociação entre os estilos “feminino” e “masculino” de produção escrita. Por vezes aderindo ao discurso filosófico para criticar as produções excessivamente sentimentais, por vezes apontando exemplos fundamentados na observação para deslegitimar ideias abstratas e insensatas defendidas por romancistas e educadores. E o uso de colocações mais emocionais, que expressam sua indignação frente aos “despropósitos” em relação à questão da mulher, complementam e fundamentam sua crítica. Em seu romance *Wrongs of Woman* esse tipo de transgressão/cominação de gêneros e estilos discursivos se deu de forma ainda mais intensa.

Neste romance Wollstonecraft narra a história de Maria, uma jovem de 26 anos internada em um sanatório, padecendo por estar longe de sua filha. A protagonista, no entanto, não sofre de nenhum distúrbio mental, tendo sido encerrada neste hospital por seu marido Vernables, que tomou tal decisão depois que ela decidiu abandoná-lo. Maria optou pelo fim do casamento depois de descobrir que seu esposo, que antes do casamento ela pensara ser honrado e virtuoso, mostrara-se na verdade uma criatura vil e calculista. O ambiente no qual a história se desenrola é o hospital no qual Maria está internada. Ali ela encontra outras personagens, como a enfermeira Jemima e o também interno Darnford, que devido aos seus ideais republicanos e humanitários, desperta o amor de Maria. Enquanto travam amizade (e no caso de Maria e Darnford uma relação amorosa), contam suas histórias de vida uns aos outros. As narrativas de Maria e de outras personagens femininas são marcadas pela descrição de diferentes formas de injustiça, opressão e sofrimento enfrentados pelas mulheres, principalmente aquelas vinculadas à instituição matrimonial.

No início do romance Wollstonecraft apela para as emoções das leitoras e leitores ao descrever a condição sofrida de Maria como prisioneira num sanatório. O hospício e a

situação de Maria servem para estabelecer conexões entre a experiência gótica do confinamento e o destino de muitas mulheres:

A surpresa, o espanto, que limitava a distração, parecia ter suspenso as faculdades dela, até que, acordando gradualmente, à um senso agudo de angústia, um turbilhão de alcance e indignação despertaram seu pulso torpe. Uma recordação com velocidade assustadora seguindo outra, ameaçou tomar sua mente, e fazer dela uma companheira adequada para os espantosos habitantes, cujos gemidos e gritos não eram sons insustentáveis de ventos de silvo, ou pássaros assustados, modulados por uma fantasia romântica que diverte enquanto eles são abatidos; mas tons de miséria que trazem uma certeza terrível diretamente ao coração. Que efeitos eles devem ter produzido em alguém, verdadeiros ao toque de simpatia, e torturada por apreensões maternas!

[[Surprise, astonishment, that bordered on distraction, seemed to have suspended her faculties, till, waking by degrees to a keen sense of anguish, a whirlwind of range and indignation roused her torpid pulse. One recollection with frightful velocity following another, threatened to fire her brain, and make her a fit companion for the terrific inhabitants, whose groans and shrieks were no unsubstantial sounds of whistling winds, or startled birds, modulated by a romantic fancy, which amuse while they affright; but such tones of misery as carry a dreadful certainty directly to the heart. What effect must they then produced on one, true to the touch of sympathy, and tortured by maternal apprehensions!]<sup>470</sup>

O relato das emoções de Maria é central nesta passagem. Ao conectá-las à descrição do espaço gótico do hospício, Wollstonecraft sinaliza o quanto elas são claustrofóbicas para a protagonista. Tanto que ameaçam levá-la à loucura, uma condição que acometeria principalmente as mulheres, motivada pelas injustiças às quais se encontravam suscetíveis (como fica claro ao longo do romance).

A representação de Maria como uma mãe angustiada porque foi separada de sua filha também visa despertar a sensibilidade do público leitor, particularmente em relação a um tipo de injustiça de gênero marcante na Inglaterra do século XVIII, que vitimou inclusive uma das irmãs de Wollstonecraft: a dificuldade das mulheres manterem a guarda de seus filhos em caso de separação. No caso de Maria, descrita como uma mulher sensível e mãe afetuosa, esse tipo de sofrimento seria vivenciado com especial intensidade. Suas emoções pungentes despertariam compaixão e empatia junto aos leitoras e leitores.

---

<sup>470</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *The Wrongs of Woman: or, Maria. A Fragment*. Vol. 01. London: Printed for J. Johnson, No 72, St. Paul's Church-Yard; and G. G. and J. Robinson, Paternoster-Row. 1798. p. 02

Mas rapidamente se percebe que apesar do apelo sentimental, *Wrongs* se distanciava da fantasia romântica comum às obras do gênero. Em vez disso, o romance mostra os infortúnios vivenciados pela protagonista e suas condições de existência como sendo um retrato daquela sociedade. No prefácio da obra Wollstonecraft afirma que

Ao escrever este romance, eu procurei em maior medida descrever mais paixões do que maneiras. Em muitos casos, eu poderia ter feito os incidentes mais dramáticos, teria eu sacrificado meu objeto principal, o desejo de exibir a miséria e a opressão, peculiares às mulheres, que surgem das leis parciais e costumes da sociedade.

[In writing this novel, I have rather endeavoured to portray passions than manners. In many instances I could have made the incidents more dramatic, would I have sacrificed my main object, the desire of exhibiting the misery and oppression, peculiar to women, that arise out of the partial laws and customs of society.]<sup>471</sup>

Uma das estratégias utilizadas para generalizar a experiência de Maria foi multiplicar as vozes “femininas”, demonstrando que abuso e sofrimento representavam um destino comum para muitas mulheres. As histórias da enfermeira Jemima - que bastante jovem fora obrigada a conceder sua virgindade a um patrão libertino e que, desonrada, tivera que se resignar a viver da prostituição, - e da empregada Peggy<sup>472</sup> - que perdera o marido ainda jovem, ficando desamparada, sem meios de manter a si mesma e aos filhos - permitem que os leitores e leitoras se defrontem com diferentes versões da opressão de gênero.<sup>473</sup> Ao narrar as histórias malfadadas de mulheres de diferentes classes sociais, demonstrando a similaridade de suas experiências, Wollstonecraft pôde mostrar a universalidade da opressão patriarcal.<sup>474</sup> Por outro lado, o enfoque sobre a amizade que se desenvolveu entre Maria e Jemima, que se aproximam como vítimas do despotismo masculino, permitiu a Wollstonecraft abordar a questão da solidariedade feminina como uma força que une a mulheres apesar das barreiras sociais.

---

<sup>471</sup> Ibidem, Author's Preface.

<sup>472</sup> A história de Peggy é narrada indiretamente por Maria, pois fora empregada de sua família.

<sup>473</sup> Wollstonecraft busca mostrar que o casamento não deveria ser a única possibilidade de existência para as mulheres e que os moralistas e filósofos, ao defender tal destino, não se inteiravam das reais condições de vida das mulheres. Diferente de muitos pensadores de sua época, Wollstonecraft atribuiu uma atenção especial à experiência, construindo assim um discurso mais coerente quando às condições de vida das mulheres.

<sup>474</sup> Importa ressaltar que Wollstonecraft se mantém em acordo com a tensão entre universal e singular que marcou sua época. Ela parte das histórias individuais de cada uma das suas personagens para demonstrar a universalidade da opressão patriarcal, mas estas não deixam de ser narradas como processos singulares de desenvolvimento intelectual e emocional.

Se em *Vindication* Wollstonecraft desenvolveu teses abstratas e generalizações a partir das quais deduzia exemplos singulares, em *Wrongs* ela fez o movimento indutivo do particular para o geral. No decorrer da história, a própria protagonista Maria generaliza sua experiência de vida, relacionando-a as práticas de miséria e opressão:

Minha atual situação deu-me uma nova perspectiva à minha reflexão (...) "Tivesse um gênio maligno lançado um feitiço no meu nascimento; ou um demônio saído do caos, desorientando meu entendimento, e acorrentando minha vontade, com preconceitos ilusórios?" Eu segui esse modo de pensar; isso me levou para fora de mim, para escrutinar a miséria peculiar do meu sexo.

[My present situation gave a new turn to my reflection(...) "Had an evil genius cast a spell at my birth; or a demon stalked out of chaos, to perplex my understanding, and enchain my will, with delusive prejudices?" I pursued this train of thinking; it led me out of myself, to expatiate on the misery peculiar to my sex.]<sup>475</sup>

O potencial emancipatório de sua situação é apenas sugerido. No entanto, a mudança de vocabulário e pensamento é notável, sinalizando o entendimento da dimensão social de sua sujeição. A personagem Jemima também transcende a ideia de que sua existência sofrida se deve a um "destino individual", vinculando-a ao seu gênero: "ainda assim você me permitirá observar que esta situação de miséria é peculiar ao meu sexo". A voz da narradora é utilizada para confirmar essa percepção das personagens: "Pensando no destino peculiar de Jemima e no seu, ela foi levada a considerar o estado de opressão das mulheres".<sup>476</sup> Transcendendo o destino peculiar e individual, as experiências subjetivas de Maria e Jemima conduzem claramente a uma reflexão mais geral, representando um ato de conscientização que usa a representação fictícia de personagens particulares e suas vidas como ponto de partida.

Outro modo encontrado por Wollstonecraft de abordar a dimensão social da opressão de gênero por meio da narrativa literária foi relacionar as experiências de Jemima e Maria com o vocabulário filosófico e político de sua época. Por exemplo, ao falar da sua condição de degradação social, Jemima se compara aos animais, de modo a acentuar sua condição de sub-humanidade naquela sociedade:

Parecia, de fato, um privilégio de sua natureza superior [da família com a qual ela vivia] chutar-me como um cão ou gato. Se eu fosse atenciosa, era chamada de adúladora, se fosse insubmissa, uma mula obstinada, e, como

<sup>475</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *The Wrongs...* Op. cit. p. 165.

<sup>476</sup> Ibidem. p. 132. [yet you will allow me to observe, that this was a wretchedness of situation peculiar to my sex.]; [Thinking of Jemima's peculiar fate and her own, she was led to consider the oppressed state of women.]

mula, recebi sua censura nas minhas costas carregadas(...) Eu era o gato que furta, o cão voraz, o burro bruto, que deveria suportar tudo.

[It seemed indeed the privilege of their [the family with which she live] superior nature to kick me about, like the dog or cat. If I were attentive, I was called fawning, if refractory, an obstinate mule, and like a mule I received their censure on my loaded back(...) I was the filching cat, the ravenous dog, the dumb brute, who must bear all.]<sup>477</sup>

Ao se referir à estrutura opressiva que vitimizava as mulheres a narradora fala sobre a escravidão: “Não é o mundo uma vasta prisão e as mulheres escravas por nascimento?”<sup>478</sup> Jemima usa o termo “escrava” repetidamente para se referir a si mesma: “Na verdade, eu nasci escrava, acorrentada à infâmia da escravidão durante toda minha existência”.<sup>479</sup> O uso desta categoria máxima de subalternidade coloca a narrativa de Wollstonecraft no interior do discurso sobre os “direitos do homem”, enfatizando a condição de sub-humanidade compartilhada por mulheres e escravos. Esse tipo de analogia foi marcante nos discursos destas primeiras “feministas”.

De acordo com Wallraven, com *Wrongs* Wollstonecraft se configurou como a primeira escritora a transformar gêneros discursivos com propósitos “feministas”.<sup>480</sup> Sua mistura de ficção e teoria tornou possível criticar a opressão social das mulheres sem recorrer ao gênero do tratado (simbolicamente pautado na supressão da voz e dos valores ligados às mulheres). Feministas subsequentes têm se beneficiado, direta ou indiretamente, de suas experimentações quanto à desconstrução dos gêneros de escrita (de-gendering of genre).

É notável o número de escritoras que, desde Wollstonecraft, tem combinado gêneros e estilos para formular e transmitir ideias feministas. Ainda assim, muitos críticos de sua obra, por conta de seu tom alternativamente sentimental e racionalista, pela sua falta de rigor, de método e de ordenação sistemática, têm insistido em sua inabilidade para produzir narrativas coesas e coerentes. Gary Kelly chegou, inclusive, a considerar seus romances um fracasso. Certamente *Wrongs* pode ser considerado um fracasso em se adequar aos processos normativos que estruturam o campo da cultura escrita. Mas, no que se refere à produção de uma escrita de viés inconformista e “feminista”, capaz de transgredir tais normatizações, com certeza representou um marco histórico fundamental pela ousadia.

---

<sup>477</sup> Ibidem. p. 105.

<sup>478</sup> Ibidem. p. 14. [Was not the the would a vast prison, and women born slaves?]

<sup>479</sup> Ibidem. p. 106. [I was, in fact, born a slave, and chained by infamy to slavery during the whole of existence.]

<sup>480</sup> WALLRAVEN, Miriam. Op. cit. p. 23.

#### 4.2 *The Victim of Prejudice: a opressão social das mulheres*

Diferente de Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson não planejaram ou delineararam uma conexão direta entre seus trabalhos ficcionais e teóricos. Mas em comum com sua mentora, buscaram interlocução com diferentes audiências, desenvolvendo múltiplos caminhos para desenvolver e expor suas ideias proto-feministas. Escrevendo num contexto regressista em relação ao debate sobre os direitos e as injustiças da mulher, ambas utilizaram largamente o gênero do romance para expor suas ideias. Ao contrário do tratado, a narrativa ficcional permitia uma abordagem menos explícita de seus argumentos de viés radical, por isso mais aceitável no contexto reacionário do fim do século XVIII.

Como visto, no seu primeiro tratado, *Letters and Essays, Moral and Miscellaneous* (1793), Hays buscou o diálogo especialmente com as mulheres *não-conformistas*. Escrito em co-autoria com sua irmã Eliza, a obra pode ser definida como uma miscelânea de diferentes gêneros (como explicitado no título). Trata-se de uma compilação de textos instrucionais, cartas ficcionais, poesia romântica e narrativas sentimentais, todos gêneros adequados à autoria e leitura femininas. Mas, em algumas partes deste livro Hays subverte as convenções de gênero. No prefácio ela desenvolve uma discussão sobre a educação feminina em acordo com as premissas delineadas por Wollstonecraft, expandindo-a no capítulo 3. Nos capítulos 1 e 2 ela apresenta suas ideias proto-feministas por meio do gênero ensaístico, de viés político e religioso. Seus argumentos são claramente vinculados à filosofia iluminista e ao discurso político revolucionário. Optando pelo ensaio, Hays conseguiu se inserir no lócus de escrita “masculina” de maneira sutil, propiciando um debate mais denso às suas esclarecidas leitoras dissidentes. Mas, embora ela tenha buscado explicitar sua posição de pensadora racionalista (evocando diversas autoridades), a abordagem tendeu mais para o didático e o emocional. Essa multiplicidade estilística lhe permitiu dialogar com mulheres que, como ela, encontravam-se na dúbia posição de “mulheres ilustradas”.

Em *Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Women* (1798) Hays buscou interpelar um público mais amplo. Em contraste com Wollstonecraft em *Vindication*, que se apresentou como uma filósofa e se inseriu no debate político contemporâneo, neste seu livro Hays se manteve no lócus feminino da produção literária. Ela mesmo afirma que não pode se “expressar com precisão e propriedade filosófica”. Em vez disso ela objetivava tornar estas mesmas questões compreensíveis ao *povo comum*. Por isso buscou se dirigir aos leitores e leitoras com observações do cotidiano, apelando não somente para sua razão e emoção, mas também para o seu *senso comum*. Hays descreveu sua abordagem como “esboçada antes do



bom senso, da experiência e da observação (...) do que da filosofia e da erudição.”<sup>481</sup> Ou seja, assim como outras escritoras “feministas”, Hays contornou a tradicional exclusão das mulheres dos discursos “masculinos” a partir da habilidade de compreender e explicar o mundo a partir das emoções e das observações pessoais. A ênfase no pessoal e privado (na sua relação intrínseca com a esfera pública), configurou-se uma de suas principais estratégias para disseminar sua reflexão proto-feminista.

Este tipo de enfoque marcou seu primeiro romance, *Memoirs of Emma Courtney* (1796), considerada sua obra mais autobiográfica.<sup>482</sup> Hays tematizou muitas das questões abordadas em *Letters and Essays*, dramatizando os efeitos dos preconceitos de gênero vigentes por meio das aventuras de sua protagonista Emma Courtney. O foco do romance é o desenvolvimento da consciência individual de Emma sobre as limitações sociais de gênero. Sua experiência serviu para ilustrar a ideia de que as mulheres, assim como os homens, são produtos da educação. Também elas anseiam pelo saber, mas o seu acesso ao conhecimento é condicionado à concordância dos homens.

*Memoirs of Emma Courtney* traça o processo de conscientização da heroína quanto à ilusão que o Iluminismo representava para as mulheres, no sentido dos próprios filósofos privilegiarem a fragilidade e dependência femininas, condenando as mulheres que não se conformavam a estas idealizações ao ostracismo e à solidão, tal como acontecera com Wollstonecraft e aconteceria com a própria Hays devido à exacerbação da perseguição aos radicais. Muitos escritores e escritoras radicais, incluindo Hays em *Memoirs*, fizeram uso da narrativa em primeira pessoa para validar sua crítica social e política como produto da experiência pessoal. Além disso, esse formato seria mais apelativo aos sentimentos do público leitor. Mas, para Hays, esta estratégia acabou se tornando problemática, porque se considerou que Emma e ela formavam uma única pessoa: uma mulher que ousou desprezar as convenções sociais ao propor ao homem que amava um relacionamento sexual fora do casamento e que fora rejeitada (muito próximo ao que Hays experienciara com Willian Frend).<sup>483</sup> Mas, foi no seu segundo romance, *The Victim of Prejudice* (1799), considerada sua

---

<sup>481</sup> HAYS, Mary. *Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Woman*. London: Printed for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard, and J. Bell, Oxford Street, 1798.p. 106. [I cannot express myself, with philosophical precision and propriety];[drawn rather from common sense, from experience, and observation (...) than from philosophy and learning]

<sup>482</sup> Nesta obra Hays incorporou cartas que trocara com Willian Godwin, John Eccles e Willian Frend.

<sup>483</sup>De modo geral, os moralistas e autores de livros de conduta do século XVIII buscaram, em acordo com o ideal da dama inglesa casta e abnegada, negar ou ignorar o fato de que as mulheres possuem ou poderiam expressar desejos sexuais. Ainda assim, Mary Hays e Mary Wollstonecraft usaram as experiências e as vozes de suas heroínas Emma Courtney e Maria para questionar essa máxima social.

última obra de viés propriamente “feminista”, que Hays expôs a opressão social que vitimizava as mulheres com maior intensidade.

Embora tenha surgido somente três anos após a publicação de seu primeiro romance, *The Victim of Prejudice* é marcadamente diferente. Escrito num contexto de desesperança frente às promessas revolucionárias, seu tom é menos idealístico e mais sombrio. Muito próximo a *Wrongs of Woman* em espírito e intento, *Victim* busca demonstrar os possíveis erros ou injustiças sociais perpetuados contra as mulheres de sua época.

Em contraste com a protagonista Maria, de Wollstonecraft, que induz – a partir de sua própria experiência e daquelas que foram narradas a ela - a dimensão social das “injustiças da mulher”; e com Emma, personagem principal de seu primeiro romance, que se conscientiza de sua condição opressiva, a protagonista de *Victim of Prejudice* é apresentada como vítima destas injustiças (assim como sua mãe). A narrativa é sobre a experiência da opressão. O romance, acima de tudo, busca despertar a compaixão e/ou a identificação com a situação da heroína. O apelo às emoções das leitoras e dos leitores também é buscado por meio dos dispositivos melodramáticos e da estrutura repetitiva da narrativa, marcada por fulgas e perseguições. Embora se dirija sobretudo aos sentimentos do público leitor e não apresente teorizações acerca das ideias proto-feministas de Hays, a estrutura textual de *Memoirs* parece ter sido produzida para despertar reflexões quanto a opressão de gênero.

Um breve resumo do enredo pode explicar isso. A protagonista é apresentada na introdução narrando sua própria história como uma “criança desafortunada” que acabou encarcerada na prisão, acusando a “sociedade de injusta e bárbara”.<sup>484</sup> Mary, a personagem, narra sua história em retrospecto, iniciando pela infância, quando vivia com seu tutor Mr. Raymond. Como muitas das heroínas dos romances setecentistas, Mary era órfã. Seu guardião também educou dois jovens da alta sociedade. Um deles, Willian, despertou sentimentos apaixonados em Mary. No entanto, sua posição social e condições de nascimento impossibilitaram o matrimônio. No decorrer da história ela descobre sua origem: a mãe havia sido seduzida e abandonada grávida, traída ainda por outro homem, vindo a morrer vitimada pelos preconceitos sociais.

Como sua mãe, Mary se torna alvo do assédio masculino, perseguida pelo vilão Sir Peter Osborne. Em viagem ao continente, Willian gradualmente se esquece dela, enquanto a família com a qual ela então vivia fica arruinada financeiramente por Sir Osborne. De modo a escapar da penúria Mary arranja um emprego, mas acaba sendo raptada e a violada pelo vilão

---

<sup>484</sup> HAYS, Mary. *The Victim of Prejudice. In two volumes*. London: Printed for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard, 1799. (Introduction.) [child of misfortune; injustice and barbarity of society]

Osborne. Ela consegue escapar dele, mas passa a ser tratada com preconceito por todos. Um dos seus empregadores também tenta seduzi-la e, mesmo Willian, só a queria como amante. Em adição aos preconceitos e abusos “masculinos”, ela precisa lidar com a incompreensão e intolerância das mulheres que cruzam seu caminho. Ainda perseguida por Sir Osborne, é salva temporariamente por um antigo servo dele. No fim a protagonista é encerrada na prisão por não conseguir honrar suas dívidas, de onde, depressiva e doente, escreve suas memórias.

O enredo do romance revela que embora Hays não tenha desenvolvido estratégias para combinar discursos teóricos e ficcionais, ela utiliza a estrutura narrativa para demonstrar o poder da opressão de gênero. Por meio da narrativa confessional em retrospecto e da recorrência das situações de abuso (que permitem aos leitores antever a direção dos acontecimentos), Hays coloca em relevo a constância deste tipo de opressão. O conhecimento da história de vida da mãe de Mary, por meio de documentos dados a ela por seu tutor, também estabelecem paralelos deste tipo de vitimização.

Apesar do romance como um todo ser bastante pessimista, não se torna fatalista (mesmo que de um fatalismo de viés sócio-cultural). Mary não repete a história da mãe em sua totalidade. Apesar de sofrer os mesmos abusos, chegando a ser estuprada, ela não se torna uma vítima no mesmo grau que sua progenitora. Ela não perde a sua dignidade, concluindo que, em comparação com sua mãe “ainda tenho o consolo de me lembrar que não sofri o desespero de mergulhar minha alma no crime, que enfrentei as surpresas da fortuna, evitei as armadilhas do vício e lutei contra os obstáculos do preconceito com intrepidez.”<sup>485</sup>

No “Advertisement to the reader”, Hays localiza *Victim* no contexto problemático de recepção de *Memoirs*: “Para evitar, como eu concebi, a possibilidade de uma interpretação errônea, falei da minha heroína [Emma], no prefácio, não como exemplo, mas como advertência: ainda assim o grito de calúnia foi levantado contra mim”.<sup>486</sup> Nesse sentido, sentiu-se forçada a exprimir seu propósito claramente, afirmando que *Victim* tratava da principal causa do “excesso de preocupação com a castidade da mulher”, a “voluptuosidade”

---

<sup>485</sup> HAYS, Mary. *The Victim of Prejudice. In two volumes*. London: Printed for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard, 1799. p. II: 216. [I have still the consolation of remembering that I suffered not despair to plunge my soul in crime, that I braved the shocks of fortune, eluded the snares of vice, and struggled in the trammels of prejudice with dauntless intrepidity.]

<sup>486</sup> *Ibidem*. (Advertisement To the Reader) [to avoid, as I conceived, the possibility of misconstruction, I spoke of my heroine [Emma], in the preface, not as an example, but as a warning: yet the cry of slander was raised against me]

dos homens, aconselhando: “Deixe o homem reverter a fonte desses males; que ele se torne casto”.<sup>487</sup>

Em determinado trecho, por meio do relato da mãe de Mary, Hays explicita a dupla moral que penalizava as faltas das mulheres e preservava os sensualistas e sedutores, principais causadores da corrupção feminina, demonstrando o quanto para elas “a perda da honra” era vivenciada como algo inexorável (social e subjetivamente).

O homem, por mais vicioso que seja, por mais cruel que seja, não alcança a corrupção de uma mulher corrompida. A *descrença* não lhe interdita todas as vias do arrependimento, a *descrença* não o afasta das simpatias humanas, a *descrença* não o despoja da esperança, da piedade, das instituições de caridade, para mergulhá-lo em desespero, condenação e culpa.

[Man, however vicious, however cruel, reaches not the depravity of a shameless woman. *Despair* shuts not against him every avenue to repentance, *despair* drives him not from human sympathies, *despair* hurls him not from hope, from pity, from life's common charities, to plunge him into desperate, damned, guilt.]<sup>488</sup>

Como abordado por Wollstonecraft e por Hays em obras anteriores, a dupla moral sexual é assim explicitamente atacada e as faltas dos homens criticadas com severidade. Tanto que um dos focos da crítica de Hays foi uma das figuras masculinas mais influentes do período: o patriarca benevolente.

Esta representação havia sido especialmente resgatada e difundida por Edmund Burke no início da década de 1790, por meio de suas *Reflections on the Revolution in France* (1790). Logo representava ponto nevrálgico no debate entre radicais e conservadores. Em plena efervescência revolucionária, Burke defendia que somente a santidade da família patriarcal poderia preservar a Inglaterra das forças da anarquia e da perda da herança nacional.

O que Hays e outras escritoras radicais da década de 1790 viam de problemático nas formulações de Burke era sua idealização da autoridade masculina. Em romances como *Victim of Prejudice*, *Wrongs of Woman*, *Desmond* e *A Simple Story*, autoras como Hays, Wollstonecraft, Charlotte Smith e Elizabeth Inchbald questionaram a figura do patriarca benevolente ao demonstrar, por meio da narrativa ficcional, como pais e maridos podiam ser despóticos e abusivos e, portanto, inadequados para governar suas famílias .

<sup>487</sup> Ibidem. (Advertisement To the Reader) [the too-great stress laid on the reputation for chatity in woman" and with the "voluptuousness" of men: "Let man revert to the source of these evils; let him be chaste himself]

<sup>488</sup> Ibidem, p. I: 163.

O anti-herói criado por Hays, Sir Peter Osbourne, por exemplo, é o completo oposto do ideal de Burke, sendo desprovido de qualquer senso de bondade ou generosidade. Como representante da figura do patriarca, ele deveria proteger mais do que se aproveitar daqueles/as que se encontravam sob sua proteção. Mas, assim como o anti-herói Falkland, de Godwin, Sir Osborne se aproveita de seus privilégios de nascimento para abusar daqueles que estão ao seu redor. Por meio deste personagem Hays mostra os possíveis abusos que aqueles com posição e poder costumam cometer, tornando Sir Osborne o vilão gótico que incansavelmente persegue a heroína. Diferente de romances como *The Mysteries of Udolpho* (1794), de Ann Radcliffe, o vilão cruel de Hays não é contrabalanceado por um herói mais jovem, pretendente digno que resgata a heroína no fim da história. De fato, no mundo de *Victim of Prejudice*, não há heróis.

Percebe-se, dessa forma que, embora *Victim* tenha se baseado na experiência individual e pessoal, a sociedade como um todo, representada por diferentes personagens, é responsabilizada pelo “destino das mulheres”. Ao escrever suas memórias, em diversos momentos a personagem Mary localiza sua experiência pessoal num contexto mais amplo. Ao se referir à vida malfadada de sua mãe, por exemplo, aponta que esta fora “educada no colo indolente, fomentada em refinamentos artificiais (...) suavizados na imbecilidade, mimada na luxúria”. Ou seja, a educação fora determinante nas ações individuais e subsequentes desventuras. Ela confiara no tipo errado de homem (triumphant seducer), somente para ser abandonada por ele “destituída de amigos e lançada no mundo, marcada com infâmia, uma pária marginalizada da vida social”.<sup>489</sup>

Este tipo de abordagem melodramática poderia estimular a compaixão e também explicar o destino de sua mãe a partir de uma educação deficiente, da existência de uma dupla moral sexual, da “depravação” dos homens e, finalmente, dos preconceitos sociais (especialmente acerca da castidade feminina e ilegitimidade). Hays também descreve a conscientização individual da mãe de Mary acerca de sua condição de opressão, que se dá por meio do processo de escrita, quando ela registra sua história: “Percebi-me como vítima da injustiça, do preconceito, da sociedade, que impos, ao meu retorno à virtude, barreiras quase insuperáveis, mergulhando-me em ruína irremediável.”<sup>490</sup>

---

<sup>489</sup> Ibidem, p. I: 154 e 160. [in the lap of indolence, fostered in artificial refinements (...) softened into imbecility, pampered in luxury]; [thrown friendless and destitute upon the world, branded with infamy, and a wretched outcast from social life]

<sup>490</sup> Ibidem, p. I: 162. [Let it suffice to say, that, by enlarging the circle of my observation, though in the bosom of depravity, my understation became enlightened. I perceived myself the victim of the injustice, of the prejudice, of society, which, by opposing to my return to virtue almost insuperable barriers, had plunged me into irremediable ruin.]

Tais experiências, ao serem revividas por Mary ao longo da sua vida, são apresentadas como típicas daquela sociedade. No final do romance ela vincula as histórias da mãe e dela própria, tomando-as como exemplares. Mas percebe-se que há esperança, que talvez suas tristes histórias possam trazer a luz a este tipo de injustiça.

Vítima de um preconceito bárbaro, a sociedade me expulsou do seu peito. As sensibilidades do meu coração foram transformadas em amargura, os poderes da minha mente desperdiçados, meus projetos foram abortados, minhas virtudes e meus sofrimentos igualmente não recompensados. Eu vivi em vão! Ao menos que a história de minhas dores acenda no coração do homem, em nome do meu sexo oprimido, as reivindicações sagradas de humanidade e justiça. A partir do destino da minha mãe desafortunada (em que, infelizmente, o meu próprio foi envolvido), deixe-o aprender que, enquanto escravo da sensualidade (...), ele emana, por sua conduta, desprezo pela castidade, em vão ele impõe às mulheres penas bárbaras, ou procura multiplicar restrições, suas seduções e exemplos, ainda mais poderosos, anularão seus preceitos, dos quais a hipocrisia, e não a virtude, é o fruto genuíno.

[The victim of a barbarous prejudice, society has cast me out from its bosom. The sensibilities of my heart have been turned to bitterness, the powers of my mind wasted, my projects rendered abortive, my virtues and my sufferings alike unrewarded. I *have lived in vain!* unless the story of my sorrows should kindle in the heart of man, in behalf of my oppressed sex, the sacred claims of humanity and justice. From the fate of my wretched mother, (in which, alas! my own has been involved,) let him learn, that while the slave of sensuality (...), he pours, by *his conduct*, contempt upon chastity, in vain will he impose on *woman* barbarous penalties, or seek to multiply restrictions, his seductions and example, yet more powerful, will defeat his precepts, of which *hipocrisy* not virtue, is the genuine fruit.]<sup>491</sup>

Percebe-se, assim que, apesar de não ter combinado teoria e ficção em *Victim of Prejudice*, Hays encontrou outro caminho para expressar sua crítica de gênero. *Victim* é mais pessoal, buscando uma recepção por meio da compreensão e da compaixão. Neste romance ela seguiu a tendência iniciada em *Letters and Appeals*, distanciando-se de Wollstonecraft para enfatizar o pessoal em vez do filosófico e do geral. Também se afastou do tipo de abordagem mais filosófica de *Memoirs of Emma Courtney*, enfocando basicamente o ficcional. Além disso, ao delinear Mary como uma mulher comum, típica daquela época, distante da excepcional e esclarecida Emma Courtney, Hays facilitou a identificação das leitoras (e leitores) com a sua protagonista. É possível conjecturar que Mary e Emma representem, até certo ponto, a subjetividade da própria Hays, cindida entre sua notável capacidade intelectual e suas inseguranças quanto a ser considerada e se sentir, em grande parte, apenas uma mulher comum.

---

<sup>491</sup> Ibidem, p. II: 230-231.

### 4.3 *The False Friend*: as mulheres como vítimas da sensibilidade

Mary Robinson fez a protagonista de seu romance *The False Friend* anunciar explicitamente sua fidelidade a Wollstonecraft e às suas ideias.

Eu prego, e nunca deixarei de sentir aqueles preceitos que têm sido impressos no espírito por alguém que agora repousa no túmulo(...) Em nome dessa ilustre defensora já falecida, concederei esse elogio a quem deveria ser a glória do nosso sexo

[I preach, and I shall never fail to feel those precepts which have been inculcated by one who now sleeps in the grave(...) On the illustrious name of their departed champion, I will bestow that eulogy which should be the glory of our sex]<sup>492</sup>

Ainda assim, é possível notar diferenças significativas de abordagem (mas também paralelos) entre suas obras e as de Wollstonecraft e Hays. Seu tratado *A Letter to the Women of England, on the Injustice of mental Subordination* e seu romance *The False Friend*, foram publicados em 1799, contexto pouco propício para expressar ideias proto-feministas e revolucionárias. Por isso a necessidade de usar um pseudônimo para publicar seu tratado e o recurso à narrativa ficcional, em especial as vozes das personagens femininas, para expressar críticas e reflexões sobre as estruturas sociais e subjetivas de gênero.

Embora Robinson tenha sido apontada na época como uma das seguidoras de Wollstonecraft, e que ela mesma tenha explicitado sua adesão ao pensamento desta “ilustre britânica”<sup>493</sup>, é possível perceber que de Wollstonecraft, Hays, até Robinson, um sutil deslocamento em relação a uma maior valorização do “feminino” em detrimento ao igualitarismo mais acentuado de Wollstonecraft. Em *The False Friend* Robinson assume noções e definições pautadas em parte na divisão dicotômica do gênero para acessar o público leitor e na subsequência criticar a cultura patriarcal a partir dela mesma. Segundo Ty, Robinson é uma escritora que não abraçou o que definimos como “sentimentos feministas” tão prontamente ou consistentemente como Wollstonecraft e Hays o fizeram na década seguinte à Revolução Francesa.<sup>494</sup>

Como visto, Mary Hays já se movera em direção ao lócus feminino de produção escrita em *Memoirs* e ainda mais em *Victim of Prejudice*. Na produção de Robinson o enfoque sobre processos particulares de opressão sempre foi marcante, não reverberando em nenhum

<sup>492</sup> ROBINSON, Mary. *The False Friend: A Domestic Story*. 4 vol. London: Longman and Rees. p. 2/77-78.

<sup>493</sup> ROBINSON, Mary. *Appeal...* op. cit. p. 02.

<sup>494</sup> TY, Eleanor. *Empowering the Feminine: The Narratives of Mary Robinson, Jane West, and Amelie Opie, 1796-1812*. Toronto: University of Toronto Press, 1998. p. 06.

momento na constituição de uma filosofia que transcendesse a experiência individual, como feito por Wollstonecraft em *Vindication*. Ou seja, mais do que Wollstonecraft e Hays, ela se manteve restrita a um ideal de autoria feminina. Ainda assim, como suas amigas de letras, ela estruturou seu tratado proto-feminista combinando teoria e ficção, assim como discursos “femininos” e “masculinos”.

O título do texto mantém em aberto a questão do seu gênero. Tendo sido intitulado pela primeira vez como *A Letter to the Women of England, on the Injustice of Mental Subordination with Anecdotes*, o uso termo genérico “Letters” evocava um gênero privado de escrita, mas aberto em relação ao estilo e ao conteúdo. Uma “carta” poderia ser o pessoal/privada ou filosófica/pública, podendo ocupar uma posição próxima ao tratado ou ao ensaio. Robinson realizou este tipo de combinação ao longo do tratado, enriquecendo ainda mais esta mescla com a inclusão de “anecdotes” – gênero híbrido entre ficção e o tratado de instrução. Nesse sentido, Robinson se aproximou também dos contos didáticos desenvolvidos por Hays em *Letters and Essays*. E, assim como para Hays, essa mistura de gêneros e estilos lhe permitiu dialogar com as “mulheres de compreensão”. Enquanto em seu tratado Robinson apresentou suas ideias de uma forma explícita e direta, pautada numa abordagem que questionou de forma significativa a divisão binária do gênero, em *The False Friend* ela enfocou a feminilidade em sua relação com a sensibilidade. No entanto, para Wallraven, a inserção explícita do discurso proto-feminista de Wollstonecraft (pronunciado pela voz da protagonista), ao possibilitar o conflito entre uma abordagem “feminista” e “feminina”, representa uma estratégia para inserir sua crítica de gênero numa narrativa voltada para a sensibilidade feminina.<sup>495</sup>

A protagonista do romance, Gertrude, aparentemente órfã, se apaixona por seu tutor, Lord Denmore. Em cartas para um amigo ela relata sua história de excessiva sensibilidade, o tratamento hostil recebido pela sociedade e sua real identidade. Ao longo de toda a narrativa, Lord Denmore demonstra uma atitude instável em relação a Gertrude<sup>496</sup>, abandonando-a diversas vezes. Carente de um protetor, ela se desloca de um lugar para outro, sendo perseguida pelo vilão Mr. Treville. Vencida pela moralidade social e pelo ciúme de Lady Denmore, Gertrude perde sua reputação. Mas se mantém incapaz de abandonar a paixão por seu antigo tutor. No fim é Lord Denmore que se revela um “falso amigo”: ele tinha tido um *affair* com a mãe de Gertrude, revelando ser na realidade seu pai. Quando ele morre depois de um duelo, Gertrude morre com o coração partido.

<sup>495</sup> WALLRAVEN, Miriam. Op. cit. p. 85.

<sup>496</sup> A relação de ambos é marcada pela atração e repulsão, aprovação e condenação, sinceridade e artifício.



As similaridades entre *The False Friend* e *The Victim of Prejudice* são impressionantes: uma desamparada e desprotegida protagonista é perseguida por um vilão, o que resulta em uma sequência de fugas e perseguições no estilo gótico. Mas, Gertrude não possui nem a coragem e eloquência de Maria em *Wrongs*, nem a força e resistência de Mary em *Victim*. Em vez disso, ela é uma vítima permanente de sua paixão por Lord Denmore, de suas emoções e sensibilidade, de sua inocência e juventude, dos preconceitos e intrigas da sociedade refinada e, finalmente, de sua condição de dependência (em relação ao seu tutor), além da luxúria e cobiça dos homens.

*The False Friend* pode ser definido, acima de tudo, como um romance de sensibilidade, marcado pelo uso da linguagem sentimental e de elementos góticos. No entanto, é a própria discrepância entre a poderosa autoridade da figura paterna e o desamparo da filha virtuosa e debilitada que destaca a vulnerabilidade das mulheres. O fato de que quase toda figura patriarcal encontrada pela heroína Gertrude St. Leger revele um monstro, um "falso amigo" e um potencial estuprador, sugere a precariedade da situação das mulheres. Com seus toques de incesto, seu enredo de abdução, prisão e casamento forçado, torna-se uma declaração política sobre as maneiras pelas quais o papel do pai e, por analogia, de todas as figuras masculinas de autoridade, poderiam se tornar abusivas.<sup>497</sup> Em *The False Friend*, por exemplo, ela cria uma figura patriarcal por meio do personagem Lord Denmore, que diz com tranquilidade à heroína: "Eu serei seu amigo, seu protetor".<sup>498</sup> No entanto, durante a maior parte da história ele negligencia Gertrude, deixando-a suscetível à sua sensibilidade, ingenuidade e às maquinações de caçadores de fortunas e sedutores góticos. Mas, talvez o principal tema abordado em *The False Friend* seja a sensibilidade feminina excessiva, um assunto também abordado por outras escritoras do final do século, como Jane Austen, Ann Radcliffe, Amelia Opie e Mary Hays.

Para Robinson, a capacidade de homens e mulheres sentirem emoções intensas, de simpatizarem com o outro, não era encarada como uma qualidade negativa, mas como uma qualidade criativa e criadora.<sup>499</sup> No entanto, a sensibilidade poderia se tornar problemática, particularmente para as mulheres, quando elas não conseguiam transcender tal sentimento ou quando se deixavam governar por ele. Em *The False Friend* ela descreve o lado positivo da sensibilidade: "Se os orgulhosos pudessem ser ensinados a sentir, com que frequência eles

---

<sup>497</sup> A predominância da figura pai-filha ou de homem forte versus mulher desamparada em sua produção como um todo é, em muitos aspectos, indicativo de um padrão na vida de Robinson: suas seguidas decepções com os homens, a começar pelo seu pai, depois seu marido e, por fim, seu companheiro Tarlenton.

<sup>498</sup> ROBINSON, *The False Friend*... op. cit., p. II: 53. [I Will be your friend, your protector.]

<sup>499</sup> TY, *Empowering the Feminine*... op. cit., p. 59.

enrubesceriam aos sofrimentos que infligem; quão severamente eles demonstrariam pesar às dores que eles ensinam aos infelizes a experimentar.”<sup>500</sup> A heroína Gertrude, como a própria Robinson, é elogiada pela “delicadeza de seus sentimentos, e pela engenhosidade de seu temperamento”.<sup>501</sup> Ainda que esta sensibilidade seja o que conduziu Gertrude à destruição ela nota que: “Se permitimos que um objeto influencie cada pensamento, controle cada sentimento, usurpe um domínio sobre nossas faculdades subjugadas ... se esse objeto seja o amante ou o amigo ... ele segura as rédeas do governo sobre nossos sentidos”.<sup>502</sup> Gertrude sente que ela se tornou um joguete de suas afeições. “Eu nutri o veneno até que isso tenha penetrado as reentrâncias mais íntimas do meu coração, até que tenha infectado a fonte do pensamento.”<sup>503</sup>

O problema ilustrado por Robinson em *The False Friend* é a discrepância entre a capacidade das mulheres em desenvolver poderosos sentimentos e sua inabilidade em agir de acordo com suas emoções e *insights*. Esta dificuldade também foi explorada por Mary Hays em *Memoirs of Emma Courtney*. Por meio de sua heroína Emma, uma “filha da sensibilidade”, ela delineou um caso particular que deveria servir mais de advertência do que de exemplo para as leitoras. Já Robinson parece ter utilizado a voz de Gertrude para ecoar a sua própria, assumindo uma posição sobre a sensibilidade que não era atípica entre as escritoras de sua época. G. J. Barker-Benfield sustentou a noção de que a sensibilidade era uma característica feminina positiva quando combinada com espírito e determinação, embora pudesse levar ao desgoverno. E o fato de tantas romancistas terem personificado a razão e a sensibilidade por meio de suas personagens sugere a crença na existência de determinados conflitos subjetivos nas mulheres entre uma sensibilidade governada pela razão e uma sensibilidade perigosamente dada à fantasia e à busca do prazer.<sup>504</sup>

Em muitos de seus trabalhos Robinson demonstra como a sensibilidade pode tornar as mulheres dolorosamente conscientes de sua condição sem, necessariamente, instrumentalizá-las para transcendê-la. Em muitos casos delineados em *The False Friend*, as mulheres se tornam vítimas porque elas não são capazes de lidar com a indiferença, o engano

<sup>500</sup> ROBINSON, *The False Friend...* op. cit., p. I: 28. [if the proud could be taught to feel, how often would they blush at the miseries they inflict; how severely would compunction chastise them for the pangs which they teach the unfortunate to experience]

<sup>501</sup> Ibidem. p. II: 170. [delicacy of her sentiments, and the ingenuousness of her temper]

<sup>502</sup> Ibidem. p. II: 181. [If we permit one object to influence every thought, to control every sentiment, to usurp an individued dominion over our subjugated faculties... whether that object to be the lover or the friend... he holds the reins of government over our senses]

<sup>503</sup> Ibidem. p. 183. [I have nourished the poison till it has pervaded the innermost recesses of my heart, till it has infected the source of thought]

<sup>504</sup> BARKER-BENFIELD, G. J. *The Culture of Sensibility: Sex and Society in Eighteenth-Century Britain*. Chicago: University of Chiacago Press, 1992. p. xvii.

e a falta de sensibilidade que Robinson entende como inerentes às relações na sociedade refinada. A realidade com que elas se defrontam não atende às suas expectativas românticas.

Ligada a essa preocupação sobre a sensibilidade está o efeito sobre o relacionamento das mulheres com os homens, especialmente os homens que se aproveitam da capacidade de emoções e sentimentos. O “falso amigo” é uma figura que se repete incansavelmente ao longo do romance. Além da protagonista, outras personagens também são arruinadas pelo fato de suas afeições terem sido direcionadas a homens desleais. Gertrude diz sobre de Lady Denmore:

Ela foi vítima de uma paixão incoquistável; a suscetibilidade de sua mente era a ruína de suas perspectivas, a desgraça de sua reputação, e o minar de seu repouso para sempre... ela sacrificou tudo o que era caro para as mulheres, para um maldito experiente em tudo o que era desprezível no homem.

[She was the victim of an unconquerable passion; the susceptibility of her mind was ruin of her prospects, the bane of her reputation, and the undermining of her repose for ever... she sacrificed all that was dear to women, for a wretched who was practiced in all that was despicable in man.]<sup>505</sup>

De forma similar, outra mulher, Mary Ashgrove, morre vitimada devido à falsidade de seu amante. Quando ela percebe que as afeições de seu coração haviam sido devotadas a um monstro, Gertrude enfatiza: “Não há sensação mais dolorosa para a mente sensível do que a consciência de idolatrar um ser cuja depravação deveria torná-lo um objeto de repulsa.”<sup>506</sup> É perceptível que, neste romance, Robinson avalia a sensibilidade como uma característica tipicamente feminina, mas de caráter ambivalente, algo que demonstraria a força das mulheres, permitindo-lhes adquirir uma dignidade trágica, mas também como uma das principais causas de sua opressão.

Como antecipado, ao longo do romance também há a inserção do debate proto-feminista delineado por Wollstonecraft quando Gertrude ataca Treville e ele diz

Não faço dúvidas, mas você logo se tornará *um-uma* filósofo(a); que pretenderás inculcar novas doutrinas sobre a potência do entendimento feminino e o absurdo da subordinação sexual. Você pregará à sublimidade da gratificação intelectual e se oporá à supremacia da mente contra a supremacia dos sentidos. Você se tornará uma defensora da tolerância

<sup>505</sup> ROBINSON, *The False Friend...* op. cit., p. II: 314-16.

<sup>506</sup> *Ibidem.* p. IV: 76. [there is no sensation more painful to the feeling mind, than the consciousness of idolizing a being, whose depravity should render him an object of detestation]

universal: você esperará equalizar a autoridade dos sexos e provar que a mulher foi formada para pensar, e tornar-se a companheira racional do homem; embora todos nós saibamos que ela foi criada apenas para nossa diversão.

[I make no doubt but you will shortly become a *he-she* philosopher; that you will pretend to inculcate new doctrines, on the potency of feminine understanding, and the absurdity of sexual subordination. You will preach on the sublimity of intellectual gratification, and oppose the majesty of mind against the supremacy of the senses. You will become an advocate for universal toleration: you will hope to equalize the authority of the sexes, and to prove that woman was formed to think, and to become the rational companion of man; though we all know that she was merely created for our amusement.]<sup>507</sup>

Expressando exatamente as questões que Robinson, Wollstonecraft e Hays criticam em seus textos, Treville - um libertino cruel – encarna a ideologia patriarcal. O fato de que um tipo como ele denunciasse as demandas e condenasse as ideias proto-feministas revalorizava e legitimava a crítica aos papéis de gênero como necessária e como a única proteção em relação aos homens licenciosos.

Com esta estratégia Robinson torna sua mensagem proto-feminista duplamente efetiva, desde que Gertrude não apareça como uma radical, uma mulher masculina, que reivindica direitos para seu sexo. A apresentação de argumentos proto-feministas a partir de personagens tão inusitados como a frágil e irracional Gertrude e o libertino Treville atestam, ainda, a imensa pressão ideológica enfrenta por Robinson no contexto de perseguição anti-jacobina, mas também sua imensa engenhosidade. As declarações explicitamente proto-feministas da protagonista, com as quais ela confronta seus oponentes, no entanto, estão em desacordo com sua auto-apresentação como uma vítima da sensibilidade e com sua ideia de uma natureza feminina. Tensionada pelo caráter ambivalente da sensibilidade no que se refere ao feminino, Robinson apresenta as mulheres como emocionalmente instáveis:

Que criatura é a mulher! Quão descontroladamente inconsistente! Tão ousada, porém tão tímida! Somos imediatamente as tiranas mais ambiciosas e as escravas mais abjetas (...) Quão completamente induzidas somos nós de nossas afeições; e quão justamente o tirano que nos controla ri do nosso exultado poder sobre as sensações da mente dele!

[What a creature is woman! How wildly inconsistent! How daring, yet how timid! We are at once the most ambitious tyrants, and the most abject slaves (...) How completely are we the dupes of our affections; and how justly does

---

<sup>507</sup> Ibidem, p. II: 77.

the tyrant who controls us laugh at our vaunted power over the sensations of his mind!]<sup>508</sup>

Aqui, Gertrude generaliza de sua própria personalidade e experiências uma “natureza” da mulher que contrasta significativamente com seus ideais igualitários, a qual não poderia ser transformada nem mesmo pela educação

Por qual direito [os homens têm autoridade sobre as mulheres]? Disse eu: não pela lei da natureza; pois a mulher, uma vez que ela teve permissão das vantagens da educação, tem provado que seus intelectos não são, de modo algum, inferiores aos do homem; e o que ela quer com força do espírito, ela mais que supre com sentimento, gosto e imaginação.

[By what right [do men have authority over women]? said I: not by the law of nature; for woman, since she has been allowed the advantages of education, has proved that her intellects are in no degree inferior to those of man; and what she may want in strength of mind, she more than supplies by sentiment, taste, and imagination.]<sup>509</sup>

Neste trecho, a ideia de que as mulheres, se educadas da mesma maneira que os homens seriam intelectualmente iguais, é retringida por uma concepção essencialista de gênero, que aposta na superioridade feminina, demonstrando que Robinson, como outras reformadoras moderadas, não buscava uma reconfiguração das esferas e funções masculinas e femininas, mas reconhecia que o poder, conferido arbitrariamente pela sociedade aos homens, poderia se tornar abusivo. Conclui-se, dessa forma que, embora Robinson deliberadamente insira ideias proto-feministas em seu romance, seu propósito era, o que num primeiro momento parece contraditório, demonstrar a sensibilidade como algo inerente às mulheres e como uma das principais causas de sua opressão. Mas também empoderar as mulheres ao valorizar virtudes como inocência, pureza e estabilidade moral – qualidades que Robinson assumiu a partir da ideologia do gênero hegemônica em sua época, mas que ela reivindicava como características ideais para todos os seres humanos.

Neste sentido, o equilíbrio entre os gêneros não seria alcançado somente com as entrada das mulheres na esfera masculina, como idealizado por Wollstonecraft. O que Robinson buscava era que as mulheres e suas características também fossem consideradas como modelo para a constituição da subjetividade masculina.

---

<sup>508</sup> Ibidem, p. II: 92-3.

<sup>509</sup> Ibidem, p. IV: 100.

Por meio dos seus romances, Wollstonecraft, Hays e Robinson apontaram e problematizaram algumas das principais questões ligadas a opressão das mulheres na sociedade setecentista. Apontaram as experiências de vitimização, demonstrando os processos e os sujeitos que as conformavam, criticaram a ideologia da domesticidade a partir da politização do privado e trouxeram a tona o problema da sensibilidade feminina. Ao flexibilizar barreiras de gênero, contribuíram para a criação de espaços de experiência subjetiva e de fala mais livres e criativos para as mulheres. Excluídas do discurso e dos espaços de saber e poder, estas mulheres corajosas e inventivas não se adequaram. No lugar de permanecerem nas margens, optaram por desestabilizar a ordem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese procuramos compreender o que motivou três mulheres inglesas que viveram no século XVIII a questionar, por meio de ampla e extensa produção letrada, o lugar das mulheres naquela sociedade. Ao voltar nosso olhar para a Inglaterra setecentista, perscrutando as condições de vida das mulheres entrevemos uma primeira resposta para esta questão. Sem direito legal à propriedade ou aos direitos, tratadas como seres frágeis, irresponsáveis e incapazes, as mulheres viviam sob a total dependência dos homens. Muitos deles retratados como *gentlemen* benevolentes pelos discursos da época, como os mais aptos para guiar mulheres, crianças e criados, valiam-se de sua posição de poder para oprimir aqueles que deveriam proteger. Impedidas de adquirir qualquer tipo de formação consistente e de exercer a maior parte dos ofícios, não restavam muitas opções às mulheres além da posição de esposa subordinada. A alternativa a isso seria viver sob a proteção de parentes, depender de remunerações ínfimas como criadas, preceptoras e costureiras, ou viver da prostituição, lembrando que muitos contemporâneos apontavam que o próprio casamento representava uma forma de prostituição legal para as mulheres, incluindo a própria Wollstonecraft.

Ao entender quão limitada e difícil era a vida da maior parte das mulheres, Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson começaram a elaborar a crítica ao lugar social das mulheres e a reivindicar mudanças nas suas condições sociais. Este anseio de mudança quanto à posição das mulheres na sociedade também aparece na produção de outras escritoras daquela época. Imaginamos que não foram poucas as mulheres que se sentiram insatisfeitas com as suas vidas, apesar do retrato idealizado dos romances sentimentais e das prescrições apresentadas pelos manuais de conduta feminina. Mas somente uma parcela daquelas mulheres conseguiu participar da cultura letrada, tendo acesso à palavra escrita, deixando como legado o registro de suas opiniões e insatisfações.

Como as normatizações sociais não se constituem de forma homogênea e coerente, coexistindo com as contradições entre normas e as mudanças, foi possível a diversidade de práticas sociais que abriram a algumas mulheres oriundas de certos meios sociais possibilidades de uma existência menos opressiva e mais criativa. Este foi o caso de Wollstonecraft, Hays e Robinson, que se aproveitaram das brechas e dos espaços de manobra que a cultura lhes oferecia, para participar dos espaços de saber e de poder. As experiências que tiveram nestes espaços propiciaram o empoderamento que precisavam para questionar as autoridades e as tradições de sua época. Além disso, ao terem acesso à palavra escrita puderam propor às outras mulheres da sua época e às que vieram depois delas, narrativas que

poderiam contribuir para igualmente se alçassem à posição de sujeitos do conhecimento, sujeitos políticos, sujeitos morais.

Mas Wollstonecraft, Hays e Robinson não dedicaram a maior parte de sua produção letrada a falar das mulheres e de suas vidas movidas apenas por um anseio crítico. De muitas formas, este era o tema que a cultura inglesa setecentista lhes legou. Como vimos, em acordo com o processo de separação das esferas pública e privada e das funções de homens e mulheres, emergiram nichos de leitura e escrita “feminina” vinculados ao que naquele contexto começava a se convencionar como “universo feminino”. Nesse sentido, coube às autoras se expressar por meio de certos gêneros literários, discorrendo sobre seus sentimentos, impressões e experiências. Se por um lado essa divisão quanto aos espaços de interlocução de homens e mulheres representou uma forma de reafirmar desigualdades e hierarquias de gênero, por outro acabou se mostrando potencialmente revolucionária para questionar esse tipo de normatização.

Embora muitos críticos da área de estudos feministas e de gênero critiquem a “literatura feminina” por refletir e ratificar desigualdades entre homens e mulheres, não podemos esquecer que, apesar disso, a emergência de um nicho literário feminino permitiu às mulheres terem voz, passando do status de objeto do discurso masculino, para o status de sujeito do seu próprio discurso, apesar de suas limitações. Além disso, o enfoque que se deu à experiência a partir da posição de autoria “feminina”, deu a algumas escritoras como Wollstonecraft, Hays e Robinson elementos sólidos para uma argumentação bastante consistente a respeito da condição de vida das mulheres de sua época. Não foi ao acaso que Wollstonecraft se sentiu tão empoderada para criticar as “quimeras” de Rousseau. Afinal, ao ler suas abstrações filosóficas e românticas ela rapidamente percebeu que não eram adequadas para as suas próprias observações.

Conhecida pela sua ousadia, Wollstonecraft não ficou satisfeita em ter voz ou somente a falar a partir do que se convencionava como adequado às mulheres. Se voltamos novamente a ela, em detrimento a Hays e Robinson, apesar de planejarmos - depois de estudá-la com exclusividade por uma década - que neste estudo ela não seria a protagonista, é porque ela conseguiu, ao longo do processo de elaboração desta tese, deslocar-se para tal posição. Hays e Robinson contribuíram para tal, ao citá-la em suas obras, ao aludir suas ideias, ao endereçar-lhe elogios, trazendo Wollstonecraft para o centro da nossa tese a todo instante.

Dentre as três Marys Wollstonecraft foi a que menos respeitou as convenções da cultura escrita no século XVIII. Ela queria ser ouvida e respeitada, falar às mulheres e aos homens. Por isso sua necessidade em se imiscuir no espaço exclusivo da palavra pública



masculina. A inserção de uma mulher nesse locus é por si só desestabilizadora, porque inverte e embaralha a lógica binária do gênero. Foi o que a racional e ilustrada Wollstonecraft fez ao responder Edmund Burke publicamente por meio de um tratado político e filosófico, criticando-o por ser muito sentimental. Em *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) e *The Wrongs of Woman* (1798) ela também embaralhou, inverteu e jogou com a lógica binária de gênero, instituindo assim um espaço própria da crítica que um século mais tarde seria adjetivada como “feminista”.

Suas seguidoras também o fizeram, mas não com a mesma consciência de Wollstonecraft. Hays sempre demonstrou dificuldade em ser “inadequada”, apesar do seu enorme anseio por romper com as convenções sociais e de gênero. Dentre as três, ela foi a mais comprometida com seu projeto de auto-aperfeiçoamento. Não poupou energias para se educar e realizar o ideal de “existência livre” apregoado pela Ilustração. Entretanto, nunca conseguiu vivê-lo por completo, porque autonomia, conhecimento e liberdade não representavam a mesma coisa para homens e mulheres. Foi angustiante para Hays tentar transcender estas limitações de gênero, que conformavam a sociedade e ela mesma. Apesar de não romper com as convenções de gênero da mesma forma que o fez Wollstonecraft, Hays as sentiu intensamente e deixou o registro deste anseio em seus escritos.

Em comparação com suas duas companheiras e amigas, Robinson foi a que menos se imiscuiu no domínio masculino do debate filosófico e político. Enquanto Hays passou quase toda a sua vida entre os dissidentes racionalistas, aproveitando-se das “brechas” que eles ofereciam às mulheres no sentido de se esclarecerem, escreverem e publicarem, e Wollstonecraft viveu intensamente a experiência da Ilustração entre os radicais londrinos, Robinson se manteve mais restrita a uma esfera de atuação feminina, participando das sociabilidades aristocráticas, como atriz e, por fim, estabelecendo-se como poeta e romancista de sucesso. Talvez, por isso, sua abordagem proto-feminista tenha sido mais “moderada”, voltada ao enaltecimento feminino e à denúncia das injustiças que conformavam a vida das mulheres, quando comparada à crítica da cultura de gênero operada por Wollstonecraft e, em menor medida, por Hays.

Para Hays e Wollstonecraft “borrar” o gênero representava uma necessidade, pois implicava em dar significado às suas experiências anômalas como *outsiders* na *República das Letras*. Ao fazê-lo, engendraram um duplo processo de conformação, que unia o social e o subjetivo. Para se auto-representarem borraram os binarismos de gênero, ao mesmo tempo em que idealizavam, por meio de seus escritos, um mundo onde o gênero seria menos fixo, uma realidade em que suas experiências seriam legítimas.

Ao estudar as trajetórias destas três mulheres de letras percebemos o quanto a escrita e a experiência estiveram plasmadas uma na outra, sendo impossível compreender uma sem recorrer à outra. No caso de Wollstonecraft, Hays e Robinson, é possível afirmar que elas se constituíram como sujeitos por meio da escrita, e que a escrita as subjetivou.

Suas trajetórias também atestam algo que já se tornou um lugar comum na própria tradição feminista, em grande parte iniciada pelos clamores das próprias Wollstonecraft, Hays e Robinson: a ideia de que o empoderamento das mulheres passa, necessariamente, pela formação intelectual. Historicamente a relação das mulheres com o conhecimento e com a escrita nunca foi simples e direta, mas resultado de uma dura conquista ambigualmente vivenciada por quem teve coragem em se aventurar neste terreno tão fascinante e ao mesmo tempo tão cheio de armadilhas, como procuramos demonstrar pelas vidas e obras de Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS E ARTIGOS

AZEVEDO, João de e DUARTE, Dias. Desencantamento da amizade: sensibilidade e sociabilidade no Iluminismo britânico. *Revista Escritos*, Ano 6, nº 6/2012.

BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial: Duma Dueto: Paz e Terra, 2003.

BARKER-BENFIELD, G. J. *The Culture of Sensibility: Sex and Society in Eighteenth-Century Britain*. Chicago: University of Chiacago Press, 1992.

BINHAMER, Katherine. *Mary Darby Robinson (1758-1800)*. In: <http://www.chawtonhouse.org/wp-content/uploads/2012/06/Mary-Darby-Robinson.pdf>

BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BOTEIN, S., CENSER, J. R. and RITVO, H. The Periodical Press in Eighteenth-Century English and French Society: A Cross-Cultural. *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 23, No. 3 (Jul., 1981).

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

Burdiel, Isabel. “Introducción” in: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicación de los Derechos de la Mujer*. Madrid: Ediciones Catedra: 2000.

BYRNE, Paula. *Perdita. The literary, theatrical, scandalous life of Mary Robinson*. New York: Randon House, 2005.

CAPDEVILLE, Valérie. Gender at Stake: The role of Eighteenth-Century London Clubs in shaping a new model of English masculinity. *Culture, Society & Masculinities*, Volume 4 Issue 1, 2012, pp. 13-22.

CARTER, Philip. "Tears and the Man" In: KNOTT, Sarah e TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

CLEMITE, Pamela. Godwin, Women, and "The Collision of Mind with Mind". *Wordsworth Circle*, Vol. 36, Issue 2, Spring 2004.

COHEN, Mihéle. "To think, to compare, to combine, to methodise: Girls' Education in Enlightenment Britain". In: SARAH, KNOTT and TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan. 2005.

COLIGHTLY, Jennifer. *The Family, Marriage and Radicalism in British Women's Novels of the 1790s. Public Affection and Private Affliction*. UK, Bucknell University Press, 2012.

DICKINSON, H. T. "The political context". In: CLEMIT, Pamela. *The Cambridge Companion to British Literature of the French Revolution in the 1790s*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DOW, Gillian. Women Readers in Europe: Readers, Writers, Salonnières, 1750-1900, *Women's Writing*, 18:1, p.p. 1-14.

DUFF, David. "Burke e Paine: contrasts". In: CLEMIT, Pamela. *The Cambridge Companion to British Literature of the French Revolution in the 1790s*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DULONG, Claude. "Da conversação à criação". In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna*. Vol. 3 Porto: Afrontamento, 1994.

EGER, Elisabeth. "The noblest commerce of mankind: conversation and community in the bluestocking circle". In: KNOTT, Sarah e TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

FEBVRE, Lucien. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora UNESP; HUCITEC, 1992.

FLORENZANO, Modesto. *As revoluções burguesas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. O impacto da Revolução Francesa na Inglaterra na década de 1790: história política e historiografia. *Pós-História*, v. 11, p.p. 23-60, 2003.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *Rousseau: o bom selvagem*. São Paulo: Humanitas; Discurso Editorial, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRANCUS, Marilyn. *Monstrous Motherhood. 18th – Century Culture and the Ideology of Domesticity*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2012.

GODINEAU, D. “A mulher”. In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

GREGORY, J and STEVENSON, J. *Britain in Eighteenth Century: 1688-1820*. London: Routledge, 2007.

HILL, Christopher. *As origens intelectuais da Revolução Inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *O século das revoluções. 1603-1714*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

HILTON, Boyd. *A mad, bad, & dangerous people? England 1783-1846*. New York: Oxford University Press, 2006.

HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789- 1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.

JANES, R. M. On the Reception of Mary Wollstonecraft’s: A Vindication of the Rights of Woman. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 39, No. 2 (Apr. – Jun., 1978), pp. 293-302. p. 295.

JOHNSON, Claudia L. *Equivocal Beings: Politics, Gender, and Sentimentality in the 1790s. Wollstonecraft, Radcliffe, Burney, Austen*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

JONES, Vivien. "Mary Wollstonecraft and the literature of advice and instruction". In: JOHNSON, Claudia L. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. London: Cambridge University Press, 2002.

KELLY, Gary. *Women, writing and revolution, 1790-1827*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Revolutionary Feminism: The Mind and Career of Mary Wollstonecraft*. Basingstoke: Macmillan, 1996.

KLEIN, E. Politeness and the Interpretation of the British Eighteenth Century. Lawrence E. Klein Source: *The Historical Journal*, Vol. 45, No. 4 (Dec., 2002)

LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LANE, S. T. M. "Uso e abusos do conceito de Representação Social". In: SPINK, M. J. (org). *O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997.

MAY, Simon. *Amor: uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. *História: Questões e Debates*. Curitiba, PR: Ed. da UFPR, ano 25, n. 46, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. "Caminhos para o feminismo: das relações entre o movimento pelos direitos das mulheres, o humanismo liberal, a religião e a filantropia no século XIX." In: KLANOVICZ, L. R. F. e MOREIRA, R. (orgs.) *Estudos de Gênero em Perspectiva*. Ponta Grossa: ANPUH-PR, 2016.

MEE, Jon. "The use of conversation": Willian Godwin's conversable world and romantic sociability. *Studies in Romanticism*. Dec 22, 2011.

MIRANDA, Anadir dos Reis. *Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759-1797)*. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 2010.

\_\_\_\_\_. *O papel de Mary Wollstonecraft no Iluminismo*. Monografia de Graduação, Curitiba: UFPR, 2005.

MOI, Toril. *Teoria Literária Feminista*. Madri: Cátedra, 1988.

MORAN, Mary Catherine. "Between the Savage and the Civil: Dr John Gregory's Natural History of Femininity". SARAH, KNOTT and TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan. 2005.

MORETTO, Fúlvia. "Introdução". In: ROUSSEAU, Jean Jacques. *Júlia, ou a Nova Heloísa*. São Paulo: Hucitec, 1994.

PÉREZ, Eva M. The Trials of Sincerity: William Godwin's Political Justice v. Memoirs of Mary Wollstonecraft. *Connotations* Vol. 13. (2003/2004) p. 2017.

PHILP, Mark. "Paine, Rights of Man". In: CLEMIT, Pamela. *The Cambridge Companion to British Literature of the French Revolution in the 1790s*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

POOVEY, Mary. *The Proper Lady and the Woman Writer. Ideology as Style in the works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley and Jane Austen*. Chicago: Chicago University Press, 1984.

PORTER, Roy. *England in the Eighteenth Century*. Harvard University Press: 1998

\_\_\_\_\_. *Enlightenment: Britain and the creation of the Modern World*. London: Penguin Books, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PEARSON, Jacqueline. *Women's Reading in Britain (1750-1835): A Dangerous Recreation*. New York: Cambridge University Press, 2000.

RICHARDSON, Alan. "Mary Wollstonecraft on education". In: JOHNSON, Claudia L.. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. London: Cambridge University Press, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez. 1990. p. 14.

\_\_\_\_\_. "História das mulheres". In: BURKE, P. (org). *A escrita da história*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. "Experiência". In: SILVA, A. L. da, LAGO, M. C. de Souza, RAMOS, T. R. O., *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

\_\_\_\_\_. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SOARES, L. C. Ciência, religião e ilustração: as academias de ensino dissidentes racionalistas ingleses no século XVIII. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2001.

STAFFORD, William. *English feminists and their oponents in the 1790s. Unsex'd and proper females*. Manchester: Manchester University Press, 2002.

STEINBACH, Susie. *Women in England 1760-1914. A Social History*. London: Phoenix, 2005.

TAYLOR, Barbara. "The religious foundations of Mary Wollstonecraft's feminism". In: JOHNSON, Claudia. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. London: Cambridge University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mary Wollstonecraft and the Feminist Imagination*. London: Cambridge University Press, 2003.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Volume 01. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



\_\_\_\_\_. *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Textos Didáticos/Unicamp - Circulação Interna, s./d.

TODD, Janet. "Mary Wollstonecraft's letters". In: JOHNSON, Claudia L. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TOMALIN, Claire. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona, Montesinos, 1993.

TY, Eleanor R. *Unsex'd Revolutionaries: Five Women Novelists of the 1790's*. Toronto: University of Toronto Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Empowering the Feminine: The Narratives of Mary Robinson, Jane West, and Amelie Opie, 1796-1812*. Toronto: University of Toronto Press, 1998.

\_\_\_\_\_. "Introduction". In: HAYS, Mary. *The Victim of Prejudice*. Canada: Broadview, 1998.

VASCONCELOS, Sandra Gardini. *A formação do romance inglês. Ensaaios Teóricos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild/ Fapesp, 2007.

VINCENT, Bernard. *Thomas Paine: o revolucionário da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

WALKER, Gina Luria. *The idea of being free (1759-1843): The Growth of a Woman's Mind. Great Britain*: Ashgate, 2006.

\_\_\_\_\_. *The idea of being free: A Mary Hays Reader*. Canada: Broadview, 2006.

WALKER, G. L. e DITCHFIELD, G. M. *Intellectual Exchanges: Women and Rational Dissent. Enlightenment and Dissent*. No. 26, 2010.

WALLRAVEN, Miriam. *A Writing Halfway between Theory and Fiction: Mediating Feminism from Seveteenth to the Twentieth century*. Germany: Konigshausen & Neumann, 2007.

WATERS, Mary A. “The First of a New Genus”: Mary Wollstonecraft as a Literary Critic and Mentor to Mary Hays. *Eighteenth-Century Studies*, Vol. 37, No. 3. Critical Networks (Springs, 2004)

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WATTS, Ruth. *Gender, Power and Unitarians in England, 1780-1860*. London and New York, Longman, 1998.

WEDD, A. F. “The Story of Mary Hays” In: HAYS, Mary. *The Love-Letters of Mary Hays 1779-1780*. Edited by her Great-Great-Niece. A. F. Wedd. London: Methuen & C.O.LTD, 1925.

ZECHLINKI, Beatriz Polidori. Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidade. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

## **FONTES PRIMÁRIAS**

### **Edições modernas**

DIDEROT, Denis. *Obras II. Estética, política, contos*. São Paulo: Editora Perspectivas, 2000.

PAINE, Thomas. *Os direitos do homem*. Petrópolis: Vozes, 1989.

ROBINSON, Mary. *Perdita. The Memoirs of Mary Robinson (1758-1800)*. M. J. Levy (editor). Great Britain: Peter Owen, 1994.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio; ou, Da Educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Cartas Filosóficas*. Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2001.

WOLLSTONECRAFT, M. “Contributions to the Analytical Review (1788-1796)”. In: Janet Todd and Marilyn Butler (org.). *The Works of Mary Wollstonecraft*. Vol. 7 USA: New York University Press, 1989.

WOLLSTONECRAFT, Mary. “*Mary, a fiction*”. In: WOLLSTONECRAFT, Mary/ SHELLEY, Mary. *Mary, Maria and Matilda*. London: Penguin Books, 2004.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Tradução Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

### **Primeiras Edições (Arquivos digitais/ Universidade de Southampton)**

HAYS, Mary. *Letters e Essays, Moral e Miscelaneous*. London: Printed for K. Knott, No. 47. Lombard Street, 1793.

\_\_\_\_\_. *Appeal to the Men of Great Britain in Behalf of Women*. Printed for J. Johnson, St. Paul’s Church-Yard; and J. Bell, Oxford Street, 1798.

\_\_\_\_\_. *The Victim of Prejudice. In two volumes*. London: Printed for J. Johnson, St. Paul’s Church-Yard, 1799.

GODWIN, William. *An Enquiry Concerning Political Justice and its influence on Morals and Happiness*. Philadelphia: Printed by Bioren and Madan, 1796.

\_\_\_\_\_. *Memoirs of the Author of a Vindication of the Rights of Woman*. The Second Edition Corrected. London: Printed for J. Johnson, No. 72., St. Paul’s Church-Yard. 1798.

ROBINSON, Mary. *Letter to the Women of England on the Injustice of Mental Subordination*. London: Printed for T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row, 1799.

\_\_\_\_\_. *The False Friend: A Domestic Story*. 4 volumes. London: Printed by T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row, 1799.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Man in a Letter to the Right to the Honorable Edmund Burke; occasioned by his Reflections on the Revolution in France*. London: Printed for J. Johnson, St. Paul’s Church-Yard, 1791.

\_\_\_\_\_. *The Wrongs of Woman: or, Maria. A Fragment*. Vol. 01 and 2. London: Printed for J. Johnson, No 72, St. Paul’s Church- Yard; and G. G. and J. Robinson, Paternoster-Row. 1798.

### **Resenhas (Acervo Chawton House Library)**

*Anti-Jacobin Review* (January to April 1799), p. 98.

*Anti-Jacobin Review* (January to April 1799), p. 146.

*Anti-Jacobin Review* (May 1799), p. 54-8.

*Anti-Jacobin Review* (October 1800), p. 150-8.

*Anti-Jacobin Review* (January 1800), p. 93.

## **Correspondências**

### Cartas citadas em:

WEDD, A. F. *The love-letters of Mary Hays (1779-1780)*. Edited by Great-Great-Nice. London: Methuen & C.O.LTD, 1925.

Frend to Eusebia, 16 April 1792. p. 220-222.

Hays to Godwin, 14 October 1794. p. 227.

Godwin to Hays, 7 September 1795. p. 232.

Godwin to Hays, January 1796. p. 232.

### Cartas citadas em:

BROOKS, L. Marilyn. *The correspondence of Mary Hays 1779-1843*. (editor) EUA: Edwin Mellen Press, 2004.

Wollstonecraft to Hays, 25 Nov 1792. p. 158.

Hays to Crabb Robinson, April 1842. p. 582.

Robinson to Hays, 11 January 1783. p. 251.

### Cartas citadas em:

TODD, Janet. *The collected letters of Mary Wollstonecraft*. Columbia University, London: Penguin Press, 2003.

Wollstonecraft to Johnson, 5 December 1786. p. 94.

\_\_\_\_\_ to Johnson, 14 April 1787. p. 108.

\_\_\_\_\_ to Johnson, 13 September 1787. p. 133.

\_\_\_\_\_ to Everina, 7 November 1787. p. 138.

\_\_\_\_\_ to Johnson, late 1787- early 1788. p. 142.

\_\_\_\_\_ to Johnson, early 1789. p. 159.

\_\_\_\_\_ to Hays, late 1792. p. 211.

\_\_\_\_\_ to Hays, November 1792. p. 209-210.

\_\_\_\_\_ to Hays, January 1797. p. 384.

\_\_\_\_\_ to Robinson, December 1796. p. 387.

\_\_\_\_\_ to Godwin, 1 July 1796. p. 342.

\_\_\_\_\_ to Godwin, 21 July 1796. p. 343.

\_\_\_\_\_ to Godwin, 11 August 1796. p. 343.

\_\_\_\_\_ to Godwin, 31 August 1796; 29 August 1796. p. 355- 356.

\_\_\_\_\_to Godwin, 10 September 1796. p. 357.  
\_\_\_\_\_to Godwin, 02 August 1796. p. 345.  
\_\_\_\_\_to Godwin, 17 August 1796. p. 349.

Cartas citadas em:

DAVENPORT, Hester. *The Works of Mary Robinson. Vol. 7.* London: Pickering &Chatto Ltd, 2010. (Letters)

Robinson to Godwin, 24 August 1800. p. 315.  
\_\_\_\_\_to Godwin, 28 August 1800. p. 319.  
\_\_\_\_\_to Godwin, 02 September 1800. p. 323.